Vanderci de Andrade Aguilera
Fabiane Cristina Altino
Conceição de Maria de Araújo Ramos
ORGANIZADORAS

ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS E EUROPEUS:

uma homenagem a João Saramago

Volume 2

editora UFMS

João Saramago é um açoriano militante e um corvino dedicado, com uma permanente participação nos mais diversos aspetos culturais do seu arquipélago e da sua ilha. Publicou cerca de duas dezenas de artigos ou capítulos de livro sobre os Açores, entre os quais uma mão-cheia sobre o Corvo. Realizou o primeiro estudo dialetométrico aplicado a materiais do arquipélago. O ponto principal na produção científica de João Saramago são, pois, os estudos açorianos, sob várias perspetivas, mas existem outros dois tão ou mais importantes: a atualização metodológica da dialetologia do português, por um lado, e a *expertise* em geografia linguística (particularmente atlas linguísticos), por outro.

Fernando Brissos



ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS E EUROPEUS:

uma homenagem a

João Saramago

Volume 2

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Reitor
Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora
Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo
CONSELHO EDITORIAL DA UFMS
Resolução nº -COED/AGECOM/UFMS,
de de de 2022.

CONSELHO EDITORIAL
Rose Mara Pinheiro (presidente)
Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz
Andrés Batista Cheung
Alessandra Regina Borgo
Delasnieve Miranda Daspet de Souza
Elizabete Aparecida Marques
Maria Lígia Rodrigues Macedo
William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Estudos dialetais brasileiros e europeus : uma homenagem a João Saramago : volume 2 / organizadoras, Vanderci de Andrade Aguilera, Fabiane Cristina Altino, Conceição de Maria Araújo Ramos. -- Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022.
295 p. : il. color. ; 21 cm.

Volume 2: Estudos lexicais
ISBN 978-65-89995-14-2

1. Linguística – Estudo e ensino. 2. Diatelogia. 3. Linguística - Atlas. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Altino, Fabiane Cristina. III. Ramos, Conceição de Maria Araújo.

CDD (23) 410.7

Bibliotecária responsável: Tânia Regina de Brito – CRB 1/2.395

Vanderci de Andrade Aguilera
Fabiane Cristina Altino
Conceição de Maria de Araújo Ramos
Organizadoras

ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS E EUROPEUS:

uma homenagem a
João Saramago

Volume 2

Campo Grande
2022

editora UFMS

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica
Secretaria da Editora UFMS

Impressão e Acabamento
Polimpressos Serviços Gráficos LTDA

A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade dos autores e das organizadoras

Estudos Dialetais Brasileiros e Europeus: uma homenagem a João Saramago
Volume 2 – Estudos Lexicais
Organizadoras
Vanderci de Andrade Aguilera • Fabiane Cristina Altino • Conceição de Maria de Araújo Ramos

Apresentação
Felício Wessling Margotti

Autores
Abdelhak Razky • Aparecida Negri Isquerdo • Conceição de Maria de Araujo Ramos • Eliane Oliveira da Costa • Elisabetta Carpitelli • Fabiane Cristina Altino • José de Ribamar Mendes Bezerra • Luan Costa dos Santos •Manuel González González • Maranúbia Pereira Barbosa Doiron • Marilucia Barros de Oliveira • Michel Contini • Regis José da Cunha Guedes • Rosario Álvarez • Silvana Soares Costa Ribeiro • Theciana Silva Silveira • Valter Pereira Romano • Vanderci de Andrade Aguilera • Xulio Sousa

Direitos exclusivos
para esta edição

editora UFMS

Secretaria da Editora UFMS
Av. Costa e Silva, s/nº | Bairro Universitário
Campo Grande - MS, 79070-900
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

Editora associada à
ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN: 978-65-89995-14-2
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil

PREFÁCIO

João António das Pedras Saramago nasceu em 1952 no município do Corvo, uma minúscula ilha dos Açores, situada a cerca de dois mil km da capital portuguesa. Do alto de suas montanhas rochosas, o horizonte desse lugar tem somente as águas do Atlântico a oferecer. Quis o destino que os sonhos desse ilustre ilhéu corvino não ficassem confinados a um território restrito a 17,2 km^2. Concluídos os primeiros anos de estudo, abalou-se para terras continentais onde, em 1976, licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, instituição na qual passou a trabalhar como pesquisador e professor. Dois anos depois, para fins de progressão na carreira, concluiu seu doutoramento com a tese "A ilha do Corvo – alguns aspectos linguísticos", aprovada com distinção e louvor. A trilha estava então traçada, e a Dialetologia estabeleceu-se definitivamente na vida de João Saramago, seja na pesquisa, seja na docência. Vinculado ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), é atualmente a principal referência nos estudos dialetológicos e geolinguísticos de Portugal.

Brilhante nos trabalhos e nos estudos científicos que faz, é, com certeza, o corvino mais instruído e mais culto de que se tem notícia. Simples e humilde, visita com frequência a sua terra natal, onde é recebido e benquisto por seus familiares e conterrâneos. Curioso e sedento de conhecimentos etnolinguísticos, gosta de ter

contato com as pessoas simples, conversar com elas e saber das coisas e fazeres do dia a dia, na cidade e no campo, nas lojas e mercados diversos, nos restaurantes e botecos, na roça, nas indústrias familiares, nos ranchos dos pescadores, enfim com toda gente, de onde busca informações e elementos para suas pesquisas sobre as variedades dialetais, os diferentes modos de falar a língua portuguesa, sua paixão permanente.

Entre as muitas atividades, é o atual coordenador do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*. O ALEPG, iniciado em 1970 por uma equipe dirigida por Luís F. Lindley Cintra, constitui-se de 212 pontos, assim distribuídos: 176 no continente português; 12 na Espanha, na área fronteiriça; sete no Arquipélago da Madeira; e 17 no Arquipélago dos Açores. Como parte desse projeto mais amplo, tem-se o *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç), com participação de João Saramago desde 1994. Embora não tenha havido a pretensão de abordar de um modo amplo as realidades linguísticas e etnográficas dos Açores, o ALEAç contempla as especificidades linguísticas nas nove ilhas do arquipélago. Com base em dados recolhidos pelo ALEPG, parte das cartas semântico-lexicais do ALEAç foram elaboradas por João Saramago, sobretudo as relacionadas à criação de gado, à suinicultura, à moagem de cereais, às plantas, à agricultura, às abelhas e à caça, além de algumas outras cartas sobre aspectos morfológicos.

João Saramago é também membro da equipe de dialetólogos e diretor-adjunto do *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), que se iniciou em 1987, por iniciativa de Gaston Tuaillon e Michel Contini, e tem a sua sede no Centre de Dialectologie da Université Stendhal de Grenoble, na França. Esse projeto está estruturado em 10 comités (português, galego, espanhol, catalão, francês, valão, suíço, italiano, romeno e moldavo) que integram especialistas de 31 universidades ou centros de investigação dos vários países participantes. Portugal

está representado por uma rede de 110 pontos de inquérito, dos quais 10 são no Arquipélago dos Açores e quatro no Arquipélago da Madeira. Os dados dialetais do português foram coletados e sistematizados pelo comitê português vinculado ao Grupo de Estudos de Dialetologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, constituído por Luísa Segura (coordenadora), Gabriela Vitorino, Manuela Barros Ferreira, João Saramago, Maria Lobo, Ernestina Carrilho e Celeste Augusto.

Há ainda outros atlas linguísticos e projetos de investigação dialetal que contam com a participação do homenageado neste livro, entre os quais citam-se o *Atlas Linguarum Europae* (ALE), o *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP) e projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, de cujo Comitê Português João António das Pedras Saramago é o coordenador.

Entre muitas outras atividades relacionadas à área de conhecimento em que atua, o homenageado neste livro, organizado por Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Fabiane Cristina Altino (UEL) e Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA), colaborou com a IBM Portuguesa na "Descrição exaustiva de formas pronominais clíticas hifenadas adequadas a cerca de 5500 verbos", na "Análise lexicográfica de um ficheiro de vocabulário" com vista à sua correção, nomeadamente através da introdução e suspensão de entradas lexicais e sua classificação gramatical, e na elaboração de um dicionário de sinônimos. Tem atuado em várias Universidades, portuguesas e estrangeiras, em cursos de dialetologia portuguesa; na orientação de trabalhos acadêmicos de alunos de diferentes níveis; e em bancas de dissertações de mestrado e teses de doutorado. É autor ou coautor de vasta obra científica distribuída por livros, artigos e comunicações em eventos científicos em Portugal e em outros países, bem como de alguns trabalhos que versam sobre os Açores. Colaborou na "Enciclopédia Açoriana", que presentemente pode ser

consultada na Internet, e possui uma obra vastíssima de trabalhos sobre temas diversos.

A descrição de toda a sua obra literária, científica e acadêmica – em livros, artigos, comunicações, participações em obras e traduções e em eventos, além da formação de novos dialetólogos e geolinguistas – revelaria com profundidade e justiça a grandeza do trabalho e a competência de João Saramago no que diz respeito aos estudos dialetais, tanto os de interesse mais amplo sobre a língua portuguesa falada no território continental português quanto os de interesse mais restrito às ilhas do Arquipélago dos Açores, ao Brasil e a outros países.

Os dois volumes deste livro, que tratam dos estudos dialetais brasileiros e portugueses, com as contribuições de mais de duas dezenas de especialistas nessa área de conhecimento, são uma justa e merecida homenagem ao dialetólogo e geolinguista João Saramago, por ocasião *do VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística* – VI CIDS, realizado em 2022, na cidade de Campo Grande – MS, Brasil.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 5

APRESENTAÇÃO 13
Felício Wessling Margotti

Um Estudo sobre as Variantes Lexicais para *Lanterna* Registradas pelo ALiB 23
Fabiane Cristina Altino
Vanderci de Andrade Aguilera

Xoaniña, Voa Voa. Os Nomes da Coccinella en Galego 53
Rosario Álvarez

Les Designations de la Vrillette Dans les Domaines Italo-Roman et Sarde 83
Michel Contini
Elisabetta Carpitelli

O Fantástico Voo da Libélula: um estudo da motivação na criação lexical em designações registradas no ALEAL, ALiB, ALiR e ALEPG 127
Maranúbia Pereira Barbosa Doiron

Os Nomes da *Vacaloura* en Galego..... 149

Manuel González González

Denominações para "Corre-Cutia", "Lenço-Atrás" e "Chicotinho-Queimado" na Área do *Falar Sulista* (NASCENTES, 1953) – dados do ALiB..... 169

Silvana Soares Costa Ribeiro
Aparecida Negri Isquerdo

O Que Se Vende nas Feiras e Supermercados Paraenses: *abóbora* ou *jerimum*?..... 195

Marilucia Barros de Oliveira
Luan Costa dos Santos

O Português D'Aquém e D'Além-Mar: o que mostram os dados do ALiMA e do ALEAç..... 213

Conceição de Maria de Araujo Ramos
José de Ribamar Mendes Bezerra
Theciana Silva Silveira

Agrupamentos Lexicais do Item *Cigarro de Palha* nas Não Capitais do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)..... 237

Abdelhak Razky
Eliane Oliveira da Costa
Regis José da Cunha Guedes

Contribuições do Projeto ALiB para a Caracterização de Áreas Lexicais: o caso da *sapata* e *amarelinha* na região sul do Brasil..... 253

Valter Pereira Romano

Palabras e comidas no *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*: a *parva* e o *almorzo* 271
Xulio Sousa

Sobre os Autores 291

APRESENTAÇÃO

Por ocasião do *VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística*, seus organizadores decidiram homenagear "dois ilustres pesquisadores pela importante contribuição por eles prestada no campo dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos": o português *João António das Pedras Saramago* e a brasileira *Dinah Maria Isensee Callou*. Como parte das merecidas homenagens, as pesquisadoras Vanderci de Andrade Aguilera, Fabiane Cristina Altino e Conceição de Maria de Araújo Ramos, membros do Comitê Nacional do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, organizaram o livro *Estudos Dialetais Brasileiros e Europeus: uma homenagem a João Saramago*.

A presente obra, apresentada em dois volumes, está assim organizada: o volume 1 com cinco capítulos e o volume 2 com onze capítulos escritos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, os quais revelam ao leitor aspectos linguísticos e culturais, percepções, crenças e atitudes das comunidades investigadas, a que se acrescentam questões teórico-metodológicas para a realização de estudos geossociolinguísticos. Cada capítulo reproduz recortes de estudos dialetológicos daqui e de além-mar sobre o português, o galego, o italiano, o sardo, incluindo contatos linguísticos, além de um capítulo sobre software aplicável a estudos dialetométricos geolinguísticos. Trata-se de uma leitura enriquecedora, cheia de revelações em relação às variedades linguísticas e aos processos de

variação e mudança linguística, especialmente no nível fonético e lexical, evidenciando a história e a cultura das línguas estudadas.

O primeiro volume, com cinco capítulos, contempla estudos fonéticos, dialetométricos e uma visão historiográfica da Geolinguística. Em *Róticos na ilha do Corvo com base nos dados do ALEAç: uma singela homenagem ao dialetólogo e amigo corvino*, Brandão, com base no *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* analisa as variantes de /R/. Os dados revelam que no Corvo, em contraste com o que ocorre nas demais ilhas dos Açores, predomina a variante [r̄] (a vibrante alveolar) em contexto pré-vocálico, enquanto, em coda final, [r] (o tepe) concorre com o cancelamento.

No texto *Acústica corvina*, Brissos retoma diversos estudos de Saramago que tratam da acústica do português falado nas ilhas do Arquipélago dos Açores, e conclui que: a) o dialeto do Corvo tem uma relação de grande afinidade com o grupo de dialetos centro-meridionais de Portugal, o que se demonstra por meio das vogais /ɛ ɔ o u/ do português padrão, que no Corvo se concretizam respetivamente em [æe ɔ̟ o ʉ̟]; b) essa afinidade, porém, não é total, uma vez que o Corvo não deixa de estabelecer correspondências, embora pontualmente e em fenômenos de menor importância, com os dialetos portugueses setentrionais, o que se verifica quanto ao espectro das vogais /e a/, respectivamente [ei a˖] no Corvo.

Uma possível relação entre o português brasileiro e o português açoriano é o tema do texto *Apócope das vogais altas* [ɪ] e [ʊ]: *pegadas açorianas no português falado no Brasil*, escrito por Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo e Jacyra de Andrade Mota, com vista a investigar a apócope das vogais átonas finais observadas nos atlas brasileiros e em outras pesquisas, relacionando essas ocorrências à presença açoriana no processo de povoamento do Brasil. Os dados apresentados no artigo reforçam a hipótese de que o fe-

nômeno da apócope observado no português falado no Brasil está associado ao que se observa em Portugal e que foi trazido pelos colonizadores lusos, especialmente açorianos.

Hans Goebl é autor do capítulo *Un nouveau rejeton de l'«école dialectometrique de Salzbourg»: breve presentation du mode «beta» de la Dialectometrie de Salzburg*, por meio do qual apresenta – por meio de um aparato gráfico de três figuras (em preto e branco) e quatorze mapas (em cores) – habilidades analíticas e de visualização de um novo módulo do software dialetométrico VDM ("Visual DialectoMetry") que foi desenvolvido nos últimos anos no âmbito da "Salzburg Dialectometric School". Ao final, conclui que novo componente do software VDM se encaixa perfeitamente na lógica metódica de EDMS que, por definição, é múltiplo, demonstrando sua utilidade para a Geolinguística, além de outras áreas de conhecimento.

No capítulo intitulado *Um olhar historiográfico sobre a Geolinguística e seus reflexos na elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas*, Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso, da UFAM, apresenta uma pesquisa historiográfica sobre o desenvolvimento da Geolinguística no mundo, considerando a classificação dos atlas já publicados e disponíveis para esse tipo de pesquisa no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, sob orientação de João Saramago. O estudo contempla atlas linguísticos representativos dos quatro diferentes tipos apontados por Mario Alinei: (i) regional, (ii) nacional, (iii) de grupo de línguas e (iv) continental. A autora optou, ainda, por incluir uma breve visão do que se realiza numa parte das Américas, e por comentar um atlas de cunho temático para fins de exemplificação, tendo sido focalizados, de uma forma abrangente: (i) o Atlas Linguístico e Etnográfico de Cantábria (ALECant); (ii) o Atlas Linguístico Italiano (ALI) e o Atlas Linguístico do México; (iii) o Atlas Linguistique Roman (ALiR); (iv)

o Atlas Linguarum Europae (ALE). Por último, o Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP). Em síntese, trata dos reflexos desses atlas na elaboração de sua tese, o *Atlas Linguístico do Amazonas*.

O segundo volume, com onze capítulos, é dedicado aos estudos lexicais. Em *Um estudo sobre as variantes lexicais para lanterna registradas pelo ALiB*, as autoras Fabiane Cristina Altino e Vanderci de Andrade Aguilera, com base em dados obtidos pelo projeto *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* nas capitais e nas cinco regiões brasileiras, revelam que, além da predominância da forma *lanterna*, ainda subsistem variantes como *lâmpada*, *farolete*, *pilha*, *flashlight*, *foco*, entre outras. Considerando a distribuição diatópica, a Região Sul mostrou-se mais influente na produção de variantes populares com duas áreas bem delineadas (*farolete* no norte do Paraná e *foco* no norte do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e do Paraná). Merece destaque a distribuição areal de *farolete* em São Paulo e de *lâmpada* na Bahia.

A pesquisadora Rosario Álvarez, do Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, é a autora do texto *Xoaniña, voa voa. Os nomes da coccinella en galego*, com o qual discorre sobre um amplo leque de formas galegas de nomear um pequeno inseto, colorido e brilhante, identificado de modo geral como *joaninha*, cujo nome científico é *Coccinella septempunctata*. Demonstra que a gama de palavras em galego para nomear esse inseto é extensa. Além da forma *coccinella* cultivada, inclui nove formas tradicionais, e estas são apenas algumas das mais comuns: *barrosiña*, *maruxiña*, *papasol*, *papoia*, *reirrei*, *voaniña*, *voíña*, *xoana* e *xoaniña.*

Na sequência deparamo-nos com o texto de Michel Contini, em coautoria com Elisabetta Carpitelli, intitulado *Les designations de la vrillette dans les domaines italo-roman et sarde*, que trata das diferentes formas de nomear um *besouro* em italiano e em sardo,

o qual é geralmente descrito como um pequeno inseto roedor de madeira, mas inclui uma variedade de pequenos insetos fitófagos. Com base em dados do *Atlas Linguístico Italiano – ALI* e do *Atlas Linguístico da Sardenha – AIS*, os autores revelam que o estudo das designações dialetais dos insetos é complexo. O exame dos dados do ALI para *besouro* e do AIS para *mariposa* confirmou amplamente as dificuldades encontradas por outros pesquisadores que abordaram o léxico dialetal relacionado ao mundo animal.

As variantes lexicais para se referir ao inseto que frequenta espelhos d'água, brejos e outras áreas alagadiças é tema do capítulo *O fantástico voo da libélula: um estudo da motivação na criação lexical em designações registradas no ALEAL, ALiB, ALiR E ALEPGI*, texto escrito por Maranúbia Pereira Barbosa Doiron. Embora a unidade lexical padrão para tal inseto seja *libélula*, nos quatro atlas linguísticos investigados pela autora consta um número bastante elevado de variantes, algumas de uso mais geral e outras associadas a certas regiões, tanto no Brasil quanto na área continental de Portugal e nas ilhas do Arquipélago dos Açores. De acordo com os atlas incluídos na análise, o referido inseto contempla relação extensa de lexias, tanto no português brasileiro quanto no português europeu, incluindo o do Açores, e de igual modo em outras línguas românicas.

Com o título de *Os nomes da vacaloura en galego*, Manuel González González, da Universidade de Santiago de Compostela, explora as motivações e crenças relacionadas aos nomes para se referir ao maior escaravelho da Europa. Os machos têm grandes mandíbulas, muito maiores que as das fêmeas, e que servirão como meio de luta contra machos rivais. Seus grandes chifres produziram um profundo impacto na mentalidade popular, inseto a que se atribui poderes quase mágicos, tanto para o mal quanto para o bem. Recebe inúmeros nomes em galego, mas os principais estão relacionados às suas mandíbulas em forma de chifres, que são a base

motivacional dos nomes como *cornuda*, *corneteira*, *escornabois*, *escornavacas*, *escornacabras*, *vacaloura*, *vacanegra*, *cabraloura*... Outras motivações denominativas importantes têm relação com a dureza da capa que envolve seu corpo, que está na base dos nomes *carroucha*, *carroucho* e *cascudo*, e seus hábitos e comportamento explicam nomes como *furão* ou *rumballón*.

As pesquisadoras Silvana Soares Costa Ribeiro e Aparecida Negri Isquerdo são autoras do artigo *Denominações para "corre-cutia", "lenço-atrás" e "chicotinho-queimado" na área do falar sulista (nascentes, 1953) – dados do ALiB*, com o qual buscam (i) analisar dados referentes à brincadeira infantil conhecida como "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado", documentados pelo Projeto ALiB na área geográfica selecionada (Sul e Centro-Oeste); (ii) reconhecer regiões geográficas marcadas por traços linguísticos peculiares nessas regiões e apontar tendências pontuais em nível nacional, no que se refere às denominações da brincadeira em foco; e (iii) apontar o papel e a importância do léxico para a descrição e delimitação de área dialetais.

O uso das variantes lexicais *abóbora* (de origem portuguesa) e *jerimum* (de origem indígena) e o significado atribuído a esses nomes constituem o fundamento do artigo *O que se vende nas feiras e supermercados paraenses: abóbora ou jerimum?*, elaborado por Marilucia Barros de Oliveira e Luan Costa dos Santos, da Universidade Federal do Pará. Em sites de busca, consta que as formas *jerimum* e *abóbora* convergem para o mesmo nome científico, do gênero *cucurbita*, diferenciando-se apenas pelos tipos e formas. Quando ao uso, por se tratar de um produto que é levado do sul e sudeste para o norte do Brasil, a pesquisa realizada pelos autores revela que a forma *abóbora* (predominante nessas regiões produtoras) está substituindo a forma *jerimum* (antes predominante no norte).

Tendo como referência o fluxo migratório dos Açores para o Maranhão, Conceição de Maria de Araujo Ramos, José de Ribamar

Mendes Bezerra e Theciana Silva Silveira decidiram cotejar, no domínio do léxico os dados recolhidos para o *Atlas Linguístico do Maranhão* (ALiMA) com dados do *Atlas Linguístico- Etnográfico dos Açores* (ALEAç), as designações para os seguintes conceitos: *cria da vaca*, *cria da ovelha*, *caminho do gado/no pasto*, *corno*, *boi sem chifre*, *cabra/vaca sem chifre*, *glândula mamária* (animais) e *cauda* (animais). A análise da base de dados dos dois atlas demonstrou que: "(i) das 14 formas compartilhadas, apenas duas, *bezerro* e *mocho*, ocorreram em toda a rede de pontos de cada um dos atlas; (ii) *caminho do gado/no pasto* foi o conceito que apresentou o maior número de formas denominativas, tanto no ALiMA (17) como no ALEAç (10); (iii) o ALiMA apresentou maior polimorfismo, com exceção da questão concernente ao conceito *corno*; e (iv) além do polimorfismo dialetal, ocorreram casos de polimorfismo individual, sobretudo em relação aos conceitos *caminho do gado/no pasto*, *boi sem chifre* e *cabra/vaca sem chifre*".

A variação diatópica do item lexical *cigarro de palha*, que constitui a questão 145 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto ALiB, foi investigada por Abdelhak Razky (UFPA/UnB/CNPq), Eliane Oliveira da Costa (SEDUC) e Regis José da Cunha Guedes (UFRA) e relatada no capítulo *Agrupamentos lexicais do item cigarro de palha nas não capitais do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. O conjunto das variantes lexicais cartografadas: *porronca*, *tabaco* e *cigarro de palha* (Carta L01), *fumo de corda* e *boró* (Carta L02) e *pé duro*, *pacaia* e *picão* (Carta L03), aponta para quatro dos cinco tipos de agrupamentos estruturantes do contínuo dialetal de agrupamentos linguísticos: Carta L01 - macroagrupamento (1), mesoagrupamento (2); Carta L02 - microagrupamento (1), mesoagrupamento (1); Carta L03 - microagrupamento (1), nanoagrupamento (2).

A descrição parcial dos dados do ALiB obtidos por meio da questão 167 do QSL – "a brincadeira em que as crianças riscam uma

figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?" – é o que propõe Valter Pereira Romano no artigo *Contribuições do projeto ALiB para a caracterização de áreas lexicais: o caso da sapata e amarelinha na Região Sul do Brasil*. Foram documentados 160 registros divididos entre 26 formas, com número de ocorrências indicado entre parêntese: *amarelinha* (87), *sapata* (29), *marelinha* (11), *pula-pula* (6), *amarelinho* (4) e *caracol* (3). Com ocorrências únicas, listam-se em ordem alfabética: *amarela, amerelinha, brincar de queimar, caia, calha, estrelinha, jogar as pedrinhas, joguinho, macaca, marelinho, pula boneco, pula sapato, quadra, quadrado, quadrinho, sapato, sete pedra, tabuada, três marias e triângulo*. O item lexical *amarelinha* é predominante em toda faixa norte do Paraná, região colonizada principalmente por paulistas. À medida que se adentra ao centro-sul paranaense, por um corredor central do estado, a incidência da variante *amarelinha* vai diminuindo, obtendo baixa produtividade, principalmente, no território gaúcho (20%), espaço em que a forma predominante é *sapata*.

E a presente obra termina com o artigo *Palabras e comidas no Atlas Lingüístico de la Península Ibérica: a parva e o almorzo*, de autoria de Xulio Sousa do Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela. Nele, o autor explica a mudança de significado da lexias *parva* e *almorzo*, associando-a à mudança de hábitos. De acordo com os materiais do *Atlas Linguístico da Península Ibérica – ALPI*, cujos primeiros trabalhos de campo foram realizados na década de 1930, a primeira refeição do dia recebia a denominação de *parva* ['parβa] na maioria das localidades. E de acordo com o mesmo atlas linguístico, *almorzo* aparece como refeição após a *parva* ou como refeição primeira ou única refeição da manhã. Todavia, por influência da industrialização e urbanização da população, aconteceu a unificação do tempo e a normalização dos horários das refeições. Por conta disso, *almorzo* foi substituído por café da manhã, deixando de

ser uma refeição rudimentar de camponeses para ser uma refeição universal para todas as classes sociais.

Para os amantes da Dialetologia e da Sociolinguística, cujo objeto de investigação são as línguas nos diferentes níveis estruturais e lexicais, a variação e a mudança linguística, associadas ao espaço geográfico e a diversas outras dimensões extralinguísticas, com foco nas variedades dialetais, este livro oferece rica e ampla gama de recortes nessa área. Embora nos artigos aqui publicados predominem os estudos no âmbito da lusofonia portuguesa e brasileira, os organizadores não se furtaram de aceitar e incluir estudos sobre outras línguas do mundo românico, o que condiz perfeitamente com o perfil do homenageado. E para concluir essa breve apresentação, tomo a liberdade de retomar uma passagem do artigo de Fernando Brissos, a qual expressa de forma sintética quem é João Saramago e o que ele representa para a Dialetologia e a Geolinguística:

> Desde a década de 1970 que Saramago pertence aos grupos de trabalho de todos os atlas linguísticos realizados em Portugal, sejam projetos internacionais como o ALE – Atlas Linguarum Europae (CARRILHO, [s.d.]) e o ALiR – Atlas Linguistique Roman (SEGURA, [s.d.]), seja o projeto de atlas linguístico de Portugal, i.e. o ALEPG – Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (SARAMAGO, 2006); na prática, o autor integra as equipas desses atlas praticamente desde o início dos trabalhos. Essa extensa experiência, a qualidade da produção científica daí resultante e as raras características humanas de Saramago tornam-no uma figura incontornável na geografia linguística portuguesa e românica, sendo colaborador ou consultor de um número significativo de projetos desses domínios, como, nos 25 exemplos mais atuais, a edição digital do ALPI – Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (GARCÍA MOUTON, 2009-) e o projeto Dialetopédia (BRISSOS, 2022).

Boa leitura!

Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina

UM ESTUDO SOBRE AS VARIANTES LEXICAIS PARA *LANTERNA* REGISTRADAS PELO ALiB

Fabiane Cristina Altino
UEL
fabiane@uel.br

Vanderci de Andrade Aguilera
CNPq/UEL
vanderci@uel.br

Nos comunicamos com palavras, e é com elas que nos entendemos quando falamos a mesma língua. Mas, quando perdemos esse código, descobrimos outros. Ao prestar atenção nos outros, sentimos a emoção deles
(Ryusuke Hamaguchi. *In*: Folha de S. Paulo, 17 mar. 2022 – C1).

Introdução

Lanterna para os dicionaristas (CUNHA, 1986; HOUAISS, 2001; MICHAELIS, 2015; PRIBERAM, 2021) é o aparelho, portátil ou fixo, para iluminar. Caixa de material transparente, lâmpada portátil, de formato cilíndrico, feita em metal ou plástico, a lan-

terna, de fato, é um aparelho útil e acessível. Atualmente pode ser provida de pilhas e de uma pequena lâmpada elétrica, porém, na antiguidade era um artefato em que se colocava um foco de luz – à resina ou a querosene, por exemplo. Serve como instrumento para trazer luz ao caminho e que pode ser usada para transmitir um código de sinalização.

Tendo seus primeiros registros na língua portuguesa, conforme Houaiss (2001), no século XIII, o termo é de etimologia latina e já na Roma Antiga era utilizada com esse objetivo, um "recipiente onde se queima resina ou madeira seca para iluminar um ambiente", com a mesma grafia e pronúncia de hoje, como também registra Cunha (2014, p.1574)[1].

A importância da lanterna e suas utilidades para o homem nas vidas medieval tardia, moderna e contemporânea é constatada nas obras que a registram, seja como fonte luminosa, seja como artefato para projeção de imagem (a lanterna mágica do século XVII).

Os nomes para esse objeto são alvo de um dos questionamentos do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, que busca a variação nas dimensões diatópica e diastrática. Por meio da questão 174, do campo semântico da Habitação, do Questionário Semântico-Lexical, investiga as variantes para o conceito do "objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão" (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001, p. 35).

A função da lanterna de clarear, de iluminar o ambiente, ou o caminho, segue sem alteração no curso da história, no entanto, esse instrumento apresenta-se com formas diversas, feito de diferentes materiais e alimentado por querosene, álcool, embebido em

[1] Medieval: **lanterna**- séc. XIII_1 CSM, 134.65 T [...] lanterna [...]. Medieval: **Lenternas** séc XIV_1 TEST, 175.24 [...] e em meo dellas senhas lanternas acesas [...]. séc. XIII_1 CSM, 405.17 Madre do que nos governa / e que é nossa lenterna (CUNHA, p. 1574). (CSM= Cantigas de Santa Maria; TES=Bíblia).

tochas ou pavios, ou por pilha e bateria. As denominações para o referente, ao longo do tempo, em cada cultura e espaço, também sofreram variações, ora por analogia a sua função, ora substituída por nome estrangeiro, ora por um processo metonímico. Este artigo tem como objetivo investigar os diversos nomes atribuídos à lanterna, com base nos dados recolhidos pelo ALiB em 25 pontos (capitais) e 225 (interior), observando as dimensões diatópica, diageracional e diassexual.

Sobre o ALiB e sua metodologia

O Atlas Linguístico do Brasil –ALiB, projeto iniciado no final do ano de 1996, com sede na Universidade Federal da Bahia, e coordenado por uma equipe de pesquisadores de diversas universidades brasileiras, trouxe à luz os dois primeiros volumes (CARDOSO *et al*. 2014a e 2014b): O volume 1 – *Introdução* trata dos procedimentos metodológicos adotados quanto à rede de pontos, ao perfil dos informantes, ao instrumento de coleta de dados, à cartografação dos dados, além de uma revisão histórica da caminhada do ALiB.

O volume 2 – *Cartas linguísticas* traz, primeiramente, informações históricas e metodológicas sobre a coleta nas 25 capitais, expondo a formação de cada uma delas e, com o auxílio de quadros, a rede total dos pontos investigados, a relação dos informantes e dos inquiridores e de seus auxiliares. Na sequência, dez Cartas Introdutórias mostram as Regiões do Brasil, a divisão política por estados e as vias de comunicação, entre outras.

O atlas linguístico, propriamente dito, isto é a coletânea de cartas, inicia-se com as Cartas Fonéticas, em número de 44, com resultados de seis fenômenos investigados quanto à realização das vogais pretônicas anteriores e posteriores; da lateral /l/ seguida de

[i]; dos róticos em coda silábica interna e externa; de /s/ em ambos os contextos e /t/ e /d/ antes de [i]. Seguem-se duas cartas prosódicas mostrando a entoação dos enunciados assertivos e dos interrogativos. O maior espaço foi dedicado às Cartas Lexicais, total de 106, recobrindo 25 dos 202 temas propostos pelos Questionários do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001). Sete cartas sobre quatro questões morfossintáticas encerram o volume 2 do ALiB: pluralização de *degrau*, emprego de *tu* e *você*, de *menos*/*menas* e do verbo *ter/haver* no sentido existencial.

As 202 perguntas do Questionário semântico-lexical estão distribuídas por catorze campos semânticos, tais como: *acidentes geográficos*, *fenômenos atmosféricos*, *fauna*, *corpo humano*, *jogos e diversões infantis*, *habitação*, entre outros. Este último, com oito questões, traz a pergunta de nº 174: Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão?

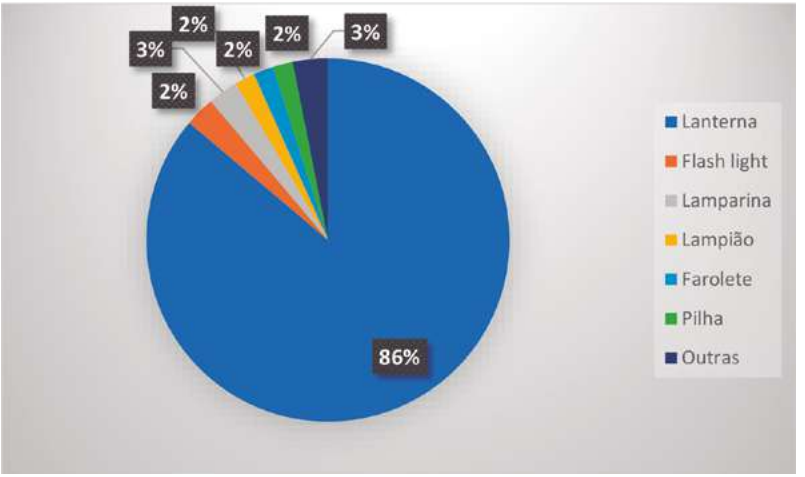
A pergunta assim formulada suscitou, além de *lanterna*, outras variantes menos recorrentes como *lamparina*, *lâmpada*, *lampião*, *pilha*, *candeeiro* que, embora com baixa frequência de uso, tornam-se relevantes para o conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil e da visão de mundo dos falantes dos vários pontos do país.

A próxima seção traz as análises qualitativa e quantitativa de cada uma das ocorrências e a sua distribuição areal, iniciando pelos dados das capitais, por região.

Análise dos dados das capitais

O *corpus* constitui-se de 224 dados, indicando que alguns dos 200 informantes das capitais investigadas deram mais de um nome para o instrumento em pauta, justificando o uso de mais de um nome para o objeto. O Gráfico 1 ilustra os percentuais das ocorrências obtidas nas capitais.

Gráfico 1 - Frequência das ocorrências em dados das capitais



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados do ALiB-capitais.

O Gráfico 1 mostra a hegemonia de *lanterna* (86%) sobre as demais variantes que obtiveram entre 3% (*flashlight* e *lamparina*) e 2% (*lampião*, *farolete* e *pilha*). No agrupamento *outras* estão as que foram elicitadas por apenas um informante (*foco*, *bico* e *cilibrim)* ou dois (*candeeiro*, *farol*). O item lexical *cilibrim* refere-se a uma marca de faróis para automóveis, *Sealed Beam* [səlbĩ]. Hoje é possível, em uma busca rápida pela web, encontrar o termo *cilibrim*, ainda não dicionarizado, identificando um tipo de *lanterna* de alto alcance.

A pouca representatividade das demais variantes mostra que, nas capitais, as formas regionais e mais populares estão perdendo terreno para a variante considerada padrão.

Dada a baixa frequência de uso de formas não-padrão, qual seria o interesse da geolinguística em documentá-las? A resposta parece estar nas palavras de Sanchis Guarner (1953) quando discorre sobre a vida dos dialetos em território espanhol:

> Cada ano que passa leva consigo, irreparavelmente, sons, expressões, palavras e objetos típicos de elaboração tradicio-

> nal, que são substituídos pela língua aprendida nos livros, ouvida no rádio e pelos produtos de fabricação industrial em série (...) A Ciência tem o dever de recolher antes de sua perda, estes testemunhos vernáculos que refletem uma mentalidade autóctone, uma concepção local particular da vida, elaborados lentamente durante quinze séculos de história[2] (SANCHIS GUARNER, 1953, p. 9).

Dessa forma, o labor do dialetólogo tradicional ou contemporâneo está, não em procurar fósseis linguísticos, mas, ao se deparar com formas populares em vias de desaparecimento, dar-lhes o tratamento cuidadoso do registro e da descrição para restaurar o tecido linguístico que se vai esgarçando com o tempo. Esse mesmo cuidado aplica-se aos termos estrangeiros que podem permanecer em uma língua; seu estudo acurado permite desvendar os caminhos que estas palavras percorrem e como são assimiladas. Nesse sentido, Iordan declara:

> Observou-se que muitas palavras, ao passar de uma língua para outra, acompanham o objeto que designam. Uma peça de vestuário, um instrumento agrícola etc. importado por uma comunidade humana, que o desconhecia, vem do país de origem com a sua denominação nativa. Assim, o povo que a recebe enriquece simultaneamente a sua língua e a sua cultura material. (...) A história da língua processa-se paralelamente à da cultura, recebendo ambas benefícios mútuos (IORDAN, 1962, p. 101).

Uma vez contabilizado o total das variantes, procedeu-se à verificação de como elas se distribuem pelas cinco regiões brasileiras, conforme demonstra o Quadro 1.

[2] Cada año que passa se lleva consigo, irreparablemente, sonidos, giros y palavras, y objetos típicos de factura tradicional, que son substituídos por la lengua aprendida en los libros u oída por la radio y por los produtos en serie de fabricación industrial. La Ciencia tiene el deber de recopilar antes de su pérdida, estos testimonios vernáculos que reflejan una mentalidade autóctona, una concepción local particular de la vida, elaborados lentamente durante quince siglos de historia (SANCHIS GUARNER, 1953, p. 9). Tradução nossa.

Quadro 1 – Número de ocorrências das variantes coletadas nas capitais por região.

Região / Variante	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total	Percentual[3]
lanterna	48	66	24	32	23	193	86%
flashlight	1	5	-	-	-	6	2,6%
lamparina	-	4	1	1	-	6	2,6%
farolete	-	-	1	3	-	4	2%
lampião	-	2	-	1	1	4	2%
pilha	-	4	-	-	-	4	2%
candeeiro	-	2	-	-	-	2	0,8%
farol		1	1			2	0,8%
bico			1			1	0,4%
foco			1			1	0,4%
cilibrim				1		1	0,4%
Total	**49**	**84**	**29**	**38**	**24**	**224**	**100**

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados inéditos do ALiB.

Analisando os dados por região, constata-se que, na Região Norte, 98% dos registros são de *lanterna* e 2% de *flashlight*. A Região Nordeste traz *lanterna* em 78% das ocorrências, seguida de *flashlight* com 6%, *lamparina* e *pilha*, 5% cada e outras variantes, como *lampião*, *candeeiro* e *farol*, que juntas contabilizam 6% dos dados recolhidos. Na Região Centro-Oeste, os registros de *lanterna* são de 83% e sob o rótulo *outras*, resultante da soma das variantes *lamparina*, *farolete*, *farol*, *bico* e *foco*, as ocorrências somam 17% dos dados. Como nas demais, na Região Sudeste *lanterna* tem posição de destaque em 84% dos registros, bem à frente de *farolete*, em 8% dos registros e das agrupadas sob o rótulo de *outras* – *lamparina*, *lampião* e *cilibrim* - que representam, também, 8% do total de dados considerados. Por fim, na Região Sul, além de *lanterna* em

[3] Os percentuais decimais foram arredondados.

96% dos dados, ocorreu apenas um registro de *lampião* (na carta linguística sob o rótulo de *outras*), com 4% dos dados obtidos.

Na sequência, elaborou-se a carta experimental (Figura 1) com as variantes para *Lanterna* distribuídas pelas 25 capitais brasileiras. Assim, a carta sintetiza os dados expostos, por ordem de produtividade, referentes às variantes em destaque na legenda. Observa-se que o rótulo *outras* agrupa as variantes *candeeiro*, *farol*, *bico*, *foco* e *cilibrim*, com uma ocorrência cada.

Figura 1 – Realizações para *Lanterna* – Capitais



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados inéditos do ALiB referentes a 25 capitais.

A carta experimental da Figura 1 evidencia que a forma *lanterna* é categórica na maioria das capitais – Macapá, Boa Vista, Belém, Rio Branco, Porto Velho, São Luís, Maceió, Aracaju, Goiânia, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Florianópolis e Porto Alegre; é hegemônica em Manaus, Teresina, Salvador, Cuiabá, Vitória e Curitiba.

Nas demais capitais: Fortaleza, Natal, Recife, Campo Grande e São Paulo, embora majoritária, concorre com outras variantes. Observa-se que João Pessoa é a capital que apresentou o maior número de respostas, isto é, 13 registros obtidos na fala de oito informantes: *lanterna* (seis ocorrências), *flashlight* (quatro), e ocorrências únicas de *lamparina*, *candeeiro* (*candiero*) e *lampião.*

Além de *lanterna*, forma padrão para a denominação do referente, a carta experimental mostra as variantes *flashlight*, *lamparina*, *lampião*, *farolete* e *pilha* para o objeto que se leva na mão e serve para clarear. *Flashlight*, do inglês[4], é registrada em duas capitais do Nordeste - João Pessoa e Natal – e em Manaus, na Região Norte. A respeito dessa denominação, o informante da faixa etária II, de nível superior, de Manaus, afirma:

> Quando eu era criança aqui em Manaus tinha muita coisa importada, quando eu era criança, coisa boa [...] se chamava *flashlight* [flɛchi'lajtʃɪ]. É *flashlight* né, é *lanterna* mais isso faz mais de cinquenta anos, essa palavra é *lanterna*, por sinal eu tenho umas americanas desse tamanho, de cinco pilhas que a... a senhora ilumina lá naquele prédio, são umas *lanterna* que a polícia americana usa. Agora é *lanterna*, mas era flash né, *flashlight* (006-Manaus/07).

Farolete foi registrado nas capitais Campo Grande (uma ocorrência) e São Paulo (três ocorrências) e *pilha* em Recife (três) e Salvador (uma).

As respostas *candeeiro*, *farol*, *bico*, *foco* e *cilibrim* (*outras* na Figura 1) são utensílios que se assemelham à lanterna por sua funcionalidade e podem ficar fixos sobre um móvel, pendurados no teto ou parede, ou ser carregados na mão.

[4] Segundo o Cambridge Dictionary, *flashlight* é uma pequena luz elétrica que você segura na mão. Disponível em: https://dictionary.cambridge.org/ «a small light that is held in the hand and usually gets its power from batteries».

A próxima seção apresenta a descrição e análise dos dados obtidos nas localidades do interior considerados em sua totalidade e, na sequência, por região administrativa.

Descrição e análise dos dados das não-capitais

Nesta seção discutem-se os dados das 900 entrevistas feitas nas localidades do interior, isto é, nas não-capitais. Para facilitar a visualização, o Quadro 2 mostra o total das variantes e seus percentuais.

Quadro 2: Relação das variantes para *lanterna*, em números absolutos e percentuais, obtidas em 225 localidades do interior do Brasil.

Variantes	Número de ocorrências	%
Lanterna	797	76
Farolete	107	10
Lâmpada	42	4
Foco	31	3
Flashlight	14	1,4
Farol	11	1
Lamparina	11	1
Pilha	9	0,9
Outras	28	2,7
Total	1 050	100

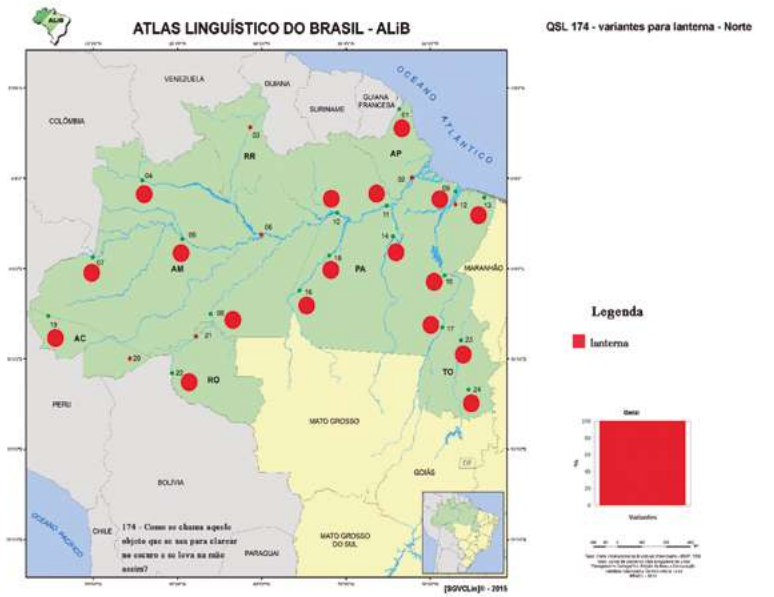
Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados inéditos do ALiB.

O Quadro 2 mostra que o *corpus*, constituído pelos dados obtidos nas 225 localidades não-capitais junto a 900 informantes, totaliza 1050 ocorrências, o que significa que alguns deles atribuíram mais de uma denominação para o objeto. A supremacia de *lanterna* (76%) reafirma, no interior, os dados das capitais, mas a frequência de *farolete* se sobressai em 10% do *corpus*. Com menos de 5%, foram registradas: *lâmpada*, *lamparina*, *foco*, *flashlight*, *pilha*, *farol* e, na classe *outras*, totalizando 28 ocorrências, foram elicitadas:

lampião (oito), candeeiro e vela (seis cada), cilibim (cinco ocorrências), fifó (duas) e castiçal uma.

Olhando para os resultados por região, verifica-se que na Região Norte, compreendendo 18 localidades e 72 informantes, lanterna é categórica em todas as localidades investigadas. A Figura 2 sintetiza os dados dessa região.

Figura 2 – Realizações para *lanterna* – interior – Região Norte

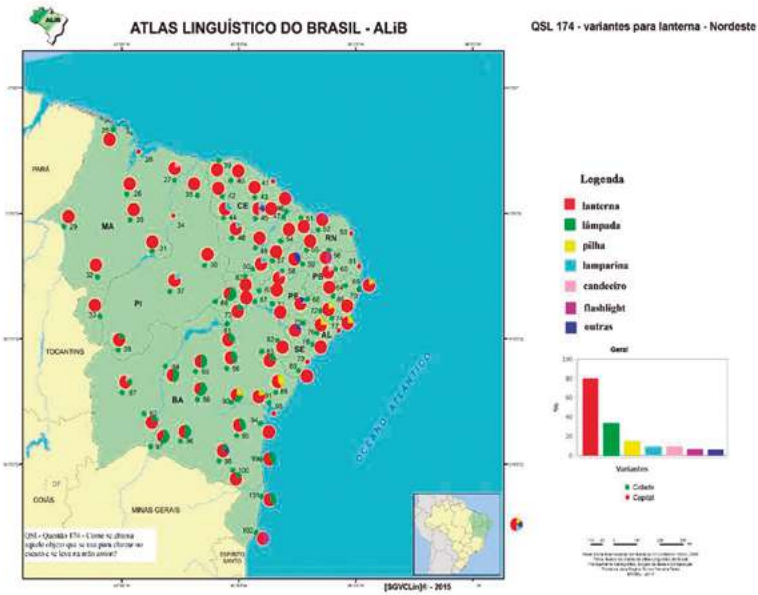


Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados inéditos do ALiB.

Na Região Nordeste, foram investigados 276 informantes distribuídos pelas 69 localidades, obtendo-se, de alguns informantes mais de uma forma, no total de 311 respostas das quais 244 (78,5%) são de lanterna; 35 (11%) de lâmpada; nove (3%) de pilha e, com menos de seis ocorrências, registraram-se candeeiro (2%), lamparina e flashlight (1,6% cada), e registradas em outras: lampião (1%), farolete (0,7%) e ocorrências únicas de fifó e vela (0,3% cada).

Sobre as menos frequentes, pilha, além do interior baiano, pontos 88-Alagoinhas, 90- Itaberaba e 91-Santo Amaro, ocorreu em Pernambuco, ponto 65-Olinda e em Alagoas, ponto 74-União dos Palmares. Candeeiro (candiero) distribui-se por pontos esparsos: no Maranhão, 27-Brejo; no Ceará, 45-Quixeramobim (vela e lamparina); na Paraíba, 58-Itaporanga e 60-Campina Grande e na Bahia, 87-Barreiras. A maior concentração de lamparina observou-se no Ceará, pontos 44-Crateús, 45- Quixeramobim; 48-Tauá e 50-Crato; uma ocorrência foi registrada em Piauí, ponto 37-Canto do Buriti e em Pernambuco, ponto 68-Arco Verde. Flashlight ocorreu nos pontos 52-Angicos (RN), 56-Cuité (PB) e 102- Caravelas (BA) e lampião, nos pontos 59-Patos (PB) e 68-Arco Verde (PE). Para ilustrar essa descrição, elaborou-se a carta experimental (Figura 3) com os dados da Região Nordeste.

Figura 3 – Realizações para *lanterna* – interior – Região Nordeste.



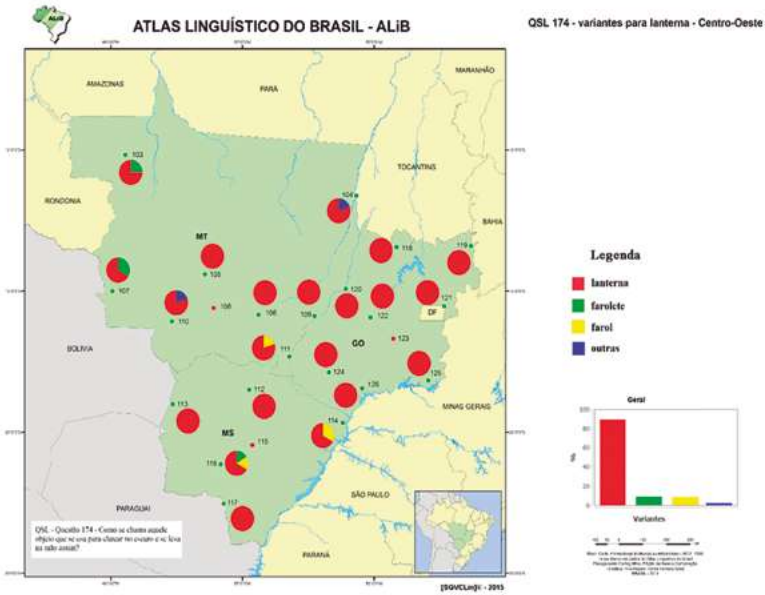
Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados inéditos do ALiB.

É evidente a presença hegemônica, quando não categórica, de lanterna em todas as localidades do interior nordestino. No entanto, as variantes populares menos frequentes são significativas para confirmar a multiplicidade de formas que ainda sobrevivem no vocabulário ativo ou passivo de seus falantes, associadas a objetos semelhantes quanto à função (clarear) e à portabilidade (levar à mão) e que fazem parte do cotidiano de cada um.

Dos nove estados nordestinos, a Bahia apresenta o maior número de variantes: ao lado de lanterna, ocorreram: lâmpada, registrada em 14 dos 21 pontos, distribuídos por todas as mesorregiões baianas; pilha em cinco pontos, concentrando-se na área do Centro-Norte e Nordeste Baiano, além de flashlight, no Extremo Sul. Como ocorrências únicas, farolete e fifó, inseridas no grupo outras.

Na Região Centro-Oeste foram investigados 84 informantes distribuídos pelos 21 pontos, obtendo-se o total de 95 registros, indicando que alguns informantes deram mais de uma resposta. Desse total, 83 (88%) foram de lanterna; cinco (5%) de farolete, 4 (4%) de farol e um de cilibim, lampião e lamparina (juntos 3%). Para ilustrar a descrição e a difusão areal das variantes elaborou-se a carta experimental da Figura 4 com os dados da Região Centro-Oeste.

Figura 4 – Realizações para *lanterna* – interior – Região Centro-Oeste.



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados inéditos do ALiB.

Os informantes das oito localidades do interior de Goiás apresentaram apenas a variante padrão lanterna. Já os do Mato Grosso, além desta, elicitaram farolete, pontos 103-Aripuanã e 107- Vila Bela da Santíssima Trindade; como menos frequentes, ocorreram cilibrim, ponto 104-São Félix; vela e lamparina, ponto-110-Cáceres; farol, no ponto 111-Alto Araguaia. Os informantes sul--mato-grossenses também registraram farol, pontos 114-Paranaíba e 116-Nioaque, além de uma ocorrência de farolete em Nioaque.

Como variantes estratificadas sob o rótulo de outras, registrou-se lamparina, como segunda resposta do informante idoso de Cáceres e, também como segunda resposta, cilibrim do informante 1, no ponto 104 - São Felix do Araguaia. O informante jovem de escolaridade fundamental esclareceu:

INF.-c*ilibrim*.

INQ.- O c*ilibrim* é a mesma coisa?

INF.- É, só que ele é maior pouca coisa assim.

INQ.- Hum, e é à pilha?

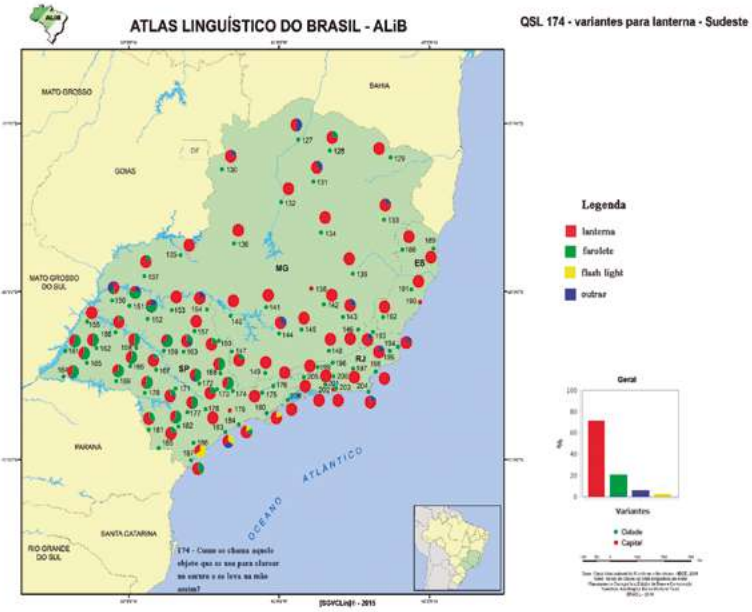
INF.- Tem à pilha e à bateria. (104/01)

Na Região Sudeste, os 365 registros obtidos na fala de 304 informantes, distribuídos pelas 76 localidades investigadas, indicam que alguns informantes deram mais de uma resposta à questão. Desse total, 258 (71%) correspondem a lanterna, 69 (19%) a farolete, nove (2%) a flashlight e os demais 29 (8%), com baixa frequência, agrupados em outras, compreendem lâmpada, farol, vela, lamparina, lampião, cilibrim, foco e fifó.

A segunda variante mais citada, farolete, concentra-se na fala do interior paulista (66 registros), o mesmo ocorrendo com flashlight (nove), concentrada no litoral e leste de São Paulo, pontos 180-Caraguatatuba, 183-Itanhaém, 184-Santos e 186-Registro. Na sequência, farol (seis ocorrências) distribui-se pelos pontos do Noroeste Paulista (150-Jales, 151-Votuporanga, 152-São José do Rio Preto e 154-Franca). Embora corresponda a apenas 7% dos dados do interior de Minas Gerais, lâmpada é a segunda forma elicitada pelos mineiros, nos pontos do Noroeste 127-Januária, 128-Janaúba, 130-Unaí, 131-Montes Claros e no Nordeste do estado 133-Teófilo Otoni.

Observa-se que, nos estados da Região Sudeste, flashlight ocorre apenas em São Paulo. Como ocorrência única, o informante jovem, de ensino superior, de Belo Horizonte, que afirma haver, além da *lanterna*, algumas mais fortes que chamam de c*iribri* (138/5). Para ilustrar a descrição e a distribuição areal, a Figura 5 traz a carta experimental com os dados da Região Sudeste.

Figura 5 – Realizações para *lanterna* – interior – Região Sudeste



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados inéditos do ALiB.

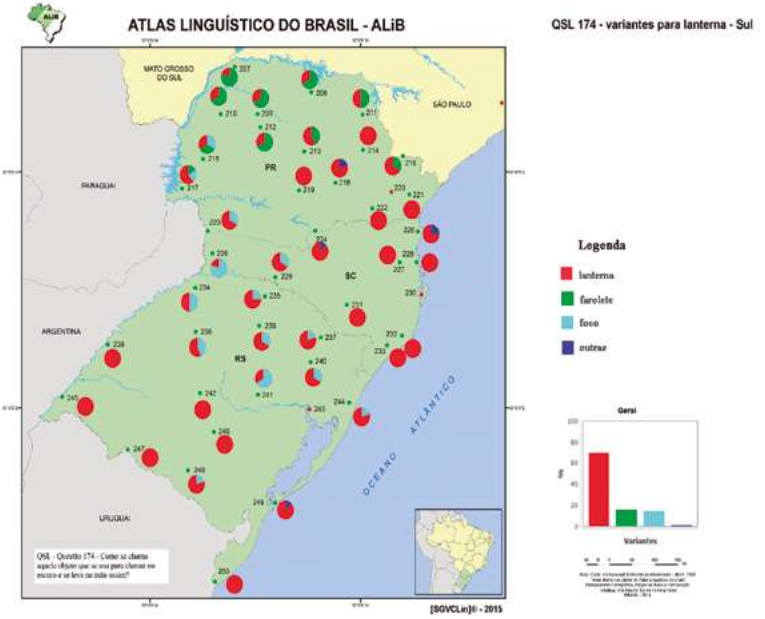
Na Região Sul, os 209 registros obtidos na fala de 164 informantes, distribuídos pelas 41 localidades investigadas, também indicam que alguns informantes deram mais de uma resposta à questão. Desse total, 143 (68%) correspondem a lanterna; 31 respostas (15%) a farolete; 30 (14,5%) a foco; os demais cinco registros (2,5%), com baixa frequência, agrupados em outras, referem-se a lampião, farol, cilibim e castiçal.

No Paraná, embora predomine lanterna, observa-se a coocorrência de farolete que se distribui pela área denominada Paraná Moderno, dando continuidade à influência da fala paulista sobre esse espaço paranaense. Foco também se circunscreve a uma área específica cuja expansão se inicia no norte do Rio Grande do Sul e caminha pelo oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná.

Dicionarizada como brasileirismo (HOUAISS, 2001), na acepção de luminária articulável, com feixe de luz formado por uma lâmpada de alta potência, no Paraná, porém, foco é uma palavra polissêmica, podendo nomear tanto a lâmpada elétrica[5] como a lanterna a pilha.

Sob o rótulo outras, somaram-se as variantes lampião, nos pontos 224-Porto União-SC e 225-São Francisco do Sul-SC; farol, no ponto 218-Imbituva-PR; ciribri, 225-São Francisco do Sul; e castiçal, ponto 249-São José do Norte-RS. Para ilustrar a descrição e distribuição dos dados sulistas, elaborou-se a carta experimental da Figura 6.

Figura 6 – Realizações para *lanterna* – interior – Região Sul



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados inéditos do ALiB

[5] Na coleta de dados para o ALiB, em Curitiba, quatro dos oito informantes responderam *foco*, para a Questão 010 do QFF: Como se chama aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro?

A difusão de farolete pelos pontos do Norte Paranaense indica uma continuação da isoléxica iniciada no interior paulista e a isoléxica de foco, parte do norte do Rio Grande do Sul e irradia-se pelo oeste de Santa Catarina e do Paraná. A distribuição areal desses dois itens lexicais reforça a tese de Aguilera (2009) e a de Romano (2015) sobre a existência de duas subáreas dialetais – a paulista e a sulista, ao contrário do que Nascentes ([1923] 1953) havia proposto ao considerar apenas uma subárea sulista no espaço do Falar do Sul[6].

A seção seguinte traz uma reflexão sobre os diversos nomes atribuídos à lanterna conforme consta do *corpus* do ALiB, capitais e interior.

Reflexões sobre os nomes atribuídos ao "objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão" no *corpus* do ALiB (capitais e interior)

Conforme se discorreu nas seções anteriores, além da predominância de lanterna, outros catorze nomes foram atribuídos ao objeto que serve para clarear no escuro e se leva na mão: farolete, lâmpada, foco, flashlight, lamparina, farol, pilha, lampião, candeeiro, cilibrim, fifó, bico, vela e castiçal.

A Questão 174 do QSL, formulada nos Questionários do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), assenta-se sobre os semas: objeto, clarear, escuro e levar na mão, o que pode suscitar respostas di-

[6] Nas palavras de Nascentes: "Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. O que caracteriza estes dois grupos é a cadencia e a existencia de protonicas abertas em vocabulos que não sejam diminutivos nem adverbios em *mente.* Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos. Eles estão separados por uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. (...) Os subfalares do Sul são quatro: o baiano, intermediário entre os dois grupos (...); o fluminense (...); o mineiro (...); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso" (NASCENTES, 1953 [1922], p. 25-26).

versas apoiadas ora na função do objeto (clarear, iluminar), ora na sua portabilidade (levar à mão). A falta de semas mais específicos, acredita-se, pode ter levado a variantes não previstas pelo pesquisador que teria em mente apenas a denominação lanterna, ou até farolete e farol.

Farolete, dicionarizado com a acepção de pequeno farol que se instalava nas entradas de canais e portos e que nomeia os pequenos faróis de veículos, também empresta o termo para o referente em tela. Ocupa o segundo lugar no *corpus* e foi lembrada por informantes de Manaus, Natal, João Pessoa, entre outras, mas sua área de maior abrangência, como primeira resposta, é o interior de São Paulo e do Paraná.

Para entender a diversidade de denominações, é preciso conhecer o universo do falante, sua profissão, suas condições financeiras, o espaço que habita, a origem, a faixa etária, o sexo, os elementos culturais adquiridos, suas redes sociais[7], além de outras variáveis que podem interferir na interpretação da questão que lhe foi proposta. O acréscimo do sema movido a pilha e/ou a apresentação de uma figura da lanterna convencional poderiam ter dirimido qualquer dúvida. Alguns comentários dos informantes, no entanto, confirmam a existência de um nome local, regional, familiar, idioletal, ou mesmo diageracional, como atestam os depoimentos[8] (1) a (14):

(1) INF.- Clareá? Lanterna.
INQ.- Tem outro nome?

[7] Conceito antropológico tomado da *web model* desenvolvido na geografia humana e adaptado para a linguística pelos sociolinguistas britânicos James Milroy e Lesley Milroy (TRUDGILL; HERNÁNDEZ CAMPOY, 2007, p. 272-273).

[8] As formas abreviadas INF. e INQ. significam, respectivamente: Informante e Inquiridor. O nº após a barra inclinada remete ao informante: 01. homem na faixa etária I, entre 18 e 30 anos; 02. mulher também na faixa etária I; 03. homem na faixa etária II, entre 50 e 65 anos; 04. mulher também na faixa etária II. Todos os informantes do interior cursaram, no máximo, até o 8º ano do ensino fundamental. Na capital, são oito informantes dos quais os de nº 05 a 08 completaram o curso universitário.

INF.- Tem umas lanterna mais forte, chama *ciribri* (138-Belo Horizonte/05).

(2) INF.- *Cilibrim*.
INQ.- O *cilibrim* é a mesma coisa?
INF.- É, só que ele é maior pouca coisa assim.
INQ.- Hum... e é a pilha?
INF.- Tem a pilha e a bateria (104-São Félix do Araguaia/01).

(3) INQ.- Não, aquele que a gente acende assim?
INF.- Ah, é lanterna.
INQ.- Lanterna? Vocês chamam só de lanterna ou de outra coisa também?
INF.- *Lanterna*, *lampião*, *cilibri*.
INQ. - Ah, é? O que é cilibri?
INF.- *Cilibri* é que com bateria né, carrega a bateria assim, é bem forte, clarea tudo, se vê de longe assim. Porque a lanterna é só local assim (225-São Francisco do Sul/03).

Os informantes que elicitaram o item lexical *cilibrim* (1 a 3) fazem a distinção entre ambos os referentes que têm a função de iluminar no escuro: diferentemente da lanterna, o *cilibrim* é mais potente, com maior alcance da luminosidade e é maior que aquela. O nome usado por esses informantes refere-se a uma marca de faróis para automóveis, *Sealed Beam* [səlbĩ]. Hoje é possível, em uma busca rápida pela web, encontrar o termo *cilibrim*, ainda não dicionarizado, identificando um tipo de *lanterna* de alto alcance. Nesse processo metonímico, da marca pelo produto, *cilibrim* foi registrada também como *ciribri* e *cilibri, cilibim.*

Sobre as ocorrências de *farol*, os depoimentos deixam claro tratar-se de um parassinônimo, de uma forma dialetal inserida na norma regional:

(4) INF. - *Lanterna*
INQ. - Conhece algum outro nome?
INF.- *Farol*
INQ. - Que que é mais comum usar aqui?
INF.- *Farol* (114-Paranaíba/01).

(5) INF.- De primeiro era *lanterna*, hoje já a turma fala o *farol,* né" (114-Paranaíba/03).

(6) INF.- Lanterna.
INQ. - Tem algum outro nome?
INF.- Ah, tem gente que fala farol, lanterna
(116-Nioaque/01).

(7) tem uns *farol*, tipo *farol*zinho assim que é diferente, mais largo assim, num é como a *lanterna* que é fininha e tem o cabinho mais fino, essa não, é mais larga (006-Manaus/02).

Os excertos (5) e (6) mostram que os informantes buscam preservar a face, atribuindo à turma, à gente, o uso da forma regional.

Diante de alguns comentários dos informantes, outras denominações, como lampião, lamparina, candeeiro, foco e fifó merecem uma reflexão de natureza histórico-social, dado que espelham um conhecimento de mundo particular, uma vivência atual e anterior diante do avanço da tecnologia e das mudanças que o progresso trouxe para o seu cotidiano, além da herança dos antepassados. Os excertos (8) a (14) ilustram essa assertiva:

(8) INF.- É *lamparina* né? *Lamparina*, *lampião*. Porque antes do *lampião*, né, era *lamparina*. *Lamparina*... usava com querosene antigamente.
INQ. - E agora tem uns a pilha né? Que usa também pra clarear...

INF.- A *lanterna*, né?
INQ. - Algum outro nome pra ele?
INF.- *Lanterna*... *lanterna* acho que tem outro nome... não. *Foco*, acho que *foco*...
INQ. - *Foco*, né?
INF.- É, *foco*.
INQ. - Com uma lampadazinha né, e pilha.
INF.- Isto (115-Campo Grande/07).

(9) INF.- *Lanterna*.
INQ. - Já ouviu outro nome?
INF.- *Lamparina*. Antigamente tinha muita coisa, eu conhecia em alemão que é *petrolius lapem*. Que é *lamparina de querosene*. A minha mãe ainda tem lá essas coisas, eu guardo essa aqui, ainda uso ela (225-São Francisco do Sul/02).

(10) INF.- *Candiero*.
INQ. - E se for a pilha?
INF.- *Lanterna* (058-Itaporanga/02).

(11) INF. - *Candiero*, a *lampa*, a *lanterna. Lanterna* (087-Barreiras/03).

(12) INF.- *Vela*, não, *lamparina*... não lembro (045-Quixeramobim/04).

(13) INF.- *Lanterna*. Aqui a gente usava às vezes *lampião*, porque não tinha *lanterna* antigamente aqui, era *lampião* com querosene e pedaço de, fazia uma, uma torcida, enfiava ali num buraco, numa coisa, enchia dalguma coisa, enchia de querosene, daí ia pegar siri. Que não tinha *lanterna*, agora é só *lanterna* (225-São Francisco do Sul/04).

(14) INF. – *Lanterna*.
INQ. – Tem outro nome?
INF. – *Lampião*, *candiero*.

O excerto (8) mostra que o informante da faixa etária II de Campo Grande distingue os referentes lamparina, lampião e lanterna. Lamparina, na definição de (HOUAISS, 2001), constitui-se de uma pequena lâmpada, de luz fraca, movida a combustível líquido (azeite ou querosene, normalmente), na qual se mergulha um pavio e se acende. Esse informante, além de distinguir a lamparina (alimentada por combustível líquido) da lanterna (movida a pilha), atribui outro nome para este instrumento, no caso o *foco*, embora manifeste uma dúvida inicial sobre esta outra denominação. *Foco* é definida por Houaiss (2001) como brasileirismo que significa "luminária articulável, com feixe de luz formado por uma lâmpada de alta potência", o que parece indicar a extensão de significado de um referente para outro.

As informações dadas no comentário (9) indicam que a informante reconhece o uso de cada um dos objetos – a *lanterna* e a *lamparina* – e guarda, ainda, deste último a denominação em alemão dada por seus ascendentes. O excerto (13) traz a descrição do uso do lampião, como um artefato que ficou no passado depois do advento da lanterna.

A história da *lanterna* relata que os primeiros utensílios fabricados com uso da bateria foram batizados de *flashlights* – luz rápida, devido à pouca durabilidade da bateria. Os protótipos foram confeccionados em 1980, em Nova Iorque, por David Misell.

Na Região Norte, em Manaus, o informante da faixa etária II, de nível superior, explica:

(15) Inf.: Quando eu era criança, aqui em Manaus tinha muita coisa importada, quando eu era criança, coisa boa

> [...] se chamava *flashlight* [flɛchi'lajtʃɪ]. É *flashlight* né, é *lanterna* mais isso faz mais de cinquenta anos, essa palavra é *lanterna*, por sinal eu tenho umas americanas desse tamanho, de cinco pilhas que a... a senhora ilumina lá naquele prédio, são umas *lanterna* que a polícia americana usa. Agora é *lanterna*, mas era flash né, *flashlight* (006-Manaus/07).

Alguns informantes da Região Nordeste (Angicos-RN, João Pessoa e Cuité-PB, Caravelas-BA) também se referem a essa denominação, conforme se constata nos excertos (16 a 20).

(16) INF.- Lanterna... eu já oví fala *flechelaite*, um nome parecido assim, mas a gente conhece mais como *lanterna* (061-João Pessoa/05).

(17) INF.- *Fachileti* (056-Cuité-PB/01).

(18) INF.- *Fachileti*.
INQ.- Tem outro nome?
INF.- Não. Só *fachileti*, mesmo (056-Cuité-PB/03).

(19) INF.- *Lanterna*.
INQ.- Tem outro nome?
INF.- *Flachileti* (052-Angicos/03).

(20) INF.- *Cachulati* (102-Caravelas/04).

Quanto à Região Sudeste, porém, a maior concentração de *flashlight* ocorreu somente no interior de São Paulo, nas cidades litorâneas de Caraguatatuba e Santos (inf. 04), Itanhaém (infs. 2, 3 e 4) e em Registro, na fala de todos os informantes. Vale transcrever a aula de cultura popular ministrada pelo informante da faixa etária II de Itanhaém, ilustrada no diálogo (21):

(21) INF.- *Flachilaite*.
INQ.- Flachilaite, tem mais algum?
INF.- Tem *flachilaite*, tem a lamparina.
INQ. - E esse igual ao flashlight tem mais algum?
INF.- *Lanterna*.
INQ. - Mais algum? Não?
INF.- Tem o… *fifó* também que fala.
INQ. - O que é fifó?
INF.- *Fifó* é feito de bambu né.
INQ. - Ah, como é que é?
INF.- Pega o bambu faz um negócio assim com pano de saco, pode sê pano de sa… enche de gasolina, óleo quemado… óleo, aí fica a noite todinha acesa pa clareá assim. *Fifó* o nome. É feito de bambu ele.
INQ. - Bambu, pano e gasolina? Ou querosene?
INF.- E tem o *fifó* feitos de lata, dessas lata de óleo.
INQ. - Ah tá. Em vez de colocar no bambu faz na lata.
INF.- É. Tamém (183-Itanhaém/03).

Sobre a denominação *pilha*, verifica-se que a elicitação se deu em referência ao objeto e não à fonte de energia que o aciona, correspondendo à segunda acepção descrita por Houaiss: "lâmpada portátil alimentada por pilha eletroquímica", acrescentando que, com este sentido, é um "lusitanismo de uso informal". O informante idoso, de ensino fundamental de Recife, conta ter conhecido o objeto com esse nome na infância.

(22) INF. – O pessoal antigamente tinha um negócio de dizê *pilha*... me dá uma *pilha* aí, uma pi... Pilha é... otra coisa, né? Pilha que eu conheço é de rádio...
INQ. – Mas chamavam a *lanterna* também de *pilha*?

> INF. – Chamavam também de *pilha*. Quando eu era pequeno, na minha época, que meu pai tinha aqui... a gente chamava: oh! vá lá buscá a *pilha* de painho lá dento (070-Recife/03).

O comentário do informante da Faixa II de nível universitário de Salvador também ilustra o uso dessa variante num processo metonímico, o nome da parte designando o todo: "chamava *pilha* também por conta das pilhas de dento" (093-Salvador/7). Da mesma forma, *bico*, *vela* e *castiçal* seguem o mesmo processo de criação de palavras, estendendo a nomeação de um para o outro referente que guarda os semas apresentados na questão.

A seguir, retoma-se o outro objetivo deste trabalho que é o de analisar a influência das dimensões diatópica, diassexual e diageracional sobre o uso de variantes populares.

Influência das variáveis extralinguísticas sobre o uso das variantes populares na denominação da lanterna

Sobre a variável diatópica, as cartas regionais (Figuras 2 a 6) mostram que, na Região Norte (Figura 2), a única variante elicitada foi lanterna. Na Região Nordeste (Figura3), lâmpada forma uma importante área de isoléxica que se difunde por todas as mesorregiões da Bahia, chegando ao sudoeste de Pernambuco. A difusão de pilha sugere uma segunda área isolexical que se delineia na porção leste dos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, Na Região Centro-Oeste, quatro ocorrências de farolete distribuem-se por duas localidades do oeste de Mato Grosso. Três de farol foram registradas em duas localidades do Mato Grosso do Sul, sem uma distribuição regular. Acredita-se que uma pesquisa que utilize uma rede de pontos mais densa possa indicar a existência

ou não de isoléxica em ambos os estados, uma vez que em Goiânia não se registrou nenhuma variante popular. Quanto aos quatro estados que compõem a Região Sudeste, apenas São Paulo apresentou duas áreas de isoléxicas bem definidas: farolete por todo o interior e flashlight no Litoral. A Região Sul também mostra duas áreas bem marcadas: farolete no Norte do Paraná e foco, irradiando-se do norte do Rio Grande do Sul e difundindo-se pelo Oeste de Santa Catarina e do Paraná.

A variável sexo, verificada no cômputo geral das variantes populares, mostra uma diferença pouco significativa entre a produção dos homens (54%) e das mulheres (46%) nas localidades do interior. Olhando para os dados por região, exceto na Região Centro-Oeste em que os homens (82%) superam significativamente as mulheres (18%), nas demais os índices estão bastante equilibrados.

As maiores diferenças são observadas nas faixas etárias: no cômputo geral, 61% dos informantes da Faixa II são responsáveis pelas variantes populares e, por região, as maiores diferenças são registradas no Nordeste (82%), Sudeste (58%) e Centro-Oeste (55%).

Conclusões

Os nomes atribuídos ao aparelho conhecido como lanterna foram investigados no *corpus* inédito constituído pelo Atlas Linguístico do Brasil com as respostas dadas por 200 informantes distribuídos por 25 capitais e 900 falantes por 225 localidades do interior do Brasil.

A questão tal qual está formulada suscitou a resposta majoritária de lanterna, seguida ou antecedida de outras variantes que podem remeter ao mesmo objeto, ou a outros referentes recobertos pelos semas: clarear e ser levado à mão. A análise contemplou inicialmente a totalidade dos dados das capitais, seguida da des-

crição dos resultados obtidos nas cinco regiões administrativas. Verificou-se que, além da predominância da forma lanterna, ainda subsistem variantes como lâmpada, farolete, pilha, flashlight, foco, entre outras.

Na Região Sul, a variável diatópica mostrou-se mais influente na produção de variantes populares com duas áreas bem delineadas (farolete- norte do Paraná e foco- norte do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina e do Paraná). Merece destaque a distribuição areal de farolete em São Paulo e de lâmpada na Bahia, conforme ilustram as Figuras 3 e 5.

A variável diageracional demonstrou que os informantes da Faixa etária II (entre 50 e 65 anos) conhecem um número maior de variantes populares que os mais jovens. A variável sexo só se revelou importante entre os falantes da Região Centro-Oeste.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALiB. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 2. p. 4219-4233.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: https://dictionary.cambridge.org/pt/. Acesso em: 20 maio 2022.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; ISQUERDO, Aparecida Negri; RAZKY, Abdelhak; MARGOTI, Felício Wessling; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Atlas Linguístico do Brasil**: Introdução. Londrina: Editora UEL, 2014a. v. 1.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; ISQUERDO, Aparecida Negri; RAZKY, Abdelhak; MARGOTI, Felício Wessling; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Atlas Linguístico do Brasil**: Cartas. Londrina: Editora UEL, 2014b. v. 2.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**: Questionários 2001. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2021. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/*lanterna.* Acesso em: 01 jun. 2022.

SANCHIS GUARNER, Manuel. La diactología y los atlas lingüísticos. *In*: SANCHIS GUARNER, Manuel. **La cartografia lingüística en la actualidad y el atlas de la península ibérica**. Palma de Mallorca: Instituto Miguel de Cervantes, 1953. p. 7-10.

História da Lanterna. Disponível em: https://blog.boa*lanterna*.com.br/2019/10/06/historia-*lanterna*/. Acesso em: 01 jun. 2022.

HOUAISS, A. **Grande Dicionário Houaiss** [em linha], 2001, Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/. Acesso em: 01 jun. 2022.

IORDAN, Iorgu. **Introdução à Linguística Românica**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

MICHAELIS DICIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA. [em linha], 2015. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/. Acesso em: 01 jun. 2022.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1923].

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

TRUDGILL, Peter; HERNÁNDEZ CAMPOY, Juan Manuel. **Diccionario de sociolingüística**. Madrid: Gredos, 2007.

XOANIÑA, VOA VOA.
OS NOMES DA *COCCINELLA* EN GALEGO

Rosario Álvarez
Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela
rosario.alvarez.blanco@gmail.com

Esta contribución ten por obxecto percorrer o amplo abano de formas galegas usadas para nomear ese pequeno coleóptero semiesférico, colorido e brillante, con puntos negros sobre os élitros, tan coñecido como fácil de recoñecer sen marxe de dúbida. Aínda que de modo xeral o identificamos como *Coccinella septempunctata*, que é a especie máis abundante no noso ecosistema, o certo é que as voces recollidas denominan de xeito indiferente esta *Coccinella* e outras como a *C. quinquepunctata*, menos comúns no noso territorio.

Son as denominacións con forte carga ancestral para un pequeno insecto fermoso, sempre benéfico, querido por todos, nenos e maiores, xeración tras xeración. Ofrecémolas ao querido compañeiro e amigo João Saramago, tamén unido á entrañable *coccinella* polo nome.

João, Xoán, Xoana

Non é infrecuente que pasen a incorporarse ao léxico común voces nacidas como antropónimos, nin que mesmo cheguen a formar as súas propias familias pola vía da derivación, composición ou simple cambio de categoría, pero seguramente ningunha foi tan fecunda como o foron *Xoán* e o feminino *Xoana*.

Só centrándonos no galego, *san Xoán* dá nome ao período do solsticio de verán, de gozosas tradicións ancestrais tan vivas na nosa cultura, e por extensión a todo o mes de xuño; por este motivo forma parte de numerosas locucións que aluden a ritos e costumes moi evocadores (*auga de san Xoán*, *herbas de san Xoán*, *noite de san Xoán*, *fogueiras de san Xoán*, *lume novo de san Xoán*…) ou denominan froitos característicos desta época (*mazá de san Xoán*, *perillote de san Xoán*…), pero entre todos os usos botánicos destaca o *sanxoán*, unha das denominacións máis estendidas para a *Digitalis purpurea*, que ademais de ser medicinal forma parte dos xogos e recordos infantís de tantos galegos e galegas.

A enorme frecuencia que *Xoán* tivo outrora[1] explica que se tomase como antropónimo masculino prototípico: así, por exemplo, *Xan de Outeiro* é un personaxe popular que representa o arquetipo do paisano galego, humilde pero intelixente; e *Xan* é un dos modos de nomear con disimulo o raposo ou o lobo para que estes non saiban que se está a falar deles. De estar no certo Corominas (1980, s.v. JUANETE), que segue nisto a Covarrubias, do antropónimo deriva o s.m. *xoanete* (esp. *juanete*, port. *joanete*) tanto no significado referido ao corpo humano (‘Deformación da primeira falanxe do dedo gordo do pé’) coma no da nomenclatura marítima (‘Vela que

[1] Ana I. Boullón Agrelo, recoñecida experta neste campo e que tanto ten traballado sobre este antropónimo, infórmanos de que as bases de datos da sección de onomástica do ILG mostran sen marxe de dúbida que este era o nome de varón máis frecuente na Galicia dos séculos XIV e XV.

vai sobre a gavia nos grandes veleiros, e verga en que se suxeita'); no primeiro estariamos diante dun uso "diminutivo o despectivo de *Juan*, como nombre típico de gente rústica, la cual suele estar muy afectada de juanetes en los pies" –que se estendería a outros vultos ou pómulos– e no segundo dunha translación por comparación das vergas que se cruzan sobre as gavias "con la posición de los pómulos en la cabeza".

Un *xan* é unha boa persoa, tan incapaz de malicia e tan disposta sempre a favorecer a outra, sen antepoñerse nin cuestionar a conveniencia, que se poderá pensar que non ten criterio nin personalidade propios ou que é doadamente manipulable, incluso fácil de enganar; o uso do diminutivo *xanciño* empuxa o significado pola pendente da conmiseración.

Tamén as formas femininas teñen o seu percorrido. A *xoana* é unha especie de viño pobre, usado para saciar a sede dos xornaleiros, feito con uvas de mala calidade ou que non remataran ben o proceso de maduración ás que se engadía auga durante o proceso. Pero, sen dúbida, a forma máis coñecida é o substantivo *xoaniña* (port. *joaninha*), unha das denominacións máis estendidas da *Coccinella septempunctata.*

A XOANIÑA NA CULTURA GALEGA: XOGOS E CRENZAS

A *xoaniña* é un animal benéfico, querido e ben considerado, nunca temido, nin sequera polos máis pequenos. Está amparada por un gran respecto popular que se fai visible no folclore, tanto na abundancia de fórmulas rituais e recitados destinados a crear un sentimento de afecto positivo xa desde a infancia, coma na difusión de crenzas sobre os posibles efectos negativos que poden sobrevir a quen as mate. Esa sensibilidade de aprecio compartido percíbese tamén nunha simple ollada superficial ao amplo abano

denominativo, constituído sobre todo por nomes cariñosos, con frecuencia alterados con morfemas avaliativos diminutivo-afectivos.

Desde o campo da etnografía, Bouza-Brey (1948, p. 370) sinalou a existencia de dúas grandes áreas folclóricas que puxo en correspondencia con dúas áreas léxicas definidas polas formas dominantes. Segundo a súa apreciación, na meridional, dominada por *xoaniña*, a *coccinella* forma parte de xogos infantís nos que se usan fórmulas para pedirlle respectuosamente que voe ou que conte os dedos da man antes de irse, pois conseguir que cumpra o desexo é sinal de bo presaxio. En cambio, na setentrional, onde dominan formas de base *rei,* o animaliño ten poder adiviñatorio, en relación co futuro do consultante; a premonición interpreta o comportamento do insecto en relación co que se lle pregunta. Os nosos datos completan e matizan a atinada observación do ilustre etnógrafo.

Compañeira da fortuna

O voo da xoaniña é máxico e sempre benéfico. O folclore infantil está repleto de cancións e recitados en que se quere que emprenda o voo, en calquera dirección, pedíndolle que se prepare (poñendo o *manto*, ensinando os *panos* 'alas ocultas baixo os élitros', abrindo as *alas*...), que se dirixa a un lugar ou simplemente que voe (1). É costume ofrecerlle algún aliciente (2) e con moita frecuencia fánselle promesas a cambio (3), polo xeral en forma de comida gorentosa (broa, caldo e broa, pan e mel, pan e viño, pan e cebola, filloas, papas, sardiñas…) (4) ou de vestido e calzado (roupiña boa, chaquetiña nova, zapatiños) (5), mais non falta o recurso á advertencia ou á pura ameaza (6)[2].

[2] Os exemplos son tomados literalmente do *corpus*, só coas adaptacións á grafía e puntuación usuais, sen intervencións doutra índole. Para facilitar a localización referímolos todos ao concello. Para evitar confusións, distinguimos A Veiga-AS (concello de Asturias) e A Veiga-OU (provincia de Ourense).

Xoaniña voa voa (Outes, Lousame, Rianxo).

Pitasol, pitasol, enséñame os panos e vaite ao sol (A Gudiña).

Coquiño de Dios, abre as alas e vaite con Dios (Viana do Bolo).

Ranchín, ranchín, abre as alas pral molín (Castropol).

Buxaniña, voa, voa, que teu pai vai en Lisboa (O Rosal).

Xoaniña, voa, voa, vai busca-los teus filliños ó monte de Vilaboa (Noia).

Xoaniña, voa, voa, que che hei de ir á tua voda (Arnoia).

Pamponiña voa voa, que che hei de dar un pan de broa (Ribeira).

Voa xoaniña voa, que che hei de dar pan de broa e, se voas ben, pan de trigo tamén (Vila de Cruces).

Xuaniña voa voa, que che hei de dar pan e cebola (Dodro).

Corre, corre a teu pai, mariquiña, que come cebola con pan e sardiña (Meaño).

Xuaniño voa voa, que teu pai vai en Lisboa, e hache traer roupiña boa (Ramirás).

Voa voa voaniña, que o teu pai vai en Lisboa e túa nai vai no muíño e vaiche traer uns zapatiños do color do ratiño (Cartelle).

Xuaniña voa voa polas calles de Lisboa, que teu pai e túa nai cómenche as papiñas todas (Lobios).

Xuaniña, voa, voa, que está teu pai cun carro de toxos pra che queimar os ollos (Bande).

Tamén é posible que o voo leve aparellada unha finalidade positiva ou unha encarga para unha boa causa (7).

Roiceíña, enaniña, ponte o manto e vai á misiña (Negueira de Muñiz).

Xoaniña colle a fouza e vai á roza, que che hei dar pan e mel (Chandrexa de Queixa).

Xoaniña voa voa, e trae os zapatos para a miña voda (Pontevedra).

Xoaniña voa voa, que che hei dar pan de broa. Xoaniña, vai e tráeme algunha nova (Lalín).

Xoaniña voa voa, vai e tráeme pan de boroa (Entrimo).

Xoaniña, voa, voa, leva as cartas a Lisboa e cando volvas dereiche pan e cebola (Verín).

Como se pode albiscar xa nos exemplos aducidos, estas incitacións ao voo dominan na metade meridional do territorio galegófono, delimitado *grosso modo* como provincias de Pontevedra e Ourense e sur da Coruña, mais non faltan rexistros esporádicos noutras áreas; é de notar, en especial, que polo eixe atlántico estes alcanzan a liña de costa setentrional (Mapa nº 1).

Noutra versión, tamén basicamente meridional (Mapa nº 2), pídeselle á xoaniña que conte os dedos antes de emprender o voo, indo para o ceo ou para o sol, ou a reunirse cun ser superior (8). Os nenos póñena na man para que vaia percorrendo os dedos mentres lle repiten a cantilena, desexosos de que aguante sen voar ata chegar ao dedo maimiño; nalgunhas variantes, o recitado vai seguido dos números cantados. A pretensión de que percorra a man de dedo en dedo ou ata a punta destes está tamén presente na versión anterior, máis común, aínda que non se faga referencia explícita.

> Pitasol, pitasol, conta os dedos e vaite ao sol (A Gudiña).
>
> Balouriña de dios, cóntame os dedos e vaite con dios (Ribeira).
>
> Boíño de dios, cóntame os dedos e vaite con dios (Ribas de Sil).
>
> Xoaniña de Dios, cóntame os cinco dediños e vaite con Dios (Cangas).

Arte adiviñatoria

Nos xogos infantís a capacidade adiviñatoria da xoaniña ten que ver coa predición doutros asuntos, ademais dos adiantados por Bouza-Brey (1948). En todos eles ten como trasfondo o seu carácter benéfico, pois dun xeito ou doutro adoita traer boa fortuna co seu voo.

No NW de Galicia e noutras áreas dispersas centromeridionais (Mapa nº 3) pídeselle unha predición meteorolóxica inmediata (9),

para o que debe informar sobre a previsión de *sol* 'bo tempo' ou de *chuvia* 'mal tempo'; no primeiro caso debe saír voando e no segundo permanecer no lugar. Non se nos oculta que *rubia* (*cascarrubia*, *papiña rubia*) favorece a combinación con *chuvia* e que *sol* tena doada non só en *papasol* e avaliativos en *-ón* senón co adverbio *non* da disxuntiva existencial básica ("se… ou non"). Coma noutras ocasións, aínda que sexa raramente, non faltan as ameazas coercitivas (10).

> Cascarrubia rubia rubia dime si mañán hai sol ou chuvia (Muros).
>
> Papiña rubia, papiña rubia, fai sol ou chuvia? (Allariz).
>
> Adiviñón, dime se mañá fai sol ou non (Paradela).
>
> Buleiriña buleirón, dime se mañá vai facer sol ou non, se non quéimote cun tizón (Guntín).

As habilidades adiviñatorias da xoaniña tamén lle permiten dar a hora (11); se voa, é que o demandante atinou:

> Pomponiña, pomponón, dime se son as __ ou non (Ribeira).

No extremo NE do territorio galegófono a xoaniña non intervén na previsión por ter capacidade adiviñatoria, senón por ser a mediadora que intercede diante dun ser superior (chamado *pai*, *padriño*, *madriña*…, en definitiva a divindade), á procura do bo tempo solicitado (12).

> Anxelín, vei decir a tou padrín que mañá faiga bon solín (Coaña).
>
> Papasol, sol, sol, dille ao teu papaíño que mañá mande sol (Castroverde).
>
> Reinía, reinía, vei dicille a tou padrín i a túa madría que mañá faga bon día (Eilao).

Nesa mesma área nororiental a intercesión da xoaniña pode servir para a encarga doutros favores futuros, xeralmente relacionados con comidas apetitosas (13); e mesmo non é raro que

o recitado se limite á solicitude da entidade superior, sen explicitar a finalidade: "Reichín, reichín, vai buscar ao teu padrín" (Tapia de Casarego). Ese ser con poderes sobrenaturais está no ceo, de aí as continuas referencias a ese espazo afastado do cotián humano: "Reichín, reichín, fun al cielo i non volvín, encontrein el meu padrín, comendo pan i toucín" (A Veiga-AS).

> Reinín, reinín, vai dicirlle al meu padrín que me dían pan i toucín (Castropol).
>
> Rinchín, rinchín, abre las alas i vei decirlle ao meu padrín que mañán é sábado e que faga un bon toucín[3] (Boal).

Mais, sobre todo, na Galicia setentrional, nunha grande área enmarcada a NW e NE polas anteriores, o voo da xoaniña informa sobre o futuro do demandante (Mapa nº 4), en dúas liñas temáticas principais: a duración da vida e o destino. Son moi coñecidos e difundidos os recitados do tipo (14), que contan os anos de vida mentres a xoaniña segue pousada sobre a persoa; tanto que cobran vida independente e son usados noutros xogos infantís en que hai que contar, coma a corda, ou para sortear no inicio dos xogos.

> Rei rei, cantos anos durarei? Vintecinco, non o sei. Un , dous, tres, catro...
>
> Reirrei, cantos anos vivirei?, vinte e catro? Non o sei: un, dous, tres, catro... (A Estrada).

Tamén están moi difundidos os que preguntan sobre o lugar para onde levará a un a vida adulta, dando por suposto que se producirá o abandono do propio. A resposta depende da dirección do voo que tome a xoaniña. O éxito da fórmula está sen dúbida propiciado pola fácil rima entre as formas léxicas dominantes –de base *rei*– e os morfos característicos do futuro de indicativo. A

[3] *Toucín*, variante dialectal de *touciño*, ademais de ter o significado habitual ('parte do porco que inclúe a graxa que ten por debaixo da pel'), denomina un tipo de empanada típica desta rexión (BOUZA-BREY, 1953, p. 437).

demanda pódese formular de xeito aberto (15), dando dúas ou máis opcións locativas (16) ou combinando outras respostas sobre o status futuro, coma o de ir servir para a corte ou o estado civil (17):

> Rei rei pra onde vas eu irei (Vilalba).
>
> Rei-rei, pra que lado me irei? Pra Lugo, pra Meira ou pra Castro de Rei? (Pol).
>
> Rei rei casarei, a onde irei? Arriba ou abaixo, ou á casa do rei? (Mondoñedo).
>
> Cuco, cuco rei, para onde eu irei? Solteira, casada ou monxa serei (Monfero).

Dentro deste tipo é habitual que se presuma que o lugar de destino estará determinado por aquel para onde o demandante vai casar, de novo formulado de xeito aberto (18) ou ofrecendo algunhas opcións de localización máis ou menos precisa (19). Con menor frecuencia, a adiviñación sobre o futuro inquire unicamente sobre o feito do casamento en si mesmo (20) ou a data (21): no primeiro caso, o voo interprétase como resposta positiva; no segundo, cómpre contar os anos.

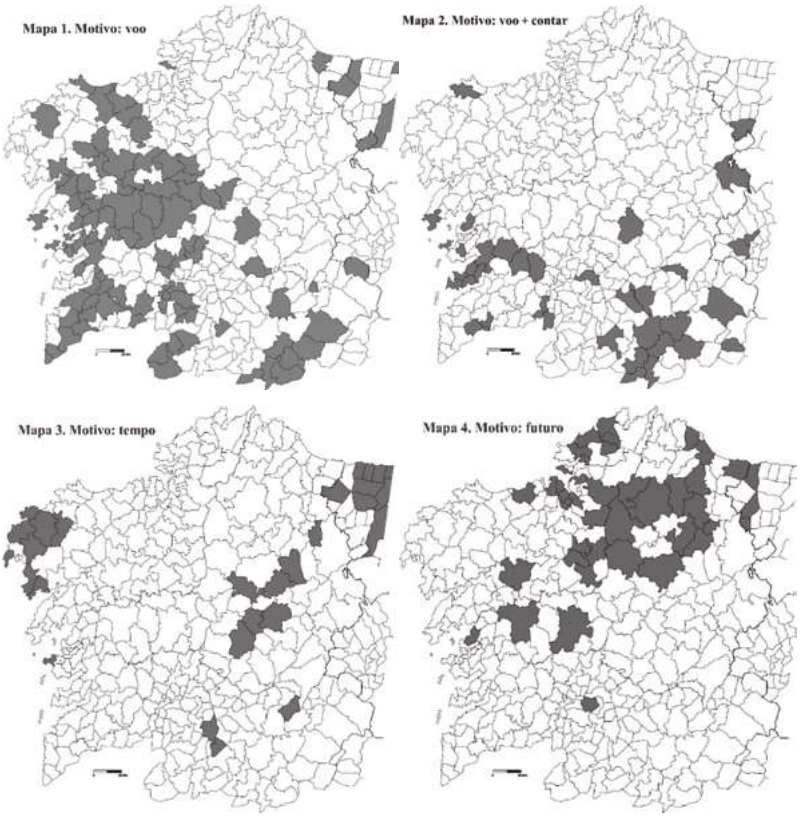
> Rei rei, pra que lado me casarei? (Cedeira).
>
> Reirrei, casarei?, pra onde collerei?: pra riba ou pra baixo, ou pra Castro de Rei? (A Pastoriza).
>
> Reirrei cando me casarei? Irei pó mar?, irei pá terra?, irei pó bico da serra? (Aranga).
>
> Reirrei, casarei?, non sei. (Guitiriz).
>
> Reirrei, ¿cando me eu casarei? (Boimorto).

Nun dos moitos blogs que documentan e divulgan aspectos da cultura tradicional de carácter local, recóllese outra mostra inequívoca do carácter benéfico e protector da xoaniña, neste caso en relación co gando[4]. Á hora de recoller o rabaño comunal no

[4] Incorporámola porque completa a nosa panorámica e confirma outras noticias bibliográficas que non tiñan rexistro no noso *corpus*. Informa Vicente Risco (1947, 383): "Es pecado matarla, porque pertenece a Dios, o bien a San Antonio". Lémbrese que este é o santo padroeiro que protexe o gando. A noticia procede dun informante de Anxeriz-Friol,

monte e levalo para as respectivas cortes, se faltaba algunha cabeza, o dono petaba no chan da veiga e invocaba a *pampurriña* dicindo "Pampurriña do pimpón, dime se me ha vir o gando á noite á casa ou non. e me vén ponte na man, se non estate no chan"; se as xoaniñas non lle subían á man, a cabeza de gando dábase por perdida.

Antecedentes bibliográficos e *corpus*



A *coccinella* non só esperta a simpatía do pobo e os seus afectos, xa desde a nenez. Desfrutou tamén da atención e aprecio

nacido en 1980. Disponible en: http://nocampodafeira.blogspot.com/2012/03/pampurrina.html.

dos estudosos desde as ciencias humanas, con certeza estimulados polas vellas querenzas infantís. Foi xa referida a contribución espléndida e temperá de Fermín Bouza-Brey (1948, 1950, 1953), que combina a perspectiva folclórica coa da variación léxica nas denominacións deste "coleóptero benefactor del agro, amor de nuestra infancia y minúscula joya de la Creación" (1953, p. 433); ten a importancia engadida de que parte dunha colleita de datos propia, realizada por el mesmo ou a través de colaboradores interesados, coñecedores *in situ* da cultura local. Tamén o traballo de Acuña; Garrosa (2001, 2006) se sitúa na perspectiva de correlacionar as crenzas populares e o léxico patrimonial; coma no caso anterior, achegan datos con referenciación xeográfica recompilados polos autores en traballo de campo con axuda dunha rede de colaboradores que cobre as catro provincias galegas. A xoaniña foi obxecto, ademais, de campañas rexionais específicas realizadas por investigadores que procuran recoller de xeito combinado o patrimonio natural e o léxico; entre elas, salientamos Reigada (2020), moi centrada na raia galegoportuguesa mais aberta a outros territorios, e Suárez Fernández (2018), que cobre en profundidade a área galegófona de Asturias.

No ámbito europeo a bibliografía arredor das denominacións da *coccinella* é amplísima. Destacamos dous traballos excepcionais, que tomamos como termos de referencia para a nosa contribución presente: os comentarios realizados por Manuela Barros Ferreira e Mario Alinei a partir das sínteses dos datos do *ALE* (1990) e os de Rita Caprini sobre as do *ALiR* (2019). Tamén comprende datos galegos a panorámica ibérica trazada por Pilar García Moutón (1987).

O propósito é estudar as denominacións da *coccinella* desde unha perspectiva xeolingüística, polo que a localización espacial das variantes é fundamental. Por iso, tomamos como *corpus* os datos compilados no *Tesouro do léxico patrimonial galego e*

portugués, que conta cun gran banco de datos achegados por un amplo repertorio de obras que documentan léxico patrimonial xeorreferenciado[5], visualizados sobre mapas. Con este motivo, arrequentamos o *corpus* previo non só cos datos de campo da bibliografía galega mencionada, senón tamén coas respostas a esta cuestión proporcionadas polo *Atlas Lingüístico Galego* (*ALGa*) e pola campaña 2021 do proxecto *DOA. Dialectoloxía cidadá*, ambos en curso no Instituto da Lingua Galega (ILG).

Denominacións galegas da *Coccinella*

A amplitude denominativa en galego é enorme. No dicionario da Real Academia Galega, ademais da forma culta *coccinela*, figuran nove voces tradicionais, e son só algunhas das máis comúns: *barrosiña*, *maruxiña*, *papasol*, *papoia*[6], *reirrei*, *voaniña*, *voíña*, *xoana* e *xoaniña*. No inventario tirado do noso *corpus*, en territorio galegófono contamos 119 lemas diferentes, establecidos de acordo cos criterios do *TLPGP*, que unifican baixo un *lema* variantes gráficas e fonéticas cognadas, pero non variantes morfolóxicas e formacións léxicas; isto é, *grosso modo*, o *TLPGP* agrupa {xoaniña, xuaniña, soaniña} baixo xoaniña ou {adiviñón, deviñón} baixo adiviñón pero mantén separados reiniña e reineta (diferentes sufixos), xoaniño e xoaniña (diferente xénero, non flexivo), xoaniña e xoaniña de deus (coas locucións como lemas complexos diferenciados). Se nunca tivésemos en conta a presenza dun morfema en orixe avaliativo nin a forma concreta deste, a cifra seguiría sendo moi alta, con 109

[5] http://ilg.usc.gal/tesouro/gl. En construción permanente. En maio de 2022 están volcadas 278 obras (Brasil 49, Galicia 138, Portugal 79, Galicia-Portugal 10, Galicia-Portugal-Brasil 2), que achegan 291.673 rexistros léxicos.

[6] Non documentada no noso *corpus* con este significado. Dos 9 rexistros, todos do ámbito da fauna, 3 refírense a outro insecto, unha pequena avelaíña que ataca os cereais (*TLPGP*: s.l. papoia). Tampouco figura entre as respostas do *ALPI*. A documentación é lexicográfica: en *DdD* (s.v. papoia), consta en Filgueira *et al*. (1926), Eladio Rodríguez (1958-1961) e Franco Grande (1972).

lemas; e, se prescindísemos de computar separadamente tanto as locucións formadas a partir dunha base común (tipo xoaniña e xoaniña de deus) coma os substantivos de xénero diferente (coma xoaniña e xoaniño), aínda contariamos con 82 unidades.

Naturalmente a frecuencia de uso oral e a difusión territorial son moi desiguais, como tamén o é a presenza na lingua escrita e a capacidade para expandirse fóra do seu ámbito xeográfico orixinario. Forman áreas, grandes e pequenas, que ao se complementaren compoñen un mosaico, no que, con todo, hai formas patrimoniais que se solapan. No Mapas nº 5 e nº 6 móstrase a distribución espacial das máis documentadas ou máis difundidas[7]; non inclúen o grupo formado por *mariquiña* e variantes asociadas (*-ita*, *-illa*, *-itiña*, *-itilla* etc.), de orixe castelá e ampla introdución moderna, que se superpoñen de modo xeral ás formas autóctonas[8].

No Mapa nº 5 percíbese ben que xoaniña (I) é a forma máis estendida; é tamén a que ao longo do século XX veu gañando máis terreo entre as xeracións que hoxe son de mediana idade e máis novas. O trazo vermello descontinuo marca a expansión producida desde as campañas do *ALPI* (1934-1935) e do *ALGa* (1974-1976)[9],

[7] Son todas citadas pola forma que consideramos *lema*, cos criterios anteditos seguidos no *TLPGP*; en § 5 e na táboa final mostramos as agrupacións realizadas. O *TLPGP* permite buscas como *lema* (forma de cita para un grupo de formas cognadas) ou como *variante* (cada forma cognada concreta entre as agrupadas baixo cada lema), de modo que as persoas interesadas sempre poidan localizar a secuencia que procuran, conforme a diferentes graos de interese na diferenciación. Isto é, poden documentar nas fontes e situar no mapa unha forma dialectal *reinía* recollida como "variante" ou atopala agrupada con outras variantes baixo o "lema" reiniña. Os castelanismos son lematizados baixo o cognado galego correspondente (*dios* baixo deus, *escarabajo* baixo escaravello, etc.).

[8] As formas do grupo *mariqu-* non se recollen en Galicia no traballo de campo do *ALPI* (1934-1935). Progresa nas xeracións máis novas e coexiste de modo xeral con, polo menos, outra voz autóctona. Practicamente non hai recitados que inclúan estas formas. Presentamos os datos no encontro *Espais de Frontera* (Barcelona, 8-10 de xuño de 2022), e esperamos que ese capítulo sexa publicado proximamente.

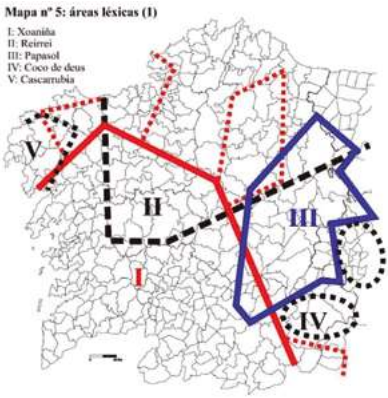
[9] Débese ter en conta que estes atlas, seguindo a metodoloxía tradicional, procuraron informantes de idade avanzada e por iso mostran sempre un estado de lingua máis conservador có do común da poboación coetánea, e có que mostran outros traballos de campo que recollen formas usadas por falantes de diferentes xeracións.

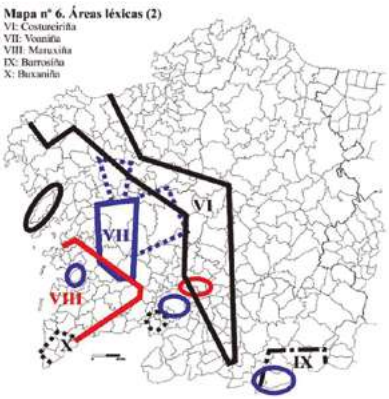
pola que se coloca como forma emerxente, secundaria aínda, ao norte e ao leste do espazo anterior. É por iso a variante que funciona como xeosinónimo de referencia no galego contemporáneo. Dentro desa área rexístrase *xoana*, dispersa sobre todo polo bordo norte; no extremo SW da provincia de Ourense, moi localizadas nunha pequena rexión raiana con Portugal, xoano e xoaniño.

No norte domina reirrei (II), cunha duplicación da base *rei* sen dúbida condicionada pola medida e ritmo dos recitados populares. A forma base, rei, existe dispersa polo territorio, sobre todo nas áreas mindoniense e asturiana; nalgúns dos cantares que a acompañan percíbese a repetición apelativa sen chegar a formar unha palabra composta. Na parte máis oriental da área léxica delimitada como II apenas se rexistra reirrei; nela son habituais rei e derivados con sufixos inicialmente avaliativos (reichiño, reichiña, reiniño, reiniña…). E, en toda a área, esporádicas, locucións como rei casarei, reirrei casarei e reirrei pagarei, que amplían o sintagma denominativo con parte do recitado, e outras co aditivo de deus (reichiño de d., reiniña de d., reicheliña de d.).

A terceira área en importancia é a de papasol (III), complementaria das dúas anteriores, que comprende gran parte de Lugo e penetra en Ourense e León. Alóngana e compáctana outras solucións compostas con *-sol* (catasol, siraosol, pitasol, patasol), a maioría de fonética semellante que permite conxecturar sobre unha orixe común.

Nos dous extremos, completan o mapa outras dúas áreas. Na IV, que ocupa parte de León e de Ourense, dominan coco de deus e coca de deus. A V, na Costa da Morte, moi compacta, está formada por cascarrubia.





A distribución xeolectal complétase coas áreas que recollemos no Mapa nº 6, máis reducidas ou menos compactas, que polo xeral comparten territorio con algunha das anteriores.

Costureiriña (VI) preséntase moi densa na terra de Bergantiños, no extremo norte dunha área que, con rexistros esporádicos, cruza Galicia en dirección sur; unha das informantes (Corme-Ponteceso) xustifica a motivación explicando que a avoa poñía a *costureiriña* na manga e dicíalle que ao moverse estaba "cosendo a roupa".

Voaniña (de deus) (VII) forma unha pequena área moi compacta no interior de Pontevedra, ao leste da depresión meridiana, que se continúa en puntos desagregados en dirección W e SE. A área amplíase cara ao norte e ao leste se agregamos as áreas de voíña e voíña voa, dando un argumento máis para a vinculación etimolóxica dos dous lemas[10].

[10] Gráfanse con *v-* e non con *b-* (*VOLGa*) na presunción de que todas se relacionan co verbo *voar*, a pesar das dificultades gramaticais para explicar o substantivo deverbal *voa*, base de *voíña*. Este tería explicación máis doada como substantivación do adxectivo *boa* → *boíña*. O feito de que *voaniña* e *voíña* compartan territorio, nunha pequena área compacta, aconsella vinculalas. Pola mesma razón, consideramos que o rexistro ocasional *avoíña*, nese mesmo espazo, debe ser interpretado como variante con *a-* protético ou aglutinación do artigo e non como creación de base *avoa*.

Nunha área do extremo suroccidental (pontevedresa, cunha extensión á capital de Ourense) atopamos maruxiña (VIII), outro nome de muller, a variante familiar de *María* máis estendida en Galicia (cf. español *mariquita* e as formas galegas relacionadas, *mariquiña*, *-ita*, *-illa*, *-itiña*, *-itilla*).

Barrosiña (IX) ocupa unha pequena área no sueste, raiana con Trás-os-Montes, coa mesma motivación de cor da *vaca barrosa*, tan característica destas terras e das rexións portuguesas veciñas.

Nunha pequena área descontinua no suroeste, tamén raiana, rexístrase buxaniña (X), relacionada con *buxa(i)na*, variantes documentadas nas dúas beiras do Miño para port. *mochena* e gal. *moxena* 'faísca'.

No abano formal é moi evidente a alta presenza de sufixos avaliativos, por veces correspondentes a distintas fases evolutivas do idioma (*-el-iñ-*, *-et-*, *-iñ-*), polo xeral xa lexicalizados. Tamén se advirte o dominio de formas femininas (61% dos lemas), visible tanto na abundancia deste xénero nas distintas clasificacións motivacionais –salvo no caso de *rei*– coma nos procesos de creación léxica por feminización (*coca de deus* ← coco, *reichiña* ← reicho, *martiñiña* ← sanmartiño, *belouriña* ← belouro...). Con todo, desde o punto de vista xeolectal, é de advertir que canto ao xénero destes lemas Galicia está partida por unha liña que a percorre desde NW (aprox., Caión-A Laracha) a SE, no límite oriental do territorio galegófono: no territorio nororiental, dominado por formas de base *rei* e compostos con *-sol* ou *coco*, dominan as formas masculinas, pero advírtense varios procesos de feminización; no territorio suroccidental dominan absolutamente as formas femininas, se ben nalgunhas áreas, particularmente no sueste ourensán, conviven con formacións de base masculina.

Motivacións e realizacións

Do mesmo xeito que é doado percibir que a natureza da promesa, admonición ou petición está moi condicionada pola rima, sexa coa forma denominativa sexa co entorno textual inmediato (*voa* / *broa*, *boa*, *Lisboa*, *Vilaboa*, *filloa*, *cebola*, *voda*, *nova*[11] …; *vacas* / *papas*; *-iño* / *zapatiños, viño*; *-iña* / *sardiña*; *-ín* / *molín, solín*; *rubia* / *chuvia*, etc.), tamén se advirte que as denominacións, na forma e no significado, están influídas por eses recitados tan coñecidos no noso folclore. É o caso, por exemplo, da duplicación REIRREI, do composto CASARREI (< casa do rei), da lexicalización de formas verbais (de futuro, CASAREI; do presente, quizais, VOÍÑA) ou de varios lemas complexos (REI CASAREI, REIRREI CASAREI, VOIÑA VOA).

Na imposibilidade de desenvolver adecuadamente no espazo deste artigo a análise motivacional e/ou etimolóxica das formas documentadas, limitámonos a ofrecer o repertorio clasificado, seguindo os modelos de inventario establecidos por Ferreira/ Alinei (1990) e Caprini (2019), adaptados á nosa circunstancia, co ánimo de facilitarmos o cotexo con outros dominios. De xeito convencional, usamos versaletas para os LEMAS e indicamos as *variantes* documentadas e agrupadas por nós baixo cada un deles. Posto que o sistema de clasificación adoptado non exclúe a pertenza a máis dun grupo, indicamos esta circunstancia por medio de remisións internas; por economía, non o facemos nos numerosos casos do especificador DE DEUS (*de dios*) (§ B.2.2). Nos casos puntuais en que xulgamos necesario explicar a clasificación ou expresar reticencias, facémolo en nota a rodapé. Para a localización territorial e referencia das fontes remitimos ao *TLPGP*.

[11] A rima non ten en conta o grao de abertura que opón as vogais medias /ˈo/ e /ˈɔ/.

Denominacións Zoomórficas

1. Animais silvestres que voan

1.1. Relacionadas con *voar*, como mensaxeira ou outras funcións: voaniña (voaniña, doaniña) e voaniña de deus (boniña de dios); voíña (avoíña, boíña, voíña, buíña) e voíña voa (voíña boa, vuíña voa) (§ A.1.2; cf. nota 10).

1.2. Usadas para a bolboreta ou a avelaíña, coa mesma forma ou co incremento do diminutivo: bolboreta (bolboreta, barboreta, polvoreta, polvoreta) e bolboreta de deus (polboreta de dios, polboretiña de dios); mariposiña (mariposiña, mariposa), mariposiña de deus (mariposiña de dios, mariposa de dios) e mariposita de deus (mariposita de dios); pamponiña (pamponiña, pomponiña) (§ A.2.2); pampurriña (pampurriña); paxariña de deus, paxariño de deus e paxareliña de deus (§ A.1.4); velairiña (buleiriña, boleiriña, aveleiriña); voíña (voa) (§ A.1.1).

1.3. Usadas para outros insectos (dípteros, himenópteros, coleópteros): mosca de deus (mosca de dios) e quizais mosquita rubia (mesquita rubia) (§ C.4.1)[12]; abellón (abellón); escaravello (escarabajo).

1.4. Aves de modo xenérico e paxaros: aveíña (aveíña) e aveliña (aveliña); paxariña de deus (paxariña de dios, paxaría de dios), paxareliña de deus (paxarelía de dios) e paxariño de deus (paxarín de dios) (§ A.1.2);

[12] *Mosquita* é tamén variante documentada para 'brasa moi pequena' en lugares compatibles co do noso rexistro (DdD: s.v. mosquita); esta é outra das motivacións de denominación da xoaniña (§ C.4.1). Incluímola neste grupo interpretando o adxectivo *rubia* como cualificativo que diferencia esta doutras posibles moscas e non como epíteto, o que non impide considerar que se producise un cambio entre a motivación orixinaria ('brasa') e a percepción do informante actual ('insecto voador').

ARAÍÑO (arín)[13]; CUCO REI (cuco rei, cucurrei); PAPIÑA RUBIA (papiña rubia, pepiña rubia, pepiña a rubia, paparrubia); PAPUXIÑA (papuxa) e PAPUXIÑA RUBIA (papuxiña rubia); REISEÑORITO (reiseñorito).

2. Outros animais pequenos

2.1. Xenéricas: BICHO (bicho), BICHO DO DEMO (bicho do demo) (§§ A.2.2, B.2.3), BICHIÑO DE DEUS (bichiño de dios) e BICHIÑO DO REI (bichiño do rei); COCO DE DEUS (coco de dios, coquiño de dios, cuquín de dios) e COCA DE DEUS (coca de dios, coquina de dios, cuquiña de dios); PAPARRACHIÑO (paparrachín, paparachín)[14].

2.2. Usadas para outros insectos e arácnidos: MARQUESA (marquesa) (§ B.1.5) e SANTATERESIÑA (santa teresiña) (§ B.2.1)[15]; PAMPONIÑA (pamponiña) (§ A.1.2) e BICHO DO DEMO (§§ A.2.1, B.2.3)[16]; CASCUDA DAS PATACAS (cascuda das patacas) (§ D.1.4); CARRACHIÑO DE DEUS (carrachín de dios).

2.3. Usadas para animais con cuncha, moluscos: CARAMECHIÑA (caramechiña); MARGARIDA (margarida, margarita).

3. Animais domesticados

3.1. Gando vacún e porcino: BOÍÑO DE DEUS (boíño de dios, boín de dios); VACARRUBIA (vacarrubia) (§ D.1.1); VAQUIÑA

[13] Diminutivo de *aro*, formas dialectais para *arao* → *araíño*, ave mariña.

[14] Lozano (2914, 157): "Este *paparracho* qu'entróu aiquí parece un escarabayo das bulleiras [se usa en general para cualquier insecto]" (Allande).

[15] *Marquesa* e *santateresa* son nomes da *Mantis religiosa* no sur de Galicia.

[16] *Pampona* denomina a bolboreta e un tipo de chincha de campo (zapateiro), vermella e negra, maior cá xoaniña, que tanto pode ser *Spilostethus pandurus* coma *Pyrrhocoris apterus*. Ten este mesmo significado *bicho do demo* nas proximidades do rexistro como *Coccinella*. Non se caracterizan polo seu voo, aínda que algúns individuos poidan voar.

DE DEUS (vaquiña de dios); PORQUIÑA (porquiña). Quizais BOUXIÑO DE DEUS[17] (§ C.2.1).

3.2. Aves de curral: GALIÑA DE DEUS (galiña de dios); PITA DE DEUS (pita de dios); PITASOL (pitasol) (§ C.3.1, D.2.1).

Denominacións Antropomórficas

1. Sociedade

1.1. Idades ou parentesco: meniña de deus (meniña de dios).

1.2. Apelativos cariñosos usuais nas relacións entre humanos: miña xoia (miñaxoia), xoíña (xoíña) (§ D.1.5); meu rei (meurrei) (§ B.1.4).

1.3. Oficios: costureiriña (costureiriña, custureiriña, costureira, custureira).

1.4. Estamento social de poder, masculino: rei (rei), meu rei (meurrei) (§ B.1.2), rei casarei (rei casarei) (§ D.2.4); reirrei (reirrei, reíño reis, ren-ren, arrenrén), reirrei casarei (reirrei casarei), reirrei pagarei (reirrei pagarei) (§ D.2.4); reichiño (reichín, renchín, reinchín, rinchín, ranchín, reicho, rincho), reichiño de deus (rinchín de dios); reiniño (reinín, reino); reizolín (reizulín)[18] (§ C.1.1); reiseñorito (§ A.1.4); casarrei (casarrei) (§ D.2.4); cuco rei (§ A.1.4); bichiño do rei (§ A.2.1).

1.5. Estamento social de poder, feminino: reiniña (reiniña, reina), reiniña de deus (reiniña de dios); reichiña

[17] *Bouxiño* é voz para chamar o becerro (A Mezquita) (*TLPGP*: s.l. bouxiño). Con todo, cremos máis acertado relacionalo por aférese co *carrabouxiño de deus*, rexistrado en lugares veciños.

[18] Semella composta de *rei* e unha das variantes para *orizó* nesta área (*arzolín*, *arzulín*, *marzulín*…) (*TLPGP*: s.l. ORIZOLÍN).

(ranchía), reicheliña de deus (ranchelía de dios); reineta (reineta); probablemente roiceíña (roiceíña)[19]; marquesa (§ A.2.2).

1.6. Persoas con autoridade ou predicamento no mundo das crenzas: adiviñón (adiviñón, deviñón); mariquiña do crego (mariquiña do crego) (§ B.3.1).

2. Mundo sobrenatural

2.1. Santos e santas: santiño de deus (santiño de deus); sanmartiño (sanmartiño, sanmartiniño); santateresiña (§ A.2.2).

2.2. A divindade, sempre no especificador: bichiño de deus (bichiño de dios), boíño de d. (boíño de dios, boín de dios), bolboreta de d. (polboreta de dios, polboretiña de dios), bouxiño de d. (bouxiño de dios), carrabouxiño de d. (carrabouxiño de dios, carabouxiño de dios, carraboixiño de dios), carrachiño de d. (carrachín de dios), coco de d. (coco de dios, coquiño de dios, cuquín de dios), coca de d. (coca de dios, coquina de dios, cuquiña de dios), galiña de d. (galiña de dios), mariposiña de d. (mariposiña de dios, mariposa de dios), mariposita de d. (mariposita de dios), mariquiña de d. (mariquiña de dios), mariquita de d. (mariquita de dios), mariquitiña de d. (mariquitiña de dios), meniña de d. (meniña de dios); mosca de d. (mosca de dios), paxareliña de d. (paxarelía de dios), paxariña de d. (paxariña de dios, paxaría de dios), paxariño de dios (paxarín de dios), pita de d. (pita de dios), reicheliña de d. (ranchelía de dios), reichiño de d. (rinchín de dios), reiniña de d. (reiniña de

[19] O dato é inseguro. Bouza-Brey (1953, p. 435) consigna *enaniña* en Ouviaño-Negueira de Muñiz; que alterna coa denominación *roiceíña* dedúceo do recitado: "Roiceíña, enaniña, ponte o manto e vai á misiña".

dios), rosiña de d. (rosiña de d.), sabeliña de d. (xaveliña de dios), santiño de d. (santiño de dios), vaquiña de d. (vaquiña de dios), voaniña de d. (boniña de dios), xoaniña de d. (xuaniña de dios, xoaniña de seus).

2.3. Outros seres: anxeliño (anxelín, angelín); bicho do demo (bicho do demo) (§§ A.2.1, A.2.2).

3. Seres sagrados laicizados

3.1. Antropónimos femininos: martiñiña (martiniña); maruxiña (maruxiña, maruxa), marica (marica), mariquilla (mariquilla), mariquiña (mariquiña), mariquiña de deus (mariquiña de dios), mariquiña do crego (mariquiña do crego) (§ B.1.6), mariquita (mariquita, mariquitra), mariquita de deus (mariquita de dios), mariquitilla (mariquitilla), mariquitiña (mariquitiña), mariquitiña de deus (mariquitiña de dios); sabeliña (xaveliña), sabeliña de deus (xaveliña de dios); teresiña (teresiña); xoana (xoana, xuana), xoaniña (xoaniña, joaninha, xoaninha, xuaniña. soaniña), xoaniña de deus (xuaniña de dios, xoaniña de seus). Podería pertencer ao mesmo grupo rosiña de deus (§ C.2.2).

3.2. Antropónimos masculinos: xoano (xoano, xuano, xoán), xoaniño (xoaniño, xoanciño).

Outros Elementos Naturais

1. Corpo humano

1.1. Partes arredondadas cara a fóra: papiña rubia (papiña rubia, pepiña rubia, pepiña a rubia, paparrubia) (§§ A.1.4, D.1.1); quizais papasol (papasol, papasolín)[20] (§ D.2.1).

[20] Semella máis verosímil a composición con *papar* 'tomar, comer'. Cf. *catasol*.

1.2. Pequenas inflamacións vermellas: orizolín (arzolín, arzulín, marzulín); sabañón (sabañón).

2. Vexetais

2.1. Excrecencia redondeada: carrabouxiño de deus (carrabouxiño de dios, carabouxiño de dios, carraboixiño de dios); probablemente bouxiño de deus (bouxiño de dios), por aférese (§ A.3.1).

2.2. Flor: rosiña de deus (rosiña de dios) (cf. B.3.1).

2.3. Froito: cereixiña (cereixiña).

3. Astros

3.1. O sol (acaso como vestixio dunha antiga deidade solar?, BOUZA-BREY, 1950, p. 9): catasol (catasol) (§ D.2.1), papasol (papasol, papasolín) (§§ C.1.1, D.2.1); patasol (patasol) (§ D.2.1); pitasol (pitasol) (§§ A.3.2, D.2.1); siraosol (siraosol) (§ D.2.1).

4. Elementos da natureza

4.1. Lume: buxaniña (buxaniña, bixaniña, bisaniña, bixana, mexaniña), buxaniño (bixaniño); quizais mosquita rubia (§§ A.1.3, D.1.1).

Características do Animal

1. Físicas

1.1. Cor: cascarrubia (cascarrubia) (§ D.1.4), mosquita rubia (§§ A.1.3, C.4.1), papiña rubia (§§ A.1.4, C.1.1), papuxiña rubia (§ A.1.4), vacarrubia (§ A.3.1); barrosiña (barrosiña, barrusiña), barrosiño (barrosiño, barroso).

1.2. Tamaño: ANANIÑA (enaniña).

1.3. Forma: CAZOLIÑA (cazoliña); BELOURIÑA (aveloiriña, balouriña); acaso PENONIÑA (penoniña, penona)[21].

1.4. Textura: CASCARRUBIA (cascarrubia) (§ D.1.1); CASCARRUDA (cascarruda); CASCUDA DAS PATACAS (§ A.2.2); CASCARILLA (cascarilla).

1.5. Fermosura: XOÍÑA (xoíña), MIÑA XOIA (miñaxoia) (§ B.1.2).

2. Comportamento

2.1. Hábitos, costumes: ANDARÍN (andarín); CORREVERÁS (correverás); CATASOL, PAPASOL, SIRAOSOL[22] (§ C.3.1); acaso, PITASOL (§ A.3.2, C.3.1)[23] e PATASOL (§ C.3.1).

2.2. Carácter, actitude: AMOROSIÑA (amorosiña).

2.3. Acción no xogo: CONTADEDOS (cortadeus).

2.4. Efectos do contacto: BOA SORTE (boa sorte), CASAREI (casarei), CASARREI (casarrei) (§ B.1.4), REI CASAREI (§ B.1.4), REIRREI PAGAREI (§ B.1.4).

Repertorio

Damos a seguir, a modo de índice, o repertorio denominativo ordenado formalmente por *lemas* (versaletas), con indicacións das variantes documentadas e agrupadas por nós baixo da un destes, de acordo cos criterios do TLPGP expostos máis arriba (minúscula redonda), e clasificado por motivacións, segundo a exposición feita no apartado anterior.

[21] Relacionado con *pena* e *penón*?

[22] A motivación de *siraosol* é escura. Non se trata dunha área con despalatalización de /ʃ/ nin existe este fenómeno nas proximidades. Con todo, semella inevitable relacionalo en primeira instancia con *xirar*.

[23] Redución de *pita do sol* ou de *pita ao sol*?

ABELLÓN	abellón	A.1.3
ADIVIÑÓN	adiviñón, deviñón	B.1.6
AMOROSIÑA	amorosiña	D.2.2
ANANIÑA	enaniña	D.1.2
ANDARÍN	andarín	D.2.1
ANXELIÑO	anxelín, angelín	B.2.3
ARAÍÑO	arín	A.1.4
AVEÍÑA	aveíña	A.1.4
AVELAÍÑA	aveliña	A.1.4
BARROSIÑA	barrosiña, barrusiña	D.1.1
BARROSIÑO	barrosiño, barroso	D.1.1
BELOURIÑA	balouriña, aveloiriña	D.1.3
BICHIÑO DE DEUS	bichiño de dios	A.2.1, B.2.2
BICHIÑO DO REI	bichiño do rei	A.2.1, B.1.4
BICHO	bicho	A.2.1
BICHO DO DEMO	bicho do demo	A.2.1, A.2.2, B.2.3
BOA SORTE	boa sorte	D.2.4
BOÍÑO DE DEUS	boíño de dios, boín de dios	A.3.1, B.2.2
BOLBORETA	bolboreta, barboreta, polvoreta, polvoreta	A.1.2
BOLBORETA DE DEUS	polboreta de dios, polboretiña de dios	A.1.2, B.2.2
BOUXIÑO DE DEUS	bouxiño de dios	A.3.1, B.2.2, C.2.1
BUXANIÑA	buxaniña, bixaniña, bisaniña, bixana, mexaniña	C.4.1
BUXANIÑO	bixaniño	C.4.1
CARAMECHIÑA	caramechiña	A.2.3
CARRABOUXIÑO DE DEUS	carrabouxiño de dios, carabouxiño de dios, carraboixiño de dios	B.2.2, C.2.1
CARRACHIÑO DE DEUS	carrachín de dios	A.2.2, B.2.2
CASAREI	casarei	D.2.4
CASARREI	casarrei	B.1.4, D.2.4
CASCARILLA	cascarilla	D.1.4
CASCARRUBIA	cascarrubia	D.1.1, D.1.4
CASCARRUDA	cascarruda	D.1.4
CASCUDA DAS PATACAS	cascuda das patacas	A.2.2, D.1.4
CATASOL	catasol	C.3.1, D.2.1
CAZOLIÑA	cazoliña	D.1.3
CEREIXIÑA	cereixiña	C.2.3
COCA DE DEUS	coca de dios, coquina de dios, cuquiña de dios	A.2.1, B.2.2
COCO DE DEUS	coco de dios, coquiño de dios, cuquín de dios	A.2.1, B.2.2
CONTADEDOS	cortadeus	D.2.3
CORREVERÁS	correverás	D.2.1

COSTUREIRIÑA	costureiriña, custureiriña, costureira, custureira	B.1.3
CUCO REI	cuco rei, cucurrei	A.1.4, B.1.4
ESCARAVELLO	escarabajo	A.1.3
GALIÑA DE DEUS	galiña de dios	A.3.2, B.2.2
MARGARIDA	margarida, margarita	A.2.3
MARICA	marica	B.3.1
MARIPOSIÑA	mariposiña, mariposa	A.1.2
MARIPOSIÑA DE DEUS	mariposiña de dios, mariposa de dios	A.1.2, B.2.2
MARIPOSITA DE DEUS	mariposita de dios	A.1.2, B.2.2
MARIQUILLA	mariquilla	B.3.1
MARIQUIÑA	mariquiña	B.3.1
MARIQUIÑA DE DEUS	mariquiña de dios	B.2.2, B.3.1
MARIQUIÑA DO CREGO	mariquiña do crego	B.1.6, B.3.1
MARIQUITA	mariquita, mariquitra	B.3.1
MARIQUITA DE DEUS	mariquita de dios	B.2.2, B.3.1
MARIQUITILLA	mariquitilla	B.3.1
MARIQUITIÑA	mariquitiña	B.3.1
MARIQUITIÑA DE DEUS	mariquitiña de dios	B.2.2, B.3.1
MARQUESA	marquesa	A.2.2, B.1.5
MARTIÑIÑA	martiniña	B.3.1
MARUXIÑA	maruxiña, maruxa	B.3.1
MENIÑA DE DEUS	meniña de dios	B.1.1, B.2.2
MEU REI	meurrei	B.1.2, B.1.4
MIÑA XOIA	miñaxoia	B.1.2, D.1.5
MOSCA DE DEUS	mosca de dios	A.1.3, B.2.2
MOSQUITA RUBIA	mesquita rubia	A.1.3, C.4.1, D.1.1
ORIZOLÍN	arzolín, arzulín, marzulín	C.1.1
PAMPONIÑA	pamponiña, pomponiña	A.1.2, A.2.2
PAMPURRIÑA	pampurriña	A.1.2
PAPARRACHIÑO	paparrachín, paparachín	A.2.1
PAPASOL	papasol, papasolín	C.1.1, C.3.1, D.2.1
PAPIÑA RUBIA	papiña rubia, pepiña rubia, pepiña a rubia, paparrubia	A.1.4, C.1.1, D.1.1
PAPUXIÑA	papuxa	A.1.4
PAPUXIÑA RUBIA	papuxiña rubia	A.1.4, D.1.1
PATASOL	patasol	C.3.1, D.2.1
PAXARELIÑA DE DEUS	paxarelía de dios	A.1.2, A.1.4, B.2.2
PAXARIÑA DE DEUS	paxariña de dios, paxaría de dios	A.1.2, A.1.4, B.2.2
PAXARIÑO DE DEUS	paxarín de dios	A.1.2, A.1.4, B.2.2
PENONIÑA	penoniña, penona	D.1.3
PITA DE DEUS	pita de dios	A.3.2, B.2.2
PITASOL	pitasol	A.3.2, C.3.1, D.2.1

PORQUIÑA	porquiña	A.3.1
rei	rei	B.1.4
REI CASAREI	rei casarei	B.1.4, D.2.4
REICHELIÑA DE DEUS	ranchelía de dios	B.1.5, B.2.2
REICHIÑA	ranchía	B.1.5
REICHIÑO	reichín, renchín, reinchín, rinchín, ranchín, reicho, rincho	B.1.4
REICHIÑO DE DEUS	rinchín de dios	B.1.4, B.2.2
REINETA	reineta	B.1.5
REINIÑA	reiniña, reina	B.1.5
REINIÑA DE DEUS	reiniña de dios	B.1.5, B.2.2
REINIÑO	reinín, reino	B.1.4
REIRREI	reirrei, reíño reis, ren-ren, arrenrén	B.1.4
REIRREI CASAREI	reirrei casarei	B.1.4, D.2.4
REIRREI PAGAREI	reirrei pagarei	B.1.4, D.2.4
REISEÑORITO	reiseñorito	A.1.4, B.1.4
REIZOLÍN	reizulín	B.1.4
ROICEÍÑA	roiceíña	B.1.5
ROSIÑA DE DEUS	rosiña de dios	B.2.2, B.3.1, C.2.2
SABAÑÓN	sabañón	C.1.1
SABELIÑA	xaveliña	B.3.1
SABELIÑA DE DEUS	xaveliña de dios	B.2.2, B.3.1
SANMARTIÑO	sanmartiño, sanmartiniño	B.2.1
SANTA TERESIÑA	santateresiña	A.2.2, B.2.1
SANTIÑO DE DEUS	santiño de dios	B.2.1, B.2.2
SIRAOSOL	siraosol	C.3.1, D.2.1
TERESIÑA	teresiña	B.3.1
VACARRUBIA	vacarrubia	A.3.1, D.1.1
VAQUIÑA DE DEUS	vaquiña de dios	A.3.1, B.2.2
VELAIRIÑA	buleiriña, boleiriña, aveleiriña	4.1.2
VOANIÑA	voaniña, doaniña	A.1.1
VOANIÑA DE DEUS	boniña de dios	A.1.1, B.2.2
VOÍÑA	avoíña, boíña, voíña, buíña	A.1.1, A.1.2
VOÍÑA VOA	voíña boa, vuíñavoa	A.1.1, A.1.2
XOANA	xoana, xuana	B.3.1
XOANIÑA	xoaniña, joaninha, xoaninha, xuaniña, soaniña	B.3.1
XOANIÑA DE DEUS	xuaniña de dios, xoaniña de seus	B.2.2, B.3.1
XOANIÑO	xoaniño, xoanciño	B.3.2
XOANO	xoano, xuano, xoán	B.3.2
XOÍÑA	xoíña	B.1.2, D.1.5

Referencias

ACUÑA TRABAZO, Ana; GARROSA GUDE, José Luis. Os nomes dos animais, das doenzas e doutros elementos relacionados coas crenzas en Galicia: estudo comparativo, **Culturas Populares**, en liña, maio/ago. 2006. Dispoñible en: http://hdl.handle.net/10017/19341.

ACUÑA TRABAZO, Ana; GARROSA GUDE, José Luis: Achegamento ó estudio comparativo dos nomes dos animais, das doenzas e doutros elementos relacionados coas crenzas en Galicia. *In*: REGUEIRA, Xosé Luís; VEIGA, Alexandre. **Da gramática ó diccionario**. Estudios de lingüística galega. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2001. p. 7-23.

ALGa = INSTITUTO DA LINGUA GALEGA. **Atlas Lingüístico Galego**. A Coruña / Santiago de Compostela: Fundación Barrié / Instituto da Lingua Galega, 1990-en curso. Dispoñible en: https://ilg.usc.es/es/proxectos/atlas-linguistico-gallego-alga.

BOUZA-BREY, Fermín. Nombres y tradiciones de la "Coccinella septempunctata" en Galicia. **Cuadernos de Estudios Gallegos**, v. 3, p. 367-392, 1948.

BOUZA-BREY, Fermín. Onomástica tradicional de la Coccinella en Asturias. **Revista de Letras**, v. XI, n. 1-2, p. 5-32, 1950.

BOUZA-BREY, Fermín. Nuevos nombres de la "Coccinella" en Galicia. **Cuadernos de Estudios Gallegos**, v. 8, p. 431-437, 1953.

CAPRINI, Rita. Les désignations romanes de la coccinelle. *In*: CARPITELLI, Elisabetta ; CONTINI, Michel (Orgs.). **Atlas Linguistique Roman**. v. II-c Commentaires. Alexandrie: Edizioni dell'Orso, 2019. p. 253-320.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José Antonio. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Madrid: Gredos, 1980-91.

DdD = SANTAMARINA, Antón (Org.). **Dicionario de dicionarios**. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, 2006. Dispoñible en: http://ilg.usc.gal/ddd/.

DOA = SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio (Org.). **Dialectoloxía cidadá**. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, 2020. Dispoñible en: http://ilg.usc.es/gl/proxectos/doa.

DRAG = REAL ACADEMIA GALEGA. **Dicionario da Real Academia Galega**. Disponible en: https://academia.gal/dicionario/. Acceso en: abr. 2022.

FERREIRA, Manuela Barros; ALINEI, Mario. Coccinelle. *In*: ALE. **Atlas Linguarum Europae**, I-4, cartes 42-44, commentaire XXX. Van Gorcum: Assen, 1990. p. 99-199.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Motivación en nombres de animales. **Lingüística Española Actual**, v. 9, p. 189-198, 1987.

LOZANO SOL, Marcelino. **Castaedo y Monón en poucas palabras**. Vocabulario y memoria viva. Oviedo: Trabe, 2014.

REIGADA, Xosé Ramón. Nomes vernáculos para as xoaniñas. *In*: VERIN NATURAL. **Unha visión universal da Humanidade, a Natureza e o Alén desde a bisbarra de Monterrei**. Dispoñible en: http://verin-natural.blogspot.com/. Acceso en: mar. 2020.

RISCO, Vicente. Creencias gallegas. Tradiciones referentes a algunos animales. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. 3, p. 161-188, 1947.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, Xosé Miguel. Rinchín (Coccinella septempunctata). *In*: HERBAS Y FLORIAS. **Un sito pra falar dos nomes en galego-asturiano das especies vexetales (y animales)**. 2018. Dispoñible en: https://herbasyflorias.wordpress.com/2018/05/26/rinchin-coccinella-septempunctata/. Acceso en: nov. 2021.

TLPGP = ÁLVAREZ, Rosario (Org.). **Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués**. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, 2014. Dispoñible en: http://ilg.usc.gal/tesouro/gl. Acceso en: maio 2022.

VOLGa = INSTITUTO DA LINGUA GALEGA; REAL ACADEMIA GALEGA. **Vocabulario ortográfico da lingua galega**. Coruña: Real Academia Galega, 2007. Dispoñible en: https://2012.academia.gal/recursos-volg.

LES DESIGNATIONS DE LA VRILLETTE DANS LES DOMAINES ITALO-ROMAN ET SARDE

Michel Contini
(Président honoraire du Projet AMPER)
contini37@yahoo.fr

Elisabetta Carpitelli
(Univ. Grenoble Alpes, CNRS, Grenoble INP, GIPSA-lab, 38000 Grenoble, France)
elisabetta.carpitelli@grenoble-inp.fr

Comportement de l'animal, représentations culturelles et taxinomies populaires

Le mot français *vrillette*, qui désigne de manière générale un "petit insecte rongeur du bois" (DHLF, sous *vrille*), est une dénomination vernaculaire utilisée pour désigner plusieurs espèces de petits coléoptères phytophages de la famille des Anobiides. Cette dernière, localisée surtout dans les régions à climat chaud, est représentée par environ 1200 espèces dans le monde, dont 90 en Italie; parmi ces dernières, 30 sont relevées en Sardaigne dont l'Anobium punctatum Deg. ou petite vrillette (PISANO; VIARENGO; PUDDU, 2003, p. 223), une espèce européenne particulièrement répandue (KLOTS, 1960, p. 131).

Nombreux membres de cette famille sont xylophages et se développent en creusant des galeries dans les bois anciens et secs, souvent ouvrés. Dans la période printanière et estivale, lorsque la métamorphose qui transforme les larves en exemplaires adultes a été accomplie, les insectes commencent à produire des appels sexuels en battant la tête ou les mandibules sur le sol des galeries qu'ils ont creusées. Ensuite, afin de chercher leurs partenaires, ils sortent à l'extérieur en pratiquant les trous de forme cylindrique d'où tombe la vermoulure: il s'agit de la poussière de bois que l'on reconnaît souvent dans ou à côté des meubles anciens, mais aussi du bois des portes, des fenêtres et des charpentes (KLOTS, 1960, p. 131; PISANO; VIARENGO; PUDDU, 2003, p. 223). Ces trous donnent l'impression d'avoir été pratiqués par une petite vrille, c'est-à-dire un outil en forme de tige métallique qui se termine par une vis (MULSANT; REY, 1864): cette métaphore justifie clairement le terme français utilisé dans le titre de notre contribution.

Les petits coups secs produits par le battement de la tête ou des mandibules dans les galeries ressemblent au tictaquer de l'horloge et sont souvent audibles par les êtres humains, parfois dans le silence de la nuit. Ils sont à l'origine de désignations vernaculaires très répandues en Europe, liées à la croyance selon laquelle la petite bête annoncerait ainsi l'arrivée de la mort ou bien l'impatience de cette dernière (SVERDRUP-THYGESON, 2019, 44-45). En français, par exemple, le TLFI (sous *vrillette* et sous *horloge*) atteste le composé *horloge de la mort* en tant que synonyme de *vrillette*, ce qui est confirmé par Rolland (1881, p. 368) qui précise en effet que "Quand cet insecte fait entendre dans les boiseries vermoulues, de petits coups secs, c'est un présage de mort". En revanche, d'après SÉBILLOT (1984 [1904-1906], p. 332), dans la Creuse, le bruit de la vrillette "précédait de quelques jours seulement le décès de celui qui l'entendait, ou […] il était fait par un défunt qui réclamait des messes". Dans les

langues germaniques, l'image de l'insecte qui annonce la mort est particulièrement bien présente. Comme l'explique BARTOLESCHI (2020, paragraphe 33), en norvégien et danois, le terme, utilisé surtout pour le *Xestobium rufovillosum* ou grande vrillette (CHINERY, 2012, p. 274), est *dødningur*, encore une fois "horloge de la mort", un calque probable dans ce cas sur les composants allemands *Toten* "morts" et *Uhr* "horloge"[1]. La même représentation se retrouve dans la dénomination anglaise *death-watch beetle*. En allemand, cette variété de coléoptère est appelée *Bunter Klopkäker*, c'est-à-dire "coléoptère frappeur bigarré" (LACLOS; BÜCHE, 2008, p. 3). Dans l'espace italo-roman, cette croyance, de nouveau bien attestée surtout pour le *Xestobium rufovillosum*, est présente par exemple en Lombardie, dans des désignations telles qu'*arlòi d'la mòrt et urelòc de la mòrt* (FERRARI, 2010, p. 18 et 142; DEI, v. 4, sous *orologio della morte*), mais aussi dans l'usage italien du XIXe siècle où l'on trouve *oriuolo della morte* (LESSONA; VALLE, 1874-1875). L'expression existe également en Sardaigne où l'aire septentrionale connaît la forme *ore'lodzu dɛ sa 'mɔrtɛ* (RUBATTU, 2006, IV, p. 2531) alors que dans l'aire campidanienne, plus au sud, l'imaginaire collectif relie les bruits produits par ce type d'insectes aux sons des cloches comme dans *is toccos de Santu Giuanni* "les sonneries de Saint Jean" (PISANO; VIARENGO; PUDDU, 2003, p. 223). Pour les dialectes de la Suisse romande, et notamment pour l'aire de Berne, le GPSR (v. 1, p. 556) atteste que l'anobie est appelée par le type lexical *araignée de la mort*.

LACLOS; BÜCHE (2008, p. 3) font remarquer que même dans les nomenclatures scientifiques des entomologistes, le *Xestobium rufovillosum* a pris des désignations qui renvoient à cette image:

[1] Bartoleschi (2020, paragraphe 33) fournit aussi une suggestion orientée vers une éventuelle remotivation à l'origine de ces mots germaniques: il pourrait s'agir du résultat d'une étymologie populaire, si l'on considère qu'une racine germanique *-hnōr*, utilisée pour former des agentifs, pourrait être à la base de *Totenuhr et dødningur*; dans ce cas, comme l'explique cet auteur, le sens des deux formes pourrait être interprété comme "quelqu'un ou quelque chose qui apporte la mort" plutôt que comme "horloge de la mort".

c'est le cas d'*Anobium fatidicum*, donc prophétique, qui prévoit l'avenir, nom attribué à cet exemplaire par Johann Friedrich Blumenbach parce que, selon la citation reportée par les deux auteurs, "ces coups sont comme le compte à rebours dont le terme est la fin de notre vie".

Une image analogue se retrouve dans les Alpes lombardes, où la vrillette, sans qu'on puisse préciser la variété d'anobie, prend le nom d'un outil, *martelìna* "petit marteau" pour renvoyer encore une fois au bruit rythmé émis par la petite bête; le même type lexical, chez les populations des Dolomites, renvoie au bruit du marteau qui, dans la nuit, évoque celui des clous plantés dans le cercueil (BRACCHI, 2009, p. 188). Cette représentation se retrouve également en Bretagne où l'insecte, sans qu'on se réfère à une variété particulière, est vu comme un "petit marteau de la mort" (SÉBILLOT, 1984 [1904-1906], p. 232).

À ces représentations s'ajoutent les témoignages de la lexicographie dialectale d'aire vénitienne qui relève des anthropomorphismes tels que *fratino* "petit moine", à Vérone, faisant référence à une attitude de l'insecte, connue aussi par les entomologistes, qui cache la tête dans le corselet comme s'il avait une capuche, et *compareto* "petit compère", donc un nom de parenté, à Venise et à Belluno (BECCARIA, 1995, p. 25, 79; GARBINI 1925, p. 1142).

Malgré ces traits de comportement qui rendent l'animal bien identifiable —et que certaines dénominations vernaculaires ont visiblement pris en compte— le *corpus* des données dialectales italo-romanes et sardes, attesté dans les atlas linguistiques nationaux, sur lequel nous avons fondé notre étude[2], témoigne

[2] Quelques incursions dans le domaine gallo-roman ou rhéto-roman seront liées à l'extension de l'espace couvert par les atlas linguistiques nationaux italiens.

surtout de noms génériques, désignant souvent d'autres insectes, y compris dans un même parler.

Comme c'est souvent le cas dans la méthodologie des enquêtes dialectales d'atlas, la question 6088 de l'ALI, principale source de cette étude[3], est très vague ou très large: "*Peccato che c'è entrato il tarlo*"[4]. Quant aux réponses fournies par les locuteurs, on a parfois le soupçon qu'elles ne désignent pas seulement (ou forcément?) la vrillette. Il suffit de comparer les données de l'ALI, reportées dans la carte onomasiologique interprétative n. 1 (dorénavant carte n. 1) à la fin de l'article, avec celles de la carte 482 de l'AIS pour la mite[5], que nous avons reportées sur la carte onomasiologique interprétative n. 2 (dorénavant carte n. 2), à la fin de cet article, pour vérifier d'éventuelles homonymies. Cette situation n'est pas surprenante pour les dialectologues ou d'autres spécialistes de cultures orales habitués à observer ce phénomène en phytonymie et zoonymie vernaculaire: des plantes ou des animaux, dont les biologistes soulignent les différences, sont souvent considérés comme similaires par une communauté linguistique sur la base de certains de leurs traits spécifiques qui semblent comparables, tels que leurs activités, leurs comportements, l'utilisation que l'homme peut en faire, et parfois même des caractères physiques[6]. Dans le

[3] Nos données sont tirées essentiellement des enquêtes de l'Atlante Linguistico Italiano: nous remercions les collègues Lorenzo Massobrio et Matteo Rivoira, Professeurs à Université de Turin et directeurs de cette entreprise, ainsi que leur équipe, pour nous avoir permis d'utiliser ces données encore inédites.

[4] "Dommage que la vrillette y soit rentrée" (Traduction par les auteurs de ce texte).

[5] L'AIS n'a pas une carte complète pour la vrillette: il n'y a que quelques données complémentaires dans la carte 482.

[6] Un exemple peut être montré par "l'extension sémantique du terme cuca, qui désigne en Gascogne des animaux aussi différents que le ver blanc du hanneton, la rainette, le ver de terre, la chenille, le hanneton, la vipère, l'orvet, la courtilière, le crapaud etc. Tous ces animaux ont en commun d'être des bêtes de petite taille." (ALBERT-LLORCA, 1991, p. 86); nous renvoyons également aux volumes 2a, 2b et 2c de l'ALiR pour de nombreux exemples illustrant cette problématique que nous reprendrons dans les conclusions de cet article.

cas des vrillettes, la difficulté d'en distinguer clairement plusieurs variétés peut concerner aussi les taxinomies des entomologistes:

> La première difficulté que rencontre l'entomologiste désireux de s'intéresser aux Vrillettes est de reconnaître avec certitude les membres de la famille. En effet, les Vrillettes ne possèdent aucune caractéristique commune qui puisse être appréhendée au premier coup d'œil (LACLOS; BÜCHE, 2008, p. 3).

Dans le cadre des représentations populaires qui filtrent à travers les mots dialectaux, la vrillette et la mite, bien connues pour leur activité nuisible lorsqu'elles s'attaquent au bois, aux vêtements ou aux peaux, sont souvent désignées par les mêmes noms. Le fait qu'une vrillette puisse avoir aussi le même nom qu'un pou ou un autre petit insecte, comme le papillon, peut parfois se justifier facilement. En sarde, par exemple, le mot [kala'ɣazu] (littéralement "jette (du) fromage") peut désigner la vrillette et le papillon: dans les deux cas, l'élément motivant sera la poussière de bois produite par la première ou la "poussière" des ailes du second, assimilées au fromage (CONTINI, 2009). Mais dans d'autres cas, la polysémie et les homonymies peuvent être tellement plus larges que leur motivation peut échapper. À titre d'exemple, le mot génois *cámoa*, qui sera traité ci-après, peut désigner à la fois la vrillette, la mite, le ver des fruits, la bruche des céréales, le bouton de la variole et la carie des dents (FRISONI, 1910, p. 62; voir aussi GARBINI, 1925, p. 335-339).

Dans cette contribution, nous nous limitons à aborder un premier traitement onomasiologique et géolinguistique à partir de données atlantographiques des aires italo-romane et sarde partiellement inexploitées pour ces insectes, car, nous le rappelons, les réponses de l'ALI sont encore inédites. Nous n'approfondirons donc pas les problématiques concernant la structure des taxinomies populaires qui émergent clairement dans le traitement de procédés de dénominations d'insectes de ce type. Pour aborder de manière

efficace et productive cette question, nous devrions étendre notre analyse à une littérature plus vaste incluant au moins les attestations de la lexicographie dialectale ainsi que les résultats d'éventuelles autres enquêtes de terrain ayant comme objet un éventail plus ample d'insectes. En outre, il nous semble important de souligner qu'une partie des types lexicaux que les données examinées ont permis d'extraire devrait être examinée de manière approfondie à la lumière des travaux, désormais nombreux, sur les classifications des insectes émergeant des dialectes romans. Ces recherches ont notamment traité le rôle central des désignations renvoyant à un concept vaste comme "forme de vie" ou à des génériques couvrant un ensemble très vaste d'animaux (et pas seulement des insectes ou des arachnides) tels que *ver, baco, bega, cuc* etc. dans différentes variétés romanes; certaines de ces formes, présentes dans notre *corpus*, sont même au centre de l'organisation globale de la nomenclature des insectes dans les variétés dialectales.

Les classements et les noms des insectes constituent une problématique en elle-même dans celle, plus générale, des taxinomies populaires:

> Gli insetti, [...] se si escludono le api o il baco da seta, i cui impieghi pratici sono direttamente visibili, non hanno un utilizzo immediato o diretto, se non quello di favorire la diffusione di specie botaniche e l'impollinazione che però non sono effetti direttamente visibili. D'altro canto però essi sono al centro di molte credenze, sono soggetto per filastrocche e detti, sono legati a pratiche magico-religiose, hanno cioè una grande rilevanza nella cultura popolare. Lessicalmente poi presentano numerosi problemi che, in parte, sono simili a quelli riscontrati anche per le classificazioni biologiche. (MADDALON, 2003b, 135)[7]

[7] Les insectes, [...] à l'exception des abeilles ou du ver à soie, dont les utilisations pratiques sont directement visibles, n'ont aucune utilité immédiate ou directe autre que celle de favoriser la diffusion des espèces botaniques et la pollinisation. En revanche, ils sont au centre de nombreuses croyances, ils font l'objet de comptines et de dictons, ils sont liés à des pratiques magico-religieuses, c'est-à-dire qu'ils ont une grande importance dans la culture populaire. Sur le plan lexical, elles présentent donc de nombreux problèmes

Analyse lexicale des désignations de la vrillette d'après l'ALI

Mises à part quelques formes isolées ou la situation particulière du domaine sarde, dont le réseau d'enquête, particulièrement dense, révèle souvent une plus grande variété lexicale, les désignations de la vrillette dans les espaces italo-roman et sarde présentent une quadripartition aréale dominante comme cela est montré par la carte n. 1: dans celle-ci, figure la diffusion des types principaux, mais également des réponses isolées ou peu répandues qui ont été réunies sous l'entrée "Autres formes". Ces dernières seront lemmatisées soit par un type lexical, lorsqu'une entrée d'un dictionnaire de référence permet d'extraire un lemme, soit par une forme en transcription phonétique si elle n'est pas répertoriée dans la lexicographie de référence.

Les principaux types lexicaux de la carte n. 1 sont polysémiques: ils désignent, dans le même point ou dans la même aire, plusieurs petites bêtes, il sont synchroniquement opaque et font même l'objet, dans certains cas, de traitements étymologiques controversés. Pour cette raison, ces génériques ne pourront être examinés dans le cadre d'une approche motivationnelle telle que nous l'abordons dans l'ALiR, alors que certaines formes isolées que nous illustrerons dans un second temps, se prêtent mieux à ce genre d'analyse.

Une précision doit être faite aussi quant au genre grammatical des types répertoriés, puisque, notamment pour ce qui concerne ces génériques, une grande oscillation entre masculins et féminins est observable grâce à la présence de l'article dans les réponses. Malgré l'intérêt et la pertinence de cette question, nous avons décidé d'organiser ici nos données en ne tenant compte pour l'instant que d'un premier niveau de lemmatisation en nous concentrant d'un

qui, en partie, sont similaires à ceux rencontrés également avec les classifications biologiques. (Traduction par les auteurs du texte)

point de vue onomasiologique sur des macro-classes lexicales et ainsi éviter également de complexifier la cartographie.

Nous avons également négligé les différences au niveau de la morphologie dérivationnelle, bien que sans doute la présence de certains suffixes puisse servir à différencier des usages, en particulier lorsque la base correspond à un générique qui se réfère à plusieurs insectes différents.

Type lexical *càmola*

Deux variétés, d'extension inégale, se partagent la majeure partie de l'espace dialectal du nord de l'Italie. À l'ouest, l'aire homogène du type *càmola*, avec de nombreuses variantes phonétiques, s'étend sur une vaste aire du Piémont et de la Ligurie, en incluant l'arc alpin, d'Aoste à Nice (FEW, 2/1, 163b). Vers le nord-est, quelques attestations, isolées se retrouvent en Lombardie (p. 102, 107, 117)[8] et dans le ladin des Dolomites (p. 220) où le mot désigne aussi la mite, comme nous le verrons plus tard (cette donnée est confirmée aussi par DE ROSSI, 1999, sous ['ʧalpa] ou ['ʧaspa][9]). Au sud, l'aire de *càmola* se prolonge en Émilie (p. 402, 404, 406, 427, 428, 430) et dans l'Italie méridionale, le type est dominant en Sicile, bien présent dans la Basilicate (p. 903, 908, 909, 916, 917), au sud de la Calabre (p. 945, 954, 965) et, exceptionnellement, en Campanie (p. 874) et dans les Pouilles (p. 842).

La question de l'origine du mot *càmola*, qui demeure incertaine et controversée, a été bien résumée par Varvaro (2014, sous *cámula*). Nous ne reproduisons ici que les propositions

[8] Dans le traitement présenté tout au long de cet article, l'abréviation P. correspond à "point d'enquête".

[9] Les formes citées par cet auteur utilisent une transcription phonétique Ascoli-Böhmer-Merlo: nous avons donc préféré les retranscrire en API pour en rendre la lecture accessible à un public plus vaste. Voir aussi note n. 11.

principales des étymologistes pris en compte par cet auteur et renvoyons à son article de dictionnaire pour le détail des très nombreux documents qu'il a consultés (cependant, nous ajouterons quelques compléments d'information lexicographique):

a) origine latine, à partir de la base adjectivale CAMŬRA, féminin de CAMŬRUS "courbé" (une forme que le DELL, sous *camurus/camur*, *-a*, *-um*, considère d'usage rare et technique, avec référence aux cornes des bœufs), un calque sur le grec κάμπη "chenille", que nous reprendrons aussi dans le paragraphe 4.2, reconduit à son tour à καμπή "courbure";

b) croisement entre les mots latins CARIĒS "carie" et TARMULUS, ce dernier dérivé d'un mot masculin TARMES, attesté depuis Plaute (DELL, sous *tarmes*), que Paul Diacre emploie pour les vers de la viande (OLD, sous *tarmes*);

c) origine gallo-italienne, héritée d'un substrat plus ancien: cette hypothèse tient compte de la distribution aréale de ce type lexical dans tous les signifiés répertoriés, que l'on peut compléter avec *cámula* "vrillette" relevée par CASU (2002) dans le sarde logoudorien, sans localisation précise, avec la *ggámura* du sassarien pour "mite", selon ESPA (1999) et CABRAS (2003) (voir aussi notre carte n. 2), et les attestations corses (FALCUCCI 1981, Appendice, sous *càmula* et la BDLC pour "mite"), toutes formes que le DES (v. 1, 278) considère d'origine ligurienne ou piémontaise. Toujours en Sardaigne, la forme génoise ['kamwa] désigne la vrillette (voir carte n. 1, p. 790) et la mite dans l'îlot alloglotte génois de

Carloforte (tabarquin), où MARCIALIS (1910, p. 26), avec les mêmes signifiés, avait déjà relevé *cannua* ainsi que *cannula* à Bosa, le p. 775 de l'ALI pour lequel l'atlas ne donne aucune réponse; nous reprendrons ces deux variantes pour une comparaison avec la forme opaque [ka'nnedda] d'un point dans les Pouilles;

d) origine arabe: la forme à la base de *càmola* pourrait être qamla "petit insecte, pou" de l'Egypte, de Lybie (*gämla*) ou de l'île de Malte; dans ce cas, la diffusion du mot aurait pu avoir lieu lors des échanges commerciaux des étoffes orientales —mais il s'agirait dans ce cas de la désignation de la mite— à partir des villes portuaires de l'Italie, et de Gênes en particulier, vers le nord-ouest du Pays, mais peut-être aussi de Marseille, vers la France méridionale. Le mot *càmoula* "ténébrion, ver de la farine, coléoptère" est attesté en effet dans les Alpes Maritimes, en nissart (EINAUDI; CAPPATTI, 1931-1932, sous *càmoula*), à Sainte-Agnès (THESOC, sous l'entrée *chenille*) et en provençal (HONNORAT, 1846, v. 1, sous *càmoula* "teigne, insecte"; LEVY 1894, v.1, sous *càmola* "ver du bois"; ALP, carte 1019 "mite", aux p. 35, 36, 40, 49, 53, 60, situés entre les territoires au nord de la Durance et le nord des Alpes de Haute Provence). Le type arrive même jusqu'au domaine francoprovençal de France (FEW, 2/1, 163b; ALJA, cartes 1028 "mite" et 576 "vrillette" qui le montrent aux p. 64 Bessans en Haute Maurienne et 84 Giaglione, du côté piémontais). Varvaro (2014, sous *cámula*, p. 167), qui considère comme possible l'idée d'une base gallo-italienne irradiée vers le sud, est moins convaincu par l'hypothèse d'un arabisme:

> Non si vede però come mai la penetrazione nell'Italia padana abbia raggiunto il retorom[anzo] senza passare le Alpi e giungere al ted[esco], come mai l'area lombarda sembri un residuo di un'area maggiore, ridotta dall'irradiazione di 'tarma' da Venezia e Bologna, come mai un termine commerciale non penetri in Francia dai porti mediterranei; anche in Toscana, 'camola' pis[ano] e corso sembra un'area residuale. Sembra dunque che si tratti in effetti di voce it[aliana] sett[entrionale] occ[itana] e forse ant[ica] tosc[ana], che nel sud è venuta con i galloit[alici], come vuole Rohlfs [...]. La coincidenza con ar[abo] *qamla* è singolare (e si vorrebbero informazioni sull'area e l'etimo della voce ar[aba]), ma non è l'unico caso del genere né va taciuto che una cosa è la tarma (o il tarlo), altra il pidocchio: si noti che anche il malt[ese] ha il senso ar[abo] per *qamla* distinto da quello sic[iliano] per *kamla*.[10]

La dernière objection de cet auteur ne nous semble pas probante puisque, comme nous l'avons déjà souligné, l'homonymie ou la polysémie peuvent se fonder sur un trait motivant commun, à savoir l'activité, nuisible pour l'homme, de ces petites bêtes. Il est étrange, en revanche, que la diffusion de l'éventuel arabisme ne semble pas avoir intéressé une ville comme Venise dont l'activité commerciale avec le monde méditerranéen, en grande partie arabophone, est historiquement bien connue.

Pour ce qui concerne la datation de ce type lexical en Sicile, dans le même article, l'auteur mentionne une première attestation, désignant clairement la mite, dans un texte en latin, le *Declarus*

[10] Cependant, on ne voit pas pourquoi la pénétration dans l'Italie de la plaine du Pô atteint le rhétoroman sans traverser les Alpes et atteindre l'allemand, pourquoi la zone lombarde semble être un vestige d'une zone plus vaste, réduite par l'irradiation de 'tarma' de Venise et de Bologne, pourquoi un terme commercial ne pénètre pas en France à partir des ports méditerranéens; même en Toscane, "camola" pisan et corse semble être une zone résiduelle. Il semble donc qu'il s'agisse en fait d'une voix toscane occidentale et peut-être antécédente, qui dans le sud est venue avec le gallo-italiques, comme le veut Rohlfs [...]. La coïncidence avec l'arabe *qamla* est singulière (et on aimerait avoir des informations sur la région et l'étymon de l'entrée arabe), mais ce n'est pas le seul cas de ce genre, et il ne faut pas oublier qu'une mite (ou un ver du bois) est une chose, un pou une autre: notez que le maltais a aussi le sens arabe pour *qamla*, distinct du sens sicilien pour *kamla*. (Traduction par les auteurs du texte)

d'Angelo Sinisio de 1373 (alors que le TLIO rétrodate à 1348), mais il parle aussi de l'occurrence des verbes *incamulari* et *camulari* "se vermouler" dans des textes en latin datés respectivement de 1145 et 1252, qui auraient donc précédé d'un ou deux siècles l'apparition du substantif, ce qui paraît étrange. Seul un document de 1721 fait état d'un "vermicello che rode il legname, tarlo; vermicello tra i pannilani; tignola" (un "petit ver qui ronge le bois, vrillette; vermisseau dans les vêtements; mite") et donc symultanément des deux référents les plus fréquents pour le sicilien *càmula*.

La polysémie de *càmola* peut être partiellement appréhendée grâce aussi à la carte sémasiologique que nous avons élaborée à partir des données de l'AIS (carte n. 3). Parfois, il ne s'agit que de réponses reportées dans les marges, ou compléments, des cartes; il s'agit des données relatives à la larve du hanneton (complément de la carte 471 "dormiglione"), à la chenille (carte 481 "bruco"), à la mite (carte 482 et complément) et à la courtilière (carte 467 "grillotalpa"). Les données disponibles sont malheureusement concentrées dans une partie de l'Italie septentrionale où le sens de "mite", qui arrive vers le nord jusqu'au domaine romanche, est dominant et les autres, par rapport à celui-ci, apparaissent comme périphériques.

Type lexical *cariòlo*

À l'est de l'aire de distribution plus dense de *càmola*, un espace deux fois plus étendu que le précédent, plus compact, connaît des variantes d'un type lexical *cariòlo*. Il couvre la majeure partie de la Lombardie, une région piémontaise à l'est des provinces de Novara et de Vercelli, la Vénétie, le domaine ladin, le Frioul. Au sud, elle est délimitée par le fleuve Pô qu'elle franchit pour gagner la petite aire lombarde de la Province de Pavie (*Oltre-Po pavese*), avec un prolongement vers l'Émilie (province de Plaisance). La

forme vénitienne [kari'ɔl] et les variantes phonétiques lombardes [ka'rjøl], [ka'jøl], [ka'rjø], [kaj̯'rø][11], ainsi que l'adjectif calabrais *caruliatu* "vermoulu" (DEI, sous *cariòlo*), dans l'extrême sud de la péninsule, continuent le latin *CARIOLUS, diminutif du bas latin CARIUS "vrillette" attesté dans des gloses, qui peut être rapproché de CARIĒS "carie, pourriture". Le napolitain *càrula* "carie, vrillette" pourrait être un croisement avec *càmola* (DEI, sous *cariòlo*). À une base latine vulgaire *CARIA renvoient aussi les formes cera "vrillette du fromage" de l'Engadine, *càira* "mite" de l'Irpinie en Campanie et *cària* "malheur", une désignation calabraise figurée (DEI, sous *càrie*).

Type lexical *tarlo*

Une troisième aire, la plus vaste, s'étend sans discontinuité, du cours du Pô aux régions méridionales de l'Italie: elle est occupée par le type *tarlo*, avec d'innombrables variantes phonétiques attestées dans l'ALI, que nous pouvons typiser comme *tàralu*, *tàrralu*, *tàrrula*, dominant incontesté la majeure partie de l'Émilie, la Toscane, les Marches, l'Ombrie, le Latium, les Abruzzes, le Molise, la Campanie et une partie des Pouilles. Des points clairsemés se retrouvent aussi en Calabre et en Sardaigne. La large diffusion de ce type lexical est liée, sans doute, à l'emploi du mot *tarlo* de la langue nationale.

L'origine du mot, attesté pour la première fois en 1271 à Venise, demeure incertaine. En supposant une diffusion à partir du Nord, il pourrait remonter au lat. *TARMULUS, diminutif de TARMUS, attesté dans des gloses pour TARMES, ce dernier déjà

[11] Pour rendre la lecture plus aisée, nous présentons les données de l'ALI en transcription API plutôt que dans le système "che integra soluzioni proprie al modello Ascoli-Böhmer e altre desunte da quello usato da Merlo per L'Italia Dialettale" (ROMANO *et al*., 2018). Dans notre transcription, nous avons introduit une petite modification par rapport aux usages de l'API puisque la fricative post-dentale sonore sera transcrite avec le graphème [ð] selon l'usage d'une partie des travaux de phonétique sur les parlers sardes. Voir aussi note n. 9.

mentionné à propos de *càmola*. Une forme *TARULUS, qui serait à la base de certaines formes méridionales et sardes (calabrais septentrional *tàrulu*, sarde *tàralu*,), trouverait son origine dans un croisement entre TARMUS et VARULUS "petit bouton sur la peau", conservé dans le calabrais *vàrulu* "vrillette" (DEI, sous *tarlo*).

Type lexical *verme*

Une quatrième aire, discontinue, connaît un type lexical générique *verme* "ver", aboutissement du lat. VERMIS, qui peut désigner des invertébrés, des annélides, des parasites du corps des animaux et de l'homme, des larves d'insectes (DEI, sous *verme*). Le sarde [su ˈɛrmɛnɛ] (ALI, p. 745) est rattaché plutôt à la forme latine VERMINEM. Les données de l'ALI l'attestent pour "vrillette" surtout dans la Basilicate, en Calabre, en Sardaigne et dans une région du centre et du sud-est de la Sicile, comme le montre notre carte n. 1.

Autres désignations géographiquement moins étendues

En dehors de ces aires majeures, les données de l'ALI révèlent de désignations constituant de petits regroupements ou parfois des formes isolées.

Type lexical *tarma*

Les formes rattachées à ce type, dont l'étymologie a été reportée à propos de *càmola* et *tarlo*, sont surtout présentes, comme désignation de la vrillette, dans deux petites aires au centre de l'Émilie, au sud du Pô, et dans le nord-ouest de la Toscane. Sa diffusion semble avoir été contenue par les formes dominantes de *cariòl*, au nord du Pô, et du type *tarlo* au sud du même fleuve. Des formes isolées apparaissent surtout au nord du Pô, à l'intérieur

de l'aire de *cariòl*, et en Toscane: elles pourraient traduire une influence récente de la forme italienne *tarlo*. La carte n. 2, montre que *tarma* présente au nord une aire de dispersion très vaste, couvrant presque entièrement celle du type *cariòl* "vrillette" et, dans le centre de l'Émilie et de la Toscane, celle du type *tarlo*. Cette distribution aréale semble indiquer que dans ces dernières régions la vrillette et la mite ont des désignations distinctes, alors que la macro aire de *càmola*, très semblable pour les deux référents, fait émerger une plus grande polysémie de cette désignation. Le même constat peut être fait pour la vaste zone compacte du type *tarlo* "vrillette" révélée par les enquêtes de l'ALI, couverte en grande partie par celle de *tignòla*, *tigna* "mite", et, dans une moindre mesure, par la zone de *verme* "vrillette" de l'Italie méridionale, de la Sicile et de la Sardaigne, régions qui connaissent d'autres désignations de la mite (carte n. 2).

Type lexical *tignòla*

Les formes rattachées à cette famille lexicale sont reconduites à la base étymologique tardo-latine TINEOLA, documentée chez Végèce au IVe siècle, qui est un dérivé de TINEA (DEI, sous *tign(u)òla*), une désignation générique utilisée pour n'importe quelle espèce "de ver ou de mites, vers des arbres, des fruits, chenille, larve, pou, vermine, etc." (DELL, sous *tinea*). En italien aussi, *tignòla* est employé comme générique pour désigner tous les petits lépidoptères qui vivent dans les maisons ou dans les entrepôts où leurs larves peuvent se nourrir de produits alimentaires, papier, tissus etc. La carte n. 1 en montre la présence, pour la vrillette, à deux endroits éloignés, situés presque symétriquement sur les deux côtes tyrrhénienne et adriatique, alors que la carte n. 2, pour la mite, en donne une diffusion plus importante, comme cela était attendu. En effet, avec ce signifié, le

lemme occupe surtout la Toscane, où la superposition entre usages de la langue nationale et des variétés locales est bien évidemment fréquente, compte tenu de l'histoire de l'italien. Ailleurs, sa diffusion atteint, vers le nord, de manière isolée, les côtes de la Romagne, et vers le sud, se propage dans la partie septentrionale du Latium; d'autres réponses de ce type émergent, toujours de manière isolée, au nord des Pouilles, mais aussi de la Calabre et au sud de la Campanie: ces attestations constituent l'extrémité de l'aire plus compacte de la variante élargie *tignaròla* occupant une grande partie de la Basilicate. Un dernier point isolé est dans le nord de la Sardaigne, à Tempio (AIS p. 916), mais il continue en Corse où il est majoritaire (BDLC, sous *mite*).

Type lexical *BEGA*

L'ALI, comme la carte n. 1 le montre, relève les désignations rattachées à cette famille lexicale en Émilie et en Ligurie où se trouvent aussi des variantes de genre masculin telles que ['bigo] (ALI, p. 82), [u 'beiĝu] (ALI, p. 86) ou [al 'beiĝ] (ALI, p. 429).

Du point de vue étymologique, une fois de plus, l'origine est controversée et extrêmement complexe. Elle a été partiellement résumée par les rédacteurs du LEI (5, 885-887) qui ont décidé de regrouper ces formes avec d'autres, et notamment celles qui désignent des êtres qui font peur, sous une entrée consacrée aux radicaux phonosymboliques **bek-*, **bak-*, **bik-*, **buk-*. Voici les différentes autres hypothèses avancées pour cette famille lexicale:

a) une base latine BOMBYX/*BOMBAX "ver à soie", déjà prise en compte par BOTTIGLIONI (1919) qui avait envisagé plutôt une forme réduite *(BOM)BĬCA ayant le même sens;

b) une base gauloise **becos* 'abeille', reconstruite à partir de l'irlandais bech apparenté aux formes *beco*, *bieco*, *abieco* de la Creuse dans la France méridionale (DEI, sous *bèga*, CORTELAZZO; MARCATO, 2005, sous *bèga*).

Pour ce qui concerne l'éventuelle base latine, Trumper; Maddalon; Prantera (2004, p. 298) se sont penchés sur le type d'insecte que les auteurs classiques désignaient par ce terme; ils se référaient.

> Con ogni probabilità, non al baco da seta che conosciamo oggi, ma ad una specie di lepidottero, meglio lasiocampide, identificata dagli entomologi con Pachypasa otus (Drury); questa infatti è per alcuni aspetti morfologici simile al Bombyx mori (L.) e la crisalide, sebbene sia di dimensioni maggiori, è contenuta anch'essa in un bozzolo sericeo.[12]

Ces auteurs précisent que ce type d'insecte, dont le nom vernaculaire en français est *chouette*, devient, après la métamorphose, une sorte de papillon nocturne qui pond ses œufs sur les feuilles de certains arbres; sa présence est documentée en Italie dans les seules régions méridionales, notamment en Calabre, Basilicate, Pouilles, auxquelles les entomologistes ajoutent la Sicile (SCALERCIO, 1999, p. 313).

Formes isolées des aires sarde et italo-romane méridionale

Le domaine sarde, représenté dans l'ALI par un réseau de 99 points, le plus dense de toutes les régions italiennes[13], présente,

[12] [ils ne se référaient] vraisemblablement pas au ver à soie que nous connaissons aujourd'hui, mais à une espèce de lépidoptère, ou plutôt de lasiocampidé, identifiée par les entomologistes comme Pachypasa otus (Drury); celle-ci est en effet similaire, par certains aspects morphologiques, au Bombyx mori (L.) et la chrysalide, bien que de plus grande taille, est également contenue dans un cocon de soie. (Traduction par les auteurs du texte)

[13] Il est aussi beaucoup plus riche en points que le réseau sarde de l'AIS qui compte 20 localités dont Wagner fut l'enquêteur unique.

comme dans le cas d'autres animaux, plusieurs désignations non attestées dans le domaine italo roman. Des formes peu diffusées, dont certaines demeurent malheureusement opaques, se trouvent aussi dans l'aire italo-romane méridionale. Pour quelques désignations, il est possible de relever un trait motivant, ce qui n'est pas le cas pour les types que nous avons traités dans les paragraphes précédents.

Type lexical *serròne*

CASU (2002) décrit la vrillette ainsi nommée comme un "verme nericcio che rode il legno e il cacio"[14], mais la même appellation se retrouve aussi pour d'autres insectes et vers rongeurs, dans plusieurs variétés dialectales de la Sardaigne (Aritzo, Sennori, Villanova Monteleone). À Gavoi, par exemple, il désigne d'après MARCIALIS (1910, p. 30) la chenille tête de mort (*Acherontia atropos*). Sa présence dans le parler catalan d'Alghero (CORBERA; POU, 2000, sous *serroni*) traduit l'influence du sassarien ou du sarde septentrional (logoudorien) (CASU, 2002, sous *serròne*) sur ce parler. Le mot qui, au sens figuré, peut désigner une personne insupportable, n'est attesté ni dans l'ALI, ni dans l'AIS comme zoonyme en dehors de la Sardaigne. Augmentatif de *serra* "scie" et désignant donc une scie longue (DES, sous *sèrra*), il renvoie à l'activité de l'animal xylophage, identifié par la poussière de bois, la vermoulure qu'il éjecte à l'extérieur des galeries. Le verbe *serrare* "scier", en revanche, figure dans les désignations d'autres animaux, non seulement en sarde mais aussi dans d'autres variétés romanes: par exemple, sarde ['sɛrra 'manɔs] (scie mains) "mante religieuse" (GARCÍA MOUTON 2001) et ['sɛrra 'βoɖɖiɛ] (littéralement scie-doigt) "mille pattes" (PAVEL; BEREJAN 2021), catalan [sɛrrə'ðits] (littéralement scie-doigts) "libellule" (HOYER 2001).

[14] Ver noiraud qui ronge le bois et le fromage. (Traduction par les auteurs du texte)

Type lexical *sorde*

La vrillette s'appelle [su 'zɔrdɛ] en un seul point de la Sardaigne, Bono (ALI 731). Ce mot, qui signifie d'abord "saleté", désigne aussi le ver du fromage et est à la base de l'adjectif ['sordiδu] "vermoulu". Dans la variété de Nuoro, il désigne un autre type de petite bête, le ver de l'intestin du cheval. Le DES (v. 3, sous *sòrde*) reconduit cette désignation au latin SORDES "saleté", représenté aussi dans d'autres variétés romanes (REW 8095 et 8087).

Type lexical *arna*

Quelques parlers du sarde méridional ont conservé le mot catalan de la vrillette, dans les formes [s 'arna] à Sarroc (ALI, p. 796) et [s 'arraʔa] à Villaputzu (ALI, p. 783). Il s'agit de l'un des centaines de mots catalans qui survivent dans les variétés dialectales de l'île, témoins de sa colonisation par les royaumes d'Aragon puis d'Espagne, entre le XIVe et le XVIIIe siècle (CONTINI, 2014). Il est néanmoins étonnant que l'îlot catalan d'Alghero, comme signalé ci-dessus, ait adopté, lui, la forme sarde [sɛ'rrɔnɛ]. Il faut signaler par ailleurs que l'AIS relève le mot, avec différentes variantes, comme désignation de la mite dans les parlers de Cagliari (p. 985) avec l'attestation [s 'arna], où l'ALI (p. 788) relève plutôt [su 'δarlu], à Milis (p. 941) où l'on trouve [s 'arnia], à Perdasdefogu (p. 968) avec [s 'arrala] et à Escalaplano (p. 967) où la forme est [s 'arrana]. Ces deux derniers exemples montrent une voyelle épenthétique qui se produit fréquemment dans les emprunts présentant des séquences consonantiques de vibrante suivie de latérale ou de nasale (WAGNER, 1984 [1941], paragraphes 70 et 279).

En dehors du domaine sarde, l'ALI relève pour la vrillette une variante rattachée à cette même famille, *arna*, dans le parler occitan de la Brigue (p. 94), une commune aujourd'hui française,

mais située précédemment, à l'époque des enquêtes de cet atlas, dans la province italienne de Coni (Cuneo), dont le dialecte est royasque et donc ligurien alpin. Si cette forme est semblable à celles dont nous avons parlé pour la Sardaigne, l'histoire de leur présence dans les deux aires éloignées n'est pas tout à fait comparable, même si de lointaines parentés génétiques ne sont pas à exclure. Le point royasque se trouve dans un espace qui se situe dans un *continuum* entre les aires occitanes piémontaise et française où les désignations *arna* ou *arno* sont fréquentes (MISTRAL 1878, v. 1, sous *arno*, *darno*), ce qui est largement confirmé, au moins pour "mite", par la documentation de la base de données occitanes du THESOC. L'aire de diffusion, qui monte jusqu'au francoprovençal du Dauphiné, englobe des localités où la désignation s'applique aussi à d'autres petites bêtes comme les larves du hanneton, les vers du fromage ou la teigne, selon les endroits (FEW, 13/1, 123a). Dans une optique sémasiologique, la carte n. 2 permet d'élargir davantage l'aire d'attestation de ce type qui reste quand même localisé dans les zones déjà mentionnées: en effet, il est présent toujours en Sardaigne, à Milis (p. 941), à Cagliari (p. 965) et, dans la variante [s 'arrala], comme dans l'ALI pour vrillette, à Perdasdefogu (p. 968), tandis qu'en Italie septentrionale, il est attesté dans deux points, Borgomaro (p. 183) dans la Ligurie occidentale, avec la variante ['arla], et Valdieri (p. 181), dans le Piémont sud-occidental, un parler occitan dont la réponse enregistrée est [ʒ'arneʓ].

L'origine de ce type, sur laquelle le DES (sous *árna*) ne s'exprime pas, est controversée: sans doute opaque pour les locuteurs, le mot semble l'être aussi pour les étymologistes. Deux les positions que la littérature fait émerger: a) un rattachement au latin TARMES, qui n'est pas sans problèmes du point de vue phonétique; b) une base prélatine sans autres détails, proposée par le LEI (sous **arna*), qui mentionne surtout des formes liguriennes

signifiant “mite”, avec laquelle Joan Veny converge dans le PALDC (v. 7, 1008 *L’arna*) en précisant que la base est ibéro-aquitaine, ce qui avait été précédemment affirmé par BRUGUERA I TALLEDA (1996, sous *arna*[2]) qui pensait à une parenté avec le basque *arr* “petite bête” ou “vrillette”.

Type sémantique *petite couleuvre*

Le mot [zu kolo'βreɖɖu] “la petite couleuvre”, diminutif de [kɔ'lɔβra] “couleuvre”, aboutissement de COLOBRA pour COLUBRA (REW 2060), est attesté pour la vrillette dans le seul parler d’Orgosolo (ALI, p. 742) où le féminin [kɔlɔ'vrɛɖɖa] est également enregistré pour “lézard” par le DES; ce dictionnaire mentionne aussi, pour Oschiri, le sens de “scarabée” (sous *kolòvra*).

L’attribution du nom d’un reptile à des animaux qui ne font pas partie de ce groupement n’est pas un fait extraordinaire dans les dialectes romans. Les données de l’ALiR ont montré comme *couleuvre* ou *serpent* soient souvent utilisés en tant que génériques, par exemple pour les annélides ou les larves d’insectes divers, sans doute en corrélation avec les traits “allongé”, “mou” et “qui rampe”.

Type lexical *bobborrotti*

La désignation [zu bobbo'rrotti] relevée pour la vrillette dans l’ALI à Dorgali (p. 744), où le féminin [za bɔbbɔ'rrɔtta] est employé pour le petit pénis des enfants (DES, sous *bobborròtta*), est une formation à motivation phonosymbolique, comme celles d’un grand nombre de petits animaux, fréquentes dans les variétés dialectales de l’espace roman et, en particulier, en Sardaigne, avec des proto-lexèmes initiaux *bob-*, *bab- bub-* (CONTINI 2010). Toutefois, le type est absent de la carte de l’AIS sur les désignations de la mite.

Nous pouvons probablement rapprocher de cette famille de phonosymbolismes la réponse isolée à Melito Irpino (ALI, p. 826), en Campanie, ['pappələ], qui pourrait même intégrer un ensemble plus important de formes italo-romanes méridionales constituées à partir d'un radical *pap(p)-* et étymologiquement peu explicables de manière vraiment convaincante. Varvaro (2014), par exemple, qui renonce en effet à proposer une origine étymologique précise, consacre un article à un mot comparable, *papúzza*, désignant un "parasite des légumes ou d'autres plantes", déjà attesté en forme latinisante au XIVe siècle, qui couvre une aire incluant la Sicile, la Calabre et la Basilicate, donc plus au sud du point d'attestation de ['pappələ]. Par ailleurs, dans ces trois régions méridionales extrêmes, d'autres insectes sont nommés par des formes de la même famille que *papúzza*, comme la coccinelle, la blatte noire et d'autres parasites des végétaux.

Type lexical *suddzone*

Comme désignation de la vrillette, l'ALI le fournit seulement pour Bitti (p. 733); en revanche, il est absent de la carte de l'AIS relative à la mite mais il est quand même présent ailleurs en Sardaigne pour désigner d'autres animaux, comme le montre la lexicographie disponible: le mot se réfère au charançon à Oliena (MARCIALIS, 1910, p. 32) et dans la Baronia (CABRAS, 2003, sous *suzóne*, mais sans localisation); au charançon, à la chenille, à la mite, au ver du fromage à Nuoro, à Lodé et à Orune (PITTAU, 2000, sous *suzone* et *suguzone*; FARINA, 2002, sous *suzòne*) ainsi que dans de vastes aires du sarde septentrional (Logudoro, Marghine pour la mite et le ver du fromage). Wagner classe le mot comme un déverbal de [su'ttsare] "sucer" provenant de l'italien *succhiare* (DES, sous *suttsare*), la "vraie" forme du sarde étant ['suɣere]. On comprend mal la motivation de ce type lexical: désignerait-il un

"suceur de bois ou de sève", vu que la larve de la vrillette se nourrit des parties molles des fibres de cette matière?[15] Une hypothèse qui nous semble plus vraisemblable est le rattachement de *suzone* et *suguzone* à une base latine *SUBULIONE (REW 8403; DES, sous *sugudzòne*). Le DELL (sous *subula*) donne le dérivé SUBULONE "faon" comme dérivé de SUBULA "alêne": le glissement sémantique pourrait s'expliquer par la forme recourbée de l'instrument, qui évoquerait celle des cornes recourbées et non ramifiées du jeune cervidé, caractéristique qui peut faire penser aussi à l'aspect des larves de la vrillette, une analogie déjà vue à propos de *càmola*.

Données complémentaires de la lexicographie pour la vrillette dans l'aire sarde

Pour ce qui concerne toujours la Sardaigne, il nous a semblé important d'intégrer dans ce premier balayage des données atlantographiques sur la vrillette deux exemples de désignations absentes des matériaux d'atlas, alors qu'il s'agit de formes bien connues dans les variétés de l'île.

Il s'agit de deux cas qui montrent l'importance de prendre en compte aussi la lexicographie dialectale à côté des données d'atlas et font réfléchir sur la difficulté de d'éliciter des données d'entomologie dialectale dans le cadre des enquêtes de terrain, deux points que nous avons soulignés dans le paragraphe introductif de cette contribution.

Type lexical *zànnaru* et variante dérivée *zannarólu*

Nous avons choisi d'évoquer les noms ['dzannaru, dzanna'rolu] (utilisés aussi comme surnom) qui ne figurent ni dans

[15] Par ailleurs, la vrille, l'instrument qui sert à faire de petits trous dans le bois, se dit en italien *succhiello*, dérivé de *succhiare*, ce qui donne le petit outil qui sert à sucer (le bois).

les relevés de l'ALI et de l'AIS, ni dans le DES. Il n'ont pas échappé, en revanche, à plusieurs spécialistes du sarde. ESPA (1999, sous *zànnaru* et *zannarolu*) le considère comme une désignation utilisée en sarde logoudorien, sans localisation, ce qui ne correspond pas tout à fait à la réalité. PUDDU (2000, sous *zànnaru* et *zannarólu*) ne localise pas non plus précisément ce type lexical, mais il prévoit bien les deux entrées comme le fait ESPA. PITTAU (2000, sous *zannarolu*) signale la forme dans le parler de Nuoro –localité pour laquelle l'ALI (p. 734) relève plutôt ['vɛrmɛ][16]– en ajoutant la variante phonétique ['jannaru], à côté de ['dzannaru], employés aussi comme collectifs. FARINA (2002, sous *dzanna'rolu*) relève la forme dans le même parler, en signalant aussi l'adjectif [addzanna'rau, -aδa] "vermoulu".

L'origine de ces désignations demeure incertaine. L'évolution phonétique envisagée par PITTAU (2000) qui ferait de [dzanna'rolu] un continuateur d'un supposé latin *CIAROLUM issu de *CARIOLUM "tarlo", dérivé à son tour de CARIE(M), ne peut être retenue car, dans les variétés du sarde centre-oriental, C- initial originel, devant une quelconque voyelle, n'a pas connu la palatalisation qui aurait pu aboutir, par la suite, à l'affriquée [dz-] des désignations mentionnées. Cette consonne pourrait être en revanche l'aboutissement de l'approximante [j-] initiale de la forme *jànnaru*: on peut donc supposer un passage ['jannaru] > ['dzannaru]. Ce qui néanmoins pose problème c'est la présence de la géminée [nn] dans ces formes. Dans son hypothèse, PITTAU (2000) justifie la forme ['jannaru] en envisageant un croisement avec ['janna] "porte", continuateur ce dernier du latin JANUA, ce qui est tout à fait plausible. Ce rapprochement aurait l'avantage non seulement de rendre compte de la nasale géminée de ce mot, mais aussi de mettre en évidence une désignation motivée par l'habitat

[16] L'exemple du parler de Nuoro (ALI P. 734) est emblématique des situations de différentes localités pour lesquelles d'autres sources relèvent des désignations différentes des données de l'ALI, principales références de cette étude.

habituel de la vrillette qui s'installe dans le bois des charpentes, des meubles ainsi que des portes de la maison.

Type lexical *TECA*, *TEGA*

Dans le DES (v. 2) nous trouvons une entrée *tèka* comme type lexical désignant à la fois la mite et la vrillette. L'ALI ne relève pas le mot pour la vrillette, mais nous le trouvons dans la carte 482 de l'AIS pour la mite aux p. 923, 947, 949, 957, 942, 963, et selon des formes remotivées aux p. 954 et 973 (carte n. 2). Les dérivés comme *tekadia* "mite", que nous reprendrons en considération ci-dessous, sont fréquents.

Ces variantes renvoient au latin THĔCA, -AE "étui, boite", emprunté au grec *θήκη* ayant le même signifié (DELL, sous *thĕca*). Seul le domaine sarde, semble conserver cette forme pour désigner un insecte, dans l'aire centre-orientale de l'île, comme dans le parler d'Oliena où ['tɛʔa] signifie "vrillette" ou encore en logoudorien, variété pour laquelle ESPA (1999) atteste tèga aussi bien pour "vrillette" que pour "mite". La première documentation du mot figure dans un patronyme (*Gosantine Tegas*) d'un texte du XIIe siècle (CSNT, p. 311).

Il s'agit de désignations sans doute motivées par l'enveloppement capsulaire que forment ces insectes (DES v. 2, sous *tèka*) ou même par l'aspect des œufs de couleur blanc laiteux, plusieurs dizaines en moyenne, qui précèdent le stade larvaire. Dans les autres parlers romans où le mot est présent, celui-ci désigne d'autres référents: c'est le cas dans les dialectes abruzzais qui connaissent teke ou de l'italo-roman septentrional avec *tega* "cosse des légumes", un usage attesté aussi en sarde (DES v. 2, sous *tèka*; CABRAS, 2003, sous *tèca*; FARINA, 1973, sous *tèca*; CASU, 2002 sous *dega*). D'autres variétés de la *Romania continua* nous fournissent des données: provençal *teca*, français *teje*, dialectes

engadinois *taya* “taie d’oreiller”, roumain *teacă*, “fourreau, étui, cosse”, portugais *teiga* “corbeille, panier”, galicien *tega* “mesure de liquides”; des attestations sont présentes également dans les langues celtiques et germaniques (REW, 699; DELL, sous *thēca*).

Dans le domaine sarde, la carte 482 “mite” de l’AIS montre que ce type lexical survit plus fréquemment dans des formes dérivées: [tɛɣa'δia] (p. 957 Desulo et p. 942 Santu Lussurgiu), [tɛɣa'δiu] (p. 963 Mogoro), ainsi que des formes remotivées sur [se'ɣare] “tailler, briser, casser” (DES, sous *tèka* et *sekare*) telles que [sɛɣa'δiu] (p. 973 Villacidro) et [sɛɣa'ria] (p. 954 Busachi), évoquant l’activité de la vrillette. Le DES confirme et accroît l’inventaire de ces attestations: on trouve [takka'tia] à Bitti, alors que l’AIS pour la mite relève dans cette localité la forme *lanásta* et, pour la vrillette, *suddzone*; [tɛka'δia] se trouve à Orani, [tɛɣa'δia] à Desulo, Villagrande Strisaili, Cuglieri, Santu Lussurgiu et Isili, et [tɛɣa'δiu] à Mogoro, confirmé pour la mite dans cette localité par l’AIS (p. 463). La séquence *-ia* de la plupart de ces formes pourrait suggérer qu’il s’agit de collectifs faisant référence à l’ensemble d’œufs de la vrillette, sous l’influence peut-être de mots comme [θer'pia], [tser'pia] (-u) “ensemble de serpents, de coléoptères ou de petits animaux nuisibles” (DES, v. 2, sous *sèrpi*) ou encore comme [θera'kia], [tera'kia] “ensemble de serfs”, des dérivés de [θe'raku] et [te'raku] “serf, domestique” (BÖHNE 1950, p. 53, PITTAU sous *teracchia*). Il s’agit d’une hypothèse, à notre avis, plus probable que celle que propose Wagner (DES, sous *tèka*) expliquant ces formes par l’influence de l’adjectif [triɣa'δiu] ‘tardif’ (du verbe [tri'ɣarɛ] ‘tarder’) qui, à la rigueur, aurait pu influencer les seules formes avec la vibrante postconsonantique initiale [traka'tia] ou [trika'tia]. Cette famille de variantes s’emploie aussi pour des fruits rabougris, ceux du pruneau en particulier, bien connu pour ses effets laxatifs, d’où la variante [kaɣa'δia] qui renvoie au verbe [ka'ɣarɛ] ‘chier’.

Formes italo-romanes méridionales partiellement motivées, à distribution circonscrite ou isolée

Type lexical [*ka'nnedda*]

Cette désignation de la vrillette et de la mite, que l'on retrouve dans l'extrême sud de l'Italie, dans le Salento (ALI, p. 849, 868, 869, 876 pour la vrillette; AIS p. 748 pour la mite), ainsi qu'isolée dans un point de la Basilicate (ALI, p. 925) encore pour la vrillette, est curieuse et les formes comparables sont rares. L'AIS, parmi les attestations complémentaires présentes dans les marges de la carte des données brutes pour la "mite", fournit la même forme pour la bruche, un autre coléoptère ravageur qui s'installe dans les fruits ou les graines de plusieurs plantes dont les haricots. Varvaro (2014, v. 1, p. 182), à propos d'une forme que nous pouvons sans doute lemmatiser comme *cannulellu*, relève un composé avec un spécificateur signifiant "d'eau" pour un autre insecte nuisible qui s'installe dans les jardins potagers où il consomme les racines des plantes, qui pourrait être une sorte de courtilière. Pour une autre forme, *cuannúalu*, reportée par le même auteur parmi celles de la famille étymologique du latin CANNA, l'aire sicilienne connaît un sens qui nous paraît aussi pertinent pour la vrillette: le mot est employé pour désigner la croûte tubulaire, construite par un ver, que l'on utilise pour la pêche nocturne. L'image de cette structure est proche de celle des galeries creusées par la vrillette: une motivation fondée sur l'habitat n'est pas à exclure et est même un trait lexicogène bien documenté pour les noms des vers (CARPITELLI, 2009). Si l'interprétation de [ka'nnedda] comme un dérivé aboutissant du latin *canna* était acceptable, la forme pourrait faire penser aussi à l'idée générique d'un animal allongé, peut-être avec une référence à la larve, souvent vue comme un ver. Toutefois, la piste d'une remotivation sur la base d'une réinterprétation de *càmola*, qui n'est pas absent dans cette aire, pourrait également être

envisageable. À ce sujet, une comparaison de [ka'nnedda], en tant que représentant du type *cannella*, avec les réponses du point tabarquin de Sardaigne ainsi que de Bosa, dans la même région, mentionnées dans le paragraphe 2.1, à notre avis est suggestive: si, du côté sarde, la forme génoise ['kamwa] de Carloforte a été remotivée comme *cannua* dans le même endroit et nous considérons *cannula* comme une nouvelle réinterprétation de *cannua*, on peut imaginer que *càmola* ait été réinterprétée dans le Salento, d'abord phonétiquement avec le passage de la nasale bilabiale à la nasale alvéolaire géminée, et ensuite morphologiquement en analysant le mot comme formé d'un suffixe atone *-ola* changé ensuite en suffixe tonique *-ella*.

Type lexical *campa*

Cette désignation de la vrillette, isolée dans notre *corpus* en Sicile (ALI 1034), est en réalité beaucoup plus diffusée, avec plusieurs variantes phonétiques et lexicales, dans des parlers de l'Italie méridionale (Campanie, Calabre, Pouilles) où elle désigne la chenille (CAPRINI 2001, CORTELAZZO; MARCATO, 2006, sous *càmpa*), ainsi que d'autres types de petites bêtes: c'est le cas de *kamba* pour une larve qui se nourrit des feuilles tendres des arbres en Irpinie (Campanie), ou d'*arìcambo* pour la tique des cabris dans le point grico de Bova en Calabre (FARÉ, 1972, 1555a). Il continue le latin tardif CAMPA "chenille" attesté dans les gloses, mais chez Columelle la variante attestée est CAMPE, calqué sur le grec κάμπη "chenille" (CORTELAZZO; MARCATO, 2006, sous *càmpa*), information déjà mentionnée au paragraphe 2.1.

Quelques formes résiduelle

Hormis quelques réponses très opaques que nous ne prendrons pas en compte dans cette contribution, il reste à citer

quatre formes, elles partiellement motivées, que nous souhaitons au moins évoquer, bien qu'il ne s'agisse sans doute pas de désignations spécifiques de la vrillette.

Cette petite bête est considérée comme un [kapə'tuostə], c'est-à-dire une "tête dure" à Corato, dans les Pouilles (ALI 828) où on se réfère probablement à la capacité de la larve de taper avec sa tête sur le bois lorsqu'elle creuse les galeries ou troue le bois, soit pour se nourrir des fibres de cette matière, soit, comme il a été dit au début de cet article, lorsqu'elle envoie des appels sexuels. Son activité destructrice, peut-être associée à la désignation ['fraɲɲə] en Campanie (ALI, p. 837), que l'on peut rattacher au latin FRANGERE "briser, rompre" (FARÉ 1972, 3482), donne au bois un aspect fragile, moisi, ce que la forme sicilienne [m'ukka] du p. 1006 permet d'évoquer puisque dans cette aire ainsi qu'en Calabre méridionale ce nom est celui de la moisissure; il s'agit également du nom d'une maladie qui provoque elle aussi des trous dans les végétaux à Agnone, une localité du Molise, au nord des Pouilles (CORTELAZZO; MARCATO, 2005, sous *mùca*).

Conclusion

L'étude des désignations dialectales des insectes est certainement complexe. Ce premier examen des données de l'ALI pour la vrillette et de l'AIS pour la mite a largement confirmé les difficultés rencontrées par d'autres chercheurs qui ont abordé le lexique dialectal relatif à ce secteur du monde animal. Les considérations de PRANTERA (2004, p. 47), à propos des noms des insectes plus récemment enquêtés dans les dialectes de la Calabre, peuvent être étendues aux études des mécanismes de nomination de ces animaux, fondées sur des matériaux atlantographiques plus datés:

> Tra le specie conosciute e classificate della zoologia gli insetti sono tra i più numerosi e rappresentanto un micromondo biologico dall'importanza fondamentale dal punto di vista ecologico e economico [...] nonché culturale, ma affrontando il dominio cognitivo e lessicale degli insetti da una prospettiva etnolinguistica ci si rende conto di come non sia di certo impresa facile delineare e indagare sulla classificazione popolare sottostante; una prima difficoltà oggettiva è data dalla numerosità delle specie esistenti rispetto ad altri campi di indagine che, paragonati a questo, risultano più circoscritti; in secondo luogo si tratta di una porzione del mondo naturale e dell'etnosapere che necessita di un impianto teorico e metodologico diverso da quelli che solitamente utilizziamo con altre famiglie zoologiche [...].[17]

Les insectes et plus en général les animaux de petite dimension constituent un domaine particulièrement délicat parce que, à la différence de ce qui a lieu avec d'autres animaux (les mammifères mais aussi la plupart des reptiles ou des amphibiens par exemple) et malgré l'importance des insectes dans la vie quotidienne des sociétés traditionnelles, le contact rapproché avec ces petites bêtes est généralement plus rare et donc l'observation directe de leur morphologie demeure moins habituelle (MADDALON, 2004, p. 39). Les réponses des atlas, surtout lorsqu'il s'agit de ceux qui nous semblent être des termes génériques, donnent ainsi, parfois, l'impression que la compétence du locuteur n'était pas adéquate à la question posée et qu'il a pu confondre un animal avec un autre. Nous devons, en revanche, être conscients du fait que

[17] Parmi les espèces connues et classées de la zoologie, les insectes sont parmi les plus nombreux et représentent un micro-monde biologique d'une importance fondamentale du point de vue écologique et économique fondamentale [...] ainsi que culturel, mais en abordant le domaine cognitif et lexical des insectes d'un point de vue ethnolinguistique, on se rend compte qu'il n'est certainement pas facile de délimiter et d'étudier la classification populaire sous-jacente; premièrement, une difficulté objective réside dans le nombre même d'espèces qui existent par rapport à d'autres champs d'investigation qui, comparés à celui-ci, sont plus circonscrits; deuxièmement, il s'agit d'une partie du monde naturel et de l'ethno-savoir qui nécessite un cadre théorique et méthodologique différent de ceux que nous utilisons habituellement pour d'autres familles zoologiques (Traduction par les auteurs du texte).

lorsque nous analysons les données des atlas linguistiques, nous sommes confrontés à un problème de fond: les "ethno-savoirs" des communautés auprès desquelles la réponse a été élicitée, dans la plupart des cas, sont pour nous inconnus, tout comme la structure du lexique spécifique à un domaine dans chacun des parlers figurant dans le réseau d'enquête. Les données sont extrapolées des connaissances globales, par exemple sur le monde animal, que les locuteurs avaient au moment où l'enquête de terrain a été réalisée, ou, du moins, elles nous sont restituées dans l'atlas de manière décontextualisée par rapport aux connaissances possédées par les différentes communautés[18]. En outre, l'utilisation des données des atlas ne peut presque jamais tenir compte, sinon de manière superficielle, généralement sur la base des seuls cahiers d'enquête, de la manière dont la réponse a été élicitée par le chercheur de terrain qui pouvait être plus ou moins habile à obtenir des réponses fiables dans un certain champs sémantique. Toutefois, malgré la conscience de leurs limites, que les dialectologues connaissent, les données d'atlas restent évidemment un trésor précieux pour leur travail, mais il faut les manipuler avec précaution.

Les travaux des volumes 2a-2c de l'ALiR, qui ont pris en compte plusieurs cartes des atlas linguistiques romans consacrées à de petits animaux, ont largement confirmé la complexité des *corpus* de désignations souvent caractérisées par un degré très important de polysémie et d'homonymie. Cela a obligé les auteurs à une extrême prudence lors de l'évaluation de la distribution aréale

[18] "Da qui la necessità di integrare le raccolte tradizionali con la consapevolezza che la raccolta del dato e, prima ancora la considerazione *del* e *per* il modello di conoscenza di cui il dato è parte, debbono presiedere ogni indagine, pena la concreta possibilità di non avere il reale quadro di riferimento, quando non di fraintendere alcuni dei risultati." (MADDALON, 2003a, 10) (D'où la nécessité de compléter les collectes traditionnelles par la conscience que la collecte des données et, avant cela, la prise en compte de et pour le modèle de connaissance dont les données font partie, doivent présider à toute investigation, sous peine de risquer de manquer le véritable cadre de référence, quand ce n'est pas de se méprendre sur certains résultats) (Traduction par les auteurs du texte).

des données analysées dans le cadre des études onomasiologiques et aréologiques prévues par l'entreprise. L'analyse sémasiologique de certaines données aurait permis d'approfondir la réflexion sur les résultats obtenus, car l'extension de l'emploi de certains types lexicaux ou de certaines formes s'est avérée très large. Un type lexical comme biscia, par exemple, qui ne figure que deux fois dans l'ALI pour la vrillette, notamment dans les îles en face de l'Istrie, à Lussingrande (p. 389) et à Cherso (p. 384), a une fréquence très élevée dans l'ALiR car il est employé pour plusieurs insectes mais aussi pour des reptiles, des amphibiens et des annélides.

Comme nous avons eu l'occasion de le souligner, les appellations génériques, comme celle que nous venons de mentionner, forment curieusement la majorité du *corpus* de l'ALI pour la vrillette, alors que les répertoires (entre autres, les dictionnaires dialectaux ou même étymologiques) offrent des formes, même très intéressantes du point de vue motivationnel, que l'atlas linguistique n'atteste pas. Garbini (1925), par exemple, mentionne des anthroponymies pour la vrillette en Vénétie que les enquêtes de l'ALI ne montrent pas ou plus. Cette différence peut dépendre, dans certains cas, du fait que les formes documentées par les répertoires lexicographiques, venant de sources plus anciennes, ont disparu au moment des enquêtes de l'ALI, en faveur de mots employés en italien ou dans la koinè régionale de l'époque, malgré le niveau de dialectophonie encore élevé en Italie dans cette période. Cette question mériterait certainement d'être approfondie.

Pour ce qui est de l'homonymie entre les désignations de la vrillette dans l'ALI et de la mite dans l'AIS, bien que notre lemmatisation simplifiée, choisie pour ce travail, ne le montre pas, l'identification des deux animaux passe parfois par un spécificateur qui se réfère à l'habitat, une stratégie de nomination pour les petites bêtes qui a été considérée comme primordiale dans les

classifications différentes de celles de la biologie (MADDALON, 2004, p. 39), ou à l'activité de l'animal. Pour la vrillette, cette stratégie se fonde en particulier sur la référence au bois, l'habitat privilégié de ce petit coléoptère: [a 'bega da 'lɛɲu] (ALI, p. 95), ['tarma da 'leɲo] (ALI, p. 283), ['ʧamula dul 'boʃʧ] (ALI, p. 4), [s 'erm e 'linna] (ALI, p. 777), [u 'tarl duw 'linnə] (ALI, p. 843).

Pour ce qui concerne l'analyse étymologique, dans notre classement nous n'avons pas tenu compte du fait que certaines variantes phonétiques sont sans doute explicables comme le résultat probable d'un croisement ou d'un rapprochement de deux types lexicaux présents dans deux aires de diffusion proches. Comment classer, par exemple, des désignations comme *tarmolo* (ALI, p. 507)? S'agit-il d'un croisement entre *tarma* e *tarlo* ou d'un simple dérivé de *tarma* ayant changé de genre grammatical? Dans les recherches étymologiques ces phénomènes de "croisement" ou de remotivation, selon le cas, ont été souvent postulés pour l'explication de ces désignations ou encore pour leurs étymologies. Cette question aussi mériterait un approfondissement particulier.

Les désignations de la vrillette et, comme complément, celles de la mite n'ont pas fait l'objet d'analyse dans le cadre de l'ALiR: les atlas des autres aires romanes ne présentant pas tous des cartes pour ces deux animaux, la comparaison à large échelle n'aurait pas pu se faire selon l'esprit de cette entreprise. Toutefois, le travail que nous avons présenté ici nous induit à penser qu'une recherche plus complète, étendue aux sources romanes disponibles sur les appellations des deux petites bêtes pourrait enrichir la réflexion menée depuis quelques années déjà sur l'entomonymie dialectale romane.

Références[19]

AIS=JABERG, Karl; JAKOB, Jud. **Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz**. Zofingen: Ringier, 1928-1960. 8 v.

ALBERT-LLORCA, Marlène. **L'ordre des choses**. Paris: CTHS, 1991.

ALI=BARTOLI, Matteo; TERRACINI, Benvenuto; VIDOSSI, Giuseppe; GRASSI, Corrado; GENRE, Arturo; MASSOBRIO, Lorenzo. **Atlante Linguistico Italiano**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1995 et suivants, 9 v.

ALJA=MARTIN, Jean-Baptiste; TUAILLON, Gaston. **Atlas linguistique et Ethnographique du Jura et des du Alpes du nord**. Paris: CNRS, 1971-1981, 4v.

ALiR=**Atlas Linguistique Roman**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1993-2009, v.1, 2a, 2b. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2018. v. 2c.

ALP=BOUVIER, Jean-Claude; MARTEL, Claude. **Atlas linguistique et Ethnographique de la Provence**. Paris: CNRS, 1975-1986, 3v.

ALP=BOUVIER, Jean-Claude; MARTEL, Claude; BRUN-TRIGAUD, Guylaine. **La langue d'oc telle qu'on la parle**. Atlas linguistique de la Provence. Forcalquier: Alpes de Lumière, 2016. v. 4.

BARTOLESCHI, Claudio. La motivazione lessicale dei nomi d'insetto in tedesco e nelle lingue scandinave. **Géolinguistique** [Online], 2020, v. 20, 01 dec. 2020. Disponible en: http://journals.openedition.org/geolinguistique/2032. DOI: https://doi.org/10.4000/geolinguistique.2032. Accès dans: 29 mai 2022.

BATTAGLIA, Salvatore. **Grande dizionario della lingua italiana**. Torino: UTET, 1995. v. 2.

BDLC=**Banque de Données Langue Corse**. Disponible en: https://bdlc.univ-corse.fr/bdlc/corse.php.

BECCARIA, Cesare. **I nomi del mondo**. Torino: Einaudi, 1995.

BÖHNE, Rudolf. **Zum Wortschatz der Mundart des Sàrrabus (südostsardinien)**. Berlin: Akademie-Verlag, 1950.

[19] Dans certains cas, l'ouvrage est introduit par un acronyme selon l'usage des romanistes européens: il s'agit d'atlas linguistiques et de dictionnaires étymologiques ou historiques connus par ce type d'abréviation. Pour ce qui concerne le FEW et le LEI en particulier, l'acronyme est suivi du numéro du volume, de la page et/ou de la colonne (a ou b) alors que pour le REW et FARÈ, 1972 le numéro qui suit est celui de l'entrée.

BOTTIGLIONI, Gino. **L'ape e l'alveare nelle lingue romanze**. Pisa: Mariotti, 1919.

BRACCHI, Remo. **Nomi e volti della paura nelle valli dell'Adda e della Mera.** Tübingen: Max Niemeyer, 2009.

BRUGUERA I TALLEDA, Jordi. **Diccionari etimòlogic**. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 1996. v. 4.

CABRAS, Giovanni Maria. **Vocabolariu baroniesu**. Torino: Edizioni Trauben, 2003.

CAPRINI, Rita. **Les désignations romanes de la chenille**. Commentaire et carte. *In*: **AliR**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, 2001. v. 2a. p. 61-87.

CARPITELLI, Elisabetta. **Les désignations romanes du ver de terre**. Commentaire et carte. *In*: **AliR**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, 2009. v. 2b. p. 255-278.

CASU, Pedru. **Vocabolario sardo-logudorese italiano**. Nuoro: Ilisso, 2002.

CHINERY, Michael. **Insectes de France et d'Europe occidentale**. Paris: Flammarion, 2012.

CONTINI, Michel. **Les désignations romanes du papillon**. Commentaire et cartes. *In*: **AliR**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, 2009. v. 2b. p. 180-213.

CONTINI, Michel. Les phonosymbolismes: continuité d'une motivation primaire. **Travaux de Linguistique** (*Actes du colloque Architecture 'dia' et variabilité en langue*. Gand: avril 2008), Bruxelles, n. 59, p. 77-103, 2010.

CONTINI, Michel. Le catalan dans les parlers sardes. **Estudis romànics**, Barcelona, n. 36, p. 405-421, 2014.

CORBERA POU, Jaume. **Caracterització del lèxic alguerè**. Palma de Majorca: Universitat de les Illes Balears, 2000.

CORTELAZZO, Manlio; MARCATO, Carla. **Dizionario etimologico dei dialetti italiani**. Torino: UTET, 2005.

CSNT=CARTA RASPI, Raimondo (Org.). **Condaghe di San Nicola di Trullas**. Cagliari: Il Nuraghe, 1937.

DEI=BATTISTI, Carlo; ALESSIO, Giovanni. **Dizionario etimologico italiano**. Firenze: Barbèra, 1950-1957. 5 v.

DELI=CORTELAZZO, Manlio; ZOLLI Paolo. **Dizionario etimologico della lingua italiana**. Bologna: Zanichelli, 2000.

DELL=ERNOUT, Alfred; MEILLET, Afred. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. 4e édition. Paris: Klincksieck, 2001.

DE ROSSI, Hugo. **Ladinisches Wörterbuch**. Innsbruck: Institut Cultural Ladin, 1999 [1923].

DES=WAGNER, Max Leopold. **Dizionario etimologico sardo**. Cagliari: Gianni Trois, 1989, 3v.

DHLF=REY, Alain (Org.). **Dictionnaire historique de la langue française**. Paris: Le Robert, 1998, v. 3.

EINAUDI, Jules; CAPPATTI, Louis. **Dictionnaire de la langue niçoise**. Nice: Imprimerie de «L'éclaireur de Nice», 1931-1932.

ESPA, Enzo. **Dizionario sardo-italiano dei parlanti la lingua logudorese**. Sassari: Caro Delfino Editore, 1999.

FALCUCCI, Franco Domenico. **Vocabolario dei dialetti, geografia e costumi della Corsica**. Opera postuma riordinata e pubblicata di su le schede ed altri mss. dell'Autore, a cura di Pier Enea Guarnerio, Cagliari: 1915. Sala Bolognese: Arnaldo Forni, 1981.

FARÉ, Paolo A. **Postille italiane al "Romanisches Etymologisches Wörterbuch"** di W. Meyer-Lübke comprendenti le "Postille italiane e ladine" di Carlo Salvioni. Milano: Istituto Lombardo di Scienze e Lettere, 1972.

FARINA, Luigi. **Bocabolariu sardu nugoresu-italianu, italianu-sardu nugoresu**. Nuoro: [s.n.], 2002.

FERRARI, Valerio. **Lessico zoologico popolare della provincia di Cremona**. Dialettale, etimologico. Cremona: Monografie di Pianura, 2010.

FEW=WARTBURG, Walther von. **Französisches Etymologisches Wörterbuch**. Eine Darstellung des gallo-romanischen Sprachschatzes. Bâle: Zbinden, 1922 et suivants.

FRISONI, Gaetano. **Dizionario Moderno Genovese-Itaiano e Italiano-Genovese**. Genova : Donath, 1910.

GARBINI, Adriano. **Antroponimie ed omonimie nel campo della zoologia popolare**. Parte II. Verona: La Tipografica veronese, 1925.

HONNORAT, Simon-Jude. **Dictionnaire provençal-français ou dictionnaire de la langue d'oc, ancienne et moderne**. Digne: Repos, Imprimeur-Libraire-Éditeur, 1846.

HOYER, Gunhild. **Les désignations romanes de la libellule**. Commentaire et carte. In: **AliR**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, 2001. v. 2a. p. 281-317.

KLOTS, Alexander et Elsie B. **Il libro degli insetti**. Milano: Arnoldo Mondadori, 1960.

LACLOS, Eric de; BÜCHE, Boris. La vrillette sans peine: première note. **L'Entomologiste**, Orléans, v. 64, n. 1-3, p. 3-10, 2008.

LEI=PFISTER, Max (dir.). **Lessico Etimologico Italiano**. Wiesbaden: Reichert, 1997, v. 5.

LESSONA, Michele; VALLE, Carlo A. **Dizionario universale di scienze, lettere ed arti**. Milano: Treves, 1874-1875.

LEVY, Emil. **Provenzalisches Supplement-Wörterbuch**. Leipzig: O.R. Reisland, 1894.

MADDALON, Marta. Etnosemantica e dialettologia. *In*: VIGOLO, Maria Teresa; MADDALON, Marta; ZAMBONI, Alberto. **Dialettologia e etnosemantica**. Padova: Istituto di Scienze e tecnologie della cognizione del C.N.R., 2003a. p. 9-12.

MADDALON, Marta. Gli animali, problemi specifici nelle etnoclassificazioni zoologiche. *In*: VIGOLO, Maria Teresa; MADDALON, Marta; ZAMBONI, Alberto. **Dialettologia e etnosemantica**. Padova: Istituto di Scienze e tecnologie della cognizione del C.N.R., 2003b. p. 131-146.

MADDALON, Marta. La percezione del 'piccolo'. Problemi di etnoentomologia. In: MENDICINO, Antonio; PRANTERA, Nadia; MADDALON, Marta. **Etnolinguistica e zoonimia**. Le denominazioni popolari degli animali. Rende: Università della Calabria, 2004, p. 37-45.

MARCIALIS, Efisio. **Piccolo vocabolario sardo-italiano dei principali e più comuni animali della Sardegna**. Sassari: Tipografia e Legatoria G. Gallizzi e Comp., 1910.

MULSANT, Martial Étienne; REY, Claudius. **Histoire naturelle des Coléoptères de France**. Térédiles. Paris: F. Savy, libraire-éditeur, 1864.

OLD=**Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PALDC=VENY, Joan. **Petit atles lingüístic del domini català**. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2019. v. 7.

PAVEL, Vasile; BEREJAN, Silviu. Les désignations romanes du mille-pattes. Commentaire et carte. *In*: **ALiR**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 2001. v. 2a. p. 219-337.

PISANO, Pietro; VIARENGO, Maria; PUDDU, Franco. **Animali di Sardegna**. Gli insetti. Sassari: Carlo Delfino, 2003.

PITTAU, Massimo. **Dizionario della lingua sarda, freseologico ed etimologico**. Cagliari: Ettore Gasperini Editore, 2000.

PRANTERA, Nadia. Lucciola lucciola vieni da me… Studio sui nomi degli insetti nei dialetti calabresi. *In*: MENDICINO, Antonio; PRANTERA, Nadia; MADDALON, Marta. **Etnolinguistica e zoonimia**. Le denominazioni popolari degli animali. Rende: Università della Calabria, 2004. p. 47-56.

PUDDU, Mario. **Ditzionariu de sa limba e de sa cultura sarda**. Cagliari: Condaghes, 2000.

REW=MEYER-LÜBKE, Wilhelm. **Romanisches etymologisches Wörterbuch**. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1911.

ROHLFS, Gerhard. **Dizionario dialettale delle tre Calabrie**. Halle (Saale)-Milano: Max Niemeyer-Ulrico Hoepli, 1932.

ROLLAND, Eugène. **Faune populaire de la France**. Paris: Maisonneuve; Cie, v. 3, 1881.

ROMANO, Antonio; CUGNO, Federica; RONCO, Giovanni; DE IACOVO, Valentina; COLONNA, Valentina. Atlanti linguistici e archivi vocali di lingue locali e minoritarie in Italia. **Géolinguistique**, [En ligne], v. 18, déc. 2018. Disponible en: http://journals.openedition.org/geolinguistique/290. Accès dans: 27 mai 2022.

RUBATTU, Antoninu. **Dizionario Universale della Lingua di Sardegna**. Sassari: EDES, 2006. 4 v.

SCALERCIO, Stefano. Macrolepidotteri notturni catturati nel Vincese (Toscana-Italia). **Memorie della Società Entomologica Italiana**, Genova, v. 77, p. 311-316, 1999.

SÉBILLOT, Paul. **Le Folklore de France. La faune**. Paris: Éditions IMAGO (diffusion Payot), 1984 [1904-1906].

SVERDRUP-THYGESON Anne. **Insectes**. Un monde secret. Paris: Arthaud, 2019.

THESOC=**Thesaurus Occitan**. Disponible en: http://thesaurus.unice.fr/

TLFI=**Trésor de la langue française informatisé**. Disponible en: http://www.atilf.fr/tlfi. Accès dans: 25 mai 2022.

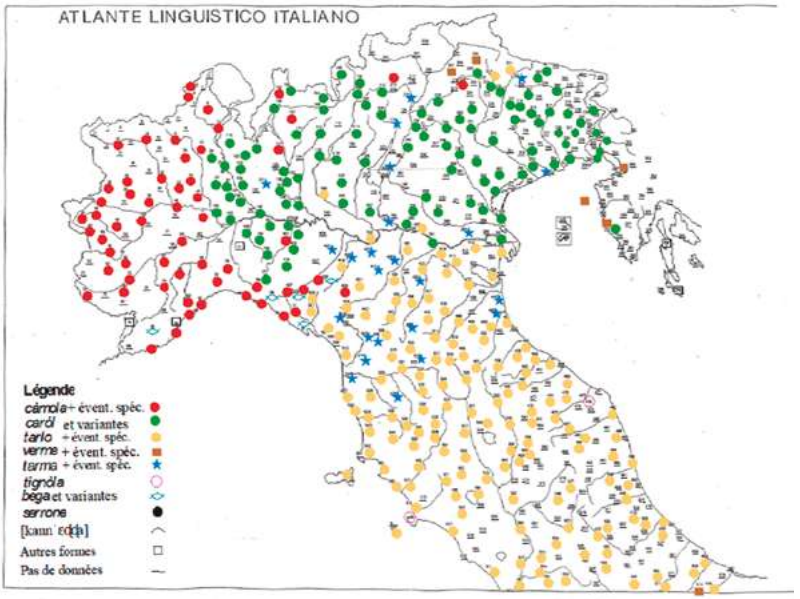
TLIO=**Tesoro della Lingua Italiana delle Origini**. Disponible en: http://tlio.ovi.cnr.it/TLIO/.

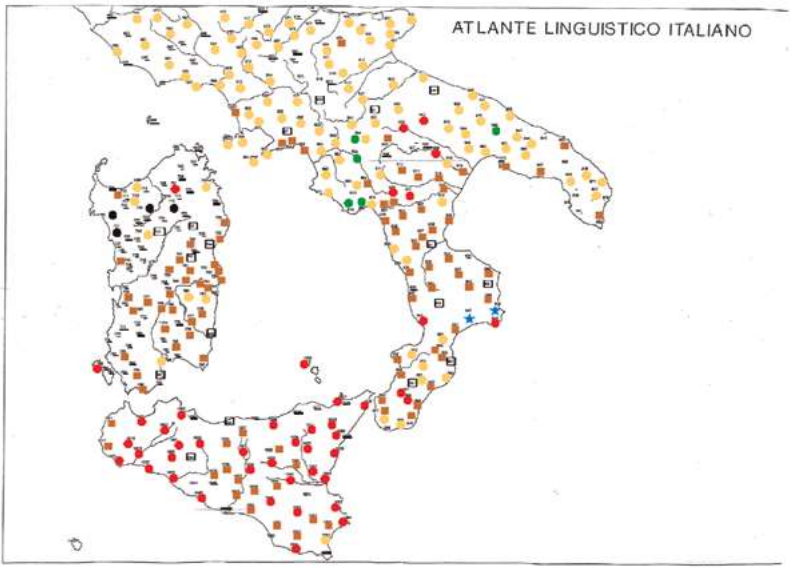
TRUMPER, John Basset; MADDALON, Marta; PRANTERA, Nadia. La seta: un percorso linguistico. *In*: FUSCO, Idamaria (dir.). **La seta. E oltre...** Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 2004. p. 293-321.

VARVARO, Alberto. **Dizionario Etimologico Siciliano**. Palermo: Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Strasbourg: ELIPHI, 2014, 2v.

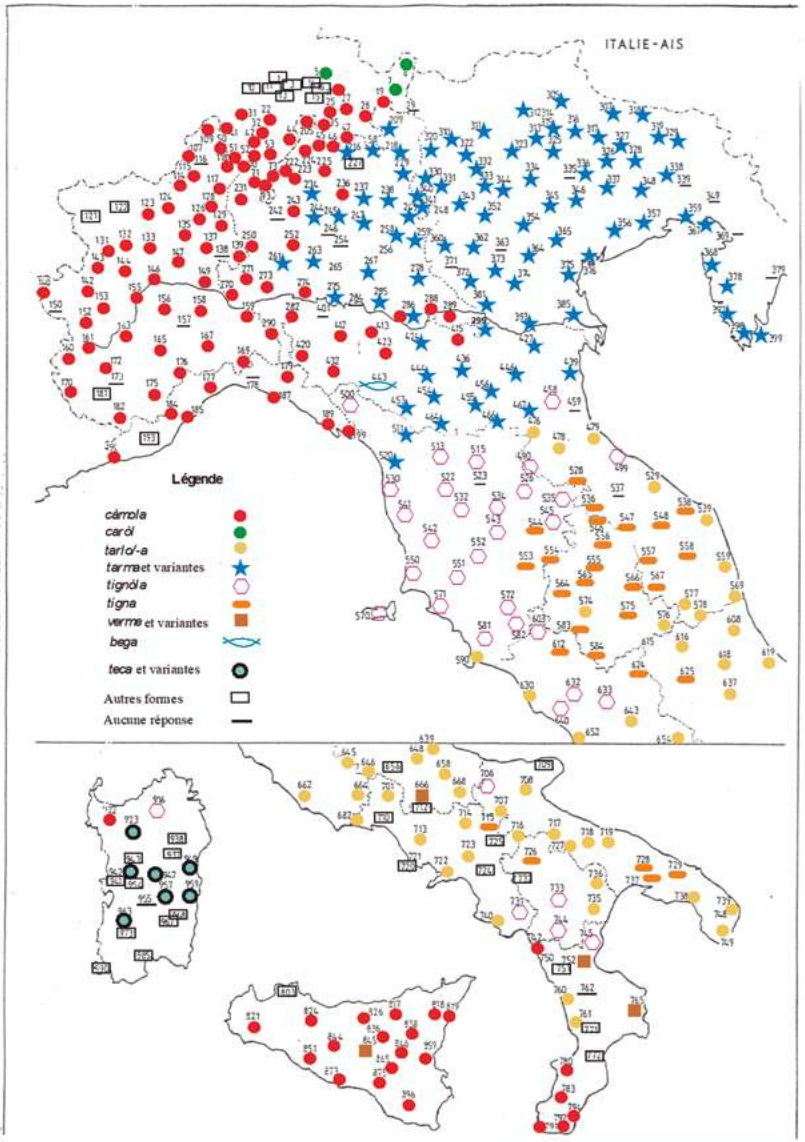
WAGNER, Max Leopold. **Fonetica storica del sardo**. Traduction de Giulio Paulis. Cagliari: Gianni Trois, 1984 [1941].

CARTE N. 1 Carte onomasiologique des désignations italo-romanes et sardes de la vrillette

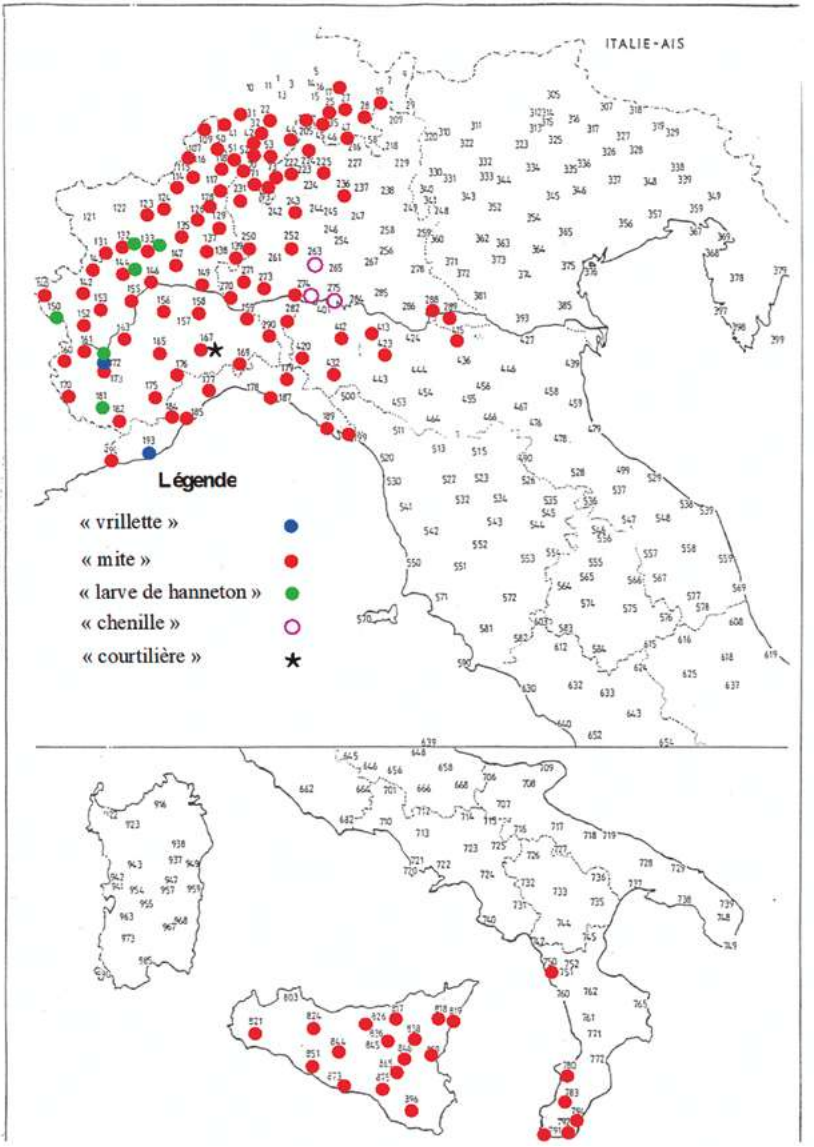




Carte n. 2 Carte onomasiologique des désignations italo-romanes et sardes de la mite



CARTE N. 3 Carte sémasiologique des signifiés associés à càmola en Italie



O FANTÁSTICO VOO DA LIBÉLULA:
UM ESTUDO DA MOTIVAÇÃO NA CRIAÇÃO LEXICAL EM DESIGNAÇÕES REGISTRADAS NO ALEAL, ALiB, ALiR E ALEPG

Maranúbia Pereira Barbosa Doiron
Universidade Estadual de Londrina (UEL) e
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
maranubiadoiron@uel.br; maranubia@unicentro.br

Rasante

Frequentadora de espelhos d'água, brejos e outras áreas alagadiças, a *libélula* é um inseto curioso. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss (2009), do ponto de vista morfológico, ela pertence à ordem dos *odonatos*, sendo facilmente reconhecível pelo abdome longo e estreito, pelas quatro asas alongadas, transparentes e providas de rica nervação. São carnívoros em todas as fases vitais, alimentando-se de insetos e outros organismos. Por trás da aparência diáfana está uma caçadora extremamente hábil e voraz. Em sua busca por alimento, constituído de insetos voadores e larvas, ela executa verdadeiras acrobacias aéreas, pairando sobre a superfície aquática para arrebanhar suas presas. Essa característica peculiar

de adejar sobre a flor d'água num voo aparentemente desordenado está na base semântica de boa parte das variantes lexicais para a libélula, como será demonstrado neste estudo.

A unidade lexical *libélula* é padrão nos dicionários de língua portuguesa consultados para este estudo, a saber, Houaiss (2009), Caldas Aulete Digital (2007) e Dicionário Infopedia da Língua Portuguesa (2006). No entanto, essa designação é tardia, tendo aparecido somente em 1889, a partir do nome científico *libellula*– diminutivo do latim científico *libella, ae*– com sentido de prumo, nível. Não se pode excluir, entretanto, a hipótese de que a forma *libella* seja de origem fonossimbólica, com um proto-lexema */leb-* que parece aparentado à *lip- / lep-* ou à *pil- / pel- / pal-* cujo redobro de sílabas pode indicar que se trata do bater das asas do inseto.

O fato de a designação padrão ser relativamente recente não significa dizer que o inseto era desconhecido e, muito menos, que os falantes não o nomeassem cada um à sua maneira[1].

Nos países de língua românica, salvo em certas zonas geográficas, como, por exemplo, na Sicília, onde predomina o clima seco, e em alguns trechos da região alpina, onde o degelo das neves não permite que a água se acumule, a *libélula* sempre foi velha conhecida dos falantes. As designações lexicais levam em conta as características físicas e o comportamento desse inseto. Sobre a analogia do nome *libélula* com uma ferramenta, nesse caso, o prumo, Hoyer, em artigo do *Atlas Linguistique Roman* (ALiR, 2001), explica que a lexia *libélula* surgiu após a inserção do inseto no rol de nomes científicos, fato registrado no século XVI. Na descrição científica latina, considerou-se que a anatomia do corpo do inseto, bem como seu

[1] Variantes lexicais presentes no Português Brasileiro: aviãozinho, cabra-cega, calunga, cambito, canzil, catarina, cavalinho-de-judeu, cavalinho-do-diabo, cavalo-judeu, chupeta, donzelinha, fura-olho, fura-terra, helicóptero, jaçanã, jacina, jacinta, lava-bunda, lava-cu, lavadeira, lavandeira, libelinha, macaquinho-de-bambá, odonato, olho-de-peixe, papa-fumo, papa-vento, pito, tangerina, zabumba, zigue-zague, zigue-zigue (HOUAISS, 2009).

voo plano, lembrava um prumo, daí o nome *libella, ae*, como explana Hoyer (2001, p. 283):

> Les scientifiques ont choisi le mot latin LIBELLA 'petite balance', diminutif de LIBRA 'balance'. Le mot LIBELLA désignait aussi en latin un petit outil permettant de vérifier l'horizontalité des objets : triangle isocèle dont la hauteur était un fil à plomb qui, si l'objet vérifié était horizontal, devait arriver au milieu de la base. Le Dictionnaire étymologique de la langue français donne à LIBELLA utilisé par les scientifiques au XVIIIe siècle, le sens de 'niveau', en ajoutant 'ce nom a été crée par allusion au vol plané de la libellula'. Niveau ou balance horizontale ? Le débat risque d'être vain. L'important est de savoir que le mot LIBELLA a d'abord été utilisé au XVI [e] siècle, par G. Rondelet pour désigner une larve aquatique qui lui paraissait ressembler au poisson-marteau. Après avoir compris que ces larves étaient celles de la libellule, les scientifiques du XVIIIe siècle ont adopté son nom pour l'insecte adultes[2].

No Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), a pergunta de número 69 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) buscava designações para o referido inseto. Os semas apresentados aos informantes são os mesmos do ALiB (2014): *"...o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na* água?". As respostas geraram uma Carta linguística – número 064[3] – que consta da tese de Doiron (2017).

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), bem como alguns atlas europeus, no caso, o Atlas Linguistique Roman (ALiR) e o Atlas

[2] Os cientistas escolheram o nome latino LIBELLA 'pequena balança', diminutivo de LIBRA 'balança'. O nome LIBELLA designava também em latim uma pequena ferramenta utilizada para se verificar a horizontalidade dos objetos: triângulo isóscele cuja altura era um fio de chumbo que, se o objeto fosse horizontal, devia chegar ao meio de base. O Dicionário Etimológico da Língua Francesa, de Bloch-Wartburg dá ao termo LIBELLA utilizado pelos cientistas do século XVIII um senso de nível, visto que foi criado por alusão ao voo plano da *libélula*. Nível ou balança horizontal? O debate corre o risco de ser vão. O importante é saber que o nome LIBELLA foi empregado antes de tudo no século XVI, por G. Rondelet, para designar uma larva aquática que parecia-lhe semelhante ao peixe martelo. Depois de ter entendido que as larvas eram da *libélula*, os cientistas do século XVIII adotaram o nome para o inseto adulto (Tradução da autora).

[3] A carta linguística de número 064, do ALEAL, encontra-se no Anexo.

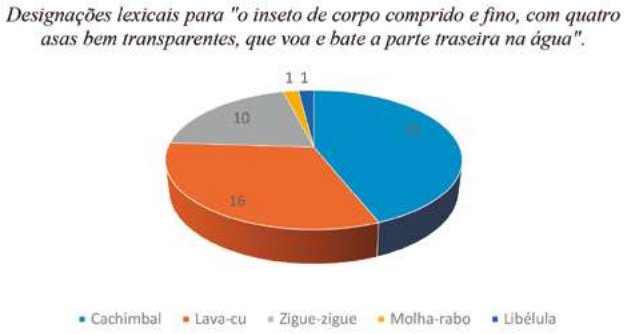
Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galícia (ALEPG) também apresentam designações para esse inseto, registros esses que se encontram, em parte, expostos no presente trabalho.

Imersão em espelho d'água: as designações registradas pelos informantes do ALEAL

À questão apresentada aos informantes do ALEAL, sobrevieram três designações: *cachimbal, ziguezigue e lava-cu*, nessa ordem de frequência, além de duas respostas isoladas – *molha-rabo* e *libélula*. Sobre esta última, uma informante em Alagoas, (mulher, faixa etária jovem, de 30 a 50 anos), no Ponto 2 – Canapi, ao citar a designação padrão dada pelos dicionários, disse: "É *lava-cu* que chama aqui, mas é a *libélula*, eu li no livro, mas aqui na região é *lava-cu".*

Os dados obtidos podem ser mais bem visualizados no Gráfico 1.

Gráfico 1: respostas, em números absolutos, à questão de número 69 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALEAL



Fonte: Banco de dados da autora.

A designação *cachimbal*, predominante junto aos informantes do ALEAL, com 22 registros, não apresenta uma motivação transparente, no sentido estrito do termo. No entanto, pode-se entabular ao

menos uma hipótese, considerando que a palavra, não dicionarizada, aludiria a uma alteração da lexia *cachimbo*, junto a qual se acoplou o sufixo *-al*. Segundo o Dicionário Eletrônico Caldas Aulete (2007), o sufixo *-al* é "formador, primeiramente, de adjetivos em geral com a noção de referência ou de pertinência (referente ou pertence a) ou do que é característico (próprio ou típico de)". Ocorre que a designação *cachimbal* não se refere a um adjetivo, e sim, a um substantivo: os informantes assim nomearam o inseto. Em Caldas Aulete (2007), tem-se, ainda, a acepção do sufixo -al, em referência a substantivos com noção de coletividade, de quantidade, como em pombal, algodoal. Não é, portanto, de todo equivocado conceber que essa noção possa se estender e abarcar, semanticamente, substantivos em concomitância com a ideia de pertencimento a algo: faria sentido, assim, o sufixo -al anexado ao substantivo *cachimbo*. A título de curiosidade, o vocábulo *cachimbo*, cuja datação é de 1680, é de origem obscura, conforme os dicionários consultados (HOUAISS, 2009; DICIONÁRIO CALDAS AULETE DIGITAL, 2007), considerando-se, contudo, como sendo advinda do quimbundo.

Sobre a anatomia do inseto: o corpo fino e comprido em relação à cabeça desproporcional e olhos proeminentes da *libélula* assemelhar-se-iam a um cachimbo, artefato constituído por um tubo delgado que tem numa das extremidades um recipiente arredondado e oco (local onde se coloca o tabaco). Ora, a unidade lexical *cachimbal* encontra consonância na variante *pito* – não registrada no ALEAL – mas, presente nos dicionários já citados. Em Caldas Aulete Digital (2007), a primeira acepção para *pito* refere-se, explicitamente, a *cachimbo*, definida como um brasileirismo, nesse dicionário. Há que se convir que existiria, pois, uma relação entre *cachimbal* e *pito*, ambos correlacionados ao artefato para fumantes.

À guisa de conclusão, considera-se que a opacidade recobre a variante *cachimbal*, posto que não é dado apontar com clareza a

motivação primeira na criação lexical. Todavia, a proximidade com o grafema e a semelhança fonológica não deixam indiferente o falante, que pode estabelecer similitude entre o objeto usado para fumar e o corpo alongado do inseto.

A motivação para a segunda variante mais citada – *lava-cu* – com 16 menções, é mais evidente por fazer alusão à água. Isso se explica pelo fato de o inseto ter seu habitat em locais onde há água estagnada e limpa, como margens de riachos, espelhos d'água, charcos e várzeas. Essas condições físicas e geográficas são propícias à proliferação de uma grande quantidade de insetos, larvas e mesmo girinos, dos quais se alimenta a libélula, invariavelmente muito voraz, podendo chegar a ingerir num só dia até ¼ de seu peso. Quem ou aquele que se lava – ou aquilo busca lavar – procura fazê-lo em algum local que contenha água – líquido inodoro, insípido e incolor – cujas características reúnem as condições necessárias para a limpeza. O inseto que os informantes do ALEAL mencionaram esbarra a extremidade do corpo na água, tocando-a de leve. O intuito, sabem bem os entomologistas, não é a limpeza do corpo, e sim, a captura de espécimes que pairam sobre a flor d'água e servem de alimento ao predador.

A motivação referente ao tema da água está, portanto, na origem da forma *lava-cu*, concluindo-se que a criação lexical *é* transparente nessa designação.

O voo do inseto, que aos olhos dos informantes pode parecer improvisado e desordenado, mas que, na realidade é favorecido pela visão de 360 graus que tem das presas, justifica a designação *zigue-zigue* registrada pelos informantes do ALEAL. Segundo o dicionário Caldas Aulete Digital, o verbo *ziguezaguear* diz respeito a voos que vão de um lado para outro, aparentemente às cegas, e que evoluem sinuosamente, em *ziguezagues*. Além desses aspec-

tos visuais, há o ruído vibrante do inseto nas acrobacias e figuras que executa no ar. Assim, a motivação *fonossimbólica* de natureza acústica, a que se acrescenta a motivação visual, em função da movimentação rápida e irregular de seu voo, estão na base da criação lexical de *zigue-zigue*, transparente.

A designação *molha-rabo* – uma hápax – está diretamente associada ao elemento água: o inseto molha a extremidade posterior do corpo ao se lançar sobre suas presas. Chama a atenção dos falantes esse comportamento peculiar do invertebrado – e por isso assim o designa – porém, nem ele é dotado de *rabo* (o abdome é que é alongado e fusiforme), nem há o intuito de banhar-se na água. Como já dito, os voos à superfície de águas paradas têm como objetivo aprisionar outros insetos e deles se alimentar. Mas, para o falante que observa as manobras do inseto, não é possível ver as minúcias dessa ação em virtude da rapidez com que o ato é executado e, também, pelo fato de as presas serem, na maioria das vezes, minúsculas – inclusive, devorando indivíduos da própria espécie, sem distinção. No entanto, o que marca a visão do observador é o inseto molhando o *rabo*. A motivação, pois, é transparente.

Já a designação lexical *libélula*, outra hápax, como já mencionado no início desse trabalho, é a variante padrão nos dicionários consultados. Impressiona as características físicas e a performance do inseto, conforme descrição, no site Mundo Educação UOL (2009):

> [...] possuem dois pares de asas, de envergadura que varia entre dois e vinte centímetros, e que podem funcionar separadamente, de acordo com a forma e velocidade de vôo. [...] podem bater suas asas até 50 vezes por segundo e atingir cerca de 90 km/h, com condições de se manterem no ar por aproximadamente 5 horas diárias.

Não é de admirar que essas peculiaridades do inseto tenham dado margem a um tão amplo conjunto de variantes lexi-

cais. O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Entomologia Molecular – INCT-EM – elenca um rol bem mais vasto de variantes lexicais do que os dicionários consultados:

> *Dragonfly*, *Damselfly* – em inglês; *Libélula*, *Cabalito del diablo* – em espanhol; *Wasserjungfer* – em alemão; *Libellule*, *Demoiselle*, em francês). (Ordem Odonata). São todos os insetos desta Ordem. Todos na forma larval (as odonáiades) e adulta são ferozes predadores. Sinônimos [variantes]: agrião, aguadera, arquiptero, aviãozinho, cabra-cega, calunga, cambito, canzil, cavalinho-de-São-Jorge, cavalo-de-judeu, cavalo-de-cão, cavalo-do-cão, cavalo-dos-mortos, chupeta, donzelo, fura-olho, guigo, helicóptero, jacina, jaçanã, jacinta, larva-lunada, lava-bunda, lavadeira, lavandeira, libelinha, macaquinho-de-bambá, odonatos, olho-de-peixe, papa-mosquito[4], papa-vento, pica-fogo, pito, pito-do-coisa-ruim, pito-do-demo, tangerina, zabumba, zig-zag e zigue-zague. (INCT-EM, 2001) * Grifo da autora

Como se vê, as dezenas de variantes revelam motivações as mais distintas. A designação grifada – papa-mosquito, é bastante clara no que se refere à motivação: o *odonato* é extremamente voraz e se alimenta de outros insetos, muitas vezes, até mais corpulentos do que ele próprio.

No que concerne a variante padrão – *libélula* – sabe-se que a denominação cabe ao professor de medicina e naturalista francês, Guillaume Rondelet (1507-1566). Como exposto anteriormente, Rondelet julgou que haveria semelhança entre o inseto e uma pequena balança (*Libra*), o inseto e um prumo (*Libella*, em latim), possivelmente, pelo fato de o inseto planar na horizontal. A designação sugerida por Rondelet foi incorporada, posteriormente, já no século XVIII, pela taxonomia criada pelo naturalista sueco Carolus Linaeus.

Quanto à motivação lexical da variante *libélula*, não se pode afirmar que seja transparente, já que no ato da criação lexical, não fica claro se se trata de referência a balança ou prumo. De todo

[4] Talvez esta denominação (papa mosquito) seja o nome popular com maior produtividade.

modo, a motivação dessa variante, pela ancianidade, ficou longe, no tempo, não sendo possível ver nela o que a motivou.

Voo de reconhecimento: breve exposição de variantes lexicais para o inseto registradas no ALiB

A designação *cachimbal* também consta do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2014): além de ter ocorrido em Alagoas, os informantes de Sergipe registraram a variante.

A ocorrência lexical *lava-cu*, uma das designações mais frequentes no ALEAL, está no ALiB (2014), registrada somente em Aracaju. Essa variante encontra similares em algumas capitais brasileiras, tais como: *bate-bunda* (Campo Grande e Goiânia), *lava-bunda* (Vitória, Curitiba, Campo Grande e Goiânia) e *lavadeira* (Porto Velho), por ordem de frequência.

A unidade lexical *zigue-zigue* é característica da maior parte das capitais do Nordeste. Em ordem decrescente de frequência, ela aparece em Natal, João Pessoa, Maceió, Recife, Aracaju e Fortaleza. A designação *helicóptero*, cuja motivação é similar a *zigue-zigue*, no ALiB (2014), em ordem decrescente, nas seguintes capitais: Goiânia, Curitiba, Florianópolis, Rio Branco, Campo Grande, São Paulo e Natal.

A variante lexical que obteve o maior número de registros nas capitais de estados da região Norte do Brasil: *jacinta*, desperta particular atenção. No Houaiss (2009), a lexia é apresentada como um regionalismo da Amazônia, variante de *libélula*. A etimologia da palavra, segundo o dicionário, é obscura.

Em Boa Vista, Manaus, Macapá, Porto Velho e Belém, *jacinta* aparece com um percentual de respostas em torno de 70 e 85%, com exceção de Rio Branco, com menos de 15% de registros. Inquiridos sobre a razão do nome *jacinta* para o inseto em ques-

tão, os informantes não souberam dar explicações. Nas notas que constam do ALiB (2014, Carta L12a), alguns informantes, especialmente aqueles de nível de escolaridade fundamental, comentaram que a designação *jacinta* é corrente na comunidade, não parecendo despertar neles maior atenção. No entanto, os informantes com nível de escolaridade superior, disseram saber diferenciar as duas variantes – *libélula* e *jacinta* – e que as empregam conforme a categoria escolar de seu interlocutor e o contexto comunicativo. Ainda mencionando o ALiB, sobre a motivação ou origem do nome *jacinta*, um informante de Manaus disse que, provavelmente, trata-se de uma palavra indígena. Talvez o informante tenha feito menção à "teogonia dos indígenas de língua tupi – jaci – a Lua, mãe dos vegetais" (HOUAISS, 2009). Esse dicionário traz o verbete *jacina*, atribuindo-lhe a etimologia no tupi, derivado de "*ya*'*sina*, inseto da ordem dos odonatos, espécie de *libélula*, também conhecida como *lavadeira*". A considerar-se essa correlação, não seria de todo inadequado conceber que *jacinta* seria uma variante fonética de *jacina*. Por não haver referências científicas sobre a designação exposta, é provável que a motivação esteja intimamente relacionada a fatores de cunho geográfico ou histórico da região amazônica, visto que não há registro dessa variante em outros pontos do Brasil.

Retomando a Hoyer (2001), os falantes, diante da não existência de uma referência pontual quando do ato de nomear seres e coisas, recorrem a nomes de personagens humanos. Com efeito, o ALiB, capitais na região Nordeste, inscreveu duas variantes que se inserem nessa proposição. Em Fortaleza, a variante *mané-magro* obteve cerca de 60% das respostas entre os informantes da capital cearense. O nome próprio *Manuel* é empregado de maneira genérica para designar o inseto, e o adjetivo *magro* denota a sua silhueta esbelta. Em suas notas (Carta L 12a), o ALiB assinala que essa designação predomina na fala dos menos escolarizados.

Em Teresina, aproximadamente 90% dos informantes responderam *catirina*. Segundo o Houaiss (2009), *catirina* é um regionalismo brasileiro, definido como a "personagem feminina de maior destaque no bumba-meu-boi, caracterizada por temperamento alegre e brincalhão". *Catirina*, nesse dicionário, é uma variação fonética do antropônimo *catarina*. Nas mesmas notas do ALiB, lê-se que *catirina* aparece somente na capital piauiense, e que apenas uma informante do sexo feminino mencionou a forma padrão *libélula*.

O ALiB traz ainda alguns nomes de animais para o referido invertebrado. Em São Luís, cerca de 85% dos informantes citaram a variante *macaco*. Como entender a motivação por detrás dessa unidade lexical? Num exercício forçosamente imaginativo, é dado considerar que os falantes traçariam um paralelo entre os movimentos ágeis do *macaco* e a rapidez e habilidade do voo do inseto predador, todavia, não há referências científicas que corroborem essa proposição.

Outro exemplo da inovação lexical dos falantes diz respeito à denominação *besouro*, citada por mais da metade dos informantes de Florianópolis, a única capital a registrar essa variante. Inquiridos sobre os fundamentos para se ver no *besouro*, cuja anatomia, compacta, robusta e coberto por cores escuras, em nada lembrando a *catirina/jacinta* e similares, esbelta e translúcida, os falantes não souberam apresentar uma explicação satisfatória. Diante da falta de subsídios científicos, indaga-se se os falantes veriam no voo irregular do *besouro* alguma parecença com o voo do *mané-magro*/*zigue-zigue*. Nesse caso, também, carece-se de materialidade científica para atestar essa hipótese.

Já em outra denominação – *cigarra* – que, em Porto Alegre, chegou a obter aproximadamente 70% das respostas, bem como em São Paulo, com 20%, parece mais plausível estabelecer uma similaridade entre os dois insetos. O voo da *libélula* é acompanhado por um som característico que aos ouvidos dos falantes se equipa-

raria à cantoria entoada pelas *cigarras*, ainda que essas não voem com a mesma maestria.

Duas designações – *olho-de-peixe* e *assa-peixe* – mencionadas apenas pelos informantes em Cuiabá, soam interpeladoras, no tocante à motivação. Ambas as unidades lexicais obtiveram 50% de registros, sendo as únicas inscritas no ALiB (2014). É sabido que esse inseto possui olhos grandes e salientes, providos de uma complexa rede de nervos, permitindo-lhe espreitar num ângulo completo, outros insetos que irão constituir sua alimentação. Os peixes, normalmente, também são dotados de olhos bojudos. Outra característica que, hipoteticamente, poderia explicar as designações referentes aos peixes, talvez venha do fator movimento: com a mesma facilidade que a *zigue-zigue* se desloca no ar, o peixe também se move na água, seu habitat natural. Diante de tal cenário, convém não categorizar que o empréstimo seja devido a essa ou aquela possibilidade. Entretanto, por ser a designação *olho-de-peixe* bastante explícita, pondera-se que os falantes veriam alguma relação entre os olhos de ambos os referentes. Essa probabilidade encontra sustentação em Hoyer (2001, p. 286), que traz a designação dácio-romena *olho-de-boi*. Segundo a autora, os falantes utilizam esse termo respaldados pela analogia biológica entre os grandes globos oculares dos bovinos e os olhos igualmente avantajados da *libélula*. Seja essa proposição provida de senso ou não, é certo que o verbete *olho-de-peixe* está inscrito no Houaiss, definindo-o como um regionalismo do Estado de Mato Grosso. Já o item *assa-peixe* afigura-se incerto.

Dentre todos os animais equiparados ao *lava-cu*, o *cavalo* é um dos mais lembrados. O cotejamento não deixa de ser razoável em se admitindo que os equinos são animais conhecidos pela velocidade e execução de movimentos leves e graciosos. No ALiB, a unidade lexical *cavalo* foi lembrada por 50% dos informantes de Salvador, recorrência efetivamente elevada.

No ALiB, a designação *cavalo-do-cão* foi assinalada por cerca de 15% dos informantes em Recife, reforçando a crença em torno dos atributos maléficos do pequeno predador.

Sobre a designação padrão *libélula*, os dados do ALiB (2014), dão conta de uma produtividade de 100% entre os informantes de Belo Horizonte, caso único entre todas as capitais brasileiras. Na capital paulista, 55% citaram essa resposta, seguido do Rio de Janeiro, com 50% das menções, 40% em Curitiba e 35% em Goiânia.

Sobrevoo do *aviãozinho* no espaço românico

Também nos atlas linguísticos europeus são fartas as ocorrências lexicais para o inseto artrópode da família dos odonatos. No Atlas Linguistique Roman (ALiR, 2001), a variante *helicóptero* aparece no domínio espanhol, ao lado de *avião*, comum em regiões referentes ao português, ao galego e ao espanhol; tem-se, ainda, *aeroplano d'água* (romeno), seguido da forma diminutiva *aviãozinho* (espanhol), e mesmo *aviador*, na área do português europeu.

No âmbito das línguas românicas, mais especificamente, no espanhol, o ALiR (2001, p. 305) traz o registro *Maria*, confirmando a tendência dos falantes a utilizar os antropônimos. Ainda segundo o ALiR (2001, p. 281), o caso da *libélula*, cuja forma padrão é tardia e causou o que é chamado, no artigo, de "vazio lexical", demonstra que os falantes tendem a recorrer, também, a nomes de outros animais. No âmbito do léxico românico, há no ALiR 28 animais referindo-se ao predador, entre eles, o "*moineau*, *la mouche*, *le moustique*, *le papillon*"[5].

Os malefícios do inseto não se restringiriam ao homem, estendendo-se também a outros animais: *pica-porco*, no português europeu, e *mata-mariposas*, no espaço espanhol, são exemplos em que se apoia o ALiR (2001, p. 287).

[5] Pardal, mosca, mosquito, borboleta.

Nas demais línguas românicas, especificamente, no espaço espanhol, catalão e italiano setentrional, a forma *cavalo* é comum. Fazendo jus ao imaginário popular, as formas *cavalo-de-deus* (sardo) e *cavalo-do-diabo*, frequente no espaço português, galego, espanhol, catalão, sardo e dácio-romeno (ALiR, 2001, p. 294) demarcam o eterno embate entre o bem e o mal. Nessa linha de pensamento, algumas línguas românicas fazem emprego frequente do vocábulo *cavalo* a serviço de alguma entidade sobrenatural, no caso, *cavalinho-das-bruxas*, designação com registros no português europeu, no catalão e italiano meridional (ALiR, 2001, p. 295).

Hoyer (2001) observa que algumas atribuições dadas ao *odonato*, ainda que de cunho especulativo, podem ser explicadas por algumas crendices populares que vigoram em torno do inseto. A autora explica que, em muitas comunidades românicas, ele é tido como um animal perigoso. Na França, na região lionesa, propaga-se que o inseto cuspiria ou urinaria um líquido capaz de cegar os olhos dos incautos. Na Suíça, às crianças irrequietas são advertidas: uma grande *libélula* viria costurar os lábios das mais buliçosas. De natureza educativa ou instrutiva, tais crenças compõem o léxico cotidiano dos temores humanos em face dessa criatura alada. Enredadas de maneira incisiva para não deixar dúvidas quanto ao poder desse inseto, os termos são sempre precedidos de um verbo.

A BELA E A FERA: ENTRE LIBELINHA E TIRA-OLHOS, UM PLANADOR SOBRE AS DESIGNAÇÕES LEXICAIS NO ALEPG

Por ser o professor doutor, João Antonio das Pedras Saramago, um dos homenageados no VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística (VI CIDS), julgou-se pertinente apresentar um panorama mais detalhado das designações lexicais para

o inseto da ordem dos odonatos no Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galícia (ALEPG), com especial destaque para o arquipélago dos Açores, local de nascimento do referido pesquisador.

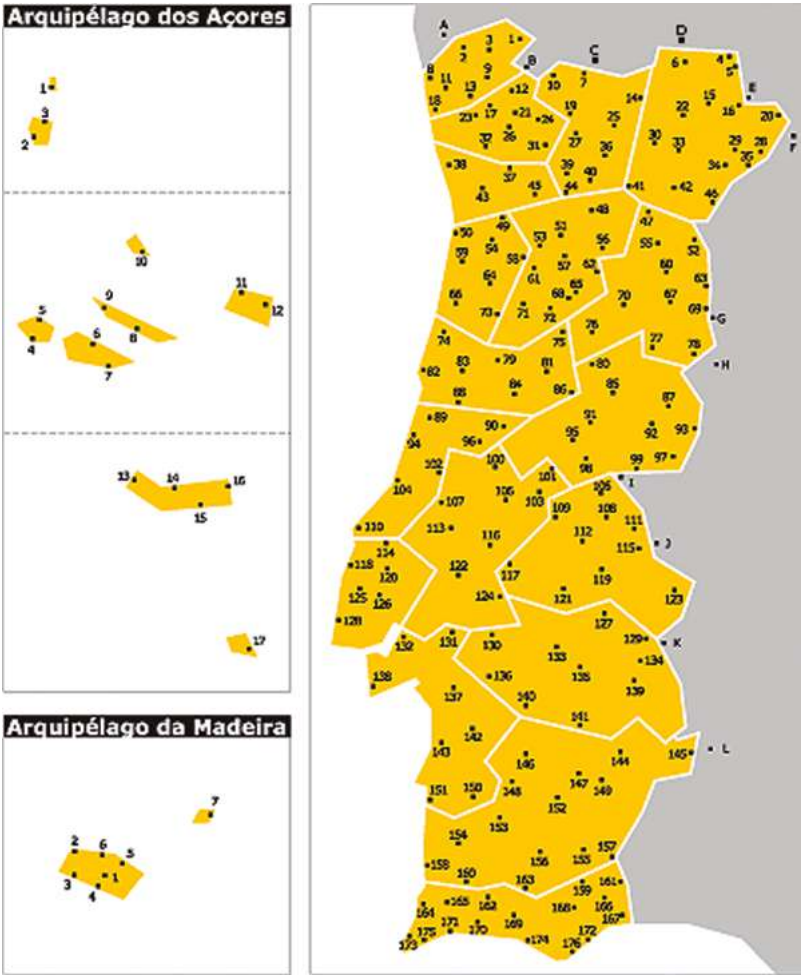
De acordo com informações do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), em 1970, foi concebido o projeto de um atlas nacional para Portugal e Galícia, o qual foi dirigido por Luís F. Lindley Cintra, que, junto a uma equipe, se incumbiu, nos quatro primeiros anos, a elaboração do Questionário Linguístico, que culminaria no Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galícia (ALEPG). O questionário aplicado é lexical, de base onomasiológica.

Cerca de 3.500 perguntas foram formuladas, tendo sido reduzidas a 2.000, para que o projeto fosse levado a termo em menos tempo. As questões referem-se ao léxico diretamente associado às temáticas tradicionais referentes à agricultura e agropecuária.

A rede de pontos do ALEPG é constituída por 212 localidades, sendo que, 176 estão em território continental, 17 no arquipélago dos Açores, sete no arquipélago da Madeira e 12 em algumas zonas fronteiriças, no território espanhol.

Os inquéritos foram aplicados a partir de 1974. Em seguida, a equipe do CLUL passou a trabalhar na transcrição fonética dos registros obtidos, que viriam a constituir a base de dados do ALEPG. registrados. Toda a base – cerca de 4.500 horas em registro magnético – foi gravada em formato digital para garantir a salvaguarda do material. A Figura 1 traz uma visão geral da rede de pontos do ALEPG.

Figura 1: a rede de pontos do ALEPG



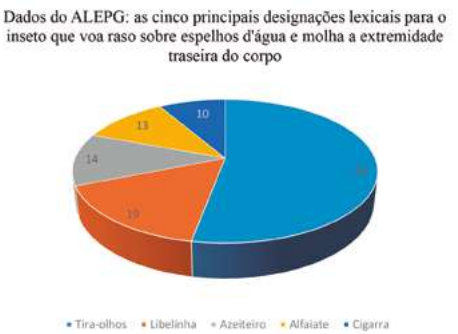
Fonte: site oficial do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)

O "vazio lexical" do qual trata o ALiR (2001, p. 281), antes da inscrição da forma padrão *libélula*, no século XVIII, possibilitada pela taxonomia criada por Carolus Linaeus, deu – em que pese o trocadilho – asas à imaginação dos falantes. O ALEPG registrou 64 designações lexicais para a *libélula*, definida assim pelo Dicionário Infopedia da Língua Portuguesa:

> designação comum, extensiva a diferentes insetos artrópodes da ordem dos odonatos, frequentes em Portugal, de corpo fusiforme, com abdómen longo e estreito, cabeça arredondada e quatro asas semitransparentes, que se alimentam sobretudo de insetos, sendo também conhecidos como *cavalo-das-bruxas, donzelinha, libelinha*, etc.

O rol, profícuo e fértil no que tange à motivação das variantes, conta com muitas hápax, mas há cinco unidades lexicais que merecem particular atenção: *tira-olhos*, com 63 menções; *libelinha*, com 19; *azeiteiro*, com 14; *alfaiate*, com 13; e *cigarra*, com 10 ocorrências. A variante *azeiteiros*, no plural, obteve cinco menções, mas, neste estudo, não foram computadas junto à mesma unidade lexical, no singular. As demais designações estão listadas na nota de rodapé[6]. O Gráfico 2 traz, em números absolutos, as principais ocorrências lexicais para o inseto, no ALEPG.

Gráfico 2: As cinco primeiras ocorrências lexicais para o inseto artrópode da ordem dos odonatos



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir da base de dados do ALEPG.

[6] Besoiro (4), cavalo-do-diabo (4), zangão (4), avião (4), pinga-azeite (3), espadinha (3), bate-cu (3), espada (2), gaiteiro (2), zangão-de-água (2), zangões (2), sapateiro (2), atabão (2), tarantão (2), taranta (2), fura-olhos (2), soldado (2), cavalinho(2). Além dessas variantes, registraram-se diversas hápax: zeiteiro, azeitão, caga-azeite, cabalhos de diabo, patassoles da água, patassóis da água, patassóis, pica-porco, pica-peixes, moças, maça-leites, corta-nariz, corta-olhos, maça-rodeiro, zango, peneireiro, sapateiro, toureiro, caçadores, zango, zangro, zé-grande, aviões, aviadores, cigarrela, segarrega, espancalha, moscardo, abelhões, caturro, cigarro, pica-pau, passarinha, galo-de-água, galo-da-ribeira, bispos, nibelinha, bate-cus, bate-cuses.

No arquipélago dos Açores, as variantes lexicais registradas foram, por ordem de frequência: *tira-olhos*, com sete registros; *libelinha*, com três; *besoiro*, com três; *espadinha*, com três; *espada*, com dois; *fura-olhos*, com dois; *zangão-de-água*, com dois; *zangão*, com dois; *zango*, *zangões*, *galo-de-água* e *galo-de-ribeira*, cada qual com uma só menção.

A ocorrência lexical *tira-olhos* vem a corroborar a crença dos falantes na periculosidade do inseto, tal qual foi observado na região lionesa e relatado no ALiR (2001, p. 287). Juntam-se a essa variante a outras de menor frequência, tais como: *pica-porco*, *pica--peixes*, *espada*, *espadinha*. A motivação, nesse sentido, apesar de parecer transparente, em se levando em consideração a lexia em si, afigura-se opaca, por ter se perdido no tempo a real motivação.

A variante *libelinha* poderia ser um diminutivo de *libélula*, mas, não se se pode descartar de todo que essa designação seja uma referência à beleza da *libélula*: nesse caso, poderia ser visto aí o adjetivo diminutivo *belinha,* que se juntaria às duas primeiras letras de *li*bélula: assim, *libelinha*.

Por zelo, respeito, admiração e, sobretudo, temor, certos animais são designados com hipocorísticos. Tem-se como exemplos emblemáticos o caso da *doninha*, mamífero carnívoro da família dos mustelídeos, do gênero *Mustela*, temida por criadores de aves e animais de pequeno porte criados em quintais. Apesar da voracidade de seus ataques, a maior parte das designações em nada indica a característica sanguinária, pelo contrário, as variantes fazem supor um animalzinho gentil, delicado e aprazível. Chamam-na: *belette* (belezinha, em francês); *donosilla* (donazinha [de casa]) em castelhano; *bonuca* (empregadazinha) e *donnola* (daminha), em italiano; *bucca e mele* (boca e mel), em sardo.

O tabuísmo cerca, particularmente, o universo das designações do mamífero *doninha*, que recebe nomes de outros referentes (especialmente, animais), inferindo-se daí que o fato de se pronunciar seu verdadeiro nome atrairia sobre o grupo [a casa, a família] as ações [prejudiciais] praticadas pelo animal em questão (CONTINI, 2007, p. 66). O tabuísmo explicaria, assim, as variantes *cigarra* e *besoiro* registradas no ALEPG (e também no ALiB), e também *cavalos-do-diabo*, *cavalinho*, *abelhões*, *zangão*, *galo-de-água*, *galo-da-ribeira*, *patassóis*, *patassoles da* água.

Quanto *à* designação *azeiteiro*, e também *azeiteiros*, no plural, ou, ainda, *zeiteiro* e *caga-azeite*, registradas pelo ALEPG, a motivação pode estar ligada às características ligadas à ação e ao comportamento do inseto, sendo ressaltadas nele a voracidade e o perigo que os falantes demonstram sentir frente a ele.

Acerca da variante *alfaiate*, pode-se cogitar que a forma fina e elegante do inseto remeteria a essa profissão, que trabalha com fabrico de vestimentas e que dela exigem um corte perfeito. No entanto, essas são apenas elucubrações que carecem de fundamentação científica.

Pode-se concluir, então, que a motivação – ou motivações – para as cinco designações mais mencionadas pelos informantes do ALEPG, bem como as menos registradas, afiguram-se opacas.

Algumas considerações sobre as variantes lexicais para o inseto artrópode da ordem dos odonatos

As diferentes variantes para o inseto artrópode do qual trata o presente estudo demonstram que a motivação na criação lexical nem sempre é transparente e dotada de lógica. Alinei (1986) explica que os diferentes nomes para animais e insetos exemplificam não somente o conceito de tabu linguístico, mas igualmente são

representativos da relação entre animais-tabus e animais-totens, expondo as transformações que essa relação sofreu ao longo do tempo, da pré-história à história comum das culturas europeias. As dezenas de séculos que separam o homem moderno do homem do neolítico, notadamente após o estabelecimento da agricultura e pecuária, recobriram a relação que havia entre animais e homens e sedimentaram por completo os fundamentos do que o autor cunha como totemismo. A despeito da mudança na relação entre os homens e os animais selvagens, baseada hoje na racionalidade, a concepção primitiva desses animais subsiste, ainda que modificada, nos nomes ditos como obscuros e de origem controversa, podendo ser redescoberta a partir do método de análise motivacional.

O tabu linguístico, que diz respeito à denominação do animal por um nome de outro, sobretudo, quando não há nenhuma semelhança particular entre um e outro, é patente no caso do inseto que aqui se expôs. Pode parecer que denominá-lo *macaco*, *besouro*, *cigarra*, *cavalo*, *zangão*, *abelhão* ou *patassol* não faça nenhum sentido; porém, a opacidade recobre a motivação original por diversas razões, sendo o tempo o fator mais incisivo.

Adotadas pela comunidade linguística, as designações lexicais podem manter a motivação transparente, ou seja, continua sendo possível encontrar em cada uma delas o 'motivo' de terem sido denominadas como tais. Ocorre que essas criações lexicais evoluem naturalmente, uma vez que refletem estruturas socioculturais do passado ou do presente e, expostas a forças internas (no seio mesmo da língua) ou externas (em contato com outras línguas ou dialetos, ou expostas a contextos de ordem sociocultural ou geográfica), essas mudanças, quando significativas, poderão recobrir a motivação inicial. De acordo com Dalbera (2006), diante desse quadro hipotético, tem-se, então, a perda da motivação inicial e, nesse caso, a designação lexical se torna arbitrária.

Segundo Dalbera (2006, p. 420; p. 432-434), a pesquisa sistemática pelo '*motif*' pode trazer o elemento decisivo à hipótese etimológica que se espera para chegar à reconstrução comparativa do significado. A linguagem, afirma, é um canteiro em construção permanente. A descoberta do mundo por meio do tatear da linguagem vai se operando por aproximações sucessivas: apreende-se em primeiro lugar as coisas de modo vago e, depois, com a reconstrução lexical, é possível tratar equitativamente as reações semânticas, as mórficas e fônicas. A análise motivacional mostra que a linguagem nos conta sua própria gênese com detalhes precisos, mas é preciso examiná-la de bem perto.

Referências

ALINEI, Mario. Belette. **Atlas Linguarum Europae**. V. I, fasc. 2. Atlas Carte 28, Commentaires. Assen/Maastricht: Van Corcun, 1986. p. 145-224.

ATLAS LINGUISTIQUE ROMAN (**ALiR**). Centre de Dialectologie de Grenoble. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, I (1996); IIa (2001), 2b (2008).

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DE PORTUGAL E DA GALÍCIA (**ALEPG**) – Centro de Linguística de Lisboa. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, dados informatizados.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil** (ALiB). Londrina: EDUEL, 2014. v. 1. v. 2.

CONTINI, Michel. La motivation sémantique: un axe de recherche productif en dialectologie européenne. *In*: DORTA, Josefa. (Ed.) **Temas de dialectología**. Tenerife: Instituto de Estudios Canarios, 2007. p. 43-79.

DALBERA, Jean-Philippe. *Des dialectes au langage*. Paris: Honoré Champion, 2006.

DICIONÁRIO CALDAS AULETE DIGITAL. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa online. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007. Disponível em : https://aulete.com.br/.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Porto Editora, 2006. Disponível em: https://www.infopedia.pt/.

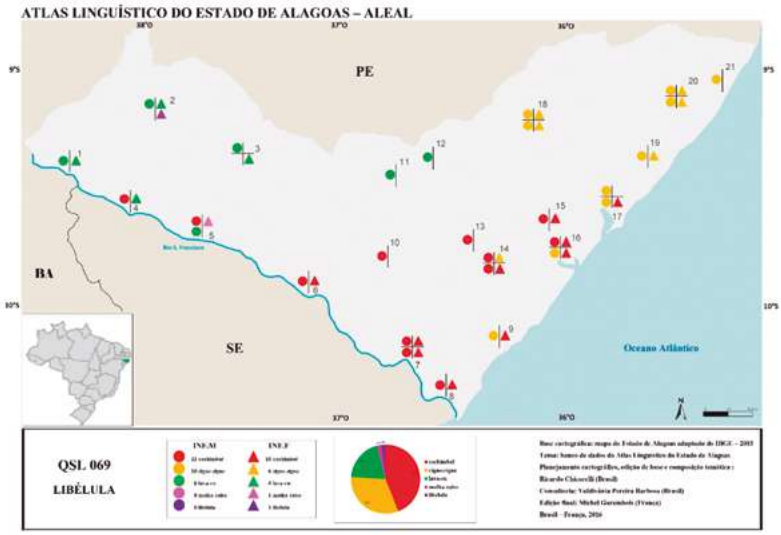
HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

HOYER, Gunhild. Les désignations romanes de la libellule. *In*: **AliR**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, 2001. v. Iia. p. 281-317.

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENTOMOLOGIA MOLECULAR. **Glossário Entomológico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Entomologia Molecular – INCT-EM, 2001. Disponível em: http://www.inctem.bioqmed.ufrj.br/index.php/pt/publicacoes/glossario-entomologico-brasileiro

MUNDO EDUCAÇÃO UOL. Libélula. **Mundo Educação UOL**, 22 jan. 2009. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/libelula.htm.

ANEXO



Fonte: banco de dados da autora.

OS NOMES DA *VACALOURA* EN GALEGO

Manuel González González
Instituto da Lingua Galega - Universidade de Santiago
manuel.gonzalez.gonzalez@usc.gal

Descrición e hábitat

Un escaravello de gran tamaño

A vacaloura é, xunto co capricornio (*Cerambyx cerdo)*, o escaravello de maior tamaño de Europa. Pertence á Familia *Lucanidae*, que na Península Ibérica consta de nove especies, das que en Galicia temos cinco. De todas elas, sen ningunha dúbida, a vacaloura é a mais espectacular. Estes escaravellos déixanse ver habitualmente nos meses de verán, xa que comezan a saír das árbores onde viven en xuño e rematan coa reprodución a finais de agosto.

Unha das primeiras características que chama a atención é a diferenza entre machos e femias. Nestes insectos os sexos distínguense de maneira moi clara**:** o que máis chama a atención nos machos son as súas mandíbulas de gran tamaño, moito maiores ca as das femias, e que lles van servir como medio de loita contra os machos rivais. No seu estado adulto tamén existe unha notable

diferenza de tamaño: as vacalouras femias son mais pequenas ca os machos.

Imaxe 1: vacaloura macho e femia



Imaxe 2: vacaloura femia



Reprodución e fases do seu desenvolvemento

Despois dunha loita entre os machos, que pode durar horas, na que se traban cos cornos, e na que cada un intenta levar o seu opoñente fóra da árbore onde se están alimentando, o vencedor queda cunha parella co control do lugar, e expulsa tamén as outras femias. O macho e a femia poden permanecer xuntos varios días, practicamente sen se moveren, ata a fecundación. A femia pon uns trinta ovos nas fendas da cortiza dunha árbore seca e estes teñen a súa eclosión entre dúas a catro semanas despois da posta.

A larva deste insecto pasa entre tres e cinco anos alimentándose de madeira en descomposición, preferiblemente de frondosas, polo que adoita vivir en bosques onde hai abundantes carballos. Estas larvas son moi voraces: de tan só un gramo de peso, poden comer nun só día 22 centimetros cúbicos de madeira, de modo que alcanzan un notable tamaño e poden chegar aos 10 centímetros de longo. Neste período constrúen unha especie de

cámara ou berce pupal, maior a dos machos ca a das femias para que aqueles teñan espazo abondo para desenvolveren os cornos.

Os individuos adultos nacen xa no outono, pero non abandonan a cámara na que permanecen durante a fase de pupa ata que chega o verán, cando empezan a voar. As vacalouras non son moi aerodinámicas, pero o seu voo permítelles facer desprazamentos aéreos que poden acadar cerca de douscentos metros. No seu estado adulto chupan o zume de árbores frondosas, especialmente carballos e castiñeiros. As femias roen coas pinzas a cortiza e non adoitan ter problema para accederen ao zume, pero os machos teñen que buscar fendas abertas por onde flúa o zume. Tamén se alimentan do zume de froitas maduras. Na súa fase adulta teñen unha vida moi curta, e non adoitan pasar dos vinte días.

Importancia ecolóxica

A vacaloura contribúe ao enriquecemento do solo, mediante a formación do humus, tanto por medio dos seus detritos como pola súa alimentación, pois aliméntase de madeira descomposta de árbores coma os carballos ou os castiñeiros (amais do zume dalgúns froitos). A introdución abusiva de especies foráneas, especialmente o eucalipto, dificulta a súa alimentación. Pero este non é o único factor que pon en perigo a súa supervivencia: os lumes, a despoboación forestal, a excesiva limpeza das fragas (eliminando a madeira 'morta' para evitar a propagación dos incendios), e mesmo a súa captura para amuletos ou a súa venda para coleccionismo, son todos problemas que contribúen á diminución drástica do número de exemplares, tanto que a Unión Europea inclúe esta especie entre os artrópodos de interese comunitario para os que cómpre establecer zonas especiais de conservación. En Galicia, no 2016 foi declarada *Especie do ano* na Reserva de Biosfera Mariñas Coruñesas e Terras do Mandeo, unha iniciativa que desenvolve o grupo Hábitat. Serven

de alimento a diversas aves, como os petos e outras aves nocturnas, aos ourizos cachos, aos teixugos, aos raposos etc.

A vacaloura na cultura popular

A vacaloura é un dos insectos que máis pegada deixou na cultura popular de Galicia, e son moitas as crenzas populares ao redor das súas propiedades benéficas.

Unha vaca tirando dun carro

Este escaravello de características tan especiais voa nas tardiñas de verán, e os rapaces, atraídos pola súa cornamenta e levados pola asociación co gando vacún á que levan os nomes de «vacaloura» e «escornabois», cázanos para xunguilos a carros de xoguete coma se fosen vacas ou bois.

Amuleto contra o mal de ollo e outros perigos

Os cornos, ou propiamente as mandíbulas do escornabois ou vacaloura macho, que ás veces tamén reciben o nome de «alicornios», sempre se consideraron amuleto profiláctico contra males e maxias, xa que arredan á persoa que os leva de ánimas, envexas, meigallos, mal de ollo, tangaraño, enganido, coxo e moitos outros perigos. Actúan coma unha arma defensiva, que ten un efecto protector, semellante ao que teñen os cornos dos animais domésticos ou os dentes cairos do porco e do xabaril ou os esporóns dos galos.

Como amuleto pódense levar no peto, ou pendurados do pescozo ou do pulso mediante unha cadea. Non hai moitos anos non era unha rareza ver en Galicia rapaces cun corno de vacalorura colgado como amuleto ao pescozo..

Os cornos de vacaloura non só protexen contra o mal de aire, senón que tamén serven para curalo en caso de collelo. Nalgúns lugares de Galicia, para curar o mal de aire, meten os cornos da vacaloura nun recipiente de barro cheo de auga dunha fonte que nunca secara e con esta auga lavan o doente unha vez ao día durante nove días.

Couta a epilepsia

Tamén está estendida a crenza de que os cornos de vacaloura están dotados de propiedades que protexen contra a epilepsia: un estoxo con raspaduras de corno de vacaloura serve para coutar os ataques desta doenza.

Cura mordeduras de animais perigosos

A auga onde estivese a remollo unha vacaloura cura as mordeduras de animais perigosos. Lavando as mordeduras de serpe ou doutro animal pezoñento con auga na que estivese mergullado este animaliño algún tempo, a pozoña queda destruída e a ferida sanda.

Protección contra raios e tronos

Os raios e os tronos sempre produciron terror entre a poboación, e tamén se acode á protección da vacaloura para defenderse destes perigos: a cornamenta dunha vacaloura pousada nunha ventá protexe a casa dos posibles males que poida producir a caída dun raio.

Amuleto de boa sorte

Na aldea de Franqueán, no concello do Corgo (en Lugo) usaban o corno esquerdo do escornabois e a ala esquerda do morcego como amuletos de boa sorte.

Fai levedar a masa

A auga onde estivese a remollo unha vacaloura ou onde se depositase un corno deste animal fai levedar mellor a masa do pan.

Favorece a pesca

Na parroquia de Salcedo, pertencente ao concello de Pontevedra, segundo nos conta Rafael Quintiá (2015), os pescadores usaban os cornos do macho da vacaloura para favorecer a pesca.

O anel de alicorne

Nunha xoiería de Lugo fabricábase o anel de alicorne, unha sortella de prata que pertencese a sete mulleres chamadas María, e que tiña engastado un cachiño de alicorne ou hasta de vacaloura, e ao que lle atribuían todas as grandes virtudes que posuía a cornamenta da vacaloura. Se se botaba na auga coa que se facía a masa para enfornar, coidábse que o pan levedaría máis axiña. Se se remexía a comida dos porcos coa man co anel de alicorne posto tíñase a certeza de que o cocho non enfermaría e de que quedaría liberado do maleficio que calquera persoa lle puidese botar na comida. Se o levaba posto un home ou unha muller, estes sentíanse protexidos do mal de ollo e de moitas outras doenzas.

O eco na literatura

Destas crenzas populares faise eco a literatura, e atopamos referencias ás propiedades máxicas da vacaloura en escritores como Ramón Cabanillas (1951):

> Non teño medo ós teus ditos
> nin medo do teu meigallo
> que ando cunha vacaloura
> e catro dentes de allo

ou en Fermín Bouza-Brey (1922, p. 10):

> Sabugueiro de folla repinicada…
> collereiche un ramallo na madrugada…
> Cocereiche con cornos de vacaloura
> con fiuncho e con ruda dos arredores,
> da ermida feituqueira da Virxe loura
> pra facer un feitizo prós meus amores.

Na parroquia de Ardán, no concello de Marín da provincia de Pontevedra, Pérez Cid (1976, p. 174) recolleu a cantinela popular:

> Vaca loira,
> voa, voa
> que che hei de dar
> pan e sebola.
> A sebola está no lar
> e o pan no altar.
> Vaca loira
> voa, voa,
> que che hei de faser un boliño
> a porta e meu forniño [na porta do meu forniño]
> sin codia e sin mioliño.

Denominacións en galego

As formas, a súa etimoloxía e motivación.

Tipo *vacaloura*

[baka'lowɾa]: A3, A5, A6, A7, C1, C5, C32, C36, C40, C48, L8, L9, L11, L13, L14, L16, L18, L19, L21, L22, L23, L24, L25, L26, L27, L28, L29, L30, L31, L32, L33, L35, L36, L39, LE2, LE4, LE5, O1, O2, 05, O6, O7, O13, O14, O16, O18, O20, O21, O22, O23, O24, O25, 027, O28, O29, O30, P1, P2, P4, P5, P6, P7, P8, P10, P11, P12, P13, P14, P15,

P16, P17, P19, P20, P21, P22, P23, P24, P25, P27, P28, P31, P33, Z3[1].

[baka'ʌowɾa]: A4, LE1

[baka'ʌowɾja]: A1

[baka'ɟowɾja]: A2

[baka'lojɾa]: L34, P18

[baka'lɑwɾa]: P12

[baka'lowɾo] (masc.): P21

Etimoloxía:

Trátase dunha palabra composta do substantivo *vaca* (< lat. vacca) e o adx. *loura* (<lat. laura). A identificación coa vaca débese, sen dúbida, á presenza dos cornos (a mesma motivación que está na base do nome do castelán *ciervo volante*). Parécenos innecesaria, pouco xustificada e sen un fundamento sólido a idea de Corominas (1980, s.v. *abeja*) de vincular o primeiro elemento *vaca* co celta**bekos* 'abella', sobre todo se temos en conta que na mentalidade popular é frecuente que se asocien determinados insectos ou animais pequenos con outros animais que desempeñan un lugar destacado na vida cotiá das persoas, como é o caso das vacas. O adxectivo *loura* aplícaselle porque adoitan ter unha cor castaña escura, tirando a vermella, como a da castaña madura.

Fonética:

Desde o punto de vista fonético cabe salientar a palatalización do L- inicial de laura en falas do galego de Asturias, coa palatal lateral:

[1] Estas referencias constituídas por unha letra (inicial do nome da provincia: C= A Coruña, L= Lugo, O= Ourense, P= Pontevedra, A=Asturias, Le= León e Z= Zamora) e un número correspóndense coas dos puntos do Atlas Lingüístico Galego (vid. infra o mapa «*Vacaloura* no ALGa»)

[baka'ʎowɾa], [baka'ʎowɾja], e coa palatal central [baka'ɟowɾja]. Tamén podemos observar os distintos resultados do ditongo au desta mesma palabra, desde a solución máis conservadora *au* [baka'lɑwɾa], pasando pola solución máis estendida no galego actual *ou*: [baka'lowɾa], [baka'ʎowɾa], [baka'ʎowɾja], [baka'ɟowɾja], ata formas que presentan a confluencia co ditongo *oi* [baka'lojɾa]. Por último cómpre salientar a presenza do iode epentético que se produce ocasionalmente nas falas máis nordorientais do galego en sílaba final acabada en -a: [baka'ʎowɾja], [baka'ɟowɾja].

Tipo *vacanegra*

[baka'neɲɾa]: C18,

A denominación *vacanegra* responde á mesma motivación ca *vacaloura.* Por que *negra* e non *loura*? Aínda que se adoita dicir que as vacalouras son de cor castaña escura, a verdade é que a súa tonalidade varía duns exemplares a outros. Xeralmente os seus élitros ou alas son de cor castaña escura, pero a súa cabeza e o tórax son de cor negra. Existe, ademais, unha especie, o *Dorcus parallelipipedus*, de menor tamaño ca o *Lucanus cervus*, que adoita presentar unha coloración case negra en todo o corpo. O cualificativo que aparece na denominación *vacanegra* obedece, pois, ben á cor desta especie de menor tamaño, ou ben á cabeza e tórax do lucanus cervus.

Tipo *cabraloura*

[kaβɾa'lowɾa]: O10,

Outro animal doméstico muy familiar na vida rural é a cabra, dotada de cornos, o mesmo ca a vaca. Por iso, non é estraño que aparezan tamén denominacións deste insecto en que a base *vaca*

se vexa substituída por *cabra*, acompañada do mesmo adxectivo descritivo da súa cor: *cabraloura.*

Tipo *escornabois*

[eskɔrna'β̬ojs]: C9 (macho), C20, C26, C31, L1, L2, L3, L5, L12, L21, L34, O14, O19, O20, O23, O31, P21

[eskarna'β̬ojs]: C14, C15, C19

[kɔrna'β̬ojs]: C25

Tanto en *cornabois* como en *escornabois* hai dous elementos constitutivos claros, o primeiro *corna* (<lat. CORNU) e o segundo *boi* (<lat. BOVE). Os cornos son un atributo característico dos *bois*, o mesmo que das vacas e das cabras, polo que podemos pensar nun paso **corna de bois* > *cornabois*. Pero non é de fácil interpretación semántica a denominación *escornabois*: o verbo *escornar* (deixando á parte os seus usos figurados) ten fundamentalmente dous significados en galego: a) 'atacar con cornos'; e 'romper un ou os dous cornos'. Do que se derivarían varias posibles motivacións semánticas: 1. *»a vacaloura é un animal que ataca os bois»; 2. *»a vacaloura é un animal que rompe os cornos dos bois; 3.*»a vacaloura é un boi que rompe un ou os dous cornos». Esta última parece a interpretación máis plausible das tres. Daquela cómpre preguntarse: por qué a vacaloura perde un ou dous cornos? Poderiamos pensar que isto é debido á practica xeneralizada de amputar un ou os dous cornos deste insecto para a súa utilización como amuleto. De ser así esta sería tamén a motivacion presente na denominación *escornacabras.* Non se pode descartar tampouco que a denominación *escornabois* sexa debida á presenza desta voz nalgunha canción infantil ou nalgunha fórmula máxica existente ao redor das crenzas sobre este animaliño.

Non se nos ocorre tampouco ningunha explicación para a remotivación que levou a substituír a voz *escornar* pola próxima foneticamente *escarnar*, a non ser que houbese algunha práctica que descoñecemos en que a vacaloura raspase a carne dalgún animal. Poderíase pensar nun sentido figurado de *escarnar* 'separar [unha cousa] da parte mol ou superficial que a envolve ou recobre' (por ex., *escarnar unha árbore*); e, daquela, a vacaloura sería o boi que *escarna* árbores coma os carballos ou os castiñeiros para chuparen o seu zume.

Tipo *escornavacas*

[eskɔɾna'βakas̪]: 021 (ao lado de *vacaloura*). Denominación recollida por Vázquez Santamaría (1971, p. 33)

Nunha zona na que conflúen as áreas de *vacaloura* e *escornacabras* (vid. infra) non é estraño que se forme unha denominación mixta en que o elemento *cabra* se vexa substituído por *vaca*, presente en *valacoura.*

Tipo *escornacabras*

[eskɔɾna'kaβ̞ɾas]: O8, O18, Z2

Formación paralela á vista en ESCORNABOIS, coa diferenza de que o segundo elemento constitutivo non é *boi,* senón *cabra* (<CAPRA).

Tipo *escornapitos*

[eskɔna'pitos̪]: C10

A forma recollida no ALGa é *esconapitos*, pero a denominación común na comarca das Mariñas da Coruña é *escornapitos.* Ou ben

se trata dun erro do enquisador, ou ben dunha pronunciación ocasional do informante.

Aínda que formalmente a formación *escornapitos* é semellante á que atopamos en *escornabois* e *escornacabras*, a motivación semántica neste caso parece que é máis transparente, e que é debida á crenza de que as vacalouras poden aforcar os pitos coas súas mandíbulas.

Tipo *cornuda*

[kɔɾ'nuᵭas]: C46

Denominación totalmente transparente, que indica simplemente 'animal con cornos». Do adxectivo latino CORNUTUS, -A, -UM 'que ten cornos'.

Tipo *corneteira*

[kɔɾne'tejɾa]: P9

Outra formación emparentada con CORNU. Estamos ante un derivado de *corneta* + suf. *-eira* (<-ARIA). A voz *corneta* é tardía no galego, onde non se documenta ata o séc. XIX. Segundo Corominas (s.v. *cuerno*) probablemente sexa un cruzamento entre *corna* e *trompeta,* galicismo presente nas linguas hispánicas desde a Idade Media.

Tipo *carroucha*

[ka'rowtʃa]: P26, P29, P30, P32,

[ka'rowtʃo]: P26 (máis pequeno e cos cornos más pequenos).

Voz que cómpre emparentar co port. *carocha* con que se coñece tamén nesta lingua o mesmo animal. A voz *carroucha* en galego designa tamén outros insectos, así como varios tipos de brezo e unha clase de algas. Estamos probablemente diante dun dos moitos descendentes da raíz céltica kar- 'duro'. Aínda que neste caso tampouco podemos desbotar totalmente que se trate dunha voz continuadora do lat. cornúculu, a través dunha evolución *cornúnculu (con repercusión da nasal) > *cornoncho* > **corroncho* (cfr. Fernando > Ferrando)> *carroncho* > *carroucho*. As variantes *-oncha, -oucha, -ocha* documéntanse para esta voz en distintos puntos de Galicia.

Tipo *cascudo*

[kas'kuo̯o]: C8, C9 (femia)

[kasku'o̯oŋ]: C41

Denominación paralela a *cascuda*, nome co que xeralmente se coñecen algúns insectos de varias familias da orde Blattodea. Tanto *cascudo* coma *cascuda* indican 'que está dotado de casca', referíndose sen dúbida á cuberta máis ou menos dura que rodea o seu corpo. *Casca* é probablemente un derivado posverbal de *cascar* (do lat. vulg. quassicare 'dar golpes, danar, romper').

Tipo *furón*

[fu'ɾoŋ]: L15

O nome *furón* está formado a partir do verbo *furar* 'facer buratos' (do lat. forare, co mesmo significado, con cambio de o a u probablemente por influencia de *furgar*). Este nome quizais estea motivado pola súa actividade predadora no interior dos troncos

das árbores, onde se aproveita fundamentalmente dos tecidos vexetais mortos.

Tipo *rumballón*

[rumbaˈʎoŋ]: L37

Rumballón é un substantivo relacionado co verbo *rumbar* 'zunir, emitir un son xordo e continuo', a partir do que se formou un frecuentativo *rumballar*. Sobre este verbo creouse o substantivo deverbal *rumballón*, que fai referencia probablemente ao zunido intenso que emiten os machos cando revolotean nas tardiñas de verán en posición erecta na volta das árbores. O verbo *rumbar* é de creación onomatopeica, e nada ten que ver co substantivo *rumbo* co significado de 'dirección'.

Tipo *escaravello*

[eskaraˈβ̬eʎo]: C39, C42, C45, P3, P18

[eskaraˈβ̬eʝo]: C38, P17

Do latín vulgar *SCARAFAIUS, variante do lat. SCARABAEUS. Estamos ante un caso en que o nome xenérico co que se coñece calquera coleóptero se utiliza para denominar esta especie de coleóptero escarabeiforme pertencente á familia Lucanidae.

Tipo *escorpión*

[eʂkorˈpjoŋ]: C11, C12

O nome escorpión aplícase xeralmente ao alacrán, un arácnido dotado de pulmóns, de abdome longo dividido en seis segmentos e rematado nun aguillón co que pica e inocula o veleno.

O traslado do nome á vacaloura débese seguramente á semellanza que presentan as mandíbulas desta coas quelas ou pinzas do escorpión. A palabra *escorpión* procede do lat. SCORPIONE, onde é préstamo do grego *σκορπίος*.

Tipo *macho*

[ma'tʃo]: O26

Denominación de documentación única, nunha zona en que o nome máis estendido é *escornabois.* Quizais se deba á imaxe de potencia que as fortes mandíbulas lles proporcionan aos exemplares de xénero masculino. Do lat. MASCULU, derivado de MAS, MARIS, equivalente do grego ανδρος.

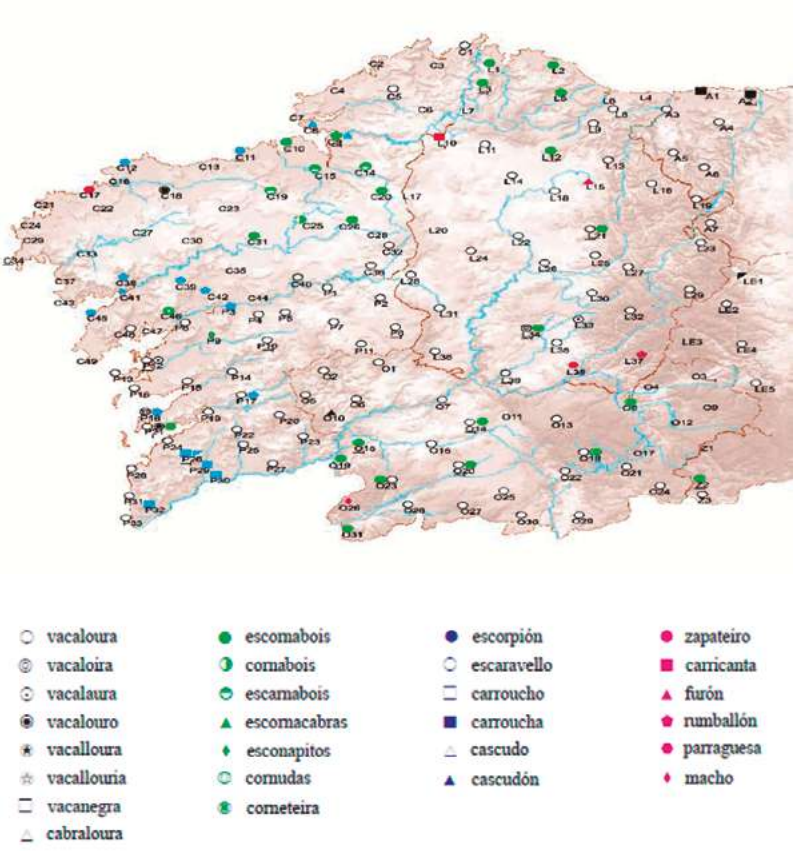
Tipo *parraguesa?*

[para'ɰesa]: L38,

Probablemente se trate dunha información errónea por parte do informante deste punto do ALGa, quen confundiu a vacaloura coa «mantis religiosa» á que se aplica o nome de *parraguesa* nesa área meridional da provincia de Lugo lindeira con Ourense.

Distribución xeográfica

Imaxe 3: *Vacaloura* no ALGa[2]



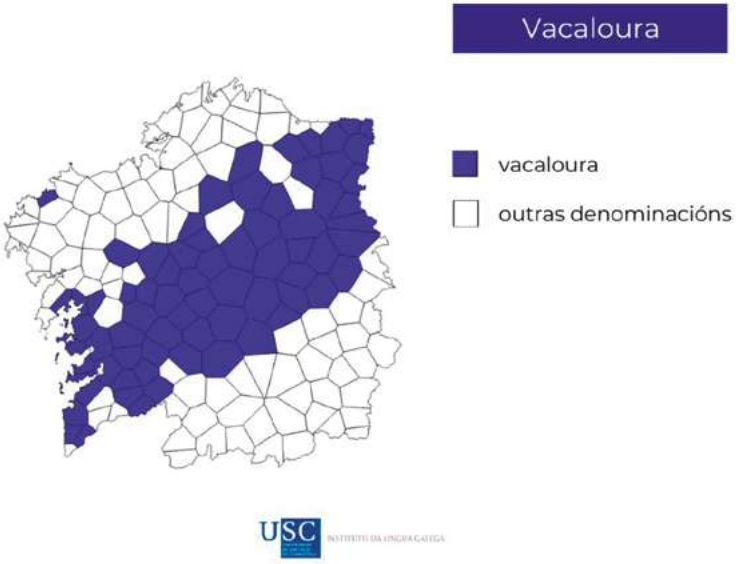
Mapa elaborado cos datos do *Atlas Lingüístico Galego*

Neste mapa do ALGa podemos ver que hai dous tipos de denominacións que predominan de maneira moi destacada sobre as demais: son os tipos *vacaloura*, e o tipo *escornabois*. *Vacaloura* atópase por case todo o territorio de Galicia, se exceptuamos

[2] As denominacións *valaloura*, que aparecen na raia con Portugal na provincia de Ourense e Zamora designan unicamente a femia do animal ou ben outro animal semellante, a *Berberomeloe maialis*.

unha parte importante da provincia da Coruña. É esta tamén a denominación que atopamos en case todo o territorio do chamado galego exterior. Hai que salientar que no Sur de Ourense existe unha distinción de denominación do animal, segundo sexa macho ou femia, aplicándolle ao macho o nome de escornabois, mentres que a femia, polo menos nalgún lugares, se coñece como *vacaloura*, nome que nesta zona se adoita aplicar tamén á *Berberomeloe maialis*, coa que ten certa semellanza a femia do *Lucanus*.

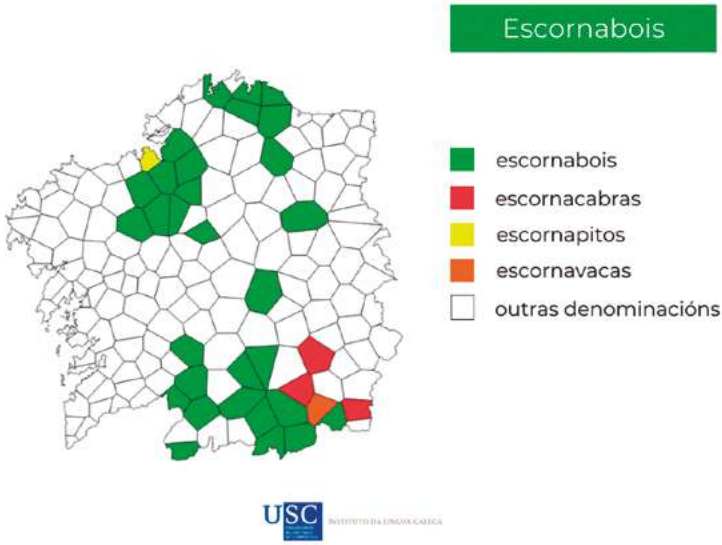
Imaxe 4: Tipo *vacaloura*



Mapa de elaboración propia, a partir de informacións extraídas de diversas fontes

O tipo *escornabois* atopámolo fundamentalmente na parte centrooriental da provincia da Coruña, no norte da de Lugo, e na maior parte do territorio de Ourense.

Imaxe 5: Tipo *escornabois* e denominacións emparentadas



Mapa de elaboración propia a partir de datos do ALG e doutras fontes dialectais

No centro da provincia da Coruña, en contacto coa área de *escornabois*, encontramos a denominación *cornuda*, onde tamén figura a base *corno.* O tipo *carroucha*, *carroucho* encóntrase unicamente no extremo meridional da provincia de Pontevedra. As outras denominacións non ocupan áreas territoriais continuas que poidamos considerar relevantes.

Conclusión

Vimos como a vacaloura, debido ao seu tamaño (é o escaravello de maior tamaño que se coñece en Galicia) e, sobre todo, aos seus grandes cornos, produciu un fondo impacto na mentalidade popular, e atribúenselle poderes case máxicos, tanto como defensa contra posibles males que lle puideren acontecer a unha persoa como para producir efectos beneficiosos de todo tipo. Recibe numerosos

nomes en galego, pero os principais están relacionados directa ou indirectamente coas súas mandíbulas en forma de cornos, que son a base motivacional de denominacións como *cornuda, corneteira, escornabois, escornavacas, escornacabras, vacaloura, vacanegra, cabraloura...* Outras motivacións denominativas importantes son a dureza da cuberta que rodea o seu corpo, que está na base dos nomes *carroucha, carroucho* e *cascudo*, e os seus hábitos hábitos e comportamento, que explican nomes como *furón* ou *rumballón*. Debido á utilización dos seus cornos como amuleto, e á progresiva deforestación de especies autóctonas que constitúen o seu hábitat natural, as vacalouras estanse vendo seriamente ameazadas, e están necesitadas de zonas de especial conservación.

Referencias

ALGa = García, Constantino; Santamarina, Antón; Álvarez Blanco, Rosario; Fernández Rei, Francisco; González González, Manuel. **Atlas Lingüístico Galego**: *I Morfoloxía verbal* (1990), *II Morfoloxía non verbal* (1995), *III Fonética* (1999), *IV Léxico. Tempo atmosférico e cronolóxico* (2003), *V Léxico. O ser humano (I)* (2005), *VI Terra. Plantas e árbores* (2015), *VII Léxico. O ser humano (II)* (2020). A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1990-2020

BOUZA-BREY, Fermín. «Pra facer un feitizo». **Nós**, n. 12, p. 10, 25 ago. 1922.

CABANILLAS, Ramón. **Antífona da Cantiga**. Vigo: Galaxia, 1951.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Madrid: Gredos, 1980.

PÉREZ CID, Ramón. **El habla de Marín**. Tese de doutoramento. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela, 1976.

QUINTIÁ PEREIRA, Rafael. **Patrimonio inmaterial de San Martiño de Salcedo**: Lendas, historias e crenzas. A Coruña: Editorial Sacauntos, 2015.

RISCO, Vicente. Apuntes sobre el mal de ojo en Galicia. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. XVII, p. 66-92, 1961.

RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Eladio. **Diccionario enciclopédico gallego-castellano**. Vigo: Galaxia, v. I (1958), v. II (1960), v. III (1961).

RODRÍGUEZ LÓPEZ, Jesús. **Supersticiones de Galicia y preocupaciones vulgares**. Lugo: Ed. Celta, 1974.

TLPGP = ÁLVAREZ, Rosario (coord.): **Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués**. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. Dispoñible en: http://ilg.usc.es/Tesouro. Acceso en: 6 abr. 2022.

VÁZQUEZ SANTAMARÍA, María Ester. **El habla de La Gudiña**. Memoria de Licenciatura. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela, 1971.

DENOMINAÇÕES PARA "CORRE-CUTIA", "LENÇO-ATRÁS" E "CHICOTINHO-QUEIMADO" NA ÁREA DO *FALAR SULISTA* (NASCENTES, 1953) – DADOS DO ALiB

Silvana Soares Costa Ribeiro
Universidade Federal da Bahia/UFBA
silvanar@ufba.br.

Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS
aparecida.isquerdo@ufms.br

Introdução

Na dinâmica da vida em sociedade a língua exerce importante papel para a comunicação humana e para o registro dos avanços ocorridos na história de grupos sociais em épocas distintas. Nesse processo o léxico veiculado pelos falantes ocupa papel de destaque à medida de materializa conhecimentos, valores, tradições culturais e religiosas veiculados nas diferentes sociedades em vários momentos da sua história. Nessa perspectiva é preciso ter em conta o papel da palavra, nas suas diferentes dimensões, dentre elas a linguística, a cognitiva e a mágico-religiosa (BIDERMAN, 1998). Por meio da palavra os diferentes grupos sociais disseminam conhecimentos, formas

de categorizar o mundo e valores culturais e religiosos que orientam a conduta do homem no seu grupo social. Ou seja, "por ser mágica, cabalística, sagrada a *palavra* tende a constituir uma realidade dotada de poder. Os mitos falam dos segredos e das essências escondidas na *palavra* instituidora do universo" (BIDERMAN, 1998, p. 81). Nas diferentes esferas da realidade, os grupos humanos difundem por meio da língua e, por extensão do léxico, valores culturais e tradições que singularizam os diferentes momentos da sua história e os distintos espaços em que se situam os falantes.

Nesse contexto, o léxico de áreas temáticas específicas, dentre outras, a dos brinquedos e das brincadeiras infantis que, apesar dos avanços tecnológicos e das imposições decorrentes de questões de segurança que limitam diversões em espaços públicos como calçadas/praças, ainda perduram nas diferentes sociedades com graus distintos de produtividade e formas próprias de nomeá-las. Também, nesse processo, exercem influências, nos processos de denominação de objetos e de atividades lúdicas, particularidades históricas e práticas culturais próprias de cada cultura que, por sua vez, segue suas regras que são determinantes nas escolhas dos grupos sociais herdeiros do seu meio cultural que é gestado ao longo da história de uma sociedade. O *corpus* aqui analisado ilustra essa relação entre léxico, cultura e história social, como será demonstrado ao longo do trabalho.

Este trabalho analisa dados lexicais de natureza geolinguística documentados em 68 localidades das regiões Sul (44) e Centro-Oeste (24) pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), capitais e cidades do interior. Para tanto, o estudo considera dois grandes eixos: (a) o léxico de área temáticas específicas (brinquedos e brincadeiras infantis) e (b) a delimitação da área dialetal do *Falar Sulista* nas duas regiões selecionadas e considerações pontuais acerca da distribuição das denominações apuradas nas de-

mais áreas dialetais brasileiras (NASCENTES, 1953). O estudo tem como objetivos: (i) analisar dados referentes à brincadeira infantil conhecida como "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado", documentados pelo Projeto ALiB na área geográfica selecionada (Sul e Centro-Oeste); (ii) reconhecer regiões geográficas marcadas por traços linguísticos peculiares nessas regiões e apontar tendências pontuais em nível nacional[1], no que se refere às denominações da brincadeira em foco e, (iii) apontar o papel e a importância do léxico para a descrição e delimitação de área dialetais.

Sabe-se que a identificação de áreas dialetais é uma das metas às quais se propõe a Dialetologia, ramo da Linguística que se encarrega de identificar as diferentes possibilidades de manifestação de uma determinada língua numa área geográfica fotografada. Este trabalho fundamenta-se na Dialetologia e na Geolinguística Pluridimensional. A metodologia de pesquisa aqui adotada corresponde à estabelecida pelo Projeto ALiB. Neste texto, são trazidos os dados obtidos por meio da aplicação do questionário semântico-lexical (QSL) como resposta para a pergunta 164: "Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?" (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 34).

Nesse sentido, este estudo fundamenta-se no *corpus* do Projeto ALiB, dados oriundos das seis capitais de estados que compreendem as regiões Sul – Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba – e Centro-Oeste – Cuiabá, Goiânia, Campo Grande – e das 62 locali-

[1] Para tanto, retomam-se dados parciais de pesquisa sobre denominações da mesma brincadeira infantil em outras regiões brasileiras a partir do *corpus* do Projeto ALiB, resultados pontuais em nível nacional com base em fontes circunscritas a trabalhos de pós-graduação com vistas a estabelecer paralelos que permitam uma visão nacional em relação a nomeações da brincadeira em causa. Cf. item 2 deste texto (Metodologia).

dades do interior que compõem a rede de pontos do ALiB nessas regiões: 41 no Sul e 21 no Centro-Oeste.

Em termos de estrutura, além desta Introdução, o trabalho organiza-se em três tópicos: 1) Contextualização da brincadeira denominada como "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho -queimado"; 2) Metodologia; 3) Discussão dos dados – A brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado": o que dizem os dados do ALiB**.** O texto é finalizado com as Considerações Finais e as Referências.

1) A BRINCADEIRA "CORRE-CUTIA", "LENÇO-ATRÁS", "CHICOTINHO-QUEIMADO": FOLCLORE E PEDAGOGIA

Conforme já pontuado na Introdução, a pergunta 164 do QSL/ALiB tem como propósito apurar denominações para a atividade lúdica que se ilustrada na figura 1 a seguir:

Figura 1: Composição da brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado"



Fonte: https://www.criandocomapego.com/9-jeitos-de-brincar-de-corre-cutia/, adaptada pelas autoras para versão em preto e branco.

Brincadeira antiga que fez parte da infância de muitas gerações que, além de ser conhecida por vários nomes, possui configurações distintas, segundo a época e os grupos humanos. Em todas as versões os participantes (três ou quarto) sentam-se em círculo e cobrem os olhos (Figura 1). Um dos participantes, escolhido por sorte, fica fora da roda. Uma música embala a brincadeira: "Corre cotia[2] na casa da tia. Corre cipó na casa da vó. Lencinho na mão, caiu no chão, moça bonita do meu coração. Posso jogar? Pode!" (FRIEDMANN, 2014, p. 55). Enquanto isso, as crianças permanecem com os olhos fechados e, ao mesmo tempo, o participante que ficou fora da roda anda em volta do círculo com um objeto na mão (lenço, varinha/chicotinho...) que é deixado atrás de um dos participantes sentados que, por sua vez, levanta-se de imediato e tenta alcançar o companheiro que soltou o objeto antes que ele se sente no lugar deixado vago. No folclore infantil, normalmente, a brincadeira tem versões com características pontuais a depender da região e da época. Na sequência apresentam-se duas dessas versões, extraídas, respectivamente, das obras de Frade (1979) e de Goldmeyer (2006), ambas citadas por Ribeiro (2012).

A revista *Jangada Brasil* (2003) que veicula produções sobre o folclore brasileiro apresenta a brincadeira em questão como uma

> [...] variante do tradicional jogo de esconder objetos a serem depois encontrados. Conforme a versão veiculada nessa revista, o chicotinho-queimado é assim desenvolvido: as crianças se colocam em roda, com uma delas ficando do lado de fora e trazendo uma varinha (chicotinho) na mão. Enquanto os da roda cantam pequena melodia, o de fora corre por detrás delas, colocando a varinha no chão, aos pés de uma das do círculo. Nenhum dos que cantam deve olhar

[2] Em todo o texto, utiliza-se a grafia "corre-cutia" (com vogal "u" e hifenizado), em associação com o animal, a cutia. De acordo com o dicionário Aulete Digital (2014), trata-se de um substantivo feminino "1. Bras. Zool. Nome comum dado aos roedores do gên. *Dasyprocta*, da fam. dos dasiproctídeos, com até 60 cm de comprimento, cauda e pelo muito curtos. [F.: Do tupi *aku'ti*. Tb.: *aguti*.]" (AULETE, 2014). As ocorrências de "cotia" com a "o" foram mantidos quando estavam em textos de outras autores aqui citados.

> para trás: quem olhar leva um beliscão. Quem teve a varinha colocada perto de si, deve pegá-la e correr em volta do círculo, tentando agarrar quem a colocou, que, por sua vez, trata de ocupar o lugar vago na roda. Nessa corrida, o que for alcançado levará uma varada. (FRADE, 1979, p. 76 apud RIBEIRO, 2012, p. 365).

Em matéria publicada na *Revista Novo Olhar* (artigo "Jogos Antigos") (2006) tem-se outra explicação sobre a brincadeira em estudo que informa ser ela conhecida como "ovo choco ou podre".

> Nessa brincadeira as crianças se sentam em círculo, de olhos fechados e sem autorização de olhar para trás. Uma criança fica do lado de fora da roda e segura um pano (ou algo parecido) em forma de ovo. Ela começa a caminhar ou a correr em redor do círculo e, assim que der, larga o objeto atrás de uma criança sentada. A criança da roda, ao perceber que recebeu o ovo podre, deverá apanhá-lo e sair correndo atrás do companheiro que o colocou. Se a criança que colocou o ovo for apanhada antes de chegar ao lugar vago, deverá ir para o centro da roda chocar. Quando a criança que recebeu o ovo acaso não o perceber, as demais gritam "fedeu". Se isto acontecer duas vezes, o ovo ficará choco e essa criança vai para o centro substituir a que lá se encontra (GOLDMEYER, 2006 apud RIBEIRO, 2012, p. 365).

Friedmann (2014), em sua obra *A arte de brincar: brincadeiras e jogos tradicionais,* ao tratar da mesma brincadeira, apresentada com a denominação *lenço atrás*, registra os seguintes nomes para a atividade lúdica: *corre cutia, lencinho, lencinho branco, lenço na mão, que lenço*. A descrição assemelha-se às já apresentadas, com o particular de esclarecer que, se o jogador que soltou o objeto for preso antes de ocupar o lugar vago, ficará "choco" e deverá permanecer no centro da roda de onde sairá somente quando for substituído por outro jogador. "O jogo termina com a substituição do primeiro corredor" (FRIEDMANN, 2014, p. 55). A mesma autora traz outras versões da brincadeira, uma delas denominada *galinha choca* em que o círculo recebe o nome de "choco" e o jogador que corre atrás do outro com uma bola na mão recebe o nome de "ga-

linha choca" (p. 49). Outras versões da brincadeira são apresentadas pela mesma autora que, embora na configuração mantenham círculo, a dinâmica da brincadeira se distancia da focalizada neste estudo: "galinha gorda" (p. 49) e "lobos e carneirinhos" (p. 56).

Direcionando ainda o olhar para a questão das informações trazidas por obras lexicográficas de diferentes tipologias (língua portuguesa do Brasil e folclore brasileiro)[3] sobre os nomes mais frequentes para a brincadeira descrita na pergunta 164 QSL/ALiB, no *corpus* analisado, Ribeiro (2012) esclarece o seguinte:

> A pesquisa lexicográfica empreendida para reconhecer as definições sobre a atividade lúdica resultou consideravelmente reduzida. [...]. O registro de chicotinho-queimado em dicionários de língua portuguesa, em geral, não traz a versão da brincadeira que se realiza em roda e que se pretende obter com a pergunta 164 (QSL). A brincadeira apresentada pelos autores dos dicionários selecionados para a pesquisa é aquela versão em que se escondem objetos para serem procurados pelos participantes ou a versão em que com um lenço ou um chicote, os participantes devem bater nos colegas (RIBEIRO, 2012, p. 364).

Apresentadas considerações pontuais acerca da caracterização da brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado", o próximo tópico do texto volta-se para a descrição dos procedimentos metodológicos adotados.

2) Metodologia

Os dados discutidos neste texto têm como fonte o *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil recolhidos em seis capitais brasileiras, três localizadas no Sul e seis no Centro-Oeste do Brasil e em 62 localidades do interior dos três estados que compõem cada uma das regiões, inquéritos realizados com 296 informantes, com o objeti-

[3] Obras consultadas por Ribeiro (2012): Houaiss (2002); Ferreira (1999); Aulete (2006); Câmara Cascudo (1954).

vo de registrar denominações para a brincadeira conhecida como: "corre-cutia"; "chicotinho-queimado"; "lenço-atrás"; "ovo-choco"; ovo-podre dentre outras e que está descrita na questão 164 do Questionário semântico-lexical (QSL/ALiB), anteriormente transcrita, vinculada à área temática *jogos e diversões infantis*

Para a compilação do *corpus* aqui examinado foram considerados resultados da pesquisa de Ribeiro (2017; 2018) como produto de estágio de pós-doutoramento realizado na *Université* Paris 13 e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul[4] e do Banco de Dados do Projeto ALiB – Regional Mato Grosso do Sul[5].

Os resultados dessas pesquisas dialogaram ainda com tendências já identificadas por meio de trabalhos de pós-graduação com o *corpus* do Projeto ALiB[6], duas Teses de Doutorado – Ribeiro (2012, p. 361-380) e Alencar (2018, p. 304-333) – e três Dissertações de Mestrado – Portilho (2013, p. 117-121); Santos (2016, p. 162-168) e Santos (2018, p. 172-178)[7]. Esses abrangem o estudo de áreas dialetais brasileiras (NASCENTES, 1953) e tiveram como foco a temática dos jogos e diversões infantis (13 questões do QSL/ALiB).

Em se tratando das características sociais dos informantes, segundo o perfil definido na metodologia do Projeto ALiB, devem atender a critérios de idade – duas faixas etárias: Faixa 1: 18-30 anos e Faixa 2: 50-65 anos; sexo – masculino e feminino; escola-

[4] A parcela do estágio realizado na universidade francesa foi subsidiada com bolsa da CAPES e na universidade brasileira com verba da PROPESQ/UFBA e recursos próprios.

[5] Resultados parciais do Projeto PROPESQ/UFBA e do Estágio de pós-doutorado da Profa. Dra. Silvana S. C. Ribeiro/UFBA, realizado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), sob a supervisão da Profa. Dra. Aparecida N. Isquerdo. Uma primeira versão do trabalho foi apresentada no V Congresso Internacional de Linguística História (CILH), realizado em Campinas/SP, entre os 19 e 23 de julho de 2021, no formato evento *on-line*.

[6] Pesquisas orientadas pelas autoras deste texto em programas de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

[7] Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB.

ridade: dois graus: Grau 1: Fundamental incompleto e Grau 2: Universitário completo (apenas em capitais).

Os dados foram focalizados do ponto de vista quantitativo, sistematizados por meio de tabelas ou gráficos e representados em cartas linguísticas com enfoque na distribuição geográfica das denominações catalogadas no âmbito da área do *Falar Sulista* (NASCENTES, 1953). O estudo traz ainda uma síntese das denominações da brincadeira nas demais áreas dialetais brasileiras definidas pelo mesmo dialetólogo brasileiro, além representar a movimentação de algumas unidades léxicas em âmbito nacional com o objetivo de fornecer uma visão do comportamento dessas unidades em nível de Brasil.

3) A BRINCADEIRA "CORRE-CUTIA", "LENÇO-ATRÁS", "CHICOTINHO-QUEIMADO": O QUE DIZEM OS DADOS DO ALiB

Buscando responder os objetivos estabelecidos para este estudo, este tópico obedeceu à seguinte estrutura: i) panorama dos nomes documentados pelos pesquisadores do Projeto ALiB para a brincadeira selecionada nas cinco áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) (Tabela 1 e Quadro 1); ii) produtividade das denominações registradas nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil (tabelas 2 e 3); e iii) cartografia dos dados examinados, segundo a região geográfica (S e CO), partindo da quantificação de presença *versus* ausência de denominações registradas na área geográfica estuda (gráficos 1 e 2) e representação cartográfica das denominações mais produtivas em nível nacional com base nos estudos mencionados (figuras 1, 2 e 3) e, iv) considerações pontuais sobre a semântica das unidades lexicais em estudo considerando possíveis mecanismos associativos percebidos nas denominações (Quadro 2).

i) Panorama das denominações para a brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado" nas áreas dialetais do português do Brasil (NASCENTES, 1953) – Dados do ALiB

As perspectivas adotadas para a discussão dos dados compilados para este estudo, particularmente a focalizada nesta seção, dão mostras da influência da relação entre o nível lexical da língua e fatores extralinguísticos como a realidade sociocultural, os valores, as crenças que marcam os diferentes momentos das diferentes sociedades, ou melhor dizendo, o vocabulário veiculado pelos diferentes grupos funcionam como índices da configuração da sociedade e da consequente percepção da realidade pelos grupos humanos. As atividades lúdicas infantis particularmente refletem essas interinfluências.

Os resultados obtidos pelos pesquisadores do Projeto ALiB como resposta para a pergunta 164 QSL/ALiB são credores da realidade social do mundo moderno em que, por questões de segurança, a prática das brincadeiras infantis em espaços abertos como ruas e praças cedeu lugar para atividades recreativas em espaços fechados considerados mais seguros. Esse panorama social desenhado a partir do século XX, com maior intensidade no XXI, pode justificar os baixos índices de respostas e consequentemente os altos índices de ausência de respostas para a pergunta em causa. Habitantes de espaços urbanos como os informantes do Projeto ALiB, com raras exceções, não mais têm o hábito de brincar na rua e, por extensão, desconhecem os nomes das brincadeiras infantis tradicionais. Os resultados dos estudos das denominações para a brincadeira nas áreas dialetais apontadas por Nascentes (1953) selecionada para este estudo já mencionadas apontaram altos índices de não respostas para a pergunta 164 QSL/ALiB, como se sistematiza por meio da Tabela 1, que segue:

Tabela 1: Demonstrativo de percentual de validação *versus* não validação de respostas para a questão164 QSL/ALiB nos estudos sobre os falares das regiões dialetais brasileiras (NASCENTES, 1953) e outros

Áreas dialetais consideradas	Respostas	
	Válidas	**Não válidas**
Falar Baiano (RIBEIRO, 2012)	19,60%	80,40%
Falar Amazônico (PORTILHO, 2013)	20,00%	80,00%
Falar Fluminense (SANTOS, 2016)	16,2%	83,80%
Falar Paulista[8] (ALENCAR, 2018)	**45,60%**	54,40%
Falar Nordestino (SANTOS, 2018)	5,00%	95,00%
Falar Sulista[9] Região Centro-Oeste (2022)	23,64%	76,36%
Falar Sulista Região Sul (2022)	**42,55%**	57,45%

Fonte: elaborada pelas autoras

A leitura da Tabela 1 permite identificar que o índice de validação em todos os trabalhos é menor do que 50%. Destacam-se o *Falar Paulista* (ALENCAR, 2018) com aproveitamento de 45,60% das ocorrências e o *Falar Sulista* (Região Sul), dados estudados para este trabalho, com 42,55% de produtividade. Chama atenção a não validação de respostas no Norte e no Nordeste brasileiros, com o não registro de denominações para a brincadeira superior a 80%: *Falar Baiano* (RIBEIRO, 2012), 84,4%; *Falar Amazônico* (PORTILHO, 2012), 80,00%; e *Falar Nordestino* (SANTOS, 2018), 95,00% de "não resposta" à questão 164 QSL/ALiB.

No Quadro 1, na sequência, são informadas as denominações apuradas pelos estudos realizados entre 2012 e 2018, com o objetivo de fornecer um panorama da distribuição desses dados segundo as regiões dialetais consideradas.

[8] Alencar (2018), assim como Romano (2015), com base nos resultados de suas pesquisas como Tese de Doutorado, advogam a existência de um *Falar Paulista* no Estado de São Paulo com características distintas das demais unidades da Federação contempladas pela divisão do *Falar S*ulista (NASCENTES, 1953).

[9] O *Falar Sulista* (NASCENTES, 1953) engloba parte do Estado de Minas Gerais, não contemplado neste estudo. No estudo ampliou-se a área do *Falar Sulista* contemplando toda a região Centro-Oeste (parte do Território incaracterístico (NASCENTES, 1953).

Quadro 1: Comparação entre as denominações obtidas para a questão a brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado" (164 QSL/ALiB) nos estudos sobre os falares das regiões dialetais brasileiras (NASCENTES, 1953).

	Áreas dialetais consideradas				
	Falar Baiano (2012)	**Falar Amazônico (2013)**	**Falar Fluminense (2016)**	**Falar Paulista (2018)**	**Falar Nordestino (2018)**
Denominações mais produtivas	Chicotinho-queimado Ciranda Ciranda-Cirandinha Corre-cutia/ la coxia Roda	Má cochila Corre-cotia Chicote queimado/ Chicotinho queimado Cipó queimado	Corre-cotia Chicotinho-queimado Ovo-choco	Lenço Corre-cotia Pato choco Ciranda Passa-anel Esconde-varinha Passa-passa Bobinho Queimada Ovo	Batata quente Brincadeira do lenço Lenço atrás Chicote-queimado Queimado Cipó-queimado
Denominações de ocorrências únicas	Berlinda Brincadeira do grilo Brincadeira do lenço Camaleão Fogo queimô Galho seco Garrafão Ovo choco Queimado Sapatinho atrás	Galinha choca Galinha do vizinho Ovo choco Pira cola Sapato da Mariquinha Berlinda Roda Brincadeira de roda Ciranda Brincadeira do grilo Brincadeira da garrafa Gato e rato Cai no poço Pé de chinelo/ Pata cega Corre-corre	Ovo-amarelinho Galho-seco Rabo Roda-roda Pega lenço Maria Chiquinha	Serra-serra Põe-atrás Maria cega Gato e rato Pega-pega Esconde-esconde	Brincar de roda Bombaquim Alô bandeira La cochia Vovozinha

Fonte: Adaptação do Quadro 59 de Alencar (2018, p. 346), pelas autoras deste trabalho, com inclusão dos dados de Santos (2018, p. 174) – *Falar Nordestino*.

Direcionando agora o olhar para os dados que são objeto de reflexões no âmbito deste texto, os itens que seguem centram-se na apresentação e discussão das denominações apuradas nas localidades da rede de pontos do ALiB pertencentes às regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil.

ii) Denominações para a brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado" nas regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil, parte da área dialetal do *Falar Sulista* (NASCENTES, 1953)

Os dados analisados para a Região Sul foram agrupados por meio de associações ou grupos formantes:

(i) o agrupamento "lenço-atrás" reúne 26 ocorrências da forma *lenço-atrás* e de outras respostas com o formante "lenço": *brincadeira de lenço* (2); *brincadeira do lencinho* (1); *brincar de passar o lenço* (1); *corre-lenço* (1); *esconde o lenço* (1) e *jogar lenço* (1).

(ii) o agrupamento "ovo-choco" reúne 26 ocorrências da denominação *ovo-choco* e outras respostas com o formante "choco" ou "ovo": *chopo* (1); *bolo choco* (1), além do registro único *roda do ovo* (1) por ter sido proferida em Flores da Cunhas (RS) local em que ocorreu também *ovo-choco*.

(iii) o agrupamento "galinha-choca / galinha quer pôr" reúne oito ocorrências da unidade léxica *galinha quer pôr*; quatro de *galinha-choca*; e as demais *galinha bota ovo* (1) e *brincadeira da galinha* (1).

(iv) o agrupamento "roda / roda-roda / roda-cutia" reúne quatro ocorrências da forma *roda-cutia*; e as demais *roda-roda* (1); *roda-rola* (1); *brinquedo de roda* (1) e *roda caixinha* (1).

(v) o agrupamento "joão-bobo" engloba duas ocorrências da denominação *joão-bobo* e uma de *brincadeira de bobo*.

As formas lexicais *ovo-podre*, *chicotinho-queimado*, *pega-pega*, *pato-choco* não evidenciaram variação e nomeiam os próprios agrupamentos.

A Tabela 2 retrata os valores absolutos e relativos obtidos para cada agrupamento lexical contendo todas as formas documentadas e as com apenas uma ocorrência agrupadas em outras denominações (*estrelinha* – ponto 215 (Toledo/PR); *anel* – ponto 218 (Imbituva/PR); *bola-atrás* – ponto 224 (Porto União/SC); e *batata-quente* – ponto 227 (Blumenau/SC)). Destaca-se a maior frequência registrada para o agrupamento "lenço-atrás", com 17,6% dos registros, seguido de "ovo-choco" com 15.4% das ocorrências. Os demais agrupamentos apontam para registro menor que 10% como se verifica na Tabela 2 que segue.

Tabela 2: Denominações para a brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho- queimado" na região Sul do Brasil

Formas lexicais	**valor absoluto**	**valor relativo**
lenço-atrás / formante *lenço*	33	17,6%
ovo-choco	29	15,4%
galinha-choca / galinha quer pôr	14	7,4%
ovo-podre	9	4,8%
*roda / roda-roda / roda-cuti*a	8	4,3%
chicotinho-queimado	3	1,6%
joão-bobo	3	1,6%
pega-pega	3	1,6%
pato-choco	2	1,1%
outras denominações	4	2,1%
Não respostas	80	42,6%
Total	**188**	**100,0%**

Fonte: Elaborada pelas autoras. Banco de Dados do ALiB

No que se refere aos dados oriundos da Região Centro-Oeste, seguiram-se os mesmos critérios de agrupamento definidos para o estudo dos dados da Região Sul, ou seja, adoção de agrupamentos por meio de associações ou grupos formantes:

(i) o agrupamento "corre-cutia" reúne sete ocorrências de *corre-cutia* e outras respostas com o formante "cutia": *corre corre cutia* (1) e *corre la cutia* (1).

(ii) o agrupamento "roda / roda-roda / roda-cutia" reúne os registros de modo diversificado: *roda-roda* (2); *roda* (2); *brincar de roda* (1); *brincadeira de roda* (1) e *roda-cutia* (1).

(iii) o agrupamento "galinha-choca / pata-choca / ovo-choco" reúne três ocorrências de formas compostas distintas reunidas pelo formante "choco": *galinha choca* (1); *pato choco* (1) e *ovo choco* (1).

(iv) o agrupamento "brincar de varinha" reúne duas denominações: *brincar de varinha* (1) e *varinha* (1).

As formas lexicais *chicotinho-queimado*, *batata quente*; *brincadeira do lenço* e *ciranda* não registraram variação e nomeiam os próprios agrupamentos.

A Tabela 3, que segue, contém os valores absolutos e relativos obtidos para cada agrupamento lexical espelhando todas as formas documentadas. Aponta-se a maior frequência para o agrupamento "corre-cutia", com 8,2% das ocorrências, seguido de "roda / roda-roda / roda-cutia" com 6,4% dos registros. Os demais agrupamentos apontam para percentual menor que 3% (cf. Tabela 3).

Tabela 3: Denominações para a brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho- queimado" na região Centro-Oeste do Brasil

Formas lexicais	valor absoluto	valor relativo
corre-cutia	9	8,2%
roda / roda-roda / roda-cutia	7	6,4%
ovo-choco / pata-choca / galinha-choca	3	2,7%
brincar de varinha	2	1,8%
chicotinho-queimado	2	1,8%
batata quente	1	0,9%
brincadeira do lenço	1	0,9%
ciranda	1	0,9%
Não respostas	84	76,4%
Total	**110**	**100,0%**

Fonte: Elaborado pelas autoras. Banco de Dados do ALiB

iii) Representação cartográfica dos dados: regiões Sul e Centro-Oeste e denominações mais produtivas em nível nacional

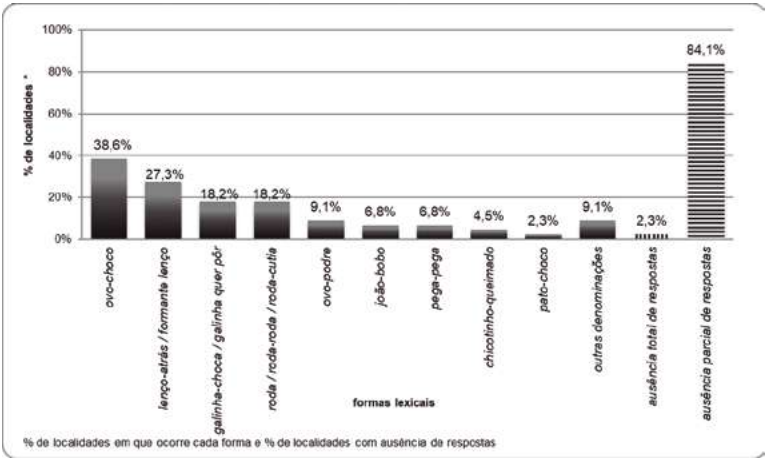
A análise estatística, baseada no percentual de localidades em que as denominações foram documentadas, vem demonstrada em valores absolutos e em percentuais obtidos para cada agrupamento nos gráficos 1 e 2, os quais prestam-se também como elementos basilares para a cartografia dos dados (figuras 2 e 3). Demonstra-se por meio dos gráficos a quantificação de presença *versus* ausência de denominações registradas na área geográfica estuda (regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil).

O estudo a partir das ocorrências, objetivando visualizar a área geográfica em que ainda se conhece a brincadeira, revelou que na Região Sul a forma *ovo-choco* é a mais frequente na área, estando presente em 17 das 44 localidades que contemplam a rede de pontos do ALiB na área (36,8%). A amostra demonstrou a presença do agrupamento *"*lenço-atrás" *em* 12 das 44 localidades (27,3%).

Os agrupamentos "galinha-choca / galinha quer pôr" e "roda / roda-roda / roda-cutia" foram registrados em oito das 44 localidades, perfazendo cada um a cobertura de 18,2% na Região Sul. A unidade léxica *ovo-podre* ocorreu em quatro localidades (9,1% da rede de pontos da Região Sul).

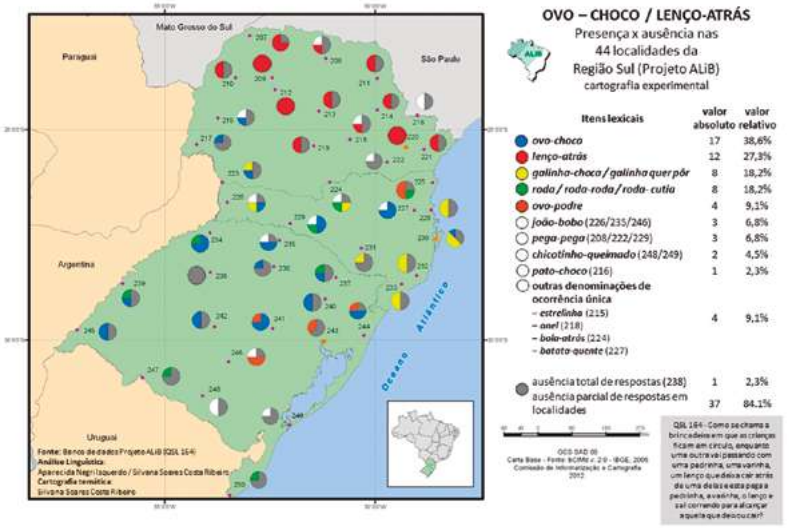
A Figura 2 – Carta experimental QSL 164/ALiB – Região Sul do Brasil – fotografa a forma lexical *ovo-choco* nos três estados com frequência maior no Rio Grande do Sul. A leitura da carta permite a identificação de três áreas dialetais bem marcadas: (i) norte do Paraná com presença de *lenço-atrás* (em vermelho); (ii) extensão quase total do Estado de Santa Catarina, com registro de *galinha-choca / galinha quer pôr* (em amarelo) em sete dos 10 pontos da rede no Estado. Há um registro no Paraná próximo à fronteira com Santa Catarina e, (iii) área sudeste do Estado do Rio Grande do Sul, próximo à capital, com presenças de *ovo-podre* (em laranja). Há um registro dessa denominação em Santa Catarina (ponto 225).

Gráfico 1: Percentual de presença *versus* ausência das denominações para a brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado" na Região Sul do Brasil



Fonte: Elaborado pelas autoras. Banco de Dados do ALiB

Figura 2: Carta experimental QSL 164/ALiB – Região Sul do Brasil



Fonte: Elaborada pelas autoras. Banco de Dados do ALiB

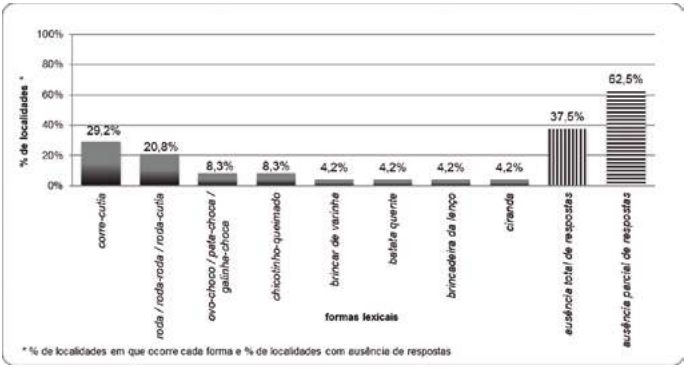
Observando-se os dados da Região Centro-Oeste, com foco no Gráfico 2 e na Figura 3 – Carta experimental QSL 164/ALiB – Região Centro-Oeste do Brasil –, a primeira contatação é a de que não há aparentemente uma forma lexical predominante na área. Percebe-se que *corre-cutia* (em azul) é a mais frequente no Centro-Oeste, estando presente em sete das 24 localidades que contemplam a rede de pontos do ALiB na área (29,2%). A concentração é em cidades do Mato Grosso (4), com registros em Mato Grosso do Sul (2) e apenas um em Goiás.

Os dados demonstram a presença do agrupamento "roda / roda-roda / roda-cutia" (em vermelho) em cinco das 24 localidades (20,5%) da Região Centro-Oeste com registros em Goiás, três localidades e no Mato Grosso, duas localidades.

Conforme a Figura 2, não é possível identificar áreas dialetais bem demarcadas na Região Centro-Oeste. Cabe anotar *chico-*

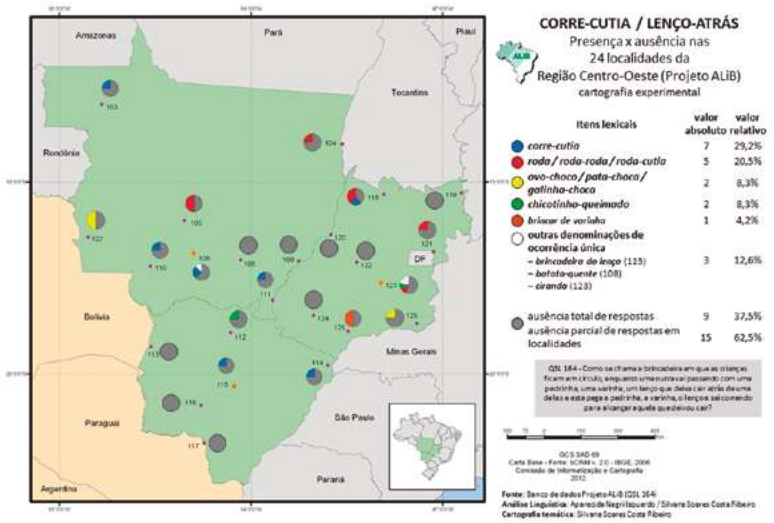
tinho-queimado (em verde) em Goiás e no Mato Grosso do Sul e o agrupamento *ovo-choco / pata-choca / galinha-choca* (em amarelo) no Mato Grosso e em Goiás.

Gráfico 2: Percentual de presença *versus* ausência das denominações para a brincadeira "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado" na Região Centro-Oeste do Brasil



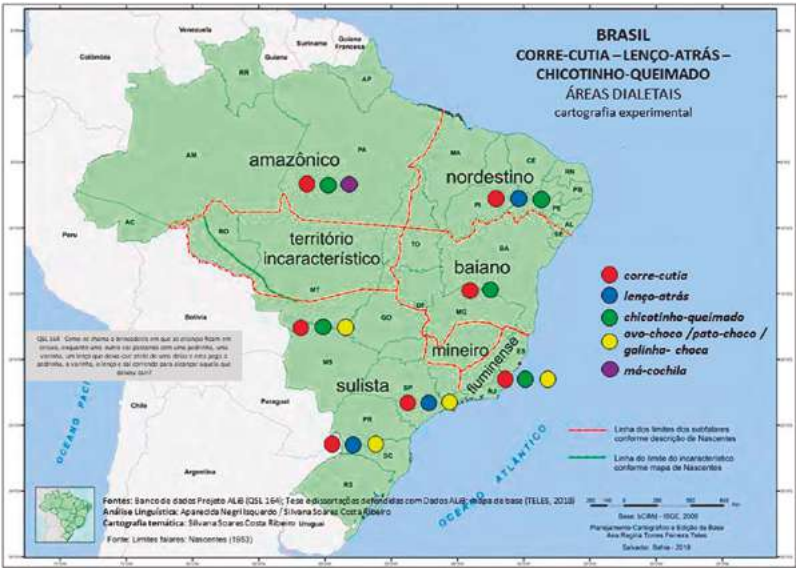
Fonte: Elaborado pelas autoras. Banco de Dados do ALiB

Figura 3: Carta experimental QSL 164/ALiB – Região Sul do Brasil



Fonte: Elaborada pelas autoras. Banco de Dados do ALiB

Figura 4: Carta experimental QSL 164/ALiB – Áreas dialetais no Brasil



Fontes: Fonte do mapa: TELES, 2018, p. 432. Fonte dos dados linguísticos: trabalhos aqui referenciados. Dados compilados por Ribeiro e Isquerdo. Carta experimental. Resposta por área com maior produtividade.

A Figura 4, apresentada como fechamento da discussão sobre a identificação de áreas dialetais, congrega os resultados obtidos nos trabalhos apontados no Quadro 1 e os aqui tratados sobre as regiões Sul e Centro-Oeste. Considerando os dados dos trabalhos referentes às áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) a que se somam os resultados aqui trazidos, percebe-se que no Brasil, com maior ou menor grau de abrangência em todas as cinco regiões geográficas, a denominação *corre-cutia* mantém-se na norma lexical do português do Brasil. Seguindo o caminho de presença no Brasil, registra-se *chicotinho queimado* em quatro regiões (N, NE, SE e S). Houve um caso de registro em CO, não apontado na cartografia.

O Brasil, a partir dos dados aqui examinados, pode ser subdividido em duas grandes áreas: de um lado, uma área Norte que tem pouca ou quase nula presença da brincadeira (Cf. Tabela 1) e com presença de *má-cuchila* documentada exclusivamente no Norte. Por outro lado, ao Sul do país, se observa a presença da brincadeira *lenço-atrás*, fortemente documentada em São Paulo[10] e no Paraná. Também, despontam na parte Sul do Brasil, sobretudo na Região Sul, as denominações formadas pelo modificador "ovo" (*ovo-choco*; *ovo-podre*) e a formadas pelo modificador "choco" (*galinha-choca*; *pato-choco*). No entanto, a baixa ocorrência de itens lexicais documentados não permite outras afirmações sobre arealidade.

iv) Possíveis mecanismos associativos subjacentes às denominações

Retomando as dimensões da palavra apontadas por Biderman (1998) mencionadas na Introdução deste texto e observando a natureza das denominações que são objeto de reflexões no âmbito deste trabalho, nota-se que os falantes, considerando as suas percepções de mundo, as condições ambientais[11], mundo físico e história social, e as possibilidades oferecidas pela língua, no que diz respeito à formação de novos itens lexicais, criam denominações que, segundo a visão de mundo, os valores e hábitos incorporados ao cotidiano do grupo e da região física e cultural a que pertencem, identificam o referente, no caso, a brincadeira infantil contemplada pela pergunta 164 QSL/ALiB de forma diversificada e um tanto peculiares. As descrições aqui apresentadas não têm caráter exaustivo e são frutos de uma reflexão preliminar acerca do assunto sob esse viés.

[10] Para São Paulo, conferir Alencar (2018).

[11] Nesse sentido considerando-se a concepção de ambiente físico e sociocultural defendida por Sapir (1969).

Como o discutido no item anterior (iii), as escolhas lexicais para nomear a brincadeira incorporadas na norma lexical dos grupos investigados podem ter como possíveis motivações aspectos da história social das duas regiões em foco associados a elementos de hábitos, de práticas culturais do grupo. No Quadro 2 são descritos possíveis mecanismos associativos subjacentes às denominações elencadas, tomando-se como parâmetro, fundamentalmente, o sentido literal[12] dos componentes das unidades lexicais compostas, uma característica dos nomes da brincadeira catalogados. O quadro estrutura-se em três colunas. A primeira informa os mecanismos associativos considerados, a segunda os semas[13] subjacentes a cada unidade lexical composta e a terceira as denominações.

Quadro 2: Mecanismos associativos no processo de denominação da brincadeira "corre-cutia"; "lenço-atrás"; "chicotinho-queimado" no *Falar Sulista* (NASCENTES, 1953)

MECANISMOS ASSOCIATIVOS	SEMAS	DENOMINAÇÕES
Alimento	alimento + estado	ovo-choco ovo-podre bolo-choco
	alimento + qualificativo	batata-quente
Zoomorfismo/ Antropomorfismo	animal + estado	galinha-choca pato-choco pata-choca
	animal + ação	galinha bota ovo
	animal + desejo	galinha quer por ovo
	pessoa + qualificativo	João-bobo
	ação + zoomorfismo	corre-cutia

continua >

[12] Para tanto, foram consideradas, fundamentalmente, as definições fornecidas por Aulete online (2014).

[13] Pottier (1968) concebe semas genéricos como traços que ligam determinado elemento a uma classe semântica mais ampla e semas virtuais como traços que correspondem a associações diversas que se atualizam facultativamente no discurso.

MECANISMOS ASSOCIATIVOS	SEMAS	DENOMINAÇÕES
Forma	círculo + animal	roda-cutia
	círculo + círculo	roda-roda
	círculo + movimento	roda-rola
	círculo + alimento	roda de ovo
Divertimento	divertimento de criança + animal	brincadeira de galinha
	divertimento de criança + forma	brinquedo de roda
	divertimento de criança + qualificativo	brincadeira de bobo
Vestuário	peça de vestuário + posição	lenço atrás
	divertimento de criança + peça vestuário	brincadeira de lenço brincadeira de lencinho
	divertimento de criança + ação + peça do vestuário	brincadeira de passar o lenço
	ação + peça do vestuário	corre lenço esconde lenço jogar lenço
Vergasta	ação + verga	brincar de varinha
	verga + qualificativo	chicotinho-queimado
	verga + lugar	chicotinho no pé

Fonte: Elaborada pelas autoras. Banco de Dados do ALiB

Considerações finais

Partindo do exposto ao longo do trabalho, verifica-se que as pesquisas em áreas dialetais oriundas de Teses e Dissertações defendidas no âmbito do Programas de Pós-Graduação da UFBA e da UFMS, sob a orientação de Suzana Alice Marcelino Cardoso (RIBEIRO, 2012), Aparecida Negri Isquerdo (PORTILHO, 2013; ALENCAR, 2018) e de Silvana Soares Costa Ribeiro (SANTOS, 2016; SANTOS,

2018) vêm revelando dados atuais sobre a área temática jogos e diversões infantis e também sobre áreas e subáreas dialetais no Brasil.

Para além do já registrado, a análise aqui empreendida indica, por exemplo, que o tema dos contatos linguísticos do português com o espanhol em região de fronteira precisa ser investigado com mais profundidade, como sugere o caso do registro de *ovo-podre* na Região Sul e a existência de *huevo podrido* na Argentina, por exemplo. Outra questão que carece de investigações é a sócio-história das regiões em particular e do país como um todo, dados que poderiam revelar pistas para explicações, por exemplo, da diversidade lexical evidenciada pelos falantes das cinco regiões brasileiras para nomear a brincadeira selecionada, como também fornecer outras pistas para casos como a presença de *lenço-atrás* em São Paulo e no Paraná e a vitalidade da brincadeira nessas áreas.

Cabe ainda registrar que os possíveis mecanismos associativos aqui desenhados podem também ser ampliados, visto que, como dito, não se apresentam de modo concluso, mas sim consistem em frutos de uma reflexão preliminar acerca do assunto, configurando-se como um possível caminho para a compreensão da rica diversidade de criações lexicais a exemplo da identificada em relação à temática aqui abordada.

Em síntese, os dados discutidos neste trabalho, como também as denominações para as demais brincadeiras contempladas pela área temática *brinquedos e brincadeiras infantis*, têm dado mostras da riqueza vocabular veiculada pelos brasileiros das diferentes regiões para nomeá-las e da importância dos atlas linguísticos para a documentação e perpetuação do léxico regional. Não é sem razão, pois, que este texto representa um reconhecimento das autoras ao *Dr. João Antônio das Pedras Saramago*, ilustre dialetólogo português homenageado por esta publicação.

Referências

ALENCAR, Beatriz A. **O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo**. 2018, 617 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ UFMS, Três Lagoas, 2018.

AULETE, Caldas. **Aulete digital –** Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2014. Disponível em: http://www.auletedigital.com.br/ Acesso em: 20 maio 2022.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil***:* questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de janeiro: Nova Fronteira. 1999. 1 CD-ROM.

FRIEDMANN, Adriana. **A arte de brincar:** brincadeiras e jogos tradicionais. Petrópolis: Vozes, 2014.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/UFMS, Campo Grande, 2013.

POTTIER, Bernard. **Presentación de la lingüística**: fundamentos de una teoría. Madrid: Ediciones Alcalá, 1968.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. 752 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador. 2012. 3 v.

RIBEIRO, Silvana. S. C., **Relatório final de realização de Estágio de Pós-Doutorado – Fase 1**. 2017. 12 f. Relatório técnico-científico (pós-doutorado) – *Université Paris* 13, Paris, maio-jul, 2017. (não publicado).

RIBEIRO, Silvana. S. C., **Relatório final de realização de Estágio de Pós-Doutorado – Fase 2**. 2018. 68 f. Relatório técnico-científico (pós-doutorado) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, ago-jun, 2018. (não publicado).

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. 401 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina/UEL, Londrina, 2015. 2 v.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos Caminhos do Falar Fluminense**. 2016. 196 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 2016.

SANTOS, Graziele Ferreira da Silva. **O léxico dos jogos e Diversões no *corpus* do Projeto ALiB**: visitando o Falar Nordestino. 2018. 208 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 2018.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: SAPIR, E. **Linguística como ciência.** Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

TELES, Ana Regina T. F. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística**: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*.* 2018, 483 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 2018.

O QUE SE VENDE NAS FEIRAS E SUPERMERCADOS PARAENSES: ABÓBORA OU JERIMUM?

Marilucia Barros de Oliveira
PPGL/UFPA
oliveira.marilucia@gmail.br

Luan Costa dos Santos
PPGL/UFPA
luancosta419@gmail.com

Introdução

É sabido que a linguagem revela aspectos históricos de um povo e sua língua, pondo em evidência suas marcas geográficas, históricas, sociais e culturais. De acordo com Eliassim (2013, p. 2), o léxico é parte integrante da cultura e da história de um povo, revelando claramente a dinâmica cultural de um grupo social. Segundo Isquerdo (2001 apud COSTA, 2012, p. 45), o universo lexical pode incorporar itens representativos de diferentes momentos da história da língua, já que por meio do léxico os indivíduos revelam a realidade vivenciada em um período histórico, num dado espaço geográfico e social, tornando-se, portanto, a expressão da história

do homem, de seus costumes e suas práticas religiosas, sociais e culturais.

Para Oliveira (2001, p. 109):

> O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade. Em vista disso, torna-se testemunha da própria história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a regem.
>
> Na formação de uma língua é preciso considerar a influência exercida pelo ambiente através da experiência social. Este contato entre língua e realidade irá determinar a linguagem como reflexo da realidade, sobretudo, como força geradora da imagem de mundo que o indivíduo possui.

Conforme Biderman (2001, p. 9), o léxico é a fonte mais segura que nos dá informação sobre o comportamento e a forma de ver o mundo de um povo. No acervo lexical de determinada língua passeiam todas as histórias, experiências e sensações que o falante possui, ao longo de sua existência, afirma a autora. No léxico, o homem guarda suas experiências para utilizá-las em seu dia a dia e em sua existência. Para Alves (2004, p. 5), "o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades lexicais é criada pelos falantes de uma comunidade linguística".

É também por meio do léxico que podemos estudar a identidade do povo ou de um grupo social, uma vez que é por intermédio dele que o cidadão expõe seu modo de vida, organiza o mundo em que vive e como encara a sua realidade. O léxico desvenda o cidadão e seu meio.

Os estudos em Dialetologia, a partir do léxico, sempre demonstraram a urgência que há no registro da diversidade lexical do português, como afirma Couto (2009, p. 146):

> Ao lamentar o desaparecimento dos dialetos rurais, não estou propugnando por um iletramento, um não-acesso ao DE [dialeto estatal]. Pelo contrário, estou lamentando a perda de todo um conhecimento que se vai com o desaparecimento de uma variante do português. Isso porque, quando uma palavra desaparece, o fato se dá porque a coisa designada por esta também desapareceu ou, pelo menos, o conhecimento que a comunidade tinha da coisa, como sabiam os membros da escola dialetológica Wörter und Sachen (palavras e coisas). O que estou defendendo é a variedade, a diversidade de dialetos, inclusive o dialeto estatal. Como nos ensina a natureza, diversidade representa riqueza, no caso riqueza de meios expressivos, o que não é algo ruim que deve ser extirpado, como querem os normativistas para as variedades não padrão, não estatais.

É notório que a cultura popular perpassa pela fala da população de toda e qualquer localidade do Brasil, e baseia-se em uma situação histórica e cultural. Na língua, isso se dá por meio das designações que alguns referentes têm, ou seja, os falantes da língua, ao longo de sua história, passam a nomear as coisas ao seu redor conforme a sua cultura ancestral lhe permitiu que o fizesse.

Porém, nem sempre esses referentes recebem uma única denominação no vernáculo. Há, em alguns casos, na terminologia científica, diferenças que não são consideradas no uso popular. Assim, dois referentes que recebem dois termos na terminologia especializada podem ser designados por um único vocábulo na língua popular e vice-versa.

No presente estudo, pretendemos avaliar o uso e a vitalidade abóbora/jerimum. Nossa hipótese é que o primeiro item do par parece vir passando por um processo de preterimento o qual atribuímos a uma possível atuação de relações ligadas à padronização e normatização linguística estabelecida pela "lei do mercado".

Vários trabalhos já foram realizados sobre a variação de abóbora e jerimum, como Nelo *et al* (2019), Barros (2020), Fernandes;

Leonardo; Torres (2007) e Souza; Salvador (2020). Trata-se, na maioria das vezes, de estudos dialetológicos. Merecem destaque, neste contexto de análise, Oliveira; Costa; Paz (2018),[1] autoras de artigo que aborda a dificuldade para conseguir que os falantes respondam à questão 32 do Questionário Fonético-Fonológico (QFF): "*... aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, fazer doce?*" (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 9), bem como a avaliação que os falantes fazem do uso das variantes abóbora e jerimum, discussão que nos interessa e que retomamos na seção de análise dos dados. Toda essa problemática nos levou a pensar quais as denominações usadas por supermercados, observando seu perfil, bem como quais denominações são usadas em feiras livres, já que esse espaço acolhe muitas vezes pessoas do interior do estado e de baixa escolaridade, o que poderia implicar variação.

No presente texto, vamos tratar do uso de abóbora/jerimum, e suas possíveis variações, a partir de dados coletados em feiras e supermercados de Belém. Além disso, para saber se essas designações correspondem a um mesmo referente, consultamos alguns trabalhos acadêmicos e textos destinados ao publicados em geral, disponíveis na internet, que nos deem essa informação. O objetivo é apontar a frequência de uso e a vitalidade desses itens no falar belenense a partir da investigação nos espaços mencionados.

1. Os passos para chegar lá: passando por textos, feiras e supermercados

O presente estudo segue a protocolo da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972). Foram, portanto, avaliados os efeitos de diferentes variáveis sobre o uso das variantes identificadas; damos

[1] Os dados utilizados pelas autoras são de capitais e não capitais do Norte do Brasil.

destaque para fatores externos. Buscamos, inicialmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica não exaustiva, analisar se há diferença entre os pares mencionados, ou seja, responder à pergunta: jerimum é abóbora? Para tal, consultamos alguns trabalhos acadêmicos sobre o tema e textos destinados ao público em geral. O intuito é apontar possíveis divergências ou convergências entre a ciência e o saber popular na denominação dos itens que fazem parte do *corpus* desta pesquisa. Portanto, procedemos à busca dos produtos a partir de seus nomes científicos, em trabalhos acadêmicos de diferentes áreas.

Além disso, procuramos registrar, nos locais de circulação dos produtos, como os itens são denominados, quais as influências para essas denominações; para tanto, visitamos feiras e supermercados da cidade de Belém, localizadas em bairros dessa capital. Nas feiras, buscou-se colher dados entre vendedores e consumidores; nos supermercados, foram registrados como os itens são denominados em placas. Assim, foram feitas perguntas espontâneas para os vendedores que trabalham nas feiras livres (fixas ou não), das quais se tomou nota, já que, nesses locais não há placas que identifiquem os produtos expostos; nos supermercados, os registros foram feitos por meio de fotos dos produtos e das respectivas placas que anunciam os produtos.

A escolha de cada um desses locais deu-se em função de, como dito anteriormente, serem espaços de grande circulação da população que usa o português vernacular e dos referidos produtos. Assim, foram escolhidas quatro feiras livres, duas situadas em bairros periféricos de Belém do Pará, ambas são fixas; as outras duas, organizadas, de forma ocasional – uma vez que são feiras de venda de produtos orgânicos – em praças de bairros centrais da cidade. A escolha dessas feiras livres deu-se justamente por serem ou estarem em bairros com populações de classes distintas na cidade. Já os supermercados foram divididos entre os que são locais e os

que vieram de outras localidades do Brasil e que se instalaram no comercio regional; foram selecionados oito grandes supermercados ativos em Belém, que estão localizados em bairros da periferia e do centro da capital, bem como em um de seus distritos, Icoaraci.

1.1. Jerimum é parente da abóbora?

Ao pesquisar o uso linguístico em sites de busca geral, ou especializados (de trabalhos acadêmicos) dos itens abóbora e jerimum, percebemos que, tanto para a ciência quanto para a cultura popular, jerimum e abóbora são designações para um mesmo item, diferentemente do que se detectou, por exemplo, para coentro e cheiro verde, designações de uso variável no Pará. Mas, então, em que esses termos se diferem? Segundo Nelo *et al.* (2019), a diferença está na origem histórica das palavras e em como elas se enraizaram na fala das diferentes regiões do Brasil, uma vez que "esses dois nomes abóbora, de origem portuguesa, e jerimum, de origem indígena, tornaram-se correntes no falar brasileiro". Dessa forma, além das denominações diferentes para o mesmo item, a diferença também está nos tipos de abóbora. Segundo Maia (2011 apud NELO *et al.*, 2019),

> no Brasil, encontramos uma variedade de nomes dados às Cucurbitas, que se diferenciam pelo formato, tamanho, cor da casca, cor da polpa, firmeza, teor de amido, teor de matéria seca, capacidade de armazenamento, produção e sabor: desse modo, é possível encontrar denominações como Goianinha, Maranhão, Menina, Mini-Paulista, Caserta, Menina-Precose, Tetsukabuto, Kyoto, Coroa e Crioula.

Assim sendo, ao pesquisar os termos jerimum e abóbora nos sites de buscas, os resultados trouxeram dados que demonstram essa convergência para o mesmo nome científico, do gênero *cucurbita*, diferenciando-se apenas pelos tipos, formas, por exemplo: *Moschata, máxima, pepo* etc. Cada uma delas relacionados aos nomes populares citados por Maia.

No Quadro 1, apresentamos as designações identificadas.

Quadro 1: Designações para Cucurbita.

Título	Autor	Definição Popular (Tipo)	Área	Instituição	Natureza	Ano
Análise Biométrica de Linhagens de Abóbora	Francisco V. Bezerra Neto; Nilton R. Leal; Fabiane R. Costa; Gustavo M. Gonçalves; Antônio T. do Amaral Júnior; Hélio O. Vasconcellos; Miguel Mello	Abóbora	Agrária	Universidade Federal do Norte Fluminense/ EMBRAPA	Artigo	2006
Polinização Entomófila de Abobrinha, Cucurbita Moschata (Cucurbitaceae)	Bruna D. V. Serra; Lucio A. de O. Campos	Abobrinha	Biológica	Universidade Federal de Viçosa	Artigo	2010
Secagem de Fatias de Abóboras (Cucurbita Moschata, L.) por Convecção Natural e Forçada	Soraia V. Borges; Maurício C. Mancini; Jefferson Luiz G. Corrêa; Daniela A. Nascimento	Abóbora	Biológica	Universidade Federal de Lavras/ Universidade Rural do Rio de Janeiro	Artigo	2008
Avaliação da Maturação Fisiológica de Sementes de Jerimum, Curcubita Moschata Duch, Cultivadas na Região Semiárida	Acácio Figueiredo Neto; Maraisa F. da Silva; Bárbara F. Dantas; Rodrigo A. Teixeira; Daíse S. Reis.	Jerimum	Agrária	Universidade Federal do Vale do São Francisco Petrolina	Artigo	2012
Controle alternativo de helmintos de Astyanax cf. zonatus utilizando fitoterapia com sementes de abóbora (Cucurbita máxima) e mamão (Carica papaya)	Rodrigo Y. Fujimoto; Helrik C. da Costa; Fabrício M. Ramos.	Abóbora	Agrária/ Saúde	Universidade Federal do Pará	Artigo	2012
Adubação Nitrogenada e Potássica na Fisiologia e Produtividade do Jerimum Caboclo	Aldeir Ronaldo Silva	Jerimum Caboclo	Agrária	Universidade Federal da Paraíba	Trabalho de Conclusão de Curso	2017

Fonte: Elaborado pelos autores.

No Quadro 1, podemos observar que, dependendo da região, as variantes referentes ao item em pauta diferenciaram-se. Nos trabalhos desenvolvidos nas regiões sul e sudeste, o item é definido por *abóbora*; nos trabalhos desenvolvidos no Nordeste, o item é denominado por *jerimum*; já no trabalho desenvolvido no Norte, o item é designado *abóbora*. Em relação à forma generalizada usada para elas, não há diferenciação no que concerne a identificação para as diferentes áreas científicas, todas elas denominam o *jerimum* e a *abóbora* por *cucurbita*.

1.2. O que se vende nas feiras e supermercados de Belém: abóbora ou jerimum?

Ao pesquisar os itens em análise, nos locais de circulação, ou seja, nas feiras e supermercados, percebemos que já há diversidade linguística quando se trata da denominação desses elementos. Nelo et al (2019) diz que o termo *jerimum* era mais comum na Região Norte. Porém, tanto nas feiras livres fixas dos bairros quanto nas itinerantes o termo *abóbora* já tem maior circulação entre os vendedores e consumidores, o que pode indicar um processo de mudança em progresso, nos supermercados, em decorrência do processo de normatização de termos na área dos *hortifrutis*, usando-se *abóbora*, variante que caracteriza o Sul e Sudeste do país, de onde advém grande parte desses produtos, em detrimento de jerimum, de uso mais local.

No Quadro 2, informamos o que flagramos nas feiras de bairros periféricos da cidade de Belém, bem como nas feiras de produtos orgânicos, realizadas em praças de bairros centrais.

Quadro 2: jerimum/abóbora em feiras

Tipo de feira	Bairro	Como está denominado (por vendedores)	Como é procurado (por consumidores)
Feira livre fixa	Sideral	abóbora	abóbora
Feira livre fixa	Benguí	abóbora	abóbora
Feira de produtos orgânicos (não-fixa)	Umarizal (Praça Brasil)	abóbora	abóbora
Feira de produtos orgânicos (não-fixa)	Campina (Praça da República)	abóbora	abóbora

Fonte: Os autores.

É possível perceber que o termo *abóbora* já ganhou mais espaço nesses locais. Embora alguns vendedores e consumidores identifiquem os nomes *jerimum* e *abóbora* para o mesmo item, o termo *abóbora* já é o mais utilizado nesses locais.

A vendedora e produtora, Feirante 1, da feira de produtos orgânicos realizada na Praça Brasil, diz que "*O que diferencia é apenas o tipo das abóboras, se é a manteiga, a moranga, a comum...*"

Assim, como foi dito no início desta seção do trabalho, os itens não têm placas de identificação nesses locais. Os produtos são anunciados e procurados oralmente pelos vendedores e consumidores, respectivamente.

Nos supermercados, as placas expostas nas gôndolas confirmam exatamente o que percebemos nas feiras: o uso do vocábulo *abóbora* já está sobrepujando *jerimum*, conforme evidencia o Quadro 3.

Quadro 3: Denominação de jerimum/abóbora em supermercados

Nome	Tipo	Origem	Denominação do item
Nazaré Supercenter	Rede de Supermercados	Pará	abóbora
Assaí Atacadistas	Rede de supermercados	São Paulo	abóbora
Formosa	Rede de Supermercados	Pará	abóbora

continua >

Nome	Tipo	Origem	Denominação do item
Atacadão BR	Rede de supermercados	São Paulo	abóbora
Supermercados Líder	Rede de Supermercados	Pará	abóbora
Mateus	Rede de Supermercados	Maranhão	abóbora

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme mostra o Quadro 3, em todos os supermercados pesquisados, o termo *abóbora* já é de uso categórico tanto nas redes de supermercados locais quanto nas redes de supermercados de outras regiões que entraram no ramo comercial da cidade de Belém nos últimos oito anos. A única diferença encontrada são os tipos de abóbora existentes.

Nas Figuras 1 e 2, nas fotos feitas em redes supermercados paraenses, Formosa e Nazaré Supercenter, respectivamente, os produtos são expostos com o termo abóbora junto à definição de tipo do item.

Figura 1: Denominação de jerimum/abóbora em placas de supermercado.



Fonte: Acervo iconográfico dos autores.

Figura 2: Denominação de jerimum/abóbora em supermercado.



Fonte: Os autores.

Da mesma forma que encontramos nos supermercados locais, os produtos também são expostos com placas nas redes de supermercados não regionais, como se pode observar nas imagens 3 e 4 feitas, respectivamente, em uma das lojas da rede Assaí Atacadista e na da rede Atacadão BR.

Figura 3: Denominação de jerimum/abóbora em supermercado.



Fonte: Acervo iconográfico dos autores.

Figura 4: Denominação de jerimum/abóbora em supermercado.



Fonte: Os autores.

É possível depreender que a variante *jerimum* está sendo substituída por *abóbora*. Antes, comum na fala da população da capital paraense, *jerimum* passou a dar lugar à *abóbora*.

Esses resultados corroboram os já apresentados em Oliveira, Costa; Paz (2018), artigo em que descrevem que, na cidade de Belém, um falante, ao ser entrevistado, só responde à questão 32 do QFF, *"... aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, fazer doce?*" (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 9), quando se faz a alusão ao cozidão, comida muita consumida no Norte do país e que leva tradicionalmente o jerimum. Posto isso, como o objetivo da pergunta era obter a forma abóbora, já que a finalidade era avaliar a realização das proparoxítonas, quando da co-

leta de dados, o trabalho do pesquisador não estava finalizado, pois se o falante dizia jerimum o pesquisador solicitava que mencionasse a outra forma usada para denominar o que chamava de jerimum. Chama-nos a atenção o fato de as autoras dizerem que abóbora e jerimum são usados nas capitais do Norte, mas apresentarem indícios de desuso, o que confirma os resultados apresentados neste texto, pois o uso de abóbora prevalece sobre o de jerimum. Na capital amazonense a colaboradora responde à pergunta do entrevistador (OLIVEIRA; COSTA; PAZ, 2018, p. 7), conforme vemos na transcrição da entrevista.

> INQ.- E aquilo que dá assim no chã::o, que é grande com uma casca grossa e por dentro ele é meio vermelho amarelado?
>
> COL.- Abóbara.
>
> INQ.- Aqui:: fa... éh:: tem outro nome pra ele?
>
> COL.- Jurumu que a gente chama pra ele, jurumu né?
>
> INQ.- É:: a senhora usa mais o que?
>
> COL.- Éh:: aqui nós chamamo mais abóbara.
>
> INQ.- É? INF.- É abóbara.
>
> INQ.- Não usa mais o jerimum por aqui?
>
> COL.- Nã::o, mais é abóbara.
>
> INQ.- Ah é?
>
> COL.- Que a ente compra mais em supermercado né.
>
> INQ.- Ahn

Esse diálogo traz evidência de que o falante sabe que o item *abóbora* é o termo usado nos supermercados e, como lá compra, deve usá-lo também, embora reconheça que possa usar o termo *jerimum*. O trecho que segue confirma nossa assertiva:

COL.- Agora lá po po terreno o pessual uso mais como *jerimu*.

INQ.- Pra onde?

COL.- Chamo *jerimu*.

INQ.- Onde que chama mais jerimu?

COL.- Assim nas estrada quando a gente vai comprá.

INQ.- Ah:: INF.- Qu'eles grandão né?

INQ.- É.

COL.- Chamo *jerimu*.

INQ.- Na cidade então…

COL.- É *abóbara*.

A colaboradora não tem dúvida de que deve adaptar seu uso linguístico em relação aos espaços geográficos e sociais. O supermercado é um deles.

Mais adiante, uma colaboradora de Macapá, no excerto (3), responde à pergunta com *jerimum* e afirma que quem usa abóbora é o pessoal de fora.

INQ.- Como é que chama aquilo que dá no chão, que é gran::de com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro que se cozinha pra comer::... faz o cozidão ...come com carne... faz a carne e põe os pedaços também?

COL.- Não é *jerimum*?

INQ.- Isso.

COL.- *Abóbora*, né? Que vocês chamo, né? (risos)

INQ.- É (riso)

COL.- Tem muita gente que chama *abóbora*. Nós chama *jerimum* aqui, né?

INQ.- Quem é que chama abóbora?

COL.- Muita gente. Muita gente chama de abóbora. Mas o pessoal pr'aí pra fora (risos), aí nós aqui é mais jerimum.

INQ.- É::... É tudo de um tipo jerimum?

COL.- É

INQ.- Num tem diferença?

COL.- Não, tem uns mais vermelhinho, né? tem uns pouco amarelo, os vermelhinho que é mais gostoso, que é mais doce.

Os resultados mostram que há uso dos dois vocábulos e que os colaboradores entendem que o uso de um ou outro é variável e deve ser adaptado pelos falantes. Além disso, a colaboradora reconhece jerimum como variante diatópica.

A pesquisa de Oliveira, Costa e Paz (2017) foi publicada em 2017, mas os dados foram coletados pelos menos uma década antes. Os resultados da presente pesquisa foram coletados mais recentemente, nos anos 2021-2022, e apontam também para um processo de mudança linguística, pelos menos nos espaços pesquisados. Obviamente, o fato de termos selecionado supermercados, pode ser visto como um fator que inflacionaria o uso de abóbora, entretanto, cabe ressaltar que o uso nas férias, onde, em tese, haveria mais circulação do vernáculo, formas populares também aponta para desuso de jerimum em favor de abóbora, o que confirma a hipótese segundo a qual aquela variante está sendo preterida por essa.

Afinal, o que vai na panela paraense?

O presente texto tratou do uso das variantes *abóbora*/*jerimum*, a fim de apontar se há um processo de convivência estável

entre elas ou se já ocorre uma tendência à mudança. Além disso, buscamos registrar como essas variantes são usadas nas feiras e supermercados de Belém.

Foi possível depreender que, nos locais de circulação dos itens, jerimum já passou a perder significativo espaço para abóbora. Em relação a essas duas variantes, já se pode pensar num processo de mudança que deve estar diretamente relacionado à normatização de termos da agricultura. Como esses produtos vêm do Sul e do Sudeste, a forma privilegiada nessas regiões se estabelece aqui junto com esses produtos. É a economia ditando os usos linguísticos, evidenciando que eles são resultado das forças sociais.

Referências

ALVES. I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 2004.

BARROS, F. H. T.; As denominações das abóboras no Hunsrückisch sul-americano. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 980-1004, out./dez. 2020.

BEZERRA NETO, F.V.; LEAL, N.R.; COSTA, F.R.; GONÇALVES, G.M.; AMARAL JÚNIOR, A.T.; VASCONCELLOS, H. O.; MIGUEL MELLO, M. Análise biométrica de linhagens de abóbora. **Horticultura Brasileira**, v. 24, n. 3, p. 378-380, jul./set. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hb/a/5TYDFd4f3KHN8ctcD8XxNWy/?lang=pt. Acesso em: 20 fev. 2022.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA. A. M. P. P.; ISQUERDO, A. P. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-24.

BORGES, S. V.; MANCINI, M. C.; CORRÊA, J. L. G. Secagem de fatias de abóboras (*Cucurbita moschata, L.*) por convenção natural e forçada. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, Campinas, v. 28(Supl.), p. 245-251, dez. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cta/a/sfkvGtTdj7QBDZd9FzzcVhf/?lang=pt. Acesso em: 20 fev. 2022.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSTA, G. B. Da música regional como fonte de pesquisa dialetológica: O português Rural na música de Elomar. . **Revista Letra Magna**, Cubatão, v. 9, n. 15, jul./dez. 2012. Disponível em: https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/152/204. Acesso em: 25 jan. 2022.

COUTO, H. H. **Linguística, ecologia e ecolinguística**: contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

ELIASSIM, C. C. Identidade, cultura e linguagem – Léxico relativo às atividades profissionais em Tropas e boiadas, de Hugo de Carvalho Ramos. **Anais do SILEL**, Uberlândia, v. 3, n. 1, 2013.

FERNANDES, A. M. G.; LEONARDO, D. S.; TORRES, M. F. A variação linguística e o trabalho com o ensino da língua. *In*: DONADON-LEAL, J. B. (Org.) **Reflexões**. A linguística na sala de aula. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2007.

FUJIMOTO, R. Y.; COSTA, H. C.; RAMOS, F. M. Controle alternativo de helmintos de *Astyanax* cf. *zonatus* utilizando fitoterapia com sementes de abóbora (*Cucurbita maxima*) e mamão (*Carica papaya*). **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 5-10, jan. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pvb/v32n1/v32n1a02.pdf. Acesso em: 19 jan. 2022.

LABOV, W. **Socilingüistic patterns***.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MAIA, E. **Abóboras, morangas e pepinos**. Rondônia: Universidade Federal de Rondônia – Curso de Agronomia, 2011. Disponível em: http://www.acagea.org/emanuelmaia2/ole2/cucurb/aboborasmorangaspepinos.pdf. Acesso em: 25 mai. 2022.

NELO, M. J.; QUEIROZ, N. S.; GONÇALVES, G. S. Abóbora ou Jerimum? Um Estudo Semântico Lexical. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 5, n. 2, 2019. Disponível em: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1629. Acesso em: 8 mai. 2022.

OLIVEIRA, M. B.; COSTA, C. S.; PAZ, F. H. S. Reinterpretando vazios dialetológicos no norte do Brasil. **Signum**: Estudos da Linguagem, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 12 - 31, maio 2018. ISSN 2237-4876. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/29918. Acesso em: 07 maio 2022.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos Brasileiros: A questão da Distribuição Geográfica. *In*: OLIVEIRA. A. M. P. P.; ISQUERDO, A. P. **As ciências do léxico:**

lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 109- 115.

SERRA, B. D.V.; CAMPOS, L. A. O. Polinização Entomófila de Abobrinha, *Curcubita Moschata* (Cucurbitaceae). **Neotropical Entomology**, v. 39, n. 2, mar./ abr. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ne/a/9Vj39QSgqgShJYqvFBbDkWD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, A. R. **Adubação nitrogenada e potássica, na fisiologia e produtividade do jerimum caboclo (*Cucurbita maxima*)**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Agronomia) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2017.

SOUZA, D. P.; SALVADOR, C. F. N. Aqui se diz Carapanã! Variação linguística, identidade e humor nas aulas de estudos paraenses em tempo de pandemia. **Letras Escreve**, Macapá, v. 10, n. 1, 2020.

O PORTUGUÊS D'AQUÉM E D'ALÉM-MAR: O QUE MOSTRAM OS DADOS DO ALiMA E DO ALEAç

Conceição de Maria de Araujo Ramos
Universidade Federal do Maranhão
conciufma@gmail.com

José de Ribamar Mendes Bezerra
Universidade Federal do Maranhão
comendesufma@gmail.com

Theciana Silva Silveira
Universidade Federal do Maranhão
theciana.silveira@ufma.br

Introdução

Nosso homenageado, professor João Saramago, é um dos autores do *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç), volume I – A criação de gado, publicado em 2001. Por isso e em razão do sempre lembrado fluxo migratório dos Açores para o Maranhão, escolhemos fazer, para esta homenagem, um cotejo no domínio do léxico dos dados recolhidos para o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) com dados do ALEAç, concernentes às designações para

os seguintes conceitos: 'cria da vaca', 'cria da ovelha', 'caminho do gado/no pasto', 'corno', 'boi sem chifre', 'cabra/vaca sem chifre', 'glândula mamária' (animais) e 'cauda' (animais). A seleção desses conceitos deve-se ao fato de se referirem ao universo agropastoril, universo esse foco exclusivo do ALEAç, volume I, e do ALiMA, nos campos semânticos *Atividades Agropastoris* e *Fauna* do Questionário Semântico-Lexical (QSL) que adota.

É fato inconteste a importância da presença açoriana no processo de povoamento e de colonização do Brasil. O fluxo migratório Açores/Brasil foi, como assinala Rodrigues (2015, p. 11), "[...] uma emigração estratégica, essencialmente colonizadora e definitiva, sobretudo aquela que se organizou em torno de movimentações familiares – os 'casais'.". Com isso, a Coroa Portuguesa objetivava povoar e defender as áreas de fronteira de seu império na América do Sul, notadamente a região amazônica (Pará e Maranhão), frente às pressões e interesses de outras monarquias europeias, que não desconheciam a importância estratégica e econômica dessa zona (RODRIGUES, 2015).

Assim, da primeira leva de açorianos que partiu para o Brasil, chegaram ao Maranhão, em 1619, apenas 95 casais, totalizando 561 indivíduos (RODRIGUES, 2015). Esse fluxo migratório, com número variável de casais/indivíduos, se estendeu ao longo do século XVII, até 1677, sendo retomado em meados do século seguinte.

Transcorridos mais de quatro séculos do primeiro movimento migratório Açores/Brasil-Maranhão, ainda é possível observar ecos dessa presença relacionados, por exemplo, com a festa do Divino Espírito Santo, o baile de São Gonçalo, a culinária (MARQUES, 2008). É, pois, de se supor que essa presença açoriana no Maranhão tenha deixado vestígios também na língua aqui falada. Faltam-nos, contudo, estudos, principalmente que cotejem

dados dos Açores e do Maranhão, para que possamos, de fato, fazer asserções sobre essa possível influência. Nessa perspectiva, este estudo é um passo nessa direção.

Considerações sobre polimorfismo e Atlas Linguísticos

O fenômeno da variação linguística representa, sobretudo em se tratando da fala, o conjunto de forças que operam no estabelecimento das relações e interações sociais. Isso porque quando um indivíduo fala, não apenas transmite uma informação, mas também deixa claro seu estilo, seu grupo social, evidenciando por meio da língua seu lugar no mundo. Esse fato corrobora as diferentes manifestações que englobam modos de pensar e interagir com o mundo, gerando um cenário polimórfico da realidade linguística.

Observar esse polimorfismo por meio de atlas linguísticos nos permite compreender melhor diferentes realidades por meio da língua, em contextos diversos, pois, de acordo com Coseriu (1991), os atlas são, por excelência, "uma coleção de material", tendo em vista que permitem

> [...] comprobar la existencia misma de una forma, hecho que se considera particularmente importante si se trata de la persistencia de una forma antigua, sustituida por formas más recientes en la mayoría de los hablares investigados. Es decir que el atlas lingüístico constituye, en primer lugar, un valioso *inventario de formas* (COSERIU, 1991, p. 128)[1].

Além disso, ainda conforme o autor, "Los mapas lingüísticos, además de consentir observaciones de carácter general acerca del funcionamiento del lenguaje como medio de intercomunicación

[1] "[...] comprovar a própria existência de uma forma, fato que se considera particularmente importante se se trata da persistência de uma forma antiga substituída por formas mais recentes na maioria dos falares investigados. Isto é, o atlas linguístico constitui, em primeiro lugar, um valioso *inventário de formas*" (Tradução nossa).

social, revelan la conexión entre la historia lingüística y los factores geográficos o geopolíticos" (COSERIU, 1991, p.114)[2], fatores fundamentais para a compreensão de uma realidade linguística.

Com isso, as representações de diferentes formas de ver o mundo e as coisas a seu redor podem ser observadas por diversos parâmetros e são evidenciadas por meio da língua, em diferentes níveis de análise, sobretudo do léxico, considerando os diferentes contextos de interação, que podem ser identificados por seu polimorfismo cultural.

Por polimorfismo entendemos, em consonância com Lope Blanch (1992, p. 30), a "concurrencia de dos o más formas lingüísticas capaces de desempeñar indistintamente la misma función"[3]. O autor, ao investigar o polimorfismo, dá ênfase aos estudos fonéticos, mas ressalta a natureza muito mais variável do léxico, afirmando ser esse o nível em que o polimorfismo alcança *alturas vertiginosas*. Ele destaca, ainda, que o polimorfismo dialetal inclui o polimorfismo individual (idioletal) e o coletivo (dialetal). Essa distinção é importante para entendermos que, em uma mesma comunidade de fala, há um universo histórico-linguístico, uma vez que toda língua falada varia.

Desse modo, investigar as diferentes formas lexicais utilizadas no Maranhão e nos Açores para designar determinadas entidades do mundo biopsicossocial nos permite compreender o comportamento linguístico e social de cada realidade, incluindo aquilo que os aproxima e os separa.

[2] "Os mapas linguísticos, além de possibilitarem observações de caráter geral acerca do funcionamento da linguagem como meio de intercomunicação social, revelam a conexão entre a história linguística e os fatores geográficos ou geopolíticos" (Tradução nossa).

[3] "coexistência de duas ou mais formas linguísticas capazes de desempenhar indistintamente a mesma função" (Tradução nossa).

Maranhão e Açores: saberes e partilhas no universo lexical

Tendo como base os princípios teóricos e metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística, objetivamos cotejar dados recolhidos para a elaboração do ALiMA com cartas do ALEAç, buscando analisar a consonância dos dados ou seu distanciamento, considerando o contexto no qual esses dados encontram-se inseridos.

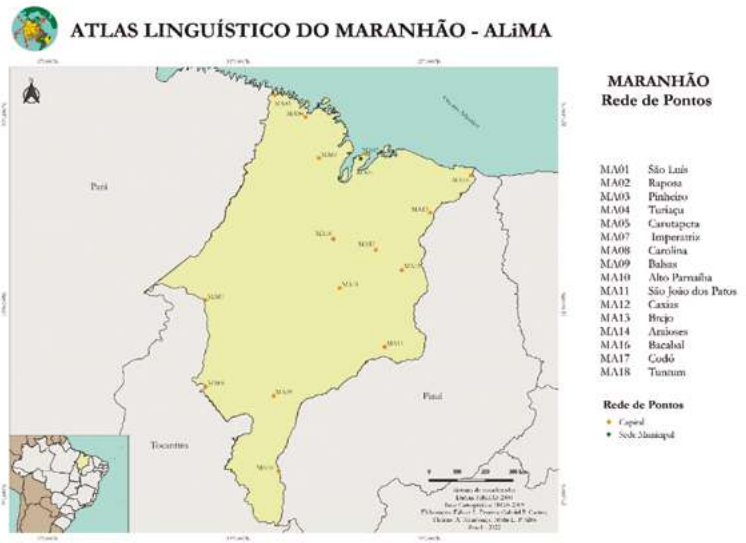
Para o lado de cá do Atlântico, o Maranhão, consideramos as denominações registradas para os conceitos referentes às seguintes questões do QSL adotado pelo ALiMA e distribuídas entre os campos semânticos *Atividades Agropastoris* e *Fauna*: 48 - Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?; 49 - Como se chama a cria da vaca quando muito nova?; 52 - Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?; 66 - O que o boi tem na cabeça?; 67 - Como se chama o boi sem ____ (cf. item 66); 68 - Como se chama a cabra que não tem _____? (cf. item 66); 69 - Em que parte da vaca fica o leite? e 70 - Como se chama a parte com que o boi espanta as moscas?

Para o lado de lá do Atlântico, os Açores, baseamo-nos nas seguintes Cartas do ALEAç: 55 - cria da ovelha - macho; 56 - cria da ovelha - fêmea; 24 - cria da vaca - macho; 26 - cria da vaca - fêmea; 11 - caminhos do gado; 35 - corno; 67 - vaca ou cabra sem cornos; 33 - úbere e 43 - rabo.

Com relação à rede de pontos de inquérito, o ALiMA definiu, inicialmente 18 pontos. Mas, no decorrer da pesquisa, a Coordenação do Projeto decidiu excluir os pontos Maracaçumé (MA/06), por verificar que já estava contemplado por Turiaçu (MA/04), e Santa Luzia (MA/15), por se tratar de um município mais novo, criado com o desmembramento de Pidaré-Mirim, espa-

ço geográfico já contemplado por Bacabal (MA/16). Assim a rede do ALiMA, que abarca as cinco mesorregiões do Estado – Norte, Sul, Centro, Leste e Oeste –, ficou distribuída como mostra a Figura 1.

Figura 1: Mapa com a distribuição da rede de pontos linguísticos do ALiMA



Fonte: Projeto ALiMA

Os informantes, num total de 68 indivíduos, sendo quatro por localidade, exceto na capital, São Luís, onde são considerados oito informantes dos quais quatro são universitários, são naturais da localidade e aí residentes, e se distribuem equitativamente por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, contemplando os dois sexos. Quanto à escolaridade, são todos alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até o 7º ano. Como assinalado, apenas na capital são considerados dois níveis de escolaridade – fundamental e superior.

O ALEAç, por sua vez, conta com uma rede formada por 17 pontos de inquérito, distribuídos entre as nove ilhas que compõem

o arquipélago, contemplando, portanto, os três grupos de ilhas – Oriental, Central e Ocidental, como mostra a Figura 2.

Figura 2: Mapa com a distribuição da rede de pontos linguísticos do ALEAç



Fonte: http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/Mapas.aspx.

Com relação ao perfil dos informantes, destacam-se os seguintes pontos: indivíduos nascidos na localidade e aí residentes, com reduzido nível de escolaridade (nível básico) ou analfabetos (em menor número), com idade compreendida entre 50 e 75 anos, sendo em maior número homens do que mulheres, com profissões/ocupações variadas – agricultores, moleiros, carpinteiros, ferreiro, tecedeira, doméstica (FERREIRA *et al*., 2001).

Feitas essas considerações, essenciais para um melhor entendimento dos dados que serão analisados, passamos a nossa abordagem comparativa em busca do que nos mostram o ALiMA e o ALEAç, no universo lexical. Começamos com a distribuição geral do número de formas correspondentes a cada conceito no Maranhão e nos Açores, descrita no Quadro 1.

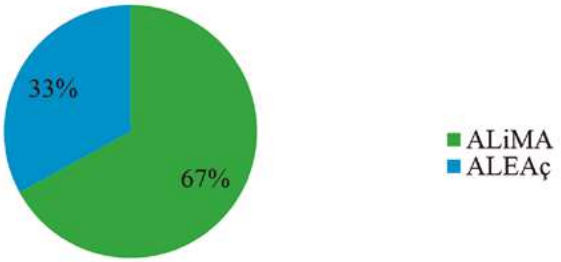
Quadro 1: Distribuição geral das formas

Conceitos	ALiMA Nº de formas	ALEAç Nº de formas	Formas coincidentes
'cria da ovelha'	10	3	3
'cria da vaca'	6	4	1
'caminho do gado/ no pasto'	16	10	4
'corno'	2	4	1
'boi sem chifre'	10	2	1
'cabra/vaca sem chifre'	8	2	1
'glândula mamária' (animais)	5	2	1
'cauda' (animais)	2	2	2
TOTAL	**59**	**29**	**14**

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

Como podemos observar no Quadro 1, das 88 formas aí registradas, 59 (67%) foram recolhidas no Maranhão e 29 (33%) nos Açores, como ilustra o Gráfico 1. Além disso, o quadro evidencia que, desse total geral de formas, apenas 14 (16%) são partilhadas pelas duas áreas geográficas confrontadas, como demonstra o Gráfico 2.

Gráfico 1: Percentual do número de formas obtidas no ALiMA e ALEAç



Fonte: Elaboração dos autores.

Gráfico 2: Percentual do número de formas diferentes e coincidentes



Fonte: Elaboração dos autores.

Conceito - 'cria da ovelha'

Com relação às designações para a 'cria da ovelha', questão 48 do ALiMA e Cartas 55 e 56 do ALEAç, como podemos observar no Quadro 2, o Maranhão e os Açores compartilham três formas – *ovelhinha*, *borrego* e *cordeiro* –, tendo *ovelhinha* uma significativa presença no ALiMA, pois foi documentada em 12 dos 16 pontos de inquérito, enquanto *cordeiro* foi registrada em todas as 17 localidades do ALEAç. Quanto à forma *borrego*, com entrada mais recente no português, como assinalam Cardoso (2010) e Saramago (2012), compartilha no ALiMA a terceira posição, em número de localidades onde ocorre (7), com a forma genérica *filhote*, enquanto no ALEAç sua presença, em termos do número de pontos de inquérito onde ocorre (3), representa aproximadamente um sexto do universo das localidades investigadas.

Quadro 2: Denominações para a 'cria da ovelha' no ALiMA e ALEAç

ALiMA	Nº de Localidades	ALEAç	Nº de Localidades
ovelhinha/ovelhazinha	12	ovelhinha	4
cabrito/cabritinho/ cabritozinho	9		
carneiro/carneirinho	6		
filhote/filho	7		
borrego/borreguinho	7	borrega/borrego	3
filho de ovelha/filha da ovelha/ filhote de ovelha/ filhotinho da ovelha	5		
cordeiro/ cordeirinho	2	cordeiro/cordeirinho/ cordeira/cordeirinha	17
cabrino	1		
cabritinho de ovelha	1		
ovelhinha nova	1		

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

Ainda nesse universo de formas para nomear a 'cria da ovelha', mas buscando, agora, examinar o que diferencia as duas realidades linguístico-culturais cotejadas, merecem destaque três fatos: (i) a presença notável de *cabrito* nos dados do ALiMA, o que se configura como um caso de extensão semântica; (ii) o uso expressivo de diminutivo, quer seja como uma denominação afetiva, quer seja como indicativo de tamanho/idade. Convém, contudo, ressaltar que no ALEAç, diferentemente do ALiMA, o uso do diminutivo como denominação afetiva que não introduz distinções de tamanho/idade é baixo (FERREIRA *et al*., 2001) e (iii) o uso, no ALiMA, da forma genérica *filho*/*filhote*, tanto em sintagmas simples – *filho*/*filhote* – como em sintagmas compostos pelo núcleo *filho*/*filhote* mais um limitador, como *de*/*da ovelha*.

Conceito: 'cria da vaca"

As designações para 'cria da vaca', obtidas como resposta à questão 49, em se tratando do ALiMA, e as registradas nas Cartas 24 e 26 do ALEAç fazem parte do grupo de formas que apresentou o número mais baixo de denominações coincidentes, ou seja, partilhou uma única designação, a forma *bezerro*, que foi também a única com ocorrência em toda a rede de pontos de cada um dos atlas, como ilustra o Quadro 3.

Quadro 3: Denominações para 'cria da vaca' no ALiMA e ALEAç

ALiMA	Nº de Localidades	ALEAç	Nº de Localidades
bezerro/bezerra/ bezerrinho/bezerrinha	16	bezerro/bezerrinho/ bezerra/bezerrinha	17
mijolo/minjolo/ minjole	5	vitelo/vitelinho/vitela/ vitelinha	10
barrigudo/barrigudinho	2	mamote/mamota	3
filho/ filhote	2	gueixote/gueixota	1
vaquinha	1		
bezerrinho novo	1		

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

No ALiMA, a segunda designação em termos de número de localidades de ocorrência (5) é *mijolo*, forma documentada tanto na lexicografia portuguesa, com registro no *Dicionário da Língua Portuguesa,* de Cândido Figueiredo (FIGUEIREDO, 1949), como na brasileira, a exemplo do Houaiss e do Michaelis. Em todas essas obras, *mijolo* recebe uma definição sinonímica, *o mesmo que munjolo*, *novilho jovem*, *vitelo*, e lhe é atribuída a marca de uso concernente à variação diatópica – brasileirismo do Norte, (regionalismo do) Piauí. Ainda sobre essa forma, convém destacar que foi registrada na porção oriental do Maranhão, portanto mais próxima do Piauí,

apenas na fala dos homens, principalmente os mais idosos, e que é, possivelmente, uma variante morfofonética, como *minjole* e *minjolo*, de *munjolo* que, segundo Figueiredo (1949), é sinônimo de *bezerrinho*. Quanto à forma *barrigudo*, documentada em dois pontos na parte ocidental do Estado, parece, por um lado, ser de uso mais particular da região denominada Baixada Ocidental Maranhense e, por outro lado, configurar-se como um caso de analogia, tendo em vista que o Houaiss na segunda acepção de *barrigudinho*, antecedida da marca de uso informal, traz a seguinte definição: garoto novo, criança. Das duas outras designações, *filho* (1) e *vaquinha* (1), a primeira é genérica enquanto a segunda constitui uma denominação afetiva.

No ALEAç, a segunda designação em termos de número de localidades de ocorrência (10) é *vitelo*, denominação referida como mais recente nas ilhas de Flores (Ponta Ruiva, ponto 3), do Pico (Terras, ponto 7), de São Jorge (Calheta, ponto 8) e de São Miguel (Mosteiros, ponto 13, e Rabo de Peixe, ponto 14), usada para designar a cria da vaca desde que nasce até aproximadamente à idade de um ano (FERREIRA *et al*., 2001, Carta 24). *Mamote*, por sua vez, registrado nos dois pontos da ilha de Flores (Fajãzinha e Ponta Ruiva) e no único ponto de Graciosa (Carapacho), designa a cria enquanto mama. Em Barcelos (2008, p. 344), encontramos a seguinte definição de *mamote*: "Bezerro que ainda mama na vaca". Quanto a *gueixote*, diminutivo de *gueixo*, documentado apenas na ilha Terceira, designa a cria da vaca (macho e a da fêmea, *gueixota*) com idade compreendida entre os quatro e os seis meses. Em Saramago (2008), encontramos *gueixo* no rol dos vocábulos atestados em dicionários portugueses e classificados como açorianismos ou como exclusivos de alguma das ilhas.

Conceito: 'caminho do gado/ no pasto'

No universo que compreende o conceito de 'caminho do gado/no pasto', questão 52 do ALiMA e Carta 11 do ALEAç, registramos o maior número de formas, 16 para o Maranhão e 10 para os Açores, como podemos visualizar no Quadro 4.

Quadro 4: 'caminho do gado/ no pasto'

ALiMA	Nº de Localidades	ALEAç	Nº de Localidades
caminho/pequeno caminho/caminhozinho	13	caminho/(pelos) caminhos	5
estrada/estradinha	11	caminho de carro	1
vareda	8	vereda	4
Carrero	4	carreiro	2
trilha	4	caminho de penetração	2
trilha dos animais	1	canada	13
Atalho	1	atalho	4
purão	1	atalho de servidão	1
andamiro	1	atalho de pé	1
campo	1	servidão	1
campina	1		
beco	1		
mato	1		
mato machucado	1		
passagem	1		
variante	1		

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

Com base nos dados apresentados, dentre as formas registradas, podemos observar que quatro delas são comuns aos dois atlas: *caminho*, *vereda/vareda*, *carre(i)ro* e *atalho*. Em se tratando dos termos em comum, no ALiMA, *caminho* é a denominação registrada no maior número de localidades, enquanto no ALEAç é *canada*, variante não registrada no Maranhão. *Canada*, nos Açores, é

mais estreita que caminho, no qual pode passar um carro de bois, enquanto *caminho* é mais largo e considerado o termo mais genérico, utilizado para designar a faixa de terreno ou passagem. Além de *caminho,* nos Açores, registramos *caminho de carro* e *caminho de penetração*, formas expandidas de *caminho*; nesses compostos sintagmáticos, observamos o acréscimo do termo hipônimo, atribuindo ao primeiro elemento do sintagma características específicas. No primeiro, *caminho de carro*, segundo o ALEAç, é um termo mais antigo para designar o caminho por onde podiam passar carros de bois; atualmente, é conhecido como *caminho de penetração.*

Outra forma que merece destaque é *vareda* (ALiMA), variação morfofonética de *vereda* (ALEAç). No Maranhão, foi registrada em oito localidades; já nos Açores, em quatro. Segundo o *Dicionário Rural do Brasil* (BARCELOS, 2008), *vereda* é o caminho *estreito*. Esta mesma definição é encontrada nos Açores, entretanto, na ilha Terceira (Altares, ponto 11), a forma *vereda* é usada apenas em se tratando de terrenos baldios. Vale destacar que tanto no *Dicionário Rural do Brasil*, como no Houaiss, *vereda* é sinônimo de *trilha,* outra forma registrada, mas apenas no Maranhão, que se refere ao caminho estreito, tortuoso; além de *trilha*, registramos ainda o sintagma expandido, *trilha dos animais*, que traz em seu conceito a especificidade da trilha, que é o caminho estreito por onde passam os animais.

Carre(i)ro e *atalho* são as outras duas formas compartilhadas pelo ALiMA e pelo ALEAç, em ambos os atlas, *carreiro* é o caminho estreito. Convém destacar que a forma *carre(i)ro* é considerada pelo informante 3 do ALiMA (homem, idoso), de Balsas (ponto MA 09), como a forma antiga, utilizada no "português velho"; a primeira denominação dada pelo informante foi *estrada* e, em seguida, *carre(i)ro*. A marcação temporal do uso da forma *carre(i)ro* é importante para compreendermos a realidade desse universo, uma vez que as 16 formas que designam o conceito apresentam um total

de 91 ocorrências distribuídas pelos 16 pontos do ALiMA; dessas ocorrências, apenas sete são a forma *carreiro*, o que nos leva a inferir que as outras formas – mais produtivas – são mais recentes, como *caminho, estrada* e *vereda*.

Já *atalho*, segundo o Houaiss, é o caminho secundário, derivado de um principal, pelo qual se encurtam distâncias e/ou se chega mais rapidamente ao lugar de destino; nessa acepção, observamos, além do arquilexema *caminho*, traços que diferem da qualidade de ser estreito, tais como ser secundário e mais curto. No ALEAç, contudo, *atalho* é o caminho mais estreito de todos aqueles pelos quais os animais acedem aos terrenos mais afastados.

De modo geral, as denominações coincidentes se distinguem pelo traço da forma/ largura, em que uns são mais estreitos e outros mais largos, além da função particular apresentadas nos sintagmas expandidos, como em *caminho de penetração.*

Observamos, ainda, em relação ao conceito ora analisado, uma quantidade significativa de formas documentadas em apenas uma localidade e na fala de apenas um informante, em se tratando do ALiMA. Esse fato corrobora a ideia de Lope Blanch (1992), quando ele afirma que o polimorfismo não somente dialetal, mas também idioletal, como podemos ver nas formas *trilha dos animais*, *purão*, *andamiro, campo, campina, beco, mato, mato machucado, passagem* e *variante.*

Conceito: 'corno'

No que tange às denominações para o conceito 'corno', questão 66 do ALiMA e Carta 35 do ALEAç, registramos duas formas para o Maranhão e quatro para os Açores. Vale ressaltar que foi apenas este conceito que gerou maior polimorfismo no ALEAç, quando comparado com os dados do ALiMA, como evidencia o Quadro 5.

Quadro 5: 'corno'

ALiMA	Nº de Localidades	ALEAç	Nº de Localidades
chifre/chifaozão	16	chifre/chifres	7
chavelho(ê)	1	corno/(um) corno/ cornos	16
		galho/(um) galho	8
		galha	1

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

Nos dados do ALiMA, foram encontradas as formas *chifre* e *chavelho*. A forma *chifre* foi registrada nas 16 localidades, com 66 ocorrências; além disso, é a única forma coincidente com o ALEAç, que registrou *chifre* em sete localidades. Nos dicionários gerais da língua, *chifre* é sinônimo de *corno*, forma registrada no maior número de localidade nos Açores; *corno*, por sua vez, é registrado com rubrica *Anatomia zoológica*, que corresponde a cada um dos dois apêndices ósseos presentes na parte superior da cabeça de muitos ungulados (animais com casco).

Chavelho ocorreu em apenas uma localidade e com uma única ocorrência no ALiMA, enquanto *galho* foi registrado em oito localidade no ALEAç; ambas as formas estão registradas no Houaiss com a rubrica: *Anatomia zoológica*, e como sinônimos de *corno*. É curioso destacar que, apesar das formas *corno* e *galho* não aparecerem nos dados do Maranhão para designar *aquilo que o boi tem na cabeça*, foram recolhidas como designação para outro conceito – 'homem traído' – que se insere no campo do QSL, *Convívio e Comportamento Social*. Nos dicionários gerais de língua portuguesa, essas formas são registradas com marcas de uso, como regionalismos, tabuísmo ou vulgarismo e são resultado de deslizamentos semânticos, em que o imaginário social atribui ao homem traído características que só os animais possuem.

Conceitos: 'boi sem chifre' e 'cabra/vaca sem chifre'

Considerando a significativa interseção que há entre os conjuntos de variantes denominativas para estes dois conceitos, tanto no ALiMA (com exceção das formas *liso* e *ganchim*, usadas apenas para 'boi sem chifre') como no ALEAç, decidimos comentá-los no mesmo subtópico. Seguindo essa ideia, observamos que, nesse polimorfismo lexical, há uma denominação comum aos dois espaços geográficos estudados e igualmente expressiva nos dois lados do Atlântico; trata-se de *mocho*/*mocha*, a única forma de uso generalizado, com ocorrência em todas as localidades investigadas, como ilustram os Quadros 6 e 7.

Quadro 6: 'boi sem chifre'

ALiMA	Nº de Localidades	ALEAç	Nº de Localidades
mocho/ mojo	15	mocha/mocho	17
boi sem chifre/sem chifre/ não tem chifre	4	rabana dos cornos	1
boi mocho	2		
Mucho	2		
Troncho	1		
boi mucho	1		
surubi	1		
liso	1		
alêjado	1		
ganchim	1		

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

Quadro 7: 'cabra/vaca sem chifre'

ALiMA	Nº de Localidades	ALEAç	Nº de Localidades
mocho/mocha/ moja	16	mocha/mocho	17
cabra sem chifre/ sem chifre/ não tem chifre	3	rabana dos cornos	1
troncho	1		
Surubi	1		
cabra mocha	1		
alêjada	1		
mucha	1		
cabra mucha	1		

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

Ainda com relação a *mocho*/*mocha*, convém assinalar que no ALEAç essa forma foi documentada como variante única em 16 dos 17 pontos de inquérito, coexistindo, portanto, com outra forma – *rabana dos cornos* – em apenas um ponto, o de número 10, a ilha de Graciosa, que faz parte do Grupo Central de ilhas do arquipélago.

Depois de *mocho*/*mocha*, as variantes que ocupam, respectivamente, a segunda e a terceira posição, em termos de número de localidades de ocorrência no ALiMA, são os sintagmas *boi sem chifre* (4) e *cabra sem chifre* (3). Cremos que esse resultado se deva à própria formulação das perguntas (cf. questões 67 e 68 do QSL adotado pelo ALiMA). No que concerne às demais formas registradas pelo ALiMA e que aparecem num número menor de pontos de inquérito, merecem destaque os seguintes fatos: (i) o uso de formas genéricas, como *ale(i)jado*, *troncho* e *mu(r)cho*, que compartilham o traço [+ privação]. Dessas três denominações para 'boi sem chifre' e 'cabra/vaca sem chifre', encontramos registro da forma *murcho* em 18 localidades da rede de pontos linguísticos do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS) (CARDOSO, 2010); (ii) a presença de um processo

metonímico no ato de nomear, como exemplificado com o emprego da forma *ganchim* por *canchim*, raça brasileira de bovinos resultante do cruzamento de vacas zebuínas com reprodutores charoleses (COSTA, 2003). Vale ressaltar que a maioria dos canchins, por padrão racial, não apresenta chifre ou teve o chifre retirado; esse fato contribui para o estabelecimento de uma relação de contiguidade, de inclusão; a forma *surubi(m)*, que se configura como um caso de polimorfismo individual (documentado na fala da mulher idosa do ponto MA 04/Turiaçu) em que o informante, para não deixar seu interlocutor seu resposta, usa como estratégia a substituição de uma forma, da qual não se lembra ou mesmo não conhece, por outra que crê que a essa forma se associa. Assim, é provável que o *Boi Surubim* do Brasil-Colônia, personagem místico e encantado da gesta do gado, ou ainda a "rês de pelo salpicado" denominada *surubim* (MICHAELIS, 1998) tenham socorrido a informante no momento em que uma forma lhe escapou.

Conceito: 'glândula mamária' (animais)

No que concerne ao conceito de 'glândula mamária', registramos cinco formas no ALiMA, questão 69, e duas formas no ALEAç, Carta 33, como podemos observar no Quadro 8.

Quadro 8: 'glândula mamária' (animais)

ALiMA	Nº de Localidades	ALEAç	Nº de Localidades
Peito	16	mojo/amojo	17
ubre	16	úbere	4
teta	5		
mama	1		
peito da vaca	1		

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

Conforme apresentado no Quadro 8, as formas *peito* e *ubre* (com redução da proparoxítona úbere), foram registradas nas 16 localidades que compõem a rede de pontos do ALiMA, já nos Açores a forma que contempla todas as localidades é *mojo/amojo*. No Maranhão, a forma mais usada é *peito*, com 57 ocorrências, seguida de *ubre*, com 29. Segundo Saramago (2012), úbere é forma mais arcaica para designar o conceito de glândula mamária (animais) e é pouco produtiva no ALEAç, além de ser registrada em poucas localidades. O autor ainda afirma que *mojo/amojo* é o termo mais recente e de uso majoritário nos Açores. Essa forma não foi recolhida pelo ALiMA.

Vale apena destacar que *mojo/amojo*, segundo o *Dicionário Rural do Brasil* (COSTA, 2003, p. 27), "é o aumento de volume do úbere nas proximidades de parição"; em outras palavras, é o processo, o estado latente, enquanto úbere é o órgão/local que aumenta devido à produção de leite. Observamos ainda que *amojo* e úbere são termos mais restritos ao domínio investigado, diferentemente das outras formas *peito*, teta, *mama* e *peito da vaca*, utilizadas nesse universo, mas que possuem usos mais genéricos. Isso pode ser comprovado quando analisamos o composto sintagmático *peito da vaca*, que possui em seu terceiro elemento a especificação, restringindo o uso para o universo ora estudado.

Uma hipótese que pode ser levantada, em relação aos dados apresentados, está associada à ocupação/profissão dos informantes açorianos que são majoritariamente agricultores, isto é, indivíduos que trabalham diretamente com atividades agropastoris, foco principal do volume I do ALEAç, o que contribui para o uso de formas específicas dessas áreas de especialidade; já no ALiMA, há uma maior diversificação de ocupação/profissão e o universo agropastoril é apenas um dos focos do atlas. Assim, os informantes maranhenses não são indivíduos que necessariamente desenvolvam

atividades laborais relacionadas com o universo investigado, razão por que apresentam respostas mais genéricas.

Conceito: 'cauda' (animais)

Quanto às variantes para a questão 70 do ALiMA e para a Carta 43 do ALEAç, foram obtidas duas formas *rabo* e *cauda*; essas formas foram registradas nos dois atlas. O Quadro 9 apresenta as formas obtidas e o número de localidades em que ocorreram.

Quadro 9: 'cauda (animais)

ALiMA	Nº de Localidades	ALEAç	Nº de Localidades
Rabo	16	rabo/(o) rabo	11
Cauda	1	cauda	1

Fonte: Banco de dados do ALiMA e Cartas linguísticas do ALEAç. Elaboração dos autores.

A forma *rabo* obteve o maior número de registro nas redes de pontos analisadas: no ALiMA apareceu em todas as localidades, enquanto que no ALEAç foi documentada em 11 dos 17 pontos de inquérito. Em se tratando de *cauda*, o registro é residual, tanto no Maranhão como nos Açores, já que nesses espaços só foi registrada em apenas uma localidade.

No Houaiss, *rabo* é o mesmo que *cauda*, e corresponde à parte traseira do animal. Ainda conforme o dicionário, *rabo* é mais informal, diferentemente de *cauda* que registra rubrica *Anatomia zoológica*. De acordo com o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, *rabo* é o termo genérico com que se indica o apêndice caudal de todos os animais. Em outras palavras, *rabo* é o termo hiperônimo, mais amplo, enquanto *cauda* tem seu uso mais restrito, relacionado, na maioria das vezes, à universos especializados. C*auda*, no Priberam, significa apêndice posterior móvel do corpo de alguns animais; nessa acepção, observamos que, além de se lo-

calizar na parte traseira, posterior, *cauda* possui o traço *movimento*, que está diretamente relacionado com a parte com que o boi espanta as moscas, uma vez que para isso é necessário que o *rabo* realize movimentos.

Pistas para conclusões futuras

O exame que empreendemos com base nos dados do ALiMA e nas cartas do ALEAç, no âmbito do léxico, domínio da língua de natureza muito variável e onde o polimorfismo alcança *alturas vertiginosas* (LOPE BLANCH, 1992), deu-nos algumas pistas que nos ajudarão a melhor compreender a relação Maranhão – Açores no plano linguístico-cultural. Dentre elas, destacamos: (i) das 14 formas compartilhadas, apenas duas, *bezerro* e *mocho*, ocorreram em toda a rede de pontos de cada um dos atlas; (ii) 'caminho do gado/ no pasto' foi o conceito que apresentou o maior número de formas denominativas, tanto no ALiMA (17) como no ALEAç (10); (iii) o ALiMA apresentou maior polimorfismo, com exceção da questão concernente ao conceito 'corno'; e (iv) além do polimorfismo dialetal, ocorreram casos de polimorfismo individual, sobretudo em relação aos conceitos 'caminho do gado/ no pasto', 'boi sem chifre' e 'cabra/vaca sem chifre'.

Entretanto, como assinalamos, necessitamos de estudos que cotejem, principalmente, dados dos Açores e do Maranhão, para que possamos, de fato, fazer asserções seguras e bem respaldadas em dados empíricos sobre nossos saberes e partilhas acerca da língua que nos une.

Referências

ALIMA. **Projeto Atlas Linguístico do Maranhão**. Banco de dados do Projeto ALiMA. Maranhão, em construção.

BARCELOS, J. M. Soares de. **Dicionário de falares dos Açores**: vocabulário regional de todas as ilhas. Coimbra: Almedina, 2008.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O atlas linguístico-etnográfico dos Açores e os atlas linguísticos da Bahia e de Sergipe: um encontro de dados. *In*: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et al. (Org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 111-123.

COSERIU, Eugenio. **El hombre y su lenguaje**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

COSTA, João da. **Dicionário rural do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/. Acesso em: 26 maio 2022.

FERREIRA, Manuela Barros *et al*. **Atlas linguístico-etnográfico dos Açores**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa; Angra do Heroísmo: Direção Regional de Cultura, 2001. v. 1 – A criação de gado.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Dicionário da língua portuguesa**. 14. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1949. 2v.

INFOPÉDIA. **Dicionários Porto Editora**. Porto: Porto Editora. 2003-2021. Disponível em: https://www.portoeditora.pt/lingua-portuguesa/mobile-apps. Acesso em: 26 maio 2022.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOPE BLANCH, Juan M. Polimorfismo dialectal en el atlas lingüístico de México (ALMex). **Estudios de Lingüística Aplicada**, n. 15/16, p. 29-34, 1992.

MARQUES, Ester de Sá. Imigração açoriana no Maranhão e fundação de São Luís. **Adiaspora.com**, Toronto, p. 1-13, 2008. Disponível em: www.adiaspora.com/_port/educa/trabalho/esterimigracao.htm. Acesso em: 29 abr. 2022.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

RODRIGUES, José Damião. Das pequenas ilhas ao vasto sertão: os casais açorianos no povoamento de uma fronteira imperial (Amazónia, século XVII). **Nave@mérica**- Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas [en línea], n. 15, p. 1-14, 2015. Disponível em: http://revistas.um.es/navegamerica. Acesso em: 29 abr. 2022.

SARAMAGO, João António das Pedras. Açorianismos. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**: Brasil – Portugal. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008. p. 273-288.

SARAMAGO, João António das Pedras. Tão longe e tão perto. Tão perto e tão longe. *In*: ALTINO, Fabiane Cristina. (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012. p.147-163.

AGRUPAMENTOS LEXICAIS DO ITEM *CIGARRO DE PALHA* NAS NÃO CAPITAIS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

Abdelhak Razky
UFPA/UnB/CNPq
arazky@gmail.com

Eliane Oliveira da Costa
SEDUC
elianecosta21@yahoo.com.br

Regis José da Cunha Guedes
UFRA
regisbspaz@gmail.com

Introdução

O projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) tem o mérito de investigar, analisar e representar cartograficamente o contínuo dialetal do português brasileiro na sua dimensão geográfica e social a partir de uma metodologia unificada (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). O ALiB é um projeto idealizado na primeira metade do século XX e sua implementação ocorre a partir de 1996, com a criação do Comitê Nacional.

No dizer de Suzana Cardoso (2010, p. 167),

> A retomada da ideia de elaboração de um atlas linguístico nacional foi aprovada, em novembro de 1996, por ocasião da realização, em Salvador, do Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, com a participação de pesquisadores na área de diferentes regiões brasileiras e com o assessoramento do prof. Michel Contini, da Universidade de Grenoble. Naquele momento, duas grandes linhas se impuseram, de imediato: a formulação ampla de um projeto e a discussão/definição de sua metodologia.

O ano de 2014 constitui o segundo marco histórico para os estudos dialetológicos sulamericanos com a publicação dos dois primeiros volumes do ALiB (CARDOSO et al., 2014a, 2014b). A obra representa não apenas a "concretização do sonho de Nascentes", mas também os anseios de centenas de pesquisadores, inquiridores, transcritores que deram muito de si, percorrendo mais de 276.853 quilômetros de viagens de coleta de dados, por terra, água e ar, pelo vasto território brasileiro, ou estudando os dados do extenso *corpus* coletado. A colaboração de quase 1100 informantes que responderam a um conjunto de questionários extensos e sistematicos é uma contribuição inegável de uma amostra representativa do povo brasileiro que participou ativamente e de forma espontânea ao sonho de entender a diversidade linguística do portugês brasileiro. O primeiro volume do ALiB, Introdução, apresenta a trajetória do Projeto ALiB, textos sobre a metodologia desenvolvida, os instrumentos metodológicos utilizados e apêndices, e o segundo volume, Cartas linguísticas I, compõem-se de cartas fonéticas, lexicais e morfossintáticas relativas às capitais brasileiras.

Atualmente, as equipes do ALiB estão envolvidas no mapeamento dos dados que devem gerar os próximos volumes do atlas e apresentar novos resultados referentes às capitais (25 pontos), bem como os primeiros resultados dos pontos de inquéirto classificados como não capitais, que perfazem um total de 225 localidades.

Agrupamentos lexicais diatópicos

De acordo com Razky, Guedes e Costa (2018), a concepção de linhas isoglossas tornou-se limitada para a representação da realidade da variação linguística quando se trata de um volume denso de dados socialmente estratificados em cada ponto de inquérito e num espaço tão complexo como o Brasil. A homogeneidade areal que essas linhas imaginárias se propunham a representar em atlas tradicionais diluiu-se em função de grandes mudanças sociais que se intensificaram a partir da metade do século XX. De acordo com Razky e Coimbra (2020):

> A partir dessa nova acepção da Dialetologia brasileira, a elaboração de isoglossas vem mostrando suas limitações devido às grandes mudanças societais no Brasil que culminaram em grandes movimentos populacionais, uma grande concorrência no setor de transporte público e transporte aéreo, além da descentralização de oportunidades de trabalho e empreendimento. Essa nova dinâmica migratória e mobilidade de recursos humanos provocaram mudanças importantes no âmbito da competência variacional dos falantes, pois influenciaram no desenvolvimento de uma competência bidialetal e pluridialetal dos falantes da primeira geração dos imigrantes, a qual influiu sobre a competência dialetal das gerações subsequentes (RAZKY; COIMBRA, 2020, p. 321).

Ao observar a configuração geossocial da variação de um determinado fenômeno linguístico no Brasil, percebe-se que os limites geográficos da variação linguística são mais complexos. Os estudos de Razky e Guedes (2015) e de Guedes, Razky e Costa (2018) têm demonstrado que a variação lexical e fonética do português brasileiro é composta por um mosaico de áreas com maior ou menor densidade de ocorrências de um fenômeno em relação a outros. Algumas variantes linguísticas apresentam caraterísticas diatópicas densas ao se agregarem em determinadas áreas formando camadas de agrupamentos com formato e extensão diferentes (SANCHES; RAZKY, 2021).

A análise estatística desses agrupamentos é relevante, pois mostra a frequência de uso num tempo (T) da história da variante (v) da variedade (V). A variante mais produtiva (+) constitui um tipo de agrupamento (A) que revela um estado (S) da variedade em questão. Ao mesmo tempo, a frequência baixa (-) de uma variante presente no mesmo contexto não deve ser subestimada.

A variante (-), por menos produtiva que seja, atesta a presença de um fenômeno em uso que pode marcar uma história diageracional de uma faixa etária de terceira idade, por exemplo, ou uma variante mais inovadora de uma faixa etária de jovens, por exemplo. A frequência (-) pode também revelar a presença de variantes (v) diaétnica (característica de grupos étnicos), e dialingual (característica de contato linguístico entre duas ou mais línguas), diatécnica (referente a um domínio de especialidade), etc.

Essa riqueza variacional aparece na fala de informantes em função de suas respectivas competências dialetais ligadas ao contexto de interações que são frutos do fluxo informacional e comunicacional de microrredes e macrorredes de comunicação em que o falante evolui. A cartografia dessa competência variacional exige instrumentos de superposição de camadas de variação que vão do menos produtivo ao mais produtivo numa dada área sem operar abstrações estatísticas optando apenas pelo conjunto mais produtivos em detrimento de subconjunto de variantes menos ou pouco produtivas (RAZKY; TELES; COIMBRA, 2019). O conceito de agrupamento (lexical, fonético, etc.) consegue responder a essa complexidade ao permitir traçar diferentes camadas de agrupamentos que podem coexistir no mesmo microespaço e/ou macroespaço. Esses agrupamentos podem ter diferentes configurações.

Guedes (2012) e Razky e Guedes (2015), que mapearam a variação lexical nos dados do Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA),

introduziram o conceito de agrupamento linguístico, lexical na pesquisa em questão, ao observarem que as lexias registradas sobre determinados itens estudados se agrupavam em regiões específicas do território paraense, na forma de macroagrupamentos e de microagrupamentos que formam intersecções espaciais. Os autores afirmam:

> La distribution diatopique des variables lexicales présentées dans les cartes ci-dessus a permis de tracer des micro-regroupements inscrits dans un continuum non homogénéisant. Dans le même sens, il est possible de dégager, dans chacune des cartes en question, des macro-regroupments qui illustrent d'autres rapprochements diatopiques plus larges. (RAZKY; GUEDES, 2015, p. 7)[1]

Este conceito de agrupamento foi ampliado por Guedes, Razky e Costa (2018), quando, estudando a variação fonética do português no estado do Pará e comparando os dados de Guedes (2017) com os do Atlas Linguístico Sonoro do Pará - ALiSPA (2004), verificou-se a existência de agrupamentos fonéticos diatópicos na região que compreende os estados do Pará e Maranhão.

Na presente pesquisa, a convergência entre os agrupamentos lexicais e fonéticos identificados está ligada à história do povoamento da região, que perpassa por séculos de ocupação indígena, e que posteriormente é afetado por diferentes correntes migratórias de não indígenas, desde o período colonial, passando pela mobilidade populacional que se deu a partir da secunda metade do século XX. Esses movimentos de ocupação do território e o contato entre línguas e diferentes falares construíram a identidade linguística multifacetada de cada região brasileira. Os resultados dessas mudanças rápidas aparecem na cartografia geossociolinguística

[1] A distribuição diatópica das variáveis lexicais apresentadas nos mapas acima permitiu traçar microagrupamentos inscritos em um continuum não homogeneizante. Da mesma forma, é possível identificar, em cada um dos mapas em questão, macroagrupamentos que ilustram outras conexões diatópicas mais amplas (Tradução dos autores).

(RAZKY, 1998; 2010a; 2010b) realizada nos últimos anos por meio do ALiB, a nível nacional, e de atlas linguísticos de domínios menores, como o ALiSPA – Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2004), e dos projetos de atlas em andamento, como o ALeSPA - Atlas Léxico Sonoro do Pará e o ALiPAI - Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas.

O *corpus* do projeto ALiB corrobora a existência de agrupamentos lexicais geossociolinguísticos. O mapeamento dos itens lexicais *córrego* (RAZKY; SANCHES, 2016) nas capitais brasileiras demonstrou a existência de um contínuo de camadas de agrupamentos. Alguns se localizam em áreas restritas do território brasileiro e outros se estendem por mais de um estado ou por mais de uma região.

Essa configuração diversa dos agrupamentos lexicais é passível de uma classificação. Razky e Guedes (2015) identificaram os dois primeiros tipos de agrupamento e os denominaram, respectivamente, *macroagrupamento* e *microagrupamento.* Todavia, ao se estudar a variação lexical nos dados das capitais do projeto ALiB, que recobrem uma extensão territorial muito maior que a do ALeSPA, outros estratos de similaridade entre os tipos de agrupamento foram identificados, o que permitiu distinguir quatro camadas mais ou menos estáveis (nanoagrupamento, microagrupamento, macroagrupamento e supra-agrupamento), em termos de extensão areal (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019 e RAZKY; COIMBRA, 2020).

Como a diversidade linguística envolve subsistemas em movimento, os dados lexicais das não capitas brasileiras já observados até o momento têm revelado uma dinâmica variacional mais complexa. Os dados do item lexical *pinguela,* estudados por Razky, Guedes e Costa (no prelo), por exemplo, permitiram identificar

uma nova camada diatópica de agrupamento, lexical nesse caso, e acrescentá-la às quatro já definidas anteriormente. Trata-se da categoria *mesoagrupamento*, que integra o contínuo de agrupamentos como uma camada variacional entre o microagrupamento e o macroagrupamento, e que permite classificar melhor a distribuição da variação linguística num espaço dialetal rico como o do Brasil. Dessa forma, o contínuo dialetal dos cinco agrupamentos linguísticos (Figura 1) pode ser definido assim:

1. *Nanoagrupamento*: é um agrupamento restrito à uma ou 2 nano-áreas geográficas, cujo total da variante registrada oscila entre 1 a 10% da área investigada;

2. *Microagrupamento*: é um agrupamento de uma ou mais microáreas, cujo total de variantes registradas cobre entre 11% a 25% do espaço dialetal total;

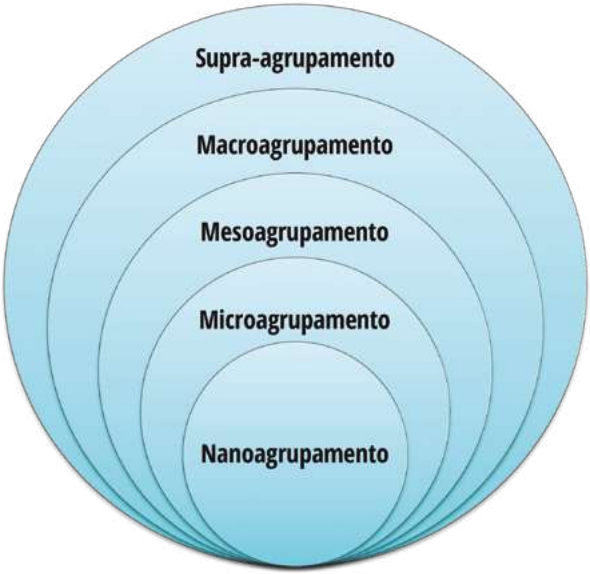
3. *Mesoagrupamento*: é um agrupamento de uma ou mais mesoáreas, cujo total de variantes registradas cobre entre 26% a 50% do espaço dialetal total;

4. *Macroagrupamento*: é um agrupamento que cobre uma parte maior das macroáreas investigadas (Ex.: variantes presentes em 51% a 100% do território investigado); e

5. *Supra-agrupamento*: é um agrupamento decorrente de uma intervenção no resultado estatístico que faz abstração do universo variacional não produtivo de um fenômeno linguístico investigado (lexical, fonético, etc.) numa dada configuração espacial, ao considerar a primeira resposta dada pelo informante e/ou a maior frequência da variante no ponto de inquérito analisado (Ex.: considerar apenas as variantes registradas em

90% a 100% num ou diferentes espaços diatópicos do território investigado).

Figura 1: Contínuo dialetal de agrupamentos linguísticos



Fonte: Elaborado pelos autores

Aporte metodológico

O banco de dados do projeto ALiB perfaz 250 pontos de inquérito, sendo 25 capitais e 225 não capitais, e contabiliza um total de 1.100 informantes.

Na coleta de dados do ALiB, foram utilizados: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF – 159 questões), o Questionário Semântico-Lexical (QSL – 202 questões) e o Questionário Morfossintático (QMS – 49 questões), além de 11 questões de prosódia e 4 questões de pragmática. Ademais, foram utilizados temas para discursos semidirigidos, 6 perguntas metalinguísticas e um texto para leitura (a Parábola dos Sete Vimes).

Este estudo mapeou a variação diatópica do item lexical *cigarro de palha*, que constitui a questão 145 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto ALiB.

Nas capitais brasileiras,[2] a metodologia do ALiB previu a realização de entrevistas com oito informantes, estratificados por sexo, em duas faixas etárias e em dois níveis de escolaridade. Para os demais pontos de inquérito (as não capitais), a metodologia previu 4 informantes, estratificados por sexo e idade, como se pode verificar no quadro 1:

Quadro 1: Estratificação dos Informantes no ALiB – Não Capitais

Código	Perfil
1. AM	A - 18 a 30 anos / M – Masculino / Analfabetos até 5º ano (Ens. Fundamental)
2. AF	A - 18 a 30 anos / F – Feminino / Analfabetos até 5º ano (Ens. Fundamental)
3. BM	B - 50 a 65 anos / M – Masculino / Analfabetos até 5º ano (Ens. Fundamental)
4. BF	B - 50 a 65 anos / F – Feminino / Analfabetos até 5º ano (Ens. Fundamental)

Fonte: Elaborado pelos autores com base no dados do Projeto ALiB

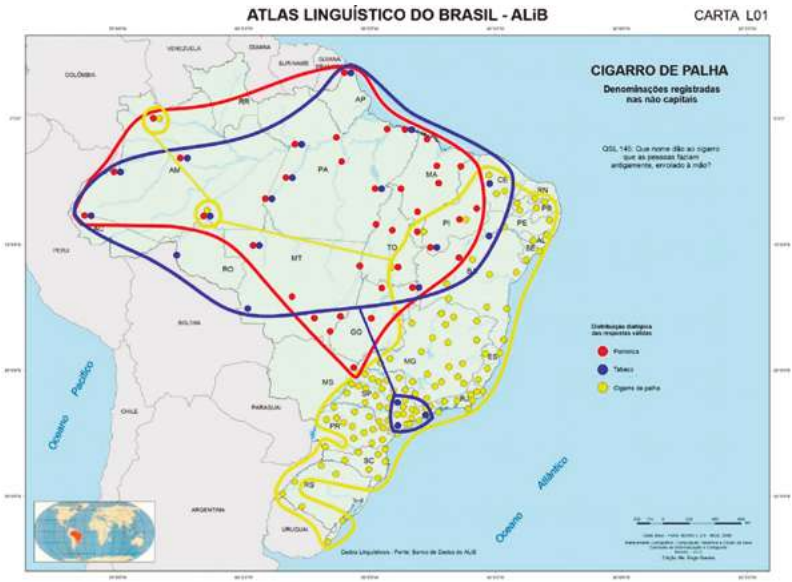
Neste estudo, optou-se por um mapeamento que projetasse as camadas de agrupamentos lexiais diatópicos no território brasileiro como um todo, por isso optou-se pela utilização da carta base do Brasil e não das cartas por estado ou regiões brasileiras, também disponíveis no projeto.

A rede de pontos de não capitais do ALiB é composta por 225 localidades, como foi mencionado. Para este estudo, consideraram-se 223 pontos de inquérito, o que perfaz 99,1% do total de localidades, excetuando-se apenas os pontos: Campina Grande e Juiz de Fora, cujos dados estão em revisão.

[2] Exceto Palmas, como é sabido, por ser de fundação recente.

Análise dos resultados

Figura 2: Carta L01



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do ALiB

Na figura 2 (Carta L01) foram registrados agrupamentos lexicais diatópicos de dois tipos, um macroagrupamento e dois mesoagrupamentos. A distribuição diatópica na lexia *cigarro de palha* forma um macroagrupamento que se distribui por 65,3% do território mapeado, com registros no estado do Amazonas e estendendo-se desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, incluindo todos os Estados litorâneos nesse entremeio, além do Ceará, Piauí, Tocantins e Minas Gerais. Os registros da lexia *porronca* formam um mesoagrupamento (38,4% do território) estendendo-se por todos os estados da Amazônia Legal, incluindo o Mato Grosso, Mato grosso do Sul, Goiás, Bahia, Maranhão e Piauí. As ocorrências da lexia *tabaco* (38,4% do território) formam um mesoagrupamento que, da mesma forma, estende-se por todos os Estados na

Amazônia Legal, incluindo os Estados do Mato Grosso, Bahia, Piauí, Ceará, além de registros feitos no estado de São Paulo.

Figura 3: Carta L02



Fonte: Elaborado pelos autores

Na figura 3 (Carta L02) foram registrados agrupamentos lexicais diatópicos de dois tipos, um micro e um mesoagrupamento. A lexia *fumo de corda* (30, 7% do território mapeado) forma um mesoagrupamento com número considerável de registros em São Paulo e na Bahia, com registros em Mato Grosso, Rio de Janeiro, Pará, Alagoas e Pernambuco. Os registros da lexia *boró* (19,2% do território) formam um microagrupamento que inclui Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Figura 4: Carta L03



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do ALiB

Na figura 4 (Carta L03) foram registrados agrupamentos lexicais diatópicos de dois tipos, um microagrupamento e dois nanoagrupamentos. Os registros da lexia *pacaia* (11,5% do território mapeado) formam um microagrupamento que inclui registros na Paraíba, Pernambuco e Bahia. Os registros da lexia *pé duro* (7,6% do território) formam um nanoagrupamento que se estende do Ceará ao Rio Grande do Norte, enquanto que as ocorrências de *picão* (3,8%) concentram-se no Espírito Santo, formando, assim, um nanoagrupamento.

As três cartas apresentadas indicam que toda variante de um dado espaço geográfico, por mais ou menos produtiva que seja, constitui uma fonte de investigação importante para documentar a história e identidade cultural por traz de cada variante. A tipologia de agrupamentos linguísticos facilita a tarefa do pesquisador ao

permitir a valorização do conjunto de variantes presentes no espaço dialetal estudado, pois permite categorizar um dado número de agrupamentos denominados, estatisticamente controlados, geograficamente localizados, e socialmente ilustrativos do contínuo linguístico e da diversidade linguística de uma dada variedade.

Considerações finais

A partir do conceito de agrupamento linguístico, estudou-se, neste artigo, a distribuição diatópica do item lexical *Cigarro de palha* nas não capitais do ALiB. O conjunto das variantes lexicais cartografadas: *Porronca, Tabaco* e *Cigarro de palha* (Carta L01), *Fumo de corda* e *Boró* (Carta L02) e *Pé duro, Pacaia* e *Picão* (Carta L03), aponta para quatro dos cinco tipos de agrupamentos estruturantes do contínuo dialetal de agrupamentos linguísticos: Carta L01 - macroagrupamento (1), mesoagrupamento (2), Carta L02 - microagrupamento (1), mesoagrupamento (1), Carta L03 - microagrupamento (1), nanoagrupamento (2). O mesoagrupamento estabelece-se como o tipo de agrupamento característico do espaço variacional documentando na Carta L01. O micro e o mesoagrupamento compõem a dinâmica variacional mapeada na Carta L02. O nanoagrupamento predomina no universo variacional documentado na Carta L03. São sete agrupamentos registrados para a lexia *Cigarro de palha*, sendo dois microagrupamentos, três mesoagrupamentos e dois nanoagrupamentos. Como não há uma variante que circula em todo o território nacional não se pode falar de um supra-agrupamento, que deve normalmente recobrir todo um espaço geográfico, quando se opera uma abstração das outras variantes existentes no território. Contudo, os resultados mostram que a variação lexical do português brasileiro é complexa do ponto de vista geossocial e produtiva devido a história cultural do Brasil. As variantes lexicais em territórios muito extensos como o Brasil

ganham visibilidade quando estudadas na perspectiva de agrupamentos linguísticos, que permitem categorizar diferentes tipos de espaços geográficos.

Referências

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**, v. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil**, v. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

GUEDES, Regis José da Cunha; RAZKY, Abdelhak; COSTA, Eliane Oliveira da. Agrupamentos fonéticos diatópicos no português falado no estado do Pará: o contínuo de fala entre áreas indígenas e comunidades envolventes. In: SÁ, Edmilson José de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; SANCHES, Romário Duarte (Orgs.). **Diversidade Linguística em Comunidades Tradicionais**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2018. p. 171-192.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Perfil Geossociolinguístico português em contato com línguas tupi-guarani em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2017.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2012.

RAZKY, Abdelhak; COIMBRA, Diego. Estudo comparativo da variação do /S/ em posição de coda silábica nos atlas linguísticos estaduais da Região Norte. **Revista Moara**, n. 55, p. 316-338, 2020.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'atlas géosociolinguistique du Pará. **Revista Géoliguistique**, Grenoble Alpes, n. 15, p. 149-162, 2015.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha; COSTA, Eliane Oliveira da. A pesquisa geolinguística em áreas indígenas brasileiras: desafios

e estratégias. **Revista Signum**: estudos de linguagem, v. 21, p. 126-138, 2018.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha; COSTA, Eliane Oliveira da. Agrupamento lexical do item pinguela nas não capitais do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). In: RAMOS, Conceição Maria de Araújo; ALTINO, Fabiane Cristina; PAIM, Marcela Moura Torres. **Documentos 8** (no prelo).

RAZKY, Abdelhak; SANCHES, Romário Duarte. Variação geossocial do item lexical 'riacho/córrego' nas capitais brasileiras. **Revista Gragoatá**: estudos da linguagem, v. 21, n. 40, p. 70-89, 2016.

RAZKY, Abdelhak; TELLES, Iara Maria; COIMBRA, Diego. Agrupamentos fonéticos da vogal média anterior /e/ em posição pretônica no Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 61, p. 1-19, 2019.

RAZKY, Abdelhak. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 41, p. 170-188, 2010a.

RAZKY, Abdelhak. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. **Lenguaje**, Cali, v. 32, p. 313-330, 2010b.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará** – ALiSPA 1.1. Belém: [s. e.], 2004. CD-ROM.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 155-164.

SANCHES, Romário Duarte; RAZKY, Abdelhak. Análise geossociolinguística das designações para fanhoso nas capitais brasileiras. **DELTA** - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 37, p. 1-22, 2021.

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO ALiB PARA A CARACTERIZAÇÃO DE ÁREAS LEXICAIS: O CASO DA *SAPATA* E *AMARELINHA* NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Valter Pereira Romano
Universidade Federal de Santa Catarina
valter.pereira.romano@gmail.com

No ano de 1996, um empreendimento de grande fôlego fora iniciado pelos dialetólogos brasileiros com vistas a elaborar o Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. Daquela época até a atualidade muito se tem avançado com os trabalhos das equipes regionais, que têm se ocupado da constituição do *corpus* por meio da realização de entrevistas, transcrição, revisão e tratamento do material linguístico coletado junto aos 1100 informantes dos 250 municípios selecionados para a pesquisa.

O Projeto ALiB passou por diferentes fases desde a sua implantação. Grosso modo: (i) entre os anos 1996 a 2000, foram constituídas equipes regionais e estabelecidas as diretrizes metodológicas do Projeto; (ii) no período 2001 a 2013, as equipes ocuparam-se da coleta de dados por meio da aplicação dos questionários aos informantes e (iii) em 2014, por ocasião do IIII Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística – CIDS, ocorrido

em Londrina/PR, foram publicados os dois primeiros volumes do atlas (CARDOSO *et al*., 2014a; 2014b) , sendo o vol. 1 referente à introdução e apresentação da metodologia e o vol. 2 com um conjunto de cartas linguísticas com dados das capitais brasileiras. Ainda em 2014, o Comitê Nacional, que coordena as atividades do Projeto, fora reestruturado agregando pesquisadores adjuntos aos diretores científicos de cada esquipe regional. Passados esses três primeiros momentos do Projeto, atualmente, a equipe encontra-se ocupada com a publicação dos volumes 3, 4 e 5, ainda com dados das capitais e, principalmente, dá início ao tratamento dos dados da rede de pontos do interior do país para organização dos volumes 6, 7 e 8.

Dada a robustez do *corpus*, os dados do interior representam um desafio para a equipe, desafio este que vem sendo evidenciado pelos trabalhos prévios de pós-graduação, mestrado e doutorado, desenvolvidos com base no *corpus* do Projeto. Desse modo, a primeira tese de doutorado desenvolvida com os dados do interior é a de Ribeiro (2012), defendida na Universidade Federal da Bahia.

Ribeiro (2012) se ocupou especificamente de tratar, sob o ponto de vista cartográfico e léxico-semântico, as variantes lexicais para as 13 questões que constituem a área semântica "jogos e diversões infantis" do Questionário Semântico-Lexical – QSL (COMITE NACIONAL, 2001). Ateve-se a uma extensa área geográfica que compreendeu, principalmente, o estado da Bahia e adjacências, com vistas a verificar a existência do 'subfalar baiano' apregoado por Antenor Nascentes (1953) e as subáreas lexicais no território.

O segundo trabalho sistemático, também com dados do interior, é o de Portilho (2013), que seguiu a mesma trilha de Ribeiro (2012) sobre o estudo da mesma área temática[1] "jogos e diversões

1 Neste texto, toma-se área temática e área semântica como sinônimos.

infantis", porém se atendo a outra região geográfica, a do 'subfalar amazônico', que compreende toda a Região Norte do Brasil e adjacências com pontos linguísticos do Centro Oeste e Nordeste.

Depois desse, Romano (2015) estudou uma grande área do centro-sul do país, a do 'subfalar sulista', com dados de 117 localidades distribuídas por toda a Região Sul, Centro-Oeste e Sudeste, perfazendo a fala de 472 informantes. Romano (2015) não se ateve a estudar questões de uma área semântica específica, como o fizeram Ribeiro (2012) e Portilho (2013), mas, com base em dados de cinco questões do QSL, correspondentes a diferentes áreas semânticas - uma delas sobre "jogos e diversões infantis" – questão 156 (bolinha de gude) - verificou a configuração do 'subfalar sulista' de Antenor Nascentes (1953), em dados de natureza lexical, buscando na história social da região explicações para as áreas delimitadas.

Outros três trabalhos sucederam a esses três primeiros estudos, como o de Santos (2016), D'Anunciação (2016) e Santos (2018) os quais também se ocuparam do tratamento para as 13 questões da área "jogos e diversões infantis" do QSL. Santos (2016) estudou a região do 'subfalar fluminense'; D'Anunciação (2016), os dados atinentes ao território do 'subfalar mineiro' e Santos (2018) ateve-se aos dados coletados na área territorial do 'subfalar nordestino', todos com vistas a discutir a proposta de Antenor Nascentes (1953), como o fizeram Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Romano (2015).

Conforme se observa, a área temática "jogos e diversões infantis" do QSL está sendo descrita e analisada de forma constante pelos pesquisadores do Projeto ALiB, cabendo mencionar também estudos pontuais como o de Romano e Aguilera (2014), na Região Sul do Brasil; Romano e Seabra (2017) no estado de Minas Gerais e Alencar (2018) com dados do estado de São Paulo. Ademais, o próprio Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al. 2014b), no segun-

do volume, apresenta 37 cartas linguísticas para questões dessa área semântica.

Este texto traz uma contribuição para a descrição de uma das questões dessa área temática, mais especificamente a questão 167 do QSL – "a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?". Trata-se de um recorte de uma pesquisa de maior envergadura que visa estudar os designativos para a questão supramencionada em toda a rede de pontos do Projeto ALiB.

Nesta oportunidade, são apresentados os dados atinentes à rede de pontos da Região Sul compreendendo a fala de 68 paranaenses, 40 catarinenses e 68 gaúchos que perfazem dados de 176 informantes de nível fundamental de escolaridade[2]. Os dados foram levantados mediante consulta às transcrições e gravações do banco de dados do Projeto ALiB (inédito). Após o levantamento, a tabulação e a revisão, passou-se à organização do *corpus* em uma base de dados no Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014), que permitiu o tratamento quantitativo por meio de relatórios de frequência e também elaboração de cartas linguísticas experimentais com vista ao mapeamento dos designativos para o referente em pauta.

As denominações para brincadeira na Região Sul do Brasil

Essa brincadeira infantil é reconhecida em todo o do país e se constitui, basicamente, em desenhar no chão um diagrama de

[2] Ressalte-se que, nas capitais, também foram entrevistados quatro informantes de nível superior de escolaridade, porém, esses não fazem parte do *corpus* aqui analisado. Este estudo atém-se aos dados dos informantes de nível fundamental de escolaridade, tanto nos do interior quanto nos das capitais.

quadrados numerados com o objetivo de pular, em um só pé, cada casa, após o lançamento de um objeto (em geral uma pedrinha) em uma dessas casas (quadrados). A meta é chegar ao topo do desenho, denominado como céu, sem se desequilibrar ou pisar em uma das riscas. Essa brincadeira é objeto da pergunta 167 do QSL e recebe diferentes denominações a depender a região do país: *amarelinha, maré, macaco(a), academia, sapata(o)* entre outras, conforme Ribeiro (2012), Portilho (2013), Cardoso et. al (2014b), Santos (2016), D'Anunciação (2016), Santos (2018) e Alencar (2018).

Nos dados da Região Sul, foram documentados 160 registros divididos entre 26 formas, englobando variantes fonéticas, morfofonêmicas e unidades fraseológicas. Para essa questão, portanto, foi documentado expressivo polimorfismo lexical, destacando-se duas formas mais produtivas: *amarelinha* (87 registros) e *sapata* (29 ocorrências). Com menor produtividade, encontram-se *marelinha* (11 ocorrências), o item *pula-pula* (seis registros), *amarelinho* (quatro registros) e a variante *caracol* (três ocorrências). Com ocorrências únicas, foram aferidas as seguintes denominações, apresentadas em ordem alfabética: *amarela*, *amerelinha*, *brincar de queimar*, *caia, calha*, *estrelinha*, *jogar as pedrinhas*, *joguinho*, *macaca, marelinho*, *pula boneco*, *pula sapato*, *quadra*, *quadrado*, *quadrinho*, *sapato*, *sete pedra*, *tabuada*, *três marias* e *triângulo.*

Diante do universo das respostas, foi necessário realizar agrupamentos para tratamento cartográfico e quantitativo dos dados. Assim, agruparam-se os seguintes itens por critérios morfológicos ou morfofonológicos:

- *Amarelinha, marelinha, marelinho, amarelinho, amarela, amerelinha*;
- *Sapata e sapato*;
- *Calha e caia*;

- *Quadra, quadrado e quadrinho*;
- Formas compostas com o vocábulo *pedra* ou *pedrinha*: *jogar pedrinhas e sete pedra*;
- Formas compostas com a lexema *pular: pula-pula*, *pula boneco* e *pula sapato.*

Seguindo o critério da ocorrência única, foram agrupadas no rótulo *outras* os seguintes itens:

- *Brincar de queimar*, *joguinho*, *estrelinha*, *macaca*, *três marias*, *triângulo* e *tabuada.*

Considerando-se os agrupamentos dos itens, na Tabela 1, observa-se a seguinte produtividade:

Tabela 1: Produtividade das variantes lexicais para a questão 167 do QSL – Região Sul

Variantes	**Nº de ocorrências**	**%**
amarela/amarelinha/ amarelinho/ amerelinha/ marelinha/ marelinho	104	65,40
sapata/ sapato	30	18,87
pula boneco/ pula sapato/ pula-pula	8	5,03
caracol	3	1,89
quadra/quadrado/quadrinho	3	1,89
jogar pedrinha/sete pedra	2	1,26
calha/caia	2	1,26
Outras	8	4,40
TOTAL	**160**	**100%**

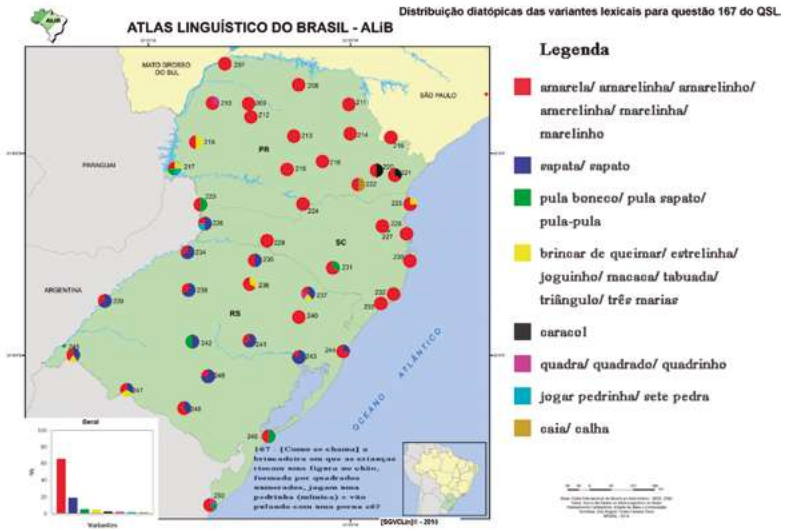
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB

Portanto, *amarelinha* e variantes predominam entre as denominações mais conhecidas na Região Sul, seguida de *sapata(o)*. Com produtividade abaixo de 10% de ocorrência encontram-se os demais itens.

Perspectiva Geolinguística

Do ponto de vista da representação cartográfica, a Figura 1 apresenta a distribuição diatópica dos itens agrupados segundo os critérios estabelecidos. Desse modo, observa-se que a variante mais produtiva, *amarelinha* e variantes, são a que se apresentam em toda a rede de pontos, não ocorrendo, apenas, no ponto 242 – Santa Maria/RS.

Figura 1: Distribuição diatópica das variantes lexicais para a questão 167 do QSL



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – inédito

Principalmente nas localidades paranaenses e catarinenses, a variante *amarelinha* e formas agrupadas ocorrem com 100% de produtividade, ao passo que nas localidades gaúchas, há uma maior presença do item *sapata/sapato*. Há de observar também que o item *pula-pula* e variantes (cor verde) ocorrem esparsamente em dois pontos paranaenses: 217 (São Miguel do Iguaçu) e 223

(Barracão), em uma localidade catarinense: 231 (Lages) e, por fim, em três cidades gaúchas: 242 (Santa Maria), 249 (São José do Norte) e 250 (Chuí), com diferentes índices de representatividade.

As variantes de ocorrência única que estão agrupadas (cor amarela da legenda) apresentam-se também esparsamente no Paraná (ponto 215 – Toledo e 217 – São Miguel do Oeste), no litoral norte de Santa Catarina – 225 (São Francisco do Sul) e em quatro localidades gaúchas: duas ao norte do estado (236 – Passo Fundo e 237 – Vacaria) e duas no extremo sul: 245 (Uruguaiana) e 247 (Santana do Livramento).

O item lexical *quadra* e variantes estão em três pontos: Chuí/RS (ponto 250), Vacaria/RS (ponto 237) e Umuarama/PR (ponto 210). É interessante observar a presença de *caracol* em Curitiba (ponto 220) e Morretes (ponto 221), não se apresentando em nenhuma outra localidade, o que de certa forma pode ser delimitada por uma linha de isoléxica[3] nessa região linguística.

Na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, encontram-se as variantes *jogar pedrinha* e *sete pedra*, em São Miguel do Iguaçu/PR (ponto 217) e em São Miguel do Oeste/SC (ponto 226). Por fim, no ponto 222 (Lapa/PR), encontra-se a variante *calha/caia*.

Atendo-se às duas formas mais produtivas, *amarelinha* e *sapata*, pode-se observar a formação de duas grandes áreas lexicais na Região Sul, conforme a Figura 2.

[3] Linhas virtuais que delimitam espaços também virtuais de ocorrência de formas e expressões linguísticas (COSERIU, 1987).

Figura 2: Áreas lexicais de *amarelinha* e *sapata* na Região Sul



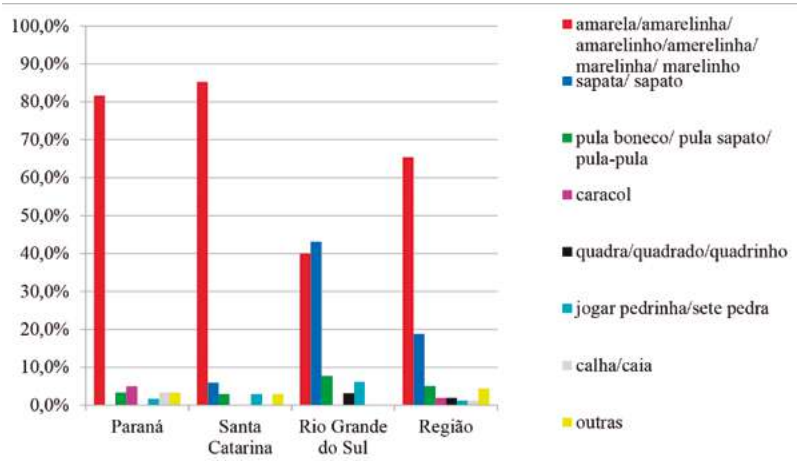
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – inédito

O item *amarelinha* e formas variantes (vermelho) apresentam-se em todo o território paranaense expandindo-se para o território catarinense com reflexo no Rio Grande do Sul, o que forma uma grande área lexical delimitada por uma linha de isoléxica que parte do litoral sul de Santa Catarina e transpassa todo o estado até o extremo oeste do Paraná. Do lado oposto, há uma extensa área de heteroléxica[4] na qual coocorrem os itens *amarelinha* e *sapata,* desde o oeste de Santa Catarina (ponto 226 – São Miguel do Oeste), compreendendo quase todo o estado sul-rio-grandense. Essa área de heteroléxica não se apresenta no norte do estado gaúcho (em que ocorre apenas *amarelinha*) e em Santa Maria (ponto 242), no centro do estado, onde se documentou apenas o item *sapata/sapato*.

Em termos de produtividade, por estado, pode-se observar a seguinte distribuição na Figura 3.

[4] Linhas virtuais que delimitam espaços também virtuais de coocorrência de duas ou mais variantes lexicais no mesmo território.

Figura 3: Produtividade das variantes lexicais para QSL 167 por estado e região



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

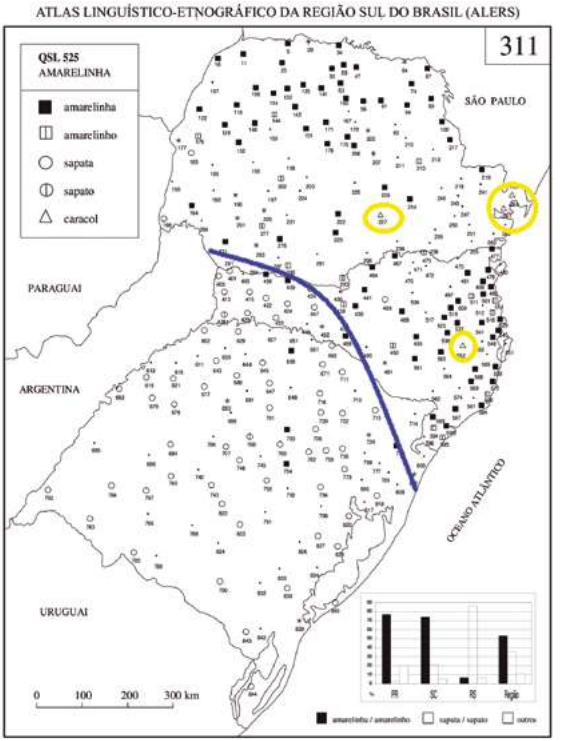
Em toda a Região Sul, como se verifica na Tabela 1, predomina *amarelinha* e variantes com mais de 60% de representação. No estado do Paraná e Santa Catarina, essa variante lexical também está com alta produtividade, com mais de 80% de representação. Já no estado do Rio Grande do Sul, *sapata/sapato* são as formas mais produtivas com pouco mais de 40% de representatividade, concorrendo com *amarelinha* em índices percentuais próximos. As outras formas estão documentadas com margens inferiores a 10% de representatividade. Observam-se, dessa forma, dois grandes padrões na norma lexical do Sul do país para o referente em pauta. Uma norma paranaense e catarinense, com *amarelinha,* possivelmente de influência paulista – o *falar paulista* já atestado por Romano (2015).

Essa área se expande do Estado de São Paulo para o do Paraná e, por um corredor central, chega a Santa Catarina. *Amarelinha* e a variante *marelinha* são as formas mais produtivas com grande distribuição na rede de pontos paulista, conforme se verificou no trabalho de Alencar (2018). Por outro lado, há a norma de influência outra

sul-rio-grandense, o falar *sulista* atestado por Romano (2015), com uma extensa área de ocorrência de *sapato/sapata*, que se expande do estado do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense e extremo oeste do Paraná. Para comprovar essas possíveis áreas, pode-se observar a mesma distribuição diatópica no Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALTENHOFEN *et al*. 2011).

O ALERS (ALTENHOFEN *et al*. 2011) na questão 525 do QSL buscou documentar as variantes lexicais para o referente aqui estudado. As variantes estão documentadas na carta lexical 311 do referido atlas (Figura 4) em que se observa o registro de cinco principais variantes, com linhas de isoléxicas adaptadas.

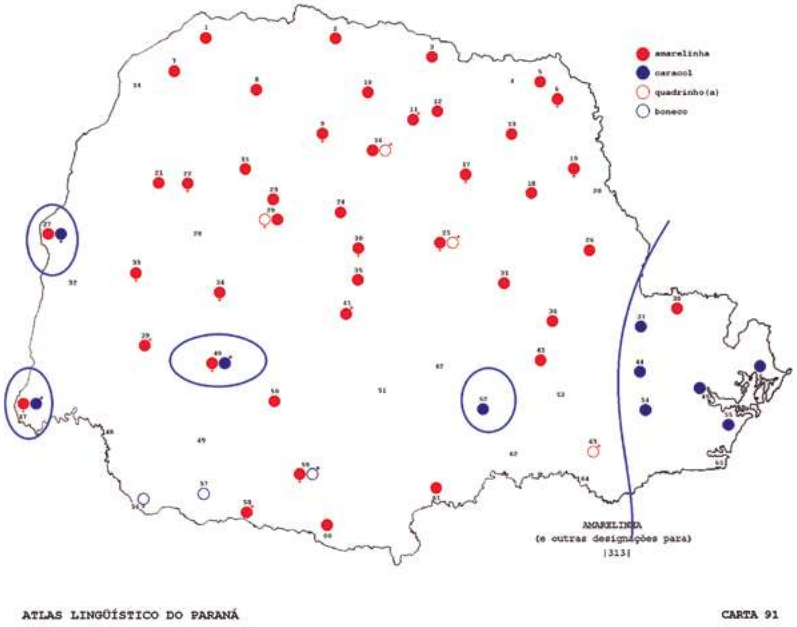
Figura 4: Carta linguística da 311 do ALERS - adaptada



Fonte: ALERS (2011)

As variantes *amarelinha* e *amarelinho*, representadas pelo primeiro e segundo itens da legenda, concentram-se principalmente no estado do Paraná e Santa Catarina; ao passo que *sapata* e *sapato,* terceiro e quarto itens da legenda concentram-se, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, com expansão para o oeste catarinense. Fazendo a adaptação dessa carta com linhas virtuais de isoléxicas, pode-se observar uma área lexical análoga à encontrada nos dados do ALiB. Ademais, há destaque para *caracol* que ocorreu em quatro pontos específicos, principalmente na área que engloba a faixa leste do território paranaense (Paraná tradicional). Essa mesma área de ocorrência de *caracol* pode ser observada nos dados do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994) – Figura 5.

Figura 5: Carta linguística amarelinha do ALPR - adaptado

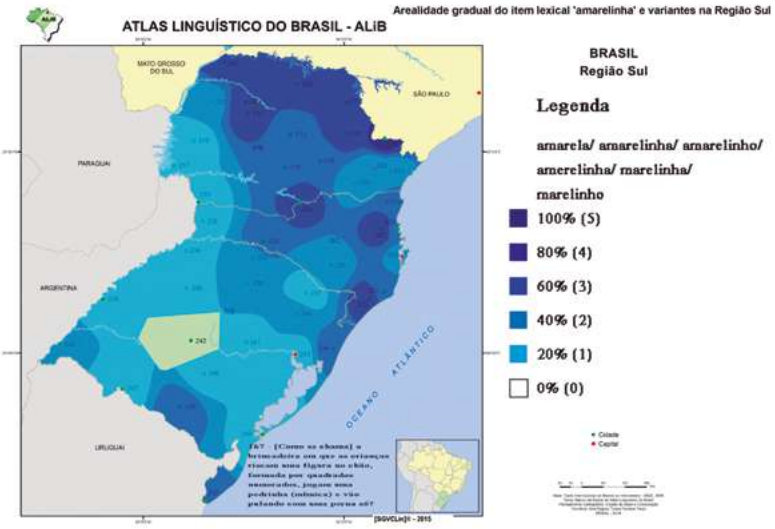


Fonte: Aguilera (1994)

As linhas de isoléxicas adaptadas na carta 91 do ALPR evidenciam a concentração do item *caracol* na faixa leste do território paranaense (Paraná tradicional) e também ocorrências isoladas do item em outras localidades. Há, portanto, uma coincidência de *caracol* em dados dos três atlas, ALiB, ALPR e ALERS, ratificando a existência de uma subárea lexical no território.

Voltando para as duas formas mais produtivas no ALiB e no ALERS (*amarelinha* e *sapata(o)*), a carta de arealidade gradual (Figura 6) com dados do ALiB permite ratificar duas grandes áreas linguísticas na Região Sul.

Figura 6: Arealidade gradual – amarelinha (falar paulista)

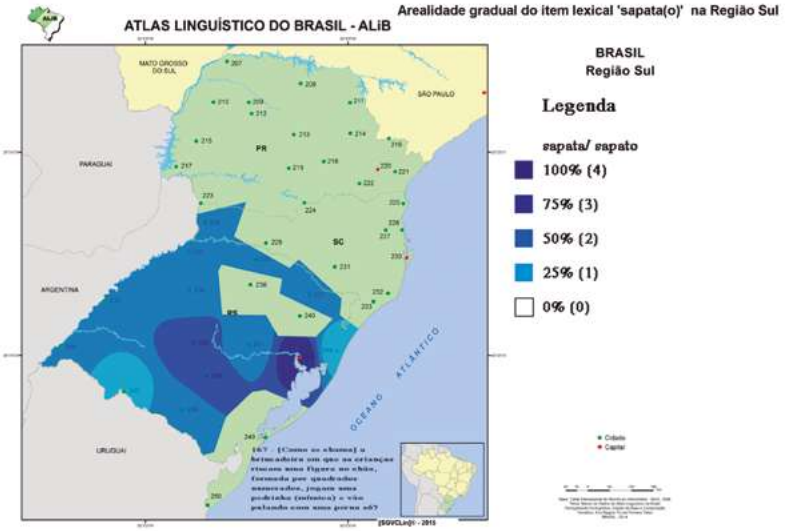


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

Observa-se na Figura 6 uma concentração maior (100%) do item *amarelinha* em toda faixa norte do Paraná, região colonizada principalmente por paulistas e mineiros durante do século XX, conforme observou Romano (2015) em seu estudo. À medida que se

adentra ao centro-sul paranaense, por um corredor central do estado, a incidência da variante *amarelinha* vai diminuindo, obtendo baixa produtividade, principalmente, no território gaúcho (20%), que se mantém no mesmo percentual pelo corredor oeste catarinense com reflexo no extremo oeste do Paraná. Em contrapartida, encontra-se na Figura 7 a distribuição de *sapata(o)*.

Figura 7: Arealidade gradual – sapata/o (falar sulista)



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – inédito

Observa-se a presença maciça de *sapata*(*o*) com 100% de representatividade na região de Porto Alegre (ponto 243), diminuindo a incidência em 75% para o interior do estado. Em grande parte do território sul-rio-grandense, encontra-se essa variante lexical com 50% de representatividade. Com 25% (uma ocorrência) em Osório (ponto 244) e no extremo sul Santana do Livramento (ponto 247).

Pelos resultados que se obteve nos dados do ALiB e em comparação com dados do ALERS, é possível aferir que possivelmente *sapata(o)* seja uma denominação regional para o item em pauta, delimitada, inclusive, pelas linhas de isoléxicas observadas em áreas coincidentes em ambos os atlas (ALiB e ALERS).

Algumas Considerações

O ALiB tem encontrado variantes que evidenciam o caráter polimórfico do léxico do português brasileiro a partir dos dados do interior. Pelo que tudo indica, essas formas confirmam rastros da sócio-história. Referentemente aos dados do ALiB da Região Sul, em comparação com as cartas linguísticas do ALERS, os trabalhos têm se mostrado interessantes, pois, embora o ALERS se caracterize como atlas monodimensional, predominantemente rural, que retrata a língua falada na década de 1990, as fotografias geolinguísticas evidenciadas pelo ALERS e apresentadas por Altenhofen (2002) têm se confirmado em dados dos anos 2000, com base no *corpus* do ALiB.

A Região Sul, como já atestaram Romano e Aguilera (2014), apresenta mais diferenças do que semelhanças, não se constituindo como uma área homogênea linguisticamente. Dois grandes padrões de variação lexical se observam nessa região brasileira, uma paranaense de influência paulista e uma sul-rio-grandense. O território de Santa Catarina, sobretudo na porção central, ora se identifica como a área de influência paranaense ora com a influência de projeção sul-rio-grandense; por outro lado, a porção oeste se identifica como uma área de influência gaúcha. Ademais, o leste de Santa Catarina tem se revelado como uma subárea que merece estudos mais pormenorizados, assim como a faixa leste do território pa-

ranaense. Há, portanto, subáreas lexicais na Região Sul, além das duas grandes áreas identificadas no ALERS, ALiB e ALPR.

O Projeto ALiB caminha pouco a pouco com a descrição e detalhamento do Português Brasileiro. Os dados do interior há uma década têm sido explorados em pesquisas cujos resultados tratam da multiplicidade de usos e apontam perspectivas de perguntas do QSL que poderão integrar os volumes futuros do ALiB. É o caso da questão 167 do QSL, pois há particularidades regionais evidenciadas neste texto acerca do uso das formas *amarelinha* e *sapata*(a) como designativo para o referente.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. **O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo**. 2018. 575f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018.

ALTENHOFEN, C. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Silva *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil** - v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Silva *et al*. **Atlas Linguístico do Brasil** - v. 2 (cartas Linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários 2001. Londina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. Trad. Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

D'ANUNCIAÇÃO, Eliana Souza. **Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais**. 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

PORTILHO, Danielle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. 2012. 466 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Bahia, Salvador, 2012.

ROMANO, Valter Pereira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Padrões de variação lexical no sul do Brasil a partir dos dados do Projeto ALiB. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, p. 575-587, 2014.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **RELin Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, UFMG, v. 22, n.1, 2014, p. 119-151.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015, 402f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 25, p. 111-150, 2017.

SANTOS, Graziele Ferreira da Silva. **O léxico dos jogos e diversões infantis no *corpus* do Projeto ALiB**: visitando o Falar Nordestino. 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense**. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

PALABRAS E COMIDAS NO *ATLAS LINGÜÍSTICO DE LA PENÍNSULA IBÉRICA*: A *PARVA* E O *ALMORZO*

Xulio Sousa
Instituto da Lingua Galega - Universidade de Santiago de Compostela
xulio.sousa@usc.es

Introdución

A variación lingüística é un concepto complexo que envolve moitos factores (tempo, espazo, sociedade, estilo, etc.) e atangue de maneira xeral a todos as esferas dos sistemas que constitúen as linguas. Do conxunto de niveis lingüísticos, con certeza é o léxico aquel en que mellor se evidencia a complexidade dos feitos sociolingüísticos. Dentro do léxico as palabras referidas ás comidas diarias constitúen unha variable excepcional para observar o xeito en que os factores sociais e lingüísticos se ven interconectados. A variación neste ámbito léxico foi abordada pola sociolingüística variacionista para moitas linguas, especialmente para as europeas, e ademais é un tema tratado con frecuencia desde perspectivas non académicas polo seu atractivo para o público xeral (JANKOWSKI; TAGLIAMONTE, 2019; GRATALOUP, 2017).

Nas sociedades occidentais producíronse entre os séculos XIX e XX unha serie de cambios de especial relevancia que acabaron tendo o seu reflexo nas denominacións das comidas do día. A industrialización e a migración da poboación para as áreas urbanas tivo unha repercusión directa sobre os hábitos diarios das sociedades. Para unha parte cada vez máis relevante da poboación os tempos de traballo e descanso deixaron de estar determinados polas horas de sol e pasaron a rexerse polas obrigas de produción; simultaneamente, os costumes domésticos da burguesía urbana comezaron a facerse comúns no resto das clases sociais. O estudoso francés Christian Grataloup (2017), especialista en xeohistoria, defende que entre as comidas do día o almorzo é a que mellor dá conta das transformacións sucedidas nas sociedades e economías mundiais nos tempos modernos. Nos países de cultura occidental o almorzo baséase hoxe no consumo de catro produtos de orixe tropical (café, té, chocolate e azucre) que evidencian o proceso de mestizaxe alimentaria e as consecuencias dos cambios sociais, demográficos, comerciais e culturais dos últimos séculos. O consumo das tres bebidas do almorzo comezou como hábito distinguido das clases podentes europeas, tardou tempo en facerse común e popular, pero acabou mesmo por determinar as denominacións da comida da mañá, como no portugués do Brasil actual *café-da-manhã*, no turco *kahvaltı* 'despois do café (lit.)' e no alemán dalgunhas áreas *Kaffeetrinken* 'tomar un café (lit.)'.

Nas sociedades occidentais o almorzo foi a comida do día que máis condicionada se viu polas modificacións que supuxeron os cambios das xornadas de traballo. A pesar de que aínda hoxe o horario de comidas varía segundo o país e a cultura, desde finais do século XIX estendeuse unha organización das comidas condicionada polos horarios laborais que algúns estudosos

interpretan como a extensión dun uso adoptado tempos atrás pola aristocracia e a burguesía urbana (POULAIN, 2012).

Nas seguintes páxinas ofrezo unha revisión e comentario da información recollida nos materiais do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI) no dominio galego sobre as primeiras comidas do día, as realizadas antes da colación principal do mediodía. Este breve traballo é unha primeira aproximación ó estudo dos materiais etnolingüísticos incluídos nesta monumental obra e serve como mostra do valor da información contida nela.

Dominio estudado e materiais etnolingüísticos

A información empregada neste traballo forma parte dos materiais recollidos no dominio galego para o proxecto do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*. Os traballos de campo deste proxecto iniciáronse a principios da década de 1930 coa finalidade de documentar con rigor a variación rexional das variedades románicas na península ibérica. Segundo o director do ALPI, o obxectivo era "recoger el material necesario para ofrecer una representación de la lengua popular hablada en pueblos menores y antiguos por personas iletradas o de escasa cultura, entre los cuarenta y los sesenta años de edad" (NAVARRO TOMÁS, 1975, p. 9).

Ademais a investigación "no se limitaría a la parte de España de lengua castellana, sino que abarcaría toda la unidad románica de la Península" (NAVARRO TOMÁS, 1975, p. 9). En consecuencia, o ALPI converteuse nun *mapa lingüístico*, empregando palabras do seu impulsor, das variedades derivadas do latín ó sur do Pireneos.

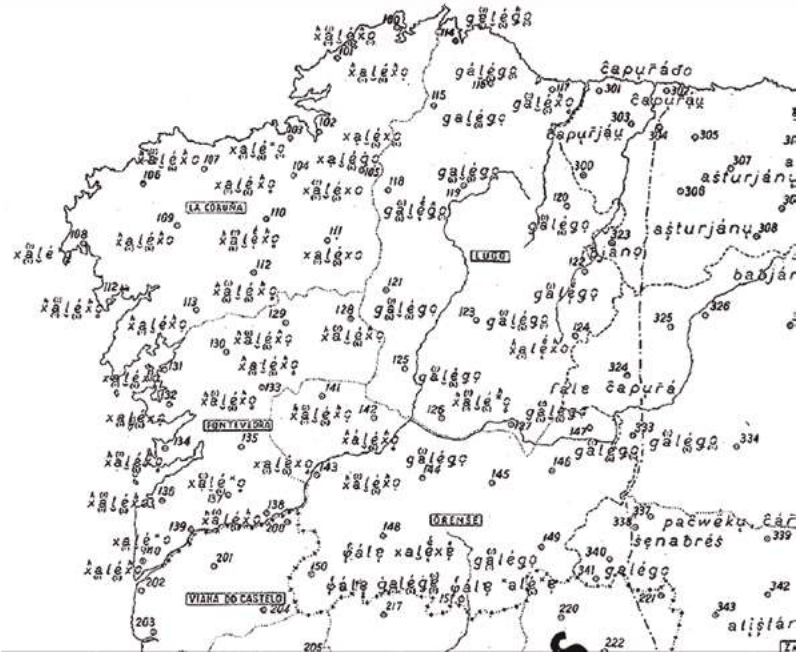
A área de fala galega estaba contida nun dos tres grandes dominios considerados polos investigadores, a zona denominada galego-portuguesa (NAVARRO TOMÁS, 1975, p. 10), limitada ó leste pola isoglosa que sinalaba os límites da ditongación de Ĕ

e ŏ tónicos latinos, de acordo coa variable de fonética histórica que Menéndez Pidal consideraba primordial para a articulación lingüística da península (MENÉNDEZ PIDAL, 1908; FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 2006)[1]; o límite sur márcao a fronteira política con Portugal. Seguindo esta demarcación, o dominio galego comprende 62 puntos: 53 localidades situadas en Galicia, 5 en Asturias, 2 en León e 2 en Zamora[2] (Figura 1). No mapa de localidades enquisadas do ALPI apréciase que no terzo norte da península a rede é máis densa ca no resto do territorio (SOUSA, 2022). Os investigadores do proxecto recoñeceron que esta distribución desigual pretendía ser "más tupida en las zonas de más intensa diversidad dialectal, como Asturias, que en regiones de mayor nivelación lingüística, como el centro de Castilla" (NAVARRO TOMÁS *et al*., 1962, p. 8). O dominio galego viuse beneficiado por este principio, polo que a cantidade de puntos de enquisa por quilómetro cadrado é máis alta ca no resto do territorio.

[1] Menéndez Pidal, impulsor do proxecto, consideraba que tanto no leste como no oeste da península os límites entre español e outras linguas non están delimitados por una única isoglosa "sino varias que corresponden a los lindes de diversos fenómenos fonéticos y morfológicos, y esas líneas, lejos de seguir poco más ó menos una misma dirección, toman muy diversos rumbos y se entrecruzan de caprichosas maneras" (MENÉNDEZ PIDAL, 1908, p. 343). Na mesma obra, o autor considera que a ditongación de ĕ e ŏ latinos pode tomarse como "base del deslinde" das zonas lingüísticas peninsulares.

[2] As localidades galegas están numeradas do 100 ó 151; as asturianas son 300, 301, 302, 303 e 323; as leonesas 324 e 333; e as zamoranas 340 e 341.

Figura 1: Área das localidades de fala galega no ALPI, mapa 6. A liña de raias e puntos que parte do punto 302 sinala os límites do dominio dos romances occidentais (NAVARRO TOMÁS *et al*., 1962).



Na área galega os lugares escollidos foron visitados polos enquisadores nos anos anteriores á guerra civil española[3]. Os investigadores encargados desta zona foron o galego Aníbal Otero (para a maioría doas localidades de Galicia e Zamora), o asturiano Lorenzo Rodríguez Castellano (para lugares de Asturias e León) e o estadounidense de orixe mexicana Aurelio Macedonio Espinosa Jr. (para puntos en Ourense, Zamora, León e Asturias).

[3] En Galicia o traballo de campo realizouse entre abril de 1934 e decembro de 1935. En Asturias o punto 303 (Boal) investigouse en 1932 e o resto na segunda metade de 1947. O puntos correspondentes ós códigos 324 (Puente de Rey) e 340 (Padornelo) visitáronse en 1934. Nos cadernos de enquisa non figuran datas precisas para 333 (Castroquilame) e 341 (Hermisende).

As enquisas do ALPI realizáronse empregando dous tipos de cadernos, un con cuestións de interese fonético, morfolóxico e sintáctico (caderno I, 411 preguntas) e outro con preguntas de léxico e etnografía (833 preguntas); deste último existían dúas versións (II-E e II-G). O cuestionario do ALPI fora deseñado tendo como base os proxectos do *Atlas Linguistique de la France* de Jules Gilliéron e do *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* de Karl Jaberg e Jakob Jud.

O proxecto do ALPI desenvolveuse nos principios da dialectoloxía europea tradicional, de acordo cos criterios dos primeiros atlas do século XX e do método *Wörter und Sachen*. No ámbito do léxico o atlas consideraba cada palabra "en relación con las *cosas* a las que se refiere, teniendo en cuenta el medio y buscando en los referentes la explicación de la palabra" (GARCÍA MOUTON, 1987, p. 49).

O interese por estudar as linguas como obxectos vivos supoñía atender tanto ás formas das voces como ós aspectos culturais que axudaban a comprender o seu uso e significado. Os lingüistas suízos Karl Jaberg e Jakob Jud foron pioneiros na aplicación en Europa destes principios na investigación xeolingüística que supoñían un achegamento estreito entre etnografía e dialectoloxía (ÁGUILA ESCOBAR, 2006). O *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (AIS) inaugura a segunda época da xeografía lingüística europea, na que os atlas pasan a apelidarse de *lingüístico-etnográficos*. O ALPI pode considerarse unha obra nesta tradición. Navarro Tomás recoñece a débeda co atlas ítalo-suízo na organización do cuestionario:

> Para la sección de léxico resultó de gran ayuda el Atlas italo-suizo de Jaberg y Jud, cuyos volúmenes empezaron a aparecer por esa fecha. Adoptamos su organización por temas etnográficos siguiendo el orden de fenómenos atmosféricos, accidentes geográficos, flora, fauna, cuerpo

> humano, familia, hogar, labores agrícolas, oficios artesanos, herramientas, animales domésticos, etc. Sobre esta base el ALPI hubiera podido llamarse *Atlas lingüístico y etnográfico*, como de hecho lo es, aunque no pareciera indispensable indicarlo en el título" (NAVARRO TOMÁS, 1975, p. 12-13).

No caderno II do ALPI figuran preguntas incluídas para rexistrar información complementaria ás denominacións para conceptos e realidades da vida local. Ó preguntar por elementos do mundo tradicional, recolléronse os nomes e tamén información sobre a súa forma (562 *Forma y nombre del pesebre,* 663 *Esquema de la planta y nombre y uso de sus habitaciones*, 677 *Forma de los techos*), o seu uso e función (693a *Vajilla para comer*, 577f *Manera de descuartizar el cerdo*) e costumes e crenzas relacionadas (426d *Significación que se les atribuye* [precedida de 426c *Rojeces de la salida y puesta del sol*]).

Na relación de cuestións sobre a vida doméstica inclúese unha que ilustra a utilidade destes materiais para indagar sobre a cultura, a vida e os costumes das sociedades rurais das primeiras décadas do século pasado. As respostas á cuestión 695a *Nombres y substancia de las comidas más comunes* permiten coñecer o número de comidas realizadas durante a xornada, a distribución horaria e tamén os alimentos que formaban parte da dieta común (Táboa 1). Os datos recollidos para esta pregunta serven para examinar os costumes alimentarios das sociedades rurais de principios do século XX e para indagar os cambios nas denominacións das comidas do día que se foron producindo nas variedades lingüísticas peninsulares ata a actualidade. No AIS encóntrase o precedente deste interese por investigar este ámbito léxico. Nos mapas 1028 (*la prima colazione*), 1029 (*la colazione; far colazione, verso mezzogiorno*), 1030 (*la merenda*) e 1031 (*la cena; cenare*) dos volumes publicados, que poden consultarse no NavigAIS (TISATO, 2009-2020), ofrécense as denominacións das distintas comidas

do día e indicación dos alimentos e bebidas que era común tomar (JABERG; JUD, 1928-1940). Nos atlas posteriores ó ALPI realizados na península ibérica tamén se incluíron preguntas semellantes.

Táboa 1. Exemplo de respostas á pregunta 695a (*Nombres y substancia de las comidas más comunes*) en Maceda (144), provincia de Ourense.

DENOMINACIÓN	COMPOSICIÓN
parva	pan ou castañas
almorzo	papas, sopas ou castañas
xantar	caldo, compango; carne e pan ou leite
merenda	carne, pan e unha pinga (viño)
cea	caldo e pan

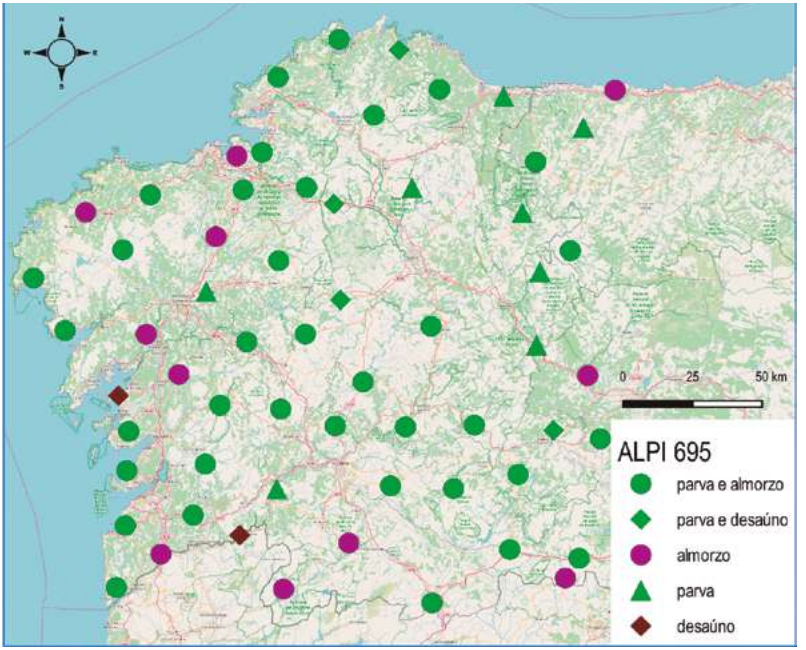
As comidas da mañá

Alimentarse é unha necesidade biolóxica que para as sociedades máis antigas estaba rexida polo apetito e polas posibilidades de acceder a alimentos. Na actualidade as comidas diarias, ademais de satisfacer esta necesidade, forman parte dese conxunto de ritos sociais presentes en todas as culturas. Os estudos dos hábitos alimentarios ó longo da historia sinalan que a maioría da poboación iniciaba o día tomando un almorzo simple que servía tanto para estimular o estómago para o resto das comidas do día como para nutrirse no inicio da xornada (ANDERSON, 2013). A primeira comida do día é a que rompe o longo período nocturno de xaxún (de aí o fr. *déjeuner* e o esp. *desayunar*) e mostra poucas diferenzas entre as culturas europeas occidentais. Mesmo nos nosos días, boa parte da poboación mundial comeza o día tomando un líquido quente (té, café, sopa) e algún tipo de cereal. Nas sociedades agrarias europeas ata o século XVIII a composición xeral da primeira comida era unha codela de pan acompañada

de sopa ou dalgún líquido, comunmente unha bebida alcohólica (FLANDRIN, 1993; GRATALOUP, 2017).

O almorzo é unha das comidas diarias sobre a que temos menos información nos traballos de historiadores e etnógrafos. Por outra parte, na literatura e na documentación histórica encontramos datos que nos permiten rastrexar os costumes alimentarios das clases acomodadas, pero resulta moito máis difícil atopar fontes e testemuños históricos cos que facer un seguimento dos hábitos da clases desfavorecidas na Europa occidental anterior ó século XX (MATS, 1993). A partir da información que ofrecen os materiais do ALPI descóbrese que no dominio correspondente ás sesenta e dúas localidades analizadas os entrevistados declaran distinguir entre dúas comidas anteriores á comida principal do mediodía: a *parva* e o *almorzo* (Figura 2).

Figura 2. Mapa de distribución das respostas á pregunta 695a do ALPI.



A *parva*

De acordo cos materiais do ALPI, a primeira comida realizada no inicio da xornada recibe na maioría das localidades a denominación de *parva* ['paɾβa]. Esta reposta recolleuse en 48 lugares das sete provincias do dominio; en Padornelo, provincia de Zamora, a resposta rexistrouse no sintagma *toma-la parva*. A voz ten orixe no latín REFACTIO PARVA, co significado de 'comida lixeira, pequena' (COROMINAS; PASCUAL, 1987, s.v. parva) e conta con descendentes en todos os romances peninsulares e nos falados no continente americano. En galego os dicionarios dan como significado máis común 'comida lixeira composta comunmente por unha copa de augardente e unha codela de pan' e sinalan que se emprega tamén como sinónimo xeral de *almorzo* (SANTAMARINA, 2006)[4]. A palabra *parva* usouse tamén en distintos lugares de Galicia para unha comida de pouca consistencia (pan, queixo e viño ou augardente) e de agradecemento que se ofrecía ós asistentes a un enterro (CASTRO, 1998) ou ó clero cando oficiaba algún acto relixioso (RODRÍGUEZ BAIXERAS, 2018).

As anotacións nos cadernos do ALPI indican que a *parva* se tomaba despois de erguerse da cama e sempre antes do almorzo, a primeira hora do día (entre as 7 e as 9 da mañá). Os informantes apuntan que esta primeira colación se fai 'para prepararse para pasar camiño' (Abegondo) ou cando se sae 'para o monte e non hai tempo para tomar o almorzo' (Bueu). En lugares de Ourense (O Irixo e Vilamarín) rexístrase que a parva se toma principalmente en tempo de corentena e en varios lugares apúntase que era máis común tomar a parva no verán, cando os días tiñan máis horas de sol e os traballos agrícolas precisaban máis dedicación. A

[4] En asturiano ten valor semellante e existe o verbo correspondente, *parvar* ou *parvear* 'tomar la parva', 'tomar un poco de alimento, especialmente por la mañana' (GARCÍA ARIAS, 2004-2022).

composición máis estendida era un cacho de pan (de trigo ou boroa) habitualmente acompañado dunha copa ou vaso dunha bebida alcohólica que acostumaba ser augardente e máis raramente viño ou anís. Algúns informantes sinalan que a parva era unha caste de almorzo composto por restos do xantar ou da cea do día anterior (patacas, castañas cocidas acompañadas de caldo ou de leite). No occidente de Asturias (Boal) tomar a parva supoñía beber un café con leite, unha modernidade para aqueles tempos dado que non se encontra rexistrada en ningunha outra localidade; este rexistro dá conta de que o consumo de café pola mañá estaba aínda restrinxido ás zonas urbanas e ás clases con máis recursos (GRATALOUP, 2017).

En dúas localidades da provincia da Coruña recolleuse que a *parva* era tomada como merenda (despois do xantar e antes da cea) e elaborábase na tixola fritindo unhas talladas de carne de porco mesturadas cunha masa de millo ou trigo.

O *almorzo*

O substantivo *almorzo* ([alˈmoɾθo], [alˈmɔɾθo], [alˈmoɾʂo], [alˈmoɾso]) e o verbo *almorzar* ([almoɾˈθaɾ]) aparecen rexistrados en 46 localidades do dominio, tanto en Galicia como nas áreas das provincias de Oviedo, León e Zamora. A voz *almorzo* ten para Corominas a súa orixe nun derivado do lat. ADMORDĒRE (‘morder lixeiramente’, ‘empezar a comer algo’), que deu lugar no latín vulgar ó substantivo *ADMORDIUM ‘almorzo’ e ó verbo *ADMORDIARE, empregados co significado de tomar unha comida lixeira, especialmente na primeira parte do día (COROMINAS; PASCUAL, 1987, s.v. almuerzo). Este valor semellaba estar xa presente no latín, a pesar de que a denominación común para a primeira comida do día, na variedade clásica, foi durante tempo PRANDIUM. Con todo, non existe acordo absoluto sobre a orixe e evolución

fonética de *almorzo* e os seus cognados (MALKIEL, 1982). Nalgúns traballos suxírese a posibilidade de que estas voces resultasen dun cruce entre un derivado latino de MORDĒRE e unha forma vinculada co celta **ambosta* 'porción de algo que cabe nas mans'. Menos fiables semellan as explicacións que vinculan o substantivo *almorzo* co resultado dun cruzamento entre un determinante árabe (*al-*) e unha forma derivada do latín MORSUM 'mordisco'. Sexa cal fora a orixe da voz, hoxe encóntranse cognados de *almorzo* en todos os romances peninsulares (gal. *almorzo* e *almorzar*, port. *almoço* e *almoçar,* esp. *almuerzo* e *almorzar* e cat. *esmorzar* e *esmorzada*) e con significacións derivadas da orixinaria referida á primeira comida do día. En catalán e galego modernos as voces conservan o valor orixinario de primeira comida do día, mentres que en portugués e español peninsulares o valor modificouse e na significación inicial foron substituídos por novas creacións (*pequeno almoço*, *desayuno*).

En galego moderno o *almorzo* é de xeito xeral a comida que se toma pola mañá antes da principal (SANTAMARINA, 2006). Descríbese como unha comida sinxela tanto en calidade como en cantidade, habitualmente composta na súa forma máis tradicional por unha cunca de caldo, de leite ou ben unhas papas de fariña, e que se tomaba ben antes de saír da casa para o traballo como xa no campo despois de iniciados os primeiros labores (RODRÍGUEZ BAIXERAS, 2018).

Nos materiais do ALPI o *almorzo* figura como comida posterior á *parva* ou ben como primeira e única comida da mañá. Aínda que nuns poucos lugares se dá como sinónimo da *parva* e se describe do mesmo xeito ('unha copa e un cacho de pan'), de xeito recorrente é comida máis consistente e de maior calidade nutritiva. Na maioría dos lugares o almorzo consistía nunha cunca de caldo do día anterior. Non se ofrece moito detalle sobre a composición

deste *caldo*, pero nalgúns lugares indícase que estaba composto de patacas, verzas, fabas e graxa; máis raro é que figurase algún tipo de carne. Nas localidades asturianas este caldo descríbese como unha *potaxe* de patacas, fabas e rabizas ('follas tenras nos nabos) que en ocasións se acompaña de unto. O segundo prato máis frecuente no almorzo é a *sopa*. A diferenza do caldo, esta sopa non levaba ningún tipo de verdura e compoñíase esencialmente de auga, leite e pan ou patacas (*cachos* ou *cachelos*). A esta mestura de dous líquidos dáselle o nome de *auga branca* ou *caldo de leite*, nuns poucos lugares. A sopa podía ter como base unicamente auga aderezada con azucre, pemento vermello en po, manteiga, aceite ou nata. En Lubián, na provincia de Zamora, a sopa era un prato máis completo e calórico composto por fideos ou pan, touciño e chourizo. Unha variante da sopa eran as *papas*, elaboradas con fariña de millo, de centeo, pan e leite ou simplemente con leite e pan migado. Os informantes de varias localidades describen un almorzo que semella estar composto esencialmente por alimentos sobrantes do xantar ou da cea do día anterior: patacas cocidas con algún compango que varía segundo os lugares (carne, peixe frito, sardiñas asadas, ovos). Este almorzo de sobras era máis común no verán e non era raro que se comese no lugar en que se realizaban os labores propios da estación.

Como se apuntou máis arriba, a información que encontramos no ALPI foi rexistrada de labradores de poucos recursos residentes en aldeas e vilas de tamaño pequeno; polo tanto, os datos ofrécennos información sobre o réxime alimentario deste grupo social. O informante de Nigrán, provincia de Pontevedra, especifica que o almorzo *do pobre* consiste simplemente en caldo e dá conta doutro almorzo, que se pode supoñer restrinxido a clases con máis recursos, en que o compango consistía en peixe ou bacallau. De maneira xeral non son moitas as diferenzas entre os compoñentes

do almorzo nos distintos lugares estudados. Si que se observa que o peixe e as sardiñas son máis comúns nas localidades de costa ou próximas (O Rosal, Nigrán, Meaño, Covas).

En oito localidades de Lugo, Pontevedra e Ourense[5] rexistráronse formas derivadas do español *desayuno* ([deʂa'uno], [deʂa'ʝuno]) utilizadas para denominar a comida posterior á parva e previa ó xantar. Na vila ourensá de Rubiá e en Bueu o *desaúno* equivale á parva, comida tomada mesmo despois de erguerse da cama, e consiste nunha copa de augardente con pan.

Na localidade asturiana de Cuantas, concello de Ibias, o informante distingue catro comidas no día: a *parva* (patacas cocidas ou castañas con algo de graxa), o almorzo (*almorzar*; ás 12, caldo 'potaxe con compago, pan e ovos'), a *merenda* (*merendar*; ás 6 en verán, papas de millo ou *fillolos*) e a cea (*cenar*; caldo de mediodía ou pan e leite). A diferenza do resto dos lugares do dominio, nesta aldea asturiana a voz *almorzo* utilízase para denominar a comida principal do día. Este rexistro é o único testemuño nos materiais analizados do cambio de denominación das comidas da xornada que se estaba a producir nalgunhas das variedades romances peninsulares desde había varias décadas séculos. O español *almuerzo* e o portugués *almoço* actuais son hoxe denominacións para a comida máis forte do mediodía, pero ata mediados de século nas zonas rurais eran empregados para darlle nome á comida que se facía no campo a media mañá ou á primeira comida día, como no galego actual. Os atlas lingüísticos testemuñan estes usos. Nos atlas peninsulares dirixidos por Manuel Alvar compróbase que o *almuerzo* se comía pola mañá e compoñíase nas terras castelás, leonesas e andaluzas de migas, pan con aceite, patacas con torresmos e en ocasións sardiñas (GONZÁLEZ TURNO, 2017). A

[5] En Lugo 114 (Covas), 116 (Ferreira), 118 (Guitiriz) e 121 (Palas de Rei); Pontevedra 131 (Vilanova de Arousa), 134 (Bueu) e 138 (Arbo); e en Ourense 147 (Rubiá).

composición deste almorzo era similar tamén nas zonas do norte da península; no atlas etnográfico do País Vasco anótase que ata mediados de século nas zonas rurais a comida da mañá consistía en leite con tortas de millo ou en patacas cocidas con peixe ou carne de porco (BARANDIARÁN; MANTEROLA, 1990). Os materiais etnolingüísticos portugueses reunidos no *Inquérito Linguístico Boléo* confirman tamén que a mediados de século o *almoço* denominaba nos falares rurais de Portugal unha comida da mañá feita antes da comida principal de mediodía (HAMMERMÜLLER, 2001). Os materiais portugueses do ALPI dan conta deste uso de *almoço* nas zonas rurais na primeira metade do século pasado. Esta comida compoñíase de restos da comida do día anterior: caldo, patacas e algún compango proteico (carne, ovos, peixe); con todo advírtense diferenzas rexionais que merecen ser tratadas nun estudo independente.

Ademais da *parva* e do *almorzo* resulta de interese sinalar que en tres das localidades analizadas no noroeste peninsular (Aranga, Chantada e Puente de Rey) os informantes fan referencia a unha comida menor posterior ó almorzo e previa ó xantar de mediodía denominada *as dez*. Esta comida, composta por pan, patacas, queixo ou carne e viño, debía tomarse no lugar de traballo e era máis común nos días longos de verán.

Conclusións

Yakov Malkiel (1982; 1983) ó analizar a evolución fonética do español *almuerzo* comenta que existen dous condicionantes externos que influíron no cambio lingüístico que se produciu nas denominación das comidas no mundo occidental nos dous séculos pasados. O primeiro respecta á extensión do sistema ríxido de tres comidas ó longo do día que supón a fixación de tres

dominacións diferenciadas e fixadas polos ritmos horarios laborais e pola xeneralización dos costumes alimentarios. O segundo factor que supón o filólogo ucraíno está vinculado coa postergación no horario da segunda comida do día, consecuencia do costume aristocrático de erguerse tarde pola mañá. De acordo coa proposta deste estudoso, este hábito estendeuse ó resto das clases sociais por imitación e supuxo, na maioría das linguas occidentais, un desprazamento do significado das denominacións das comidas e a aparición de novas formas (fr. *petit déjeuner/déjeuner*, it. *prima colazione/colazione*; port. europeo *pequeno almoço/almoço*). Nas variedades da lingua inglesa aínda hoxe é posible observar e rastrexar a complexidade desta mudanza de usos e significados das denominacións: a voz *dinner* (derivada do fr. medio *diner*, que comparte orixe co actual fr. *déjeuner*) pode usarse, dependendo da variedade, co significado de 'primeira comida da mañá', 'comida principal do mediodía' ou ben 'comida tomada no final da tarde' (OED, 2022, s.v. *dinner)*[6].

Neste sentido, a información que ofrece o ALPI sobre a sociedade agraria rural da península a comezos do século XX ten un valor extraordinario. Nos datos analizados para o dominio galego observamos a distinción entre dúas denominacións principais, *parva* e *almorzo*, que eran de uso común e conservaban o valor etimolóxico inicial na maioría do territorio. Apréciase ademais indicios do inicio dunha mudanza: por unha banda comeza a difusión da voz *desayuno* do español, moi difundida na actualidade, como substituto de *almorzo*; por outra, nas localidades máis próximas ó dominio das variedades do español rexístrase un uso de *almorzo* para denominar a comida principal do día.

[6] O dialectólogo francés Dauzat (1940) estudou un desprazamento semellante para o francés, aínda testemuñado hoxe nas variedades rexionais (THIBAULT, 2018).

Con respecto ós hábitos alimentarios, evidénciase o atraso na extensión do consumo de bebidas quentes como o café, que hoxe se consideran comúns e están xeneralizadas por todo o mundo. No ámbito rural investigado no ALPI, no primeiro terzo do século pasado, a composición do almorzo era a propia dunha sociedade agraria tradicional que aínda non se vira afectada polo influxo dos costumes urbanos que se estenderan por toda Europa xa desde inicios do século XIX. Aínda que xa nas primeiras décadas do século XX comezaran os movementos internos de poboación cara a núcleos urbanos, en España e en Portugal estes fluxos non terían repercusións importantes ata despois dos anos cincuenta. Para unha parte importante da poboación a industrialización e a urbanización aínda non comezarán a supoñer consecuencias directas sobre a unificación do emprego do tempo e en consecuencia sobre a normalización dos horarios das comidas. Da *parva* e o *almorzo* pasaríase a un único almorzo (*desayuno, pequeno-almoço*) e da copa de augardente e os restos da cea do día anterior ó café con leite acompañado dunha torrada de pan ou dunhas culleradas de cereais procesados. Como sentencia Anderson (2013), o almorzo pasou de ser unha comida bruta de campesiños a unha comida universal para todas as clases sociais.

Referencias

ÁGUILA ESCOBAR, Gonzalo. La vida cotidiana andaluza a través del ALEA. *In*: MONTOYA RAMÍREZ, M. I. (org.). **La vida cotidiana andaluza a través de los documentos con valor historicolingüístico y dialectal**. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2006. p. 263-282.

ANDERSON, Heather Arndt. **Breakfast**. A history. Lanham: AltaMira Press, 2013.

BARANDIARAN, J. M. de; MANTEROLA, A. (eds.). **La alimentación doméstica en Vasconia**. Bilbao: Instituto Labayru Ikastegia, 1990.

CASTRO, Xavier. **A lume manso**. Estudios sobre historia social da alimentación en Galicia. Vigo: Galaxia, 1998.

COROMINAS, Joan / PASCUAL, José A. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1987.

DAUZAT, Albert. Dejeuner, diner, souper. *In*: CHASTEL, André; BATAILLON, Marcel; ROQUES, Mario (eds.). **Mélanges d'histoire littéraire de la renaissance offerts à Henri Chamard par ses collègues, ses élèves et ses amis**. Paris: Nizet, 1940. p. 59-66.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés. Contribuciones de Ramón Menéndez Pidal al estudio del catalán. Del I Congrés Internacional de la Llengua Catalana al Atlas Lingüístico de la Península Ibérica. *In*: PEREA SABATER, M. P. (ed.). **Reflexos i projeccions**: El Primer Congres Internacional de la Llengua Catalana. Barcelona: PPU, 2006. p. 172-202.

FLANDRIN, Jean-Louis. Les heures des repas en France avant le XIXe siècle. *In*: SABBAN, F.; GRIGNON, C.; AYMARD, M. (ed.). **Le temps de manger**: Alimentation, emploi du temps et rythmes sociaux. Paris: Éditions de la Fondation Maison des Sciences de l'Homme, 1993. p. 197-226.

GARCÍA ARIAS, Xosé Luis. **Diccionario General de la Lengua Asturiana**. Oviedo: Editorial Prensa Asturiana S.A.; La Nueva España, 2004-2022.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Dialectología y cultura popular. Estado de la cuestión. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. 42, p. 49-73, 1987.

GONZÁLEZ TURNO, Isabel. **Comida de rico, comida de pobre**: los hábitos alimenticios en el occidente andaluz (siglo XX). Sevilla: Universidad de Sevilla, 2017.

GRATALOUP, Christian. **Le monde dans nos tasses**: Trois dièscles de petit déjeuner. Paris: Armand Colin, 2017.

HAMMERMÜLLER, Gunther. Alguns também chamam ao jantar merenda. Designação e repartição das refeições diárias em Portugal segundo os materiais do I.L.B. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 6., 1999, Rio de Janeiro. **Actas** [...]. Rio de Janeiro: Lusitanistas AIL Press, 1999. Dispoñible en liña: https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress/catalog/book/28. Acceso en: 20 jun. 2020.

JABERG, K.; JUD, Jakob. **Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz**. Zofingen: Ringier, 1928-1940.

JANKOWSKI, Bridget L.; TAGLIAMONTE, Sali A. Supper or dinner? English World-Wide. **A Journal of Varieties of English**, v. 40, n. 2, p. 170-201, 2019.

MALKIEL, Yakov. Los dos núcleos de almuerzo/almorzar: el latino y el prelatino. *In*: WINKELMANN, O.; BRAISCH, M. (eds.). **Festschrift für Johannes Hubschmid zum 65 Geburtstag**: Beiträge zur allgemeinen, indogermanischen und romanischen Sprachwissenchaft. Bern / München: Francke, 1982. p. 961-984.

MALKIEL, Yakov. Some Second and Third Thoughts on Luso-Hispanic Almuerzo/Almôço 'Lunch', with Special Attention to Older Sp. Yantar/Ptg. Jantar 'Dinner'. **Romance Philology**, v. 36, n. 3, p. 393-403, 1983.

MATS, Essemyr. Pratiques alimentaires : le temps et sa distribution. Une perspective d'histoire économique. *In*: SABBAN, F.; GRIGNON, C.; AYMARD, M. (eds.). **Le temps de manger: Alimentation, emploi du temps et rythmes sociaux**. Paris: Éditions de la Fondation Maison des Sciences de l'Homme, 1993. p. 139-148.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. Sobre los límites del Valenciano. *In*: ALCOVER I SUREDA, Antoni Maria (ed.). **Primer Congrés Internacional de la Llengua Catalana**: Barcelona octubre de 1906. [s.l.]: Estampa d'En Joaquim Horta, 1908. p. 340-344.

NAVARRO TOMÁS, Tomás (dir.); BORJA MOLL, Francesc de; ESPINOSA, Aurelio M.; LINDLEY CINTRA, Luís F.; NOBRE DE GUSMÃO, Armando; OTERO, Aníbal; RODRÍGUEZ CASTELLANO, Lorenzo; SANCHIS GUARNER, Manuel. **Atlas Lingüístico de la Península Ibérica**: Fonética. Madrid: CSIC, 1962.

NAVARRO TOMÁS, Tomás. Noticia histórica del ALPI. *In*: NAVARRO TOMÁS, T. (ed.). **Capítulos de geografía lingüística de la Península Ibérica**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1975. p. 9-21.

OED. **Oxford Englisf Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 2022. Dispoñible en liña: https://www.oed.com/. Acceso en: 12 may. 2022.

PÉREZ PASCUAL, J. A. **Los primeros pasos de un largo caminar**. Los comienzos del Atlas lingüístico de la Península Ibérica. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2016.

POULAIN, Jean-Pierre (ed.). **Dictionnaire des cultures alimentaires**. Paris: PUF, 2012.

RODRÍGUEZ BAIXERAS, Xavier. **Do abadexo á zorza**. Dicionario da comida galega. Allariz: Aira, 2018.

SANTAMARINA, Antón. **Dicionario de dicionarios**. 2006. Dispoñible en liña: http://ilg.usc.gal/ddd/. Acceso en: 11 may. 2022.

SOUSA, Xulio. El Atlas Lingüístico de la Península Ibérica y el gallego del siglo XX. *In*: MOLINA MARTOS, I.; GARCÍA MOUTON, P. (ed.). **Geolingüística en la Península Ibérica**. Madrid: CSIC, 2022. p. 55-70.

THIBAULT, André. **Le midi, vous déjeunez ou vous dînez?**: Français de nos régions. 2018. Dispoñible en liña: https://francaisdenosregions.com/2018/04/03/le-midi-vous-dejeunez-ou-vous-dinez/. Acceso en: 10 jun. 2022.

TISATO, Graziano G. **NavigAIS** - *AIS* Navigator. Dispoñible en liña: https://navigais-web.pd.istc.cnr.it/. Acceso en: 4 abr. 2022.

Sobre os Autores

Abdelhak Razky

Doutor em Linguística pela Université de Toulouse Le-Mirail, França, 1992. Professor na Graduação e na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UnB) e na Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Diretor Científico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Norte) desde 2004.

Aparecida Negri Isquerdo

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), 1996. Professora na Pós-Graduação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), *campus* Três Lagoas e *campus* Campo Grande. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil desde 1998 e Diretora Científica (Regional Mato Grosso do Sul) desde 2002.

Conceição de Maria de Araujo Ramos

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2000. Professora na Graduação e na Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Nordeste) desde 2001 e passando a compor o Comitê Nacional do ALiB, na condição de Diretora Científica, desde 2018.

Eliane Oliveira da Costa

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA), 2018. Professora na Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) e na Graduação da Faculdade Católica de Belém (FACBEL). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Norte) desde 2007.

Elisabetta Carpitelli

Doutora em Linguística pela Université Grenoble Alpes (UGA). 1994. Professora do Departamento de Ciências da Linguagem na Université Grenoble Alpes (UGA), França. Membro externo do Doutorado Internacional da Ciência da Linguagem e da Comunicação da Université de Turin, Itália. Co-diretora do Atlas Linguistique Roman.

Fabiane Cristina Altino

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2007. Professora na Graduação e na Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Paraná) desde 1997, passando a compor o Comitê Nacional do ALiB, na condição de Diretora Científica, desde 2016.

Felício Wessling Margotti

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2004. Professor no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Diretor Científico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Santa Catarina) desde 2007.

José de Ribamar Mendes Bezerra

Doutor em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2002. Professor na Graduação e na Pós-Graduação da Universidade

Federal do Maranhão (UFMA). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Nordeste) desde 2001.

Luan Costa dos Santos

Mestrando em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Membro do Projeto de Pesquisa GeoLinTerm coordenado pelos professores Abdelhak Razky, Alcides Fernandes de Lima e Marilúcia Barros de Oliveira. Foi Bolsista PIBIC-UFPA.

Manuel González González

Professor Titular de Filologia Românica na Universidade de Santiago. Investigador do Instituto da Língua Galega, há 21 anos, director dos cursos de língua e cultura galega para estrangeiros e membro do grupo de investigação FILGA. Coautor do Atlas Linguístico Galego e membro da equipa do Atlas Linguistique Roman e do Atlas Linguarum Europae. Membro numerário da Real Academia Galega.

Maranúbia Pereira Barbosa Doiron

Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina e em Sciences du Langage pela Université Grenoble Alpes - títulos obtidos em regime de cotutela, em 2017. Foi professora na Universidade Estadual de Londrina.

Marilucia Barros de Oliveira

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2007. Professora na Graduação e na Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

desde 1999, passando a compor o Comitê Nacional do ALiB, na condição de Diretora Científica, desde 2017.

Michel Contini

Professor emérito da l'Université Stendhal-Grenoble 3. Doutor em fonética em Strasbourg, 1083. Directeur de l'Atlas Linguistique Roman (ALiR), co-Directeur du projet AMPER (Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman). Consultor do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Regis José da Cunha Guedes

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA), 2017. Professor na Graduação da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Norte) desde 2012.

Rosario Álvarez Blanco

Catedrática da área Filoloxías Galega e Portuguesa. Docente na Facultade de Filoloxía e investigadora do ILG. Membro do grupo FILGA. Membro do equipo do Atlas Lingüístico Galego desde os inicios. Coautora de dúas gramáticas do galego, con Monteagudo/Regueira (1986) e Xove (2002). Académica numeraria da Real Academia Galega.

Silvana Soares Costa Ribeiro

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2012. Professora na Graduação e na Pós-Graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Bahia) desde 2003, passando a compor o Comitê Nacional, na condição de Diretora Científica, 2016-2017 e Diretora Executiva desde 2018.

Theciana Silva Silveira

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Campus São Bernardo. É pesquisadora dos projetos Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), da UFBA; do projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), da UFMA.

Valter Pereira Romano

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2015. Professor na Graduação e na Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Paraná) desde 2006, passando a compor o Comitê Nacional do ALiB, na condição de Diretor Científico, desde 2016.

Vanderci de Andrade Aguilera

Doutora pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1990. Professora sênior do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UEL) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Diretora Científica do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Paraná) desde 1996.

Xulio Sousa

Doutorado em Filologia Hispânica (secção galego-portuguesa) Universidade de Santiago de Compostela, em 1999. Professor na pós-graduação da mesma instituição. Membro do Instituto da Língua Galega, Centro de Investigação em Linguística da USC e do grupo de pesquisa de Filologia e Linguística Galega da USC.

O HOMENAGEADO



João António das Pedras Saramago

É licenciado em Filologia Românica, atuando como pesquisador e professor do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) desde 1978. Com a tese *A ilha do Corvo – alguns aspectos linguísticos*, aprovada com distinção e louvor, a Dialetologia estabeleceu-se em de□initivo na vida de João Saramago.

Atualmente atua no Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP), Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), Atlas Linguistique Roman (ALiR), Atlas Linguarum Europae (ALE), e Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (TLPGP), como coordenador ou diretor.

Este livro, que trata dos estudos dialetais brasileiros e portugueses, é uma justa e merecida homenagem ao dialetólogo e geolinguista João Saramago, por ocasião do VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística – VI CIDS, realizado em 2022, na cidade de Campo Grande – MS, Brasil.

VI CIDS
CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA

Na realidade, quando se fala de léxico, há que ter em conta o seguinte: (i) muito raramente o léxico tem servido de base para uma tipologia de divisão linguística; (ii) sobretudo, têm sido utilizados traços fonéticos para proceder a divisões e classificações dos dialectos de uma determinada língua.

Ora, é um facto conhecido e aceito pelos estudiosos que fenómenos de índole lexical se diferenciam, na sua essência, dos fenómenos fonéticos pela simples razão de que aqueles devem ser interpretados com base numa análise que envolve factores de índole extralinguística, nomeadamente a história e a etnografia. Esta é a principal razão pela qual, normalmente, os traços fonéticos são escolhidos na delimitação e classificação de dialectos ou de variedades linguísticas.

(SARAMAGO, J. A. das P. Tão longe e tão perto. Tão perto e tão longe. In: ALTINO, F. C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística*: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012. p. 147-163).

ISBN 978-65-89995-14-2